

TATIANA BAPTISTA GIBERTONI

**APHYLLOPHORALES (BASIDIOMYCOTINA) EM ÁREAS
DE MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE BRASILEIRO**

RECIFE

2004

TATIANA BAPTISTA GIBERTONI

**APHYLLOPHORALES (BASIDIOMYCOTINA) EM ÁREAS
DE MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Biologia de Fungos, do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Biologia de Fungos.

ORIENTADORA:

Dra. Maria Auxiliadora de Queiroz Cavalcanti

RECIFE
PERNAMBUCO

2004

TATIANA BAPTISTA GIBERTONI

**APHYLLOPHORALES (BASIDIOMYCOTINA) EM ÁREAS
DE MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE BRASILEIRO**

Banca examinadora: Dr^a Clarice Loguercio-Leite (UFSC)

Dr^a Laise Cavalcanti (UFPE)

Dr^a Leonor Maia (UFPE)

Dr. Leif Ryvarden (Universidade de Oslo)

Orientadora: Dr^a Maria Auxiliadora Cavalcanti (UFPE)

RECIFE

2004

No infinito livro de segredos da natureza

Muito pouco eu posso ler.

William Shakespeare

Aos meus pais, Marino e Marlene Gibertoni, dedico mais uma etapa concretizada, resultado da confiança incondicional.

AGRADECIMENTOS

Nesta oportunidade, expresso meus sinceros agradecimentos às pessoas e instituições que colaboraram para a execução deste trabalho:

Aos meus pais, Marino e Marlene, pela inestimável ajuda moral e financeira e pelo apoio irrestrito, sempre.

À Dra. Maria Auxiliadora de Queiroz Cavalcanti, minha orientadora, pelos sete anos de convívio extremamente proveitoso e saudável, pela orientação crítica e, principalmente, pelo respeito.

Ao Dr. Leif Ryvarde, Universidade de Oslo, Noruega, pela calorosa acolhida, orientação e apoio durante e depois da minha estadia nessa instituição e pela doação de bibliografia.

Ao Dr. Erast Parmasto, Instituto de Zoologia e Botânica, Estônia, pela acolhida e orientação durante a minha estadia nessa instituição e pela doação de bibliografia.

Ao Dr. Kurt Hjortstam, Alingsås, Suécia, pela identificação dos fungos corticióides.

Ao Dr. Paulo Santos, sem o qual a análise ecológica não seria possível, e Regina, pela ajuda inicial.

À Dra. Leonor Costa Maia, pelo uso de equipamento do Laboratório de Micorrizas e pelo empréstimo de bibliografia.

Aos meus pais, Marino e Marlene, e aos amigos, Adriana, Alberi, Antônio, Bruno, Claudemiro, Fátima, George, Iuri, Lia, Marcela, Misael, Regina, Robert, Rosemere, Sophie, que me acompanharam durante as coletas.

À minha irmã, Gabriela, e aos amigos, Gilberto, Maria Alice e Vagner pelo envio de bibliografia.

A Eugênia e Nilton (Aracaju), Diva e Jota (João Pessoa), Ana e Urley (São José do Mipibu), respectivamente, pais de Marcela, Márcia e Schirley, por me receberem e me alojarem em suas casas.

Aos responsáveis pelas áreas de coleta, pelas facilidades concedidas: Valdineide (Estação Ecológica Serra de Itabaiana), Francisco e Carmelita (RPPN Fazenda São Pedro), Francisco e Graça (RPPN Rosa do Sol), Façanha (REBIO Saltinho), Roberto (Refúgio Ecológico Charles Darwin), Dante (RPPN Engenho Gargaú e RPPN Fazenda Pacatuba), Solange e Francisco (Mata do Buraquinho), Ednaldo e demais funcionários (REBIO Guaribas), João Dantas (*in memoriam*, FLONA de Nísia Floresta), Nivaldo (RPPN Mata Estrela – Senador Antônio Farias).

Aos mateiros, pelo valioso conhecimento: Conrado (RPPN Engenho Gargaú), Ocean e Osmildo (RPPN Mata Estrela – Senador Antônio Farias), Josias (REBIO Saltinho), Jonas (Mata de Gurjaú), Luís Luciano e Francisco (FLONA de Nísia Floresta).

Aos vários companheiros e amigos do Departamento de Micologia, e também de fora do Departamento, que tornaram o caminho muito agradável.

Aos professores da Pós-Graduação em Biologia de Fungos, pela transmissão de conhecimento.

À minha mãe, Marlene, pela correção ortográfica e gramatical de parte deste trabalho.

A Rosemere e Geslyne, pelo auxílio no tombamento do material.

A Robert Barreto (UFV), que despertou meu interesse pela Micologia, e à Adriana Gugliotta (Instituto de Botânica), pelo auxílio no início desta jornada micológica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudo.

CONTEÚDO

AGRADECIMENTOS	iii
ÍNDICE DAS FIGURAS	vii
ÍNDICE DAS TABELAS	xi
RESUMO E PALAVRAS-CHAVE	xii
ABSTRACT E KEYWORDS	xiii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Características gerais de Aphyllophorales	1
1.2. Importância ecológica e econômica de Aphyllophorales	2
1.3. Referências Bibliográficas	4
2. REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1. Sistemática de Aphyllophorales	7
2.2. Aphyllophorales no Brasil e no Nordeste	11
2.3. Referências Bibliográficas	13
3. MATERIAL E MÉTODOS	25
3.1. Áreas de estudo	25
3.2. Coleta, herborização e análise dos basidiomas e dos dados ecológicos	31
3.3. Referências Bibliográficas	33
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
4.1. Diversidade de Aphyllophorales em áreas de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil	38
4.1.1. Referências Bibliográficas	47
4.2. Famílias, chaves de gêneros e espécies e descrições das espécies de Aphyllophorales registradas em áreas de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil	49
4.2.1. Corticiaceae	49
4.2.1.1. Referências Bibliográficas	61
4.2.2. Ganodermataceae	68
4.2.2.1. Referências Bibliográficas	78
4.2.3. Hydnaceae	83
4.2.3.1. Referências Bibliográficas	86
4.2.4. Hymenochaetaceae	89
4.2.4.1. Referências Bibliográficas	123
4.2.5. Lachnoladiaceae	137
4.2.5.1. Referências Bibliográficas	140

4.2.6. Podoscyphaceae	143
4.2.6.1. Referências Bibliográficas	149
4.2.7. Polyporaceae	154
4.2.7.1. Referências Bibliográficas	216
4.2.8. Schizophyllaceae	234
4.2.8.1. Referências Bibliográficas	236
4.2.9. Stereaceae	238
4.2.9.1. Referências Bibliográficas	243
4.2.10. Novos Aphylophorales poróides	247
4.2.10.1. Referências Bibliográficas	251
4.3. Aspectos ecológicos de Aphylophorales em áreas de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil	255
4.3.1 Referências Bibliográficas	260
5. CONCLUSÕES	262
6. ANEXO	263

ÍNDICE DAS FIGURAS

MATERIAL E MÉTODOS

Figura 1. Médias mensais de precipitação (a), temperatura (b) e umidade relativa (c) nas estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia nas cidades de Aracaju (Sergipe), Maceió (Alagoas), Recife (Pernambuco), João Pessoa (Paraíba) e Natal (Rio Grande do Norte) durante o período de setembro de 2000 a junho de 2003 36

Figura 2. Localização das áreas de coletas 37

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.3.1. Corticiaceae

Figura 1. *Gloeocystidiellum lactescens*; 2. *Gloeoporus dichrous*; 3. *Grammothele lineata*; 4. *G. subargentea*; 5. *Hyphodermella corrugata*; 6. *Hypochnicium subregescens*. Basidiosporos (a), cistídios (b) gleocistídios (c), dendrohidídeos (d), hifas incrustadas (e) 65

Figura 7. *Phanerochaete chrysorhiza*; 8. *P. ravenelii*; 9. *P. velutina*; 10. *Phlebia queletii*; 11. *Trechispora farinacea*; 12. *T. thelephora*; 13. *Tubulicrinis chaetoporus*. Basidiosporos (a), cistídios (b), liocistídios (c) 66

Figura 14. *Gloeocystidiellum lactescens*; 15. *Gloeoporus dichrous*; 16. *Grammothele lineata*; 17. *G. subargentea*; 18. *Hyphodermella corrugata*; 19. *Hypochnicium subregescens*; 20. *Phanerochaete chrysorhiza*; 21. *P. ravenelii*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b) 67

Figura 22. *Phanerochaete velutina*; 23. *Phlebia livida*; 24. *P. queletii*; 25. *Trechispora farinacea*; 26. *T. thelephora*; 27. *Tubulicrinis chaetoporus*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b) 68

4.3.2. Ganodermataceae

Figura 1. *Amauroderma gusmanianum*; 2. *A. macrosporum*; 3. *A. omphalodes*; 4. *A. praetervisum*; 5. *A. schomburgkii*; 6. *A. sprucei*; 7. *Ganoderma applanatum*; 8. *G. resinaceum*; 9. *G. stipitatum*. Basidiosporos 82

Figura 10. *Amauroderma gusmanianum*; 11. *A. macrosporum*; 12. *A. omphalodes*; 13. *A. praetervisum*; 14. *A. schomburgkii*; 15. *A. sprucei*; 16. *Ganoderma applanatum*; 17. *G. resinaceum*; 18. *G. stiptatum*. Superfície abhimenial (a), himenial (b), estipe (c) .. 83

4.3.3. Hydnaceae

Figura 1. *Auriscalpium villipes*; 2. *Climacodon pulcherrimus*; 3. *Gloeodontia discolor*.

Basidiosporos (a), cistídios (b), gleocistídios (c), hifas generativas com grampo de conexão (d) 89

Figura 4. *Auriscalpium villipes*; 5. *Climacodon pulcherrimus*; 6. *Gloeodontia discolor*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b) 89

4.3.4. Hymenochaetaceae

Figura 1. *Coltricia cinnamomea*; 2. *Coltriciella navispora*; 3. *Cyclomyces iodinus*; 4. *Dichochaete ceratophora*; 5. *D. setosa*; 6. *Hydnochaete peroxydata*; 7. *Hymenochaete damicornis*; 8. *H. leonina*; 9. *H. luteobadia*; 10. *H. pinnatifida*; 11. *H. aff. pratensis*; 12. *H. rheicolor*. Basidiosporos (a), setas (b), dicohifas (c), hifídios (d), dendrohifídios (e) 129

Figura 13. *Inonotus venezuelicus*; 14. *Phellinus baccharidis*; 15. *P. contiguus*; 16. *P. extensus*; 17. *P. fastuosus*; 18. *P. ferrugineo-velutinus*; 19. *P. ferruginosus*; 20. *P. gilvus*; 21. *P. grenadensis*; 22. *P. maxonii*; 23. *P. melleoporus*; 24. *P. membranaceus*. Basidiosporos (a), setas himeniais (b), setas tramais (c) 130

Figura 25. *Phellinus portoricensis*; 26. *P. rhytiploeus*; 27. *P. rimosus*; 28. *P. roseocinereus*; 29. *P. shaferi*; 30. *P. umbrinellus*; 31. *P. undulatus*; 32. *Phylloporia chrysitae*; 33. *P. pectinata*. Basidiosporos (a), setas himeniais (b), setas tramais (c) 131

Figura 34. *Coltricia cinnamomea*; 35. *Coltriciella navispora*; 36. *Cyclomyces iodinus*; 37. *Dichochaete ceratophora*; 38. *D. setosa*; 39. *Hydnochaete peroxydata*; 40. *Hymenochaete damicornis*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c) 132

Figura 41. *Hymenochaete leonina*; 42. *H. luteobadia*; 43. *H. pinnatifida*; 44. *H. aff. pratensis*; 45. *H. rheicolor*; 46. *Inonotus venezuelicus*; 47. *Phellinus baccharidis*; 48. *P. contiguus*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b) 133

Figura 49. *Phellinus extensus*; 50. *P. fastuosus*; 51. *P. ferrugineo-velutinus*; 52. *P. ferruginosus*; 53. *P. gilvus*; 54. *P. grenadensis*; 55. *P. maxonii*; 56. *P. melleoporus*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b) 134

Figura 57. *P. membranaceus*; 58. *Phellinus portoricensis*; 59. *P. rhytiploeus*; 60. *P. rimosus*; 61. *P. roseocinereus*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b) 135

Figura 62. *Phellinus shaferi*; 63. *P. umbrinellus*; 64. *P. undulatus*; 65. *Phylloporia chrysitae*; 66. *P. pectinata*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b) 136

4.3.5. Lachnocladiaceae

Figura 1. *Lachnocladium schweinfurthianum*; 2. *Scytinostroma duriusculum*. Basidiosporos (a), gleocistídios (b), dicohifas (c) 142

Figura 3. <i>Lachnocladium schweinfuthianum</i> ; 4. <i>Scytinostroma duriusculum</i>	142
4.3.6. Podoscyphaceae	
Figura 1. <i>Caripia montagnei</i> ; 2. <i>Cymatoderma dendriticum</i> ; 3. <i>Podoscypha bubalina</i> ; 4. <i>P. fulvo-nitens</i> ; 5. <i>P. mellisii</i> ; 6. <i>P. nitidula</i> ; 7. <i>P. ovalispora</i> . Basidiosporos (a), gleocistídios (b), metulóides (c)	152
Figura 8. <i>Caripia montagnei</i> ; 9. <i>Cymatoderma dendriticum</i> ; 10. <i>Podoscypha bubalina</i> ; 11. <i>P. fulvo-nitens</i> ; 12. <i>P. mellisii</i> ; 13. <i>P. nitidula</i> ; 14. <i>P. ovalispora</i> . Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c)	153
4.3.7. Polyporaceae	
Figura 1. <i>Antrodiella angulatopora</i> ; 2. <i>A. hydrophila</i> ; 3. <i>A. semisupina</i> ; 4. <i>A. versicutis</i> ; 5 <i>Ceriporiopsis flavilutea</i> ; 6. <i>Cerrena sclerodepsis</i> ; 7. <i>Coriolopsis rigida</i> ; 8. <i>Daedalea</i> <i>aethalodes</i> ; 9. <i>Datronia caperata</i> ; 10. <i>D. scutellata</i> ; 11. <i>D. stereoides</i> ; 12. <i>Dichomitus</i> <i>cavernulosus</i> ; 13. <i>Earliella scabrosa</i> ; 14. <i>Echinochaete brachyporus</i> ; 15. <i>Flabellophora</i> <i>obovata</i> ; 16. <i>Fomes fasciatus</i> . Basidiosporos (a), terminais de hifas incrustados (b), cistídios equinulados (c)	223
Figura 17. <i>Fomitella supina</i> ; 18. <i>Fomitopsis cupreorosea</i> ; 19. <i>F. feei</i> ; 20. <i>Gloeophyllum striatum</i> ; 21. <i>Haxagonia hydroides</i> ; 22. <i>Irpex lacteus</i> ; 23. <i>Junghuhnia nitida</i> ; 24. <i>Lentinus crinitus</i> ; 25. <i>L. velutinus</i> ; 26. <i>Lenzites stereoides</i> ; 27. <i>Nigrofomes melanoporus</i> ; 28. <i>Nigroporus</i> <i>vinosus</i> ; 29. <i>Perenniporia aurantiaca</i> ; 30. <i>P. contraria</i> ; 31. <i>P. martiusii</i> ; 32. <i>P. medulla-</i> <i>panis</i> . Basidiosporos (a), cistídios (b)	224
Figura 33. <i>Polyporus dictyopus</i> ; 34. <i>P. grammocephalus</i> ; 35. <i>P. guianensis</i> ; 36. <i>P. leprieurii</i> ; 37. <i>P.</i> <i>tenuiculus</i> ; 38. <i>P. tricholoma</i> ; 39. <i>P. virgatus</i> ; 40. <i>Pycnoporus sanguineus</i> ; 41. <i>Rigidoporus biokoensis</i> ; 42. <i>R. lineatus</i> ; 43. <i>R. microporus</i> ; 44. <i>R. vinctus</i> . Basidiosporos (a), cistídios (b)	225
Figura 45. <i>Schizopora flavipora</i> ; 46. <i>S. paradoxa</i> ; 47. <i>Skeletocutis lenis</i> ; 48. <i>Styptophyllum</i> <i>erubescens</i> ; 49. <i>Tametes cubensis</i> ; 50. <i>T. membranacea</i> ; 51. <i>Trichaptum perrottetii</i> ; 52. <i>T. sector</i> . Basidiosporos (a), cistídios (b), terminais de hifas incrustados (c), cristais estrelados (d)	226
Figura 53. <i>Antrodiella angulatopora</i> ; 54. <i>A. hydrophila</i> ; 55. <i>A. semisupina</i> ; 56. <i>A. versicutis</i> ; 57. <i>Ceriporiopsis flavilutea</i> ; 58. <i>Cerrena sclerodepsis</i> ; 59. <i>Coriolopsis badia</i> ; 60. <i>C. rigida</i> . Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c)	227
Figura 61. <i>Daedalea aethalodes</i> ; 62. <i>Datronia caperata</i> ; 63. <i>D. scutellata</i> ; 64. <i>D. stereoides</i> ; 65. <i>Dichomitus cavernulosus</i> ; 66. <i>Earliella scabrosa</i> ; 67. <i>Echinochaete brachyporus</i> . Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c)	228

Figura 68. <i>Flabellophora obovata</i> ; 69. <i>Fomes fasciatus</i> ; 70. <i>Fomitella supina</i> ; 71. <i>Fomitopsis cupreo-rosea</i> ; 72. <i>F. feei</i> ; 73. <i>Gloeophyllum striatum</i> ; 74. <i>Hexagonia hydnoides</i> ; 75. <i>H. papyracea</i> . Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c)	229
Figura 76. <i>Irpex lacteus</i> ; 77. <i>Junghuhnia nitida</i> ; 78. <i>Lentinus crinitus</i> ; 79. <i>Lentinus velutinus</i> ; 80. <i>Lenzites stereoides</i> ; 81. <i>Nigrofomes melanoporus</i> ; 82. <i>Nigroporus vinosus</i> . Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c)	230
Figura 83. <i>Perenniporia aurantiaca</i> ; 84. <i>P. contraria</i> ; 85. <i>P. martiusii</i> ; 86. <i>P. medulla-panis</i> ; 87. <i>Polyporus dictyopus</i> ; 88. <i>P. grammocephalus</i> ; 89. <i>P. guianensis</i> ; 90. <i>P. leprieurii</i> . Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c)	231
Figura 91. <i>Polyporus tenuiculus</i> ; 92. <i>P. tricholoma</i> ; 93. <i>P. virgatus</i> ; 94. <i>Pycnoporus sanguineus</i> ; 95. <i>Rigidoporus biokoensis</i> ; 96. <i>R. lineatus</i> ; 97. <i>R. microporus</i> ; 98. <i>R. vinctus</i> . Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c)	232
Figura 99. <i>Schizopora flavipora</i> ; 100. <i>S. paradoxa</i> ; 101. <i>Skeletocutis lenis</i> ; 102. <i>Stiptophyllum erubescens</i> ; 103. <i>Trametes cubensis</i> ; 104. <i>T. membranacea</i> ; 105. <i>T. pavonia</i> ; 106. <i>Trichaptum perrottetii</i> ; 107. <i>T. sector</i> . Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c)	233
4.3.8. Schizophyllaceae	
Figura 1. <i>Schizophyllum commune</i> . Basidiosporos (a), superfície abhimenial (b), superfície himenial (c)	237
4.3.9. Stereaceae	
Figura 1. <i>Lopharia cinerascens</i> ; 2. <i>Stereum ostrea</i> ; 3. <i>Xylobolus frustulatus</i> . Basidiosporos (a), cistídios (b), pseudocistídios (c), acantohifídio (d)	246
Figura 4. <i>Lopharia cinerascens</i> ; 5. <i>Mycobonia flava</i> ; 6. <i>Stereum ostrea</i> ; 7. <i>Xylobolus frustulatus</i> . Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b)	246
4.3.10. Novos Aphyllophorales poróides	
Figura 1. <i>Antrodiella mollis</i> n. sp.; 2. <i>Diplomitoporus navisporus</i> n. sp.; 3. <i>Navisporus terrestris</i> n. sp.; 4. <i>Phellinus macrosporus</i> n. sp.; 5. <i>Phellinus neocallimorphus</i> n. sp.; 6. <i>Polyporus ianthinus</i> n. sp. Basidiosporos (a), cistidiolos (b), setas himeniais (c), setas tramais (d)	253
Figura 7. <i>Antrodiella mollis</i> n. sp.; 2. <i>Diplomitoporus navisporus</i> n. sp.; 3. <i>Navisporus terrestris</i> n. sp.; 4. <i>Phellinus macrosporus</i> n. sp.; 5. <i>Phellinus neocallimorphus</i> n. sp.; 6. <i>Polyporus ianthinus</i> n. sp. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c)	254

ÍNDICE DAS TABELAS

MATERIAL E MÉTODOS

Tabela 1. Nomes vulgares, espécies e famílias de alguns vegetais (substratos) onde espécies de Aphyllophorales foram coletadas	29
--	----

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Diversidade de Aphyllophorales em áreas de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil	
Tabela 1. Famílias e espécies de Aphyllophorales e novas ocorrências para os estados, para o Nordeste, para o Brasil e para a ciência	38
4.3. Aspectos ecológicos de Aphyllophorales em áreas de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil	
Tabela 1. Similaridade entre as comunidades de Aphyllophorales nas áreas estudadas de acordo com o índice de Sørensen	255
Tabela 2. Similaridade entre as comunidades de Aphyllophorales nos estados de acordo com o índice de Sørensen	256
Tabela 3. Similaridade entre as comunidades de Aphyllophorales nas áreas estudadas de acordo com o índice de Bray-Curtis	256
Tabela 4. Similaridade entre as comunidades de Aphyllophorales nos estados de acordo com o índice de Bray-Curtis	257
Tabela 5. Valores de χ^2 , graus de liberdade (gl) e significância (α) para o número de espécimes de Aphyllophorales em relação à época de coleta, distribuição dos basidiomas no substrato, exposição à luminosidade e degradação do substrato	258

RESUMO

De 88 coletas em 13 áreas de Mata Atlântica em Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe entre setembro/2000 e junho/2002, nove famílias, 65 gêneros e 134 espécies de Aphyllophorales foram identificados. Seis espécies são novas para a ciência, 17 novos registros para o Brasil e 43 para o Nordeste. Espécies coletadas em Alagoas, Rio Grande do Norte e Sergipe representam novas ocorrências para esses estados. Polyporaceae e Schizophyllaceae apresentaram, respectivamente, maior e menor número de espécies e gêneros. Ganodermataceae e Hydnaceae não foram encontradas no Rio Grande do Norte e em Sergipe, respectivamente. As demais famílias estiveram presentes em todos os estados pesquisados. Nenhuma espécie ocorreu em todas as áreas de estudo, mas cinco ocorreram em 12 das 13 localidades e 14 estiveram presentes em todos os estados. Pernambuco apresentou maior diversidade específica (88) e maior número de espécies exclusivas (18), enquanto a RPPN Fazenda São Pedro (AL) foi a área com maior diversidade específica (57) e maior número de espécies exclusivas (14). Aphyllophorales foram coletados com maior frequência em novembro/2001, janeiro e março/2002; mostraram tendência aos basidiomas se encontrarem muito agregados; preferência por ambientes com exposição intermediária à luz e por substratos degradados a muito degradados. As espécies tenderam a ocupar substratos mais degradados em ambiente menos expostos à luz. O número de espécies coletadas e a similaridade entre as áreas foram afetados positivamente pelo grau de conservação. A similaridade também foi afetada positivamente pela extensão das trilhas e negativamente pela distância entre as áreas.

Palavras-chave: Aphyllophorales, Basidiomycotina, Mata Atlântica, Nordeste, Brasil, diversidade, ecologia

ABSTRACT

From September 2000 to June 2002, 88 collections of Aphyllophorales were undertaken in 13 reserves of Atlantic Rain Forest in the States of Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte and Sergipe. Nine families, 65 genera and 134 species were identified. Six species are new to science, while 17 are new records to Brazil and 43 to the Northeast region. Species collected in Alagoas, Rio Grande do Norte and Sergipe are new records for these States. Higher number of genera and species were of Polyporaceae, and lower of Schizophyllaceae. Species of Ganodermataceae and Hydnaceae were not found in Rio Grande do Norte and Sergipe, respectively. The other families were registered in all States surveyed. No species was found in all reserves, but five were recorded in 12 of the 13 areas and 14 were found in all States. Higher specific diversity and exclusive species were found in Pernambuco (88 and 18, respectively) and RPPN Fazenda São Pedro (AL) (57 and 14, respectively). Aphyllophorales were collected more frequently in November/2001, January and March/2002. The basidiomes were mostly found densely aggregated, in intermediate light-exposed environments and in intermediate to very decayed substrates. Under conditions of less light the species usually occupied more decayed substrates. Number of species and similarity between areas were positively affected by the degree of conservation of the areas. Similarity was also positively affected by length of the footpath and negatively by the distance between the areas.

Keywords: Aphyllophorales, Basidiomycotina, Atlantic Rain Forest, Northeast, Brazil, diversity, ecology

1. INTRODUÇÃO

1.1. Características gerais de Aphyllophorales

De modo geral, a ordem Aphyllophorales *sensu* Donk (1964) é caracterizada pela produção de holobasídios, em himênio bem definido. O basidioma (basidiocarpo, carpóforo, corpo de frutificação, himenóforo ou também esporóforo), onde os basídios são produzidos, apresenta coloração, consistência e morfologia diversificadas. Quanto à coloração, o basidioma pode variar de branco a marrom escuro, passando por tonalidades como amarelada, ferrugínea ou vinácea. A superfície abhimenial pode inclusive ser opaca ou lacada (envernizada). Em relação à consistência, o basidioma pode ser esponjoso, carnoso, papiráceo, coriáceo, suberoso (corticoso) ou lenhoso. Quanto à morfologia, o basidioma pode se apresentar de forma ressupinada, quando se encontra totalmente aderido ao substrato, efuso-reflexo, quando parte se encontra aderida ao substrato e outra se projeta na borda, formando um píleo, ou ainda pileado, com ou sem estipe (Donk 1964; Fidalgo & Fidalgo 1967; Hawksworth *et al.* 1995).

O himênio é a camada contínua, onde são produzidas estruturas férteis, no caso, basídios e basidiosporos, e estéreis, como cistídios, setas, medas e paráfises. Nos Aphyllophorales, o himênio está exposto desde o início do desenvolvimento do basidioma, por isso denominado gimnocárpico, e pode se apresentar de forma unilateral ou anfígena. A superfície himenial pode ser lisa, enrugada, denteada, lamelar ou tubular, neste caso se abrindo na superfície formando poros (Donk 1964; Fidalgo & Fidalgo 1967; Hawksworth *et al.* 1995).

Os basidiosporos são do tipo balistosporo, de liberação forçada, e não repetitivos, quando não produzem um outro esporo ao germinar. Quanto à coloração, podem ser hialinos ou pigmentados, geralmente amarelados ou amarronzados. A parede do basidiosporo pode ser fina ou espessada, lisa ou ornamentada, conferindo ao basidiosporo aspecto asperulado, tuberculado, equinulado, estriado, verrucoso, reticulado ou punctado. Os basidiosporos apresentam morfologia variada, podendo ser globosos, subglobosos, obovados, elípticos, cilíndricos, fusiformes, sigmóides, alantóides, naviculares, amigdaliformes, subangulares ou tetraédricos (Donk 1964; Fidalgo & Fidalgo 1967; Hjortstam *et al.* 1987).

As estruturas estéreis podem ou não estar presentes no himênio. Os cistídios são estruturas homólogas aos basídios e podem ser divididos em dois grupos: cistídios himeniais, quando surgem no himênio ou subhimênio, ou pseudocistídio, quando surgem do contexto ou trama. Existem vários tipos de cistídios: leptocistídio, liocistídio, metulóide, gleocistídio, lagenocistídio, halocistídio, cistídio moniliforme, esquizopapilado, septado, constrito, capitado ou tubular, e podem apresentar “raízes” múltiplas, incrustações, gotículas (Donk 1964; Hjortstam *et al.* 1987). São característicos de famílias

como Corticiaceae, Polyporaceae, Stereaceae, entre outras. Outros elementos são os hifídios, terminações hifais modificadas do contexto ou trama. Podem ser divididos em dendrohifídios, dicohifídios, asterohifídios (asterosetas) ou acantohifídios, estando presentes em famílias como Hymenochaetaceae, Lachnoladiaceae e Stereaceae. Setas são estruturas estéreis pontiagudas encontradas em Hymenochaetaceae e que escurecem na presença de KOH. Medas também podem ocorrer e são formadas pelo agrupamento de feixes de hifas que se projetam no himênio (Donk 1964; Fidalgo & Fidalgo 1967; Hjortstam *et al.* 1987).

O sistema hifálico pode ser monomítico, quando apresenta apenas hifas generativas; dimítico, quando hifas generativas e esqueléteas ou, mais raramente, generativas e conectivas estão presentes; ou trimítico, quando os três tipos de hifa são encontradas no basidioma. As hifas generativas podem apresentar ou não grampos de conexão (Teixeira 1995).

Quanto às reações químicas, as microestruturas podem ser amilóides, quando apresentam coloração cinza-azulada ou violácea em presença do Reagente de Melzer, dextrinóides, quando a coloração se torna avermelhada em presença do mesmo reagente, cianófilas, quando corados pelo Azul de Algodão (ou Amann ou de genciana), ou xantocróicas (quando escurecem na presença de KOH). Podem também não apresentar mudança de coloração na presença desses reagentes (Singer 1951; Kotlaba & Pouzar 1964).

1.2. Importância ecológica e econômica de Aphyllophorales

Representantes de Aphyllophorales são, na sua maioria, sapróbios em madeira morta, mas também em solo e folheto (Donk 1964; Talbot 1973; Kendrick 1992; Alexopoulos *et al.* 1996). São considerados os principais causadores de podridão de madeira, especialmente os pertencentes às famílias Polyporaceae, Corticiaceae e Hymenochaetaceae, mas também degradam outros restos vegetais, animais, microbianos e até mesmo da micota. Exercem, especialmente em ecossistemas arbóreo-arbustivos, papel crucial na reciclagem de nutrientes, principalmente do carbono removido da atmosfera pelos organismos autotróficos (Gilbertson 1980). Esses fungos podem causar dois tipos de podridão de madeira: branca e marrom. Os Aphyllophorales que causam podridão branca são capazes de remover tanto a lignina quanto a celulose e hemicelulose da madeira, deixando o substrato com aparência esbranquiçada e esponjosa. Os que causam podridão marrom são capazes de degradar apenas celulose e hemicelulose, reduzindo o substrato a pedaços cúbicos amarronzados (Ryvarden 1991; Samuelson *et al.* 1994). Entretanto, algumas espécies de Polyporaceae, Corticiaceae e Hymenochaetaceae e de outras como Stereaceae e Hericiaceae são adaptadas para penetrar em lesões de árvores vivas e atingir o cerne, causando o enfraquecimento das árvores atacadas e até a morte (Alexopoulos *et al.* 1996). Outros Aphyllophorales podem ainda causar doenças em vários vegetais (Donk 1964; Reid 1969; Luttrell 1974, Stalpers & Loerakker 1982).

Alguns fungos dessa ordem são comestíveis, embora alguns possam causar irritações gastro-intestinais (Corner 1950; Gilbertson 1980; Pegler & Spooner 1992; Alexopoulos *et al.* 1996). Outros são nematófagos (Tzean & Liou 1993), inibidores de térmitas (Grace *et al.* 1992), micorrízicos (Kendrick 1992), ou liquenizados (Donk 1964; Corner 1950; Alexopoulos *et al.* 1996). Basidiomas de Aphyllophorales são comumente utilizados por insetos como alimento e local de reprodução (Gilbertson 1980; Klimaszewski & Peck 1986; Navarrete-Heredia 1987; Robinson & Carter 1989; Franciscolo 1993; Thunes 1994), e também por outros fungos (Queiroz & Cavalcanti 1986; Rogerson & Samuels 1993).

Várias espécies são usadas como indicadores de distúrbios em florestas naturais, pois, além de serem mais freqüentes em áreas menos afetadas, muitas preferem colonizar troncos grandes e em estágio avançado de decomposição que se tornam escassos com o corte de árvores (Bader *et al.* 1995; Samuelsson *et al.* 1994; Norstedt *et al.* 2001). Este aspecto é de extrema importância para a avaliação da diversidade fúngica: diminuindo a dos vegetais também pode ocorrer perda da diversidade fúngica (Iwabuchi *et al.* 1994; Tsui *et al.* 1998). Outros aspectos pouco explorados e que podem afetar a diversidade de Aphyllophorales em ecossistemas são a influência que insetos exercem na disseminação das espécies (Müller *et al.* 2002) e o efeito de queimadas na colonização do ambiente por esses fungos (Samuelsson *et al.* 1994).

Alguns Aphyllophorales têm sido usados para fins medicinais por várias populações ao longo da história humana (Gilbertson 1980; Alexopoulos *et al.* 1996), inclusive por nativos brasileiros (Fidalgo 1965; Fidalgo & Prance 1976). Alguns extratos desses fungos foram testados contra atividade viral do HIV-1 (Walder *et al.* 1995a; 1995b), contra leveduras e dermatófitos (Steinmetz *et al.* 1995), e também contra atividade de várias bactérias e fungos (Suay *et al.* 2000), com resultados promissores. Vários subprodutos de representantes de Aphyllophorales já são usualmente comercializados (Fungi Perfecti 2003).

Além do exposto, deve ser salientado que: 1) a biodiversidade brasileira está avaliada em aproximadamente dois trilhões de dólares (Costanza *et al.* 1997), valor aproximadamente quatro vezes o PIB anual do Brasil; 2) a humanidade hoje presencia o sexto maior evento de extinção de espécies (crise da biodiversidade) e, somente na década de 90, 250.000 espécies desapareceram do planeta (Tabarelli & Silva 2002); 3) a Mata Atlântica, antes representando 13% do território brasileiro, está hoje reduzida, no máximo, a 6% da área original (Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal 1998); 4) os Aphyllophorales são encontrados em íntima associação com as árvores, 5) uma estimativa conservadora admite que não mais de 5% dos fungos existentes sejam conhecidos pela ciência (Hawksworth 1991; Hawksworth 2001) e 6) em carta aberta à comunidade de micologistas do mundo, Agerer *et al.* (2000) ressaltam a importância crítica de coleta e depósito de material fúngico em herbários para todos os tipos de trabalhos científicos, de modo a se garantir a reprodutibilidade e comparação de

resultados. Diante destas considerações, torna-se urgente o conhecimento da diversidade de Aphyllophorales, principalmente em áreas onde não são encontrados relatos sobre esses fungos, como subsídio não só ao conhecimento básico que permite o inventário e proteção do patrimônio genético, mas também como subsídio ao estudo das propriedades biotecnológicas das espécies encontradas como gerador de recursos ao país.

1.3. Referências Bibliográficas

- Agerer, R.; Ammirati, J.; Baroni, T. J.; Blanz, P.; Courtecuisse, R.; Desjardin, D. E.; Gams, W.; Hallenberg, N.; Halling, R.; Hawksworth, D. L.; Horak, H.; Korf, R. P.; Mueller, G. M.; Oberwinkler, F.; Rambold, G.; Summerbell, R. C.; Triebel, D. & Watling, R. 2002. Open letter to the scientific community of mycologists: Provide voucher specimens. **Mycotaxon** **76**: 489-493.
- Alexopoulos, C. J.; Mims, C. W. & Blackwell, M. 1996. **Introductory Mycology**. 4th ed., John Wiley and Sons, Inc., Nova York, 868p.
- Bader, P.; Jansson, S. & Jonsson, B. G. 1995. Wood-inhabiting and substratum decline in selective logged boreal spruce forests. **Biological Conservation** **72**: 355-362.
- Corner, E. J. H. 1950. A monograph of *Clavaria* and allied genera. **Annals of Botany Memoirs** **1**: 1-740.
- Costanza, R.; d'Arge, R.; Groot, R.; Farber, S.; Grasso, M. R.; Hannon, B.; Limburg, K.; Naeem, S.; O'Neill, R. V.; Paruelo, J.; Raskin, R. G.; Sutton & Belt, M. 1997. The value of the world's ecosystem services and natural capital. **Nature** **387**(6230): 1-13.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllophorales. **Persoonia** **3**: 199-324.
- Fidalgo, O. 1965. Conhecimento micológico dos índios brasileiros. **Rickia** **2**: 1-10.
- Fidalgo, O. & Fidalgo, M. E. P. K. 1967. Dicionário micológico. **Rickia** (supl. 2): 1-232.
- Fidalgo, O. & Prance, G. T. 1976. The ethnomycology of the Sanama indians. **Mycologia** **68**: 201-210.
- Franciscolo, M. E. 1992. The presence of *Zeamordella* Broun, 1886 in Wallaceae. **Memoire della Società Entomologica Italiana** **71**(2): 563-572.
- Fungi Perfecti. 01/05/2003. www.fungiperfecti.com.
- Gilbertson, R. L. 1980. Wood-rotting fungi of North America. **Mycologia** **72**(1): 1-49.
- Grace, J. K.; Goodwell, B. S.; Jones, W. E.; Chandhoke, V. & Jellison, J. 1992. Evidence for inhibition of termite (Isoptera: Rhinotermitidae) feeding by extracellular metabolites of a wood decay fungus. **Proceedings, Hawaiian Entomological Society** **31**: 249-252.
- Hawksworth, D. L. 1991. The fungal dimension of biodiversity: magnitude, significance, and conservation. **Mycological Research** **95**(6): 641-655.

- Hawksworth, D. L. 2001. The magnitude of fungal diversity: the 1.5 million species estimate revised. **Mycological Research** **105**(12): 1422-1432.
- Hawksworth, D. L.; Kirk, D. M.; Sutton, B. C. & Pegler, D. N. 1995. **Ainsworth & Bisby's dictionary of the fungi**. CAB International, Cambridge, 616p.
- Hjortstam, K.; Larsson, K. H. & Ryvarde, L. 1987. **The Corticiaceae of North Europe**. Vol 1. Fungiflora, Oslo, 59p.
- Iwabuchi, S.; Sakai, S. & Yamagushi, O. 1994. Analysis of mushroom diversity in successional young forests and equilibrium broad-leaved forests. **Mycoscience** **35**: 1-14.
- Kendrick, B. 1992. **The fifth kingdom**. 2^a ed., Focus Information Group, Inc., Newburyport, 406p.
- Klimaszewski, J. & Peck, S. B. 1987. Succession and phenology of beetle faunas (Coleoptera) in the fungus *Polyporellus squamosus* (Huds.: Fr.) Karst. (Polyporaceae) in Silesia, Poland. **Canadian Journal of Zoology** **65**: 542-550.
- Kotlaba, F. & Pouzar, Z. 1964. Preliminary results on the staining of the spores and other structures of Homobasidiomycetes in cotton blue and its importance for taxonomy. **Transactions of the British Mycological Society** **47**: 653-654.
- Luttrell, E. S. 1974. Parasitism of fungi on vascular plants. **Mycologia** **66**: 1-15.
- Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. 1998. **Primeiro Relatório Nacional para a Convenção sobre Diversidade Biológica - Brasil**. Brasília, 283p.
- Müller, M. M.; Varama, M.; Heinonen, J. & Hallaksela, A. M. 2002. Influence of insects on the diversity of fungi in decaying spruce wood in managed and natural forests. **Forest Ecology and Management** **166**: 165-181.
- Navarrete-Heredia, J. L. 1987. *Ceracis similis* Horn (Coleoptera: Ciidae) asociado a *Ganoderma lobatum* (Schw.) Atk. (Basidiomycetes: Polyporaceae). **Folia Entomológica Mexicana** **72**: 161-162.
- Norstedt, G.; Bader, P. & Ericson, L. 2001. Polypores as indicators of conservation value in Corsican pine forest. **Biological Conservation** **99**: 347-354.
- Pegler, D. N. & Spooner, B. 1992. **The mushroom identifier**. The Apple Press, London, 144p.
- Queiroz, L. A. & Cavalcanti, M. A. Q. 1986. Associação de *Candida mogii* com *Albatrellus ovinus*. **Boletín Micológico** **2**(4): 181-182.
- Reid, D. A. 1969. New or interesting British plant diseases. **Transactions of the British Mycological Society** **52**: 377-394.
- Robinson, G. S. & Carter, D. J. 1989. The first vespiform tineid moth (Lepidoptera: Tineidae). **Systematic Entomology** **14**: 259-273.
- Rogerson, C. T. & Samuels, G. J. 1993. Polyporiculous species of *Hypomyces*. **Mycologia** **35**(2): 231-272.

- Ryvarden, L. 1991. **Genera of Polypores - Nomenclature and Taxonomy**. Synopsis Fungorum 5, Fungiflora, Oslo, 363 p.
- Samuelsson, J.; Gustafsson, L. & Ingelög, T. 1994. **Dying and dead trees – a review of their importance for biodiversity**. Swedish Threatened Species Unit, Uppsala, 110p.
- Singer, R. 1951. The Agaricales (mushrooms) in modern taxonomy. **Lilloa**: 1-832.
- Stalpers, J. A. & Loerakker, W. M. 1982. *Laetisaria* and *Limonomyces* species (Corticaceae) causing pink diseases in turf grasses. **Canadian Journal of Botany** **60**: 529-537.
- Steinmetz, M. D.; Rascol, J. P.; Régli, P.; Gargadennec, A. & Andary, C. 1995. *In vitro* antifungal activity against yeasts and dermatophytes. **Mycoses** **38**: 305-309.
- Suay, I; Arenal, F.; Asensio, F. J.; Basilio, A.; Cabello, M. A.; Díez, M. T.; García, J. B.; del Val, A. G.; Gorrochategui, J.; Hernández, P.; Peláez, F. & Vicente, M. F. 2000. Screening of basidiomycetes for antimicrobial activities. **Antonie van Leeuwenhoek** **78**: 129-139.
- Tabarelli, M. & Silva, J. M. C. 2002. Introdução. Pp. 9-12. In: Tabarelli, M. & Silva, J. M. C. (orgs.) **Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco**. 2002. Ed. Massangana, Recife.
- Talbot, P. H. B. 1973. Aphyllophorales I: General characteristics. Thelephoroid and cupuloid families. Pp. 327-349. In: Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.
- Teixeira, A. R. 1995. **Método para estudo das hifas do basidiocarpo de fungos poliporáceos**. Manual nº 6, Instituto de Botânica, São Paulo, 20p.
- Thunes, K. H. 1994. The coleopteran fauna of *Piptoporus betulinus* and *Fomes fomentarius* (Aphyllophorales: Polyporaceae) in western Norway. **Entomologia Fennica** **5**: 157-168.
- Tsui, K. M.; Fryar, S. C.; Hodgkiss, J.; Hyde, K. D.; Poonyth, A. D. & Taylor, J. E. 1998. The effect of human disturbance on fungal diversity in the tropics. **Fungal Diversity** **1**: 19-26.
- Tzean, S. S. & Liou, J. Y. 1993. Nematophagous resupinate basidiomycetous fungi. **Phytopathology** **83**(10): 1015-1020.
- Walder, R.; Kalvatchev, Z.; Garzaro, D. & Barrios, M. 1995a. *In vitro* antiviral activity from *Fomitella supina*, *Phellinus rhabarbarinus*, *Trichaptum perrottettii* and *Trametes cubensis*. **Fitoterapia** **66**(3): 249-256.
- Walder, R.; Kalvatchev, Z.; Garzaro, D. & Barrios, M. 1995b. *In vitro* expression of interferon induced by extracts from *Fomitella supina*, *Phellinus rhabarbarinus*, *Trichaptum perrottettii* and *Trametes cubensis*: antiviral activity against HIV-1. **Fitoterapia** **66**(6): 510-514.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Sistemática de Aphylophorales

A classificação dos fungos antes de Linneus teve como primeira dificuldade o reconhecimento dos mesmos como um grupo distinto de organismos (Ainsworth 1976) e somente a partir de 1581 são tratados de forma unificada por l'Obel. Seguindo a tradição, em 1601, Clusius divide os fungos em comestíveis, com 21 gêneros, e venenosos, com 26 gêneros. Assim também foram divididos por Bauhin em 1623, e por van Sterbeeck em 1675 (*in* Ainsworth 1976).

Um grande avanço na classificação dos fungos foi realizado por Ray entre os anos de 1686 e 1704 (*in* Ainsworth 1976). Os 93 por ele fungos reconhecidos foram divididos em quatro seções, de acordo com critérios ecológicos: as duas primeiras compreendiam os terrestres, a terceira, os arbóreos, e a quarta, os hipógeos. As duas seções de fungos terrestres eram separadas de acordo com a morfologia do corpo de frutificação, através da presença ou ausência de lamelas. Os fungos lamelados eram, por sua vez, divididos nas “séries” comestíveis e venenosas.

Em 1689, Magnol classifica os fungos juntamente com briófitas, pteridófitas, algas e corais, mas utiliza características como pileado (lamelado ou poroso), reticulado e digitado em suas divisões secundárias (*in* Ainsworth 1976). Dessa forma, os principais caracteres morfológicos dos grandes grupos de fungos começaram a ser reconhecidos.

Em 1719, Dillenius divide os fungos de acordo com a presença ou ausência de píleo e estipe. Os fungos pileados e estipitados são agrupados pela presença ou ausência de lamelas, e neste último caso, pela presença de espinhos, sulcos ou poros (*in* Ainsworth 1976).

Linneus (1735 *in* Ainsworth 1976) lista 9 gêneros e 90 espécies de fungos na ordem Fungi, que mais tarde ele admite ser caótica.

Em 1753, Gleiditsch publica o primeiro livro tratando exclusivamente de fungos. Mesmo com base em Linneus, Gleiditsch introduz inovações ao dividir os corpos de frutificação em abertos ou fechados (atuais Hymenomyces e Gasteromyces), com diferenciações baseadas na textura, morfologia e topografia dos mesmos (*in* Ainsworth 1976).

Em 1801, Persoon utiliza as características do himênio e reclassifica os fungos, dividindo-os em duas classes, Angiocarpi e Gymnocarpi. Os Gymnocarpi são divididos em três ordens: Lytothecii, Naematothecii e Hymenothecii, nas quais atualmente são encontrados vários representantes de Aphylophorales.

Posteriormente, Fries (1821) divide os fungos em quatro classes: Coniomycetes, Hyphomyces, Gasteromyces e Hymenomyces, estando os Aphylophorales inclusos nesta última. Os

Hymenomycetes são agrupados em seis ordens, de acordo com a morfologia do corpo de frutificação: Pileati (*Agaricus*, *Boletus*, *Cantharellus*, *Thelephora*), Clavati (*Clavaria*, *Typhula*, *Sparassis*), Mitrati (*Helvella*, *Leotia*, *Morchella*), Cupulati (*Peziza*, *Ascobolus*, *Helotium*), Tremellinae (*Tramella*, *Auricularia*), e Sclerotinae (*Sclerotium*, *Erysiphe*). Em 1874, Fries propõe uma outra classificação ainda baseada na morfologia do basidioma e na configuração do himênio, dividindo os Hymenomycetes em seis novas ordens, atualmente consideradas “famílias tradicionais”: Agaricini (himênio lamelado), Polyporei (poroso), Hydnei (aculeado), Thelephorei (horizontal ínfero), Clavariei (vertical anfigeno) e Tremellinei (súpero gelatinoso). Esta classificação foi amplamente utilizada até a constatação da sua artificialidade, no século passado.

Em 1846, Lévillé classifica os fungos de acordo com características microestruturais, estando os Hymenomycetes e, conseqüentemente, os Aphyllorphales, na classe 1 dos basidiosporados, juntamente com os Gasteromycetes, Myxomycetes e Ascomycetes (*in* Ainsworth 1976).

De Bary (1866 *in* Ainsworth 1976) inclui Hymenomycetes, Gasteromycetes e Tremellini na classe Basidiomycetes.

Em 1887, Patouillard reclassifica os Hymenomycetes de acordo com a estrutura do basídio e os divide em dois grandes grupos, homobasidiomicetos e heterobasidiomicetos. Esta característica e outros caracteres microscópicos foram usados posteriormente por pesquisadores como Overholts (1929), Corner (1932), Alexopoulos (1952), Ainsworth *et al.* (1973), Khan & Kimbrough (1982), Oberwinkler (1982) e Kendrick (1992) em seus sistemas de classificação, devido à constância desses critérios.

Patouillard, em 1900, divide o que ele chama “Aphyllorphacés” em duas tribos, quatro subtribos, quatro grupos e 14 séries, excluindo a tribo dos “Cantharellés”, que está classificada nos “Agaricacés”, de acordo com o esquema abaixo, em que os grandes grupos de Aphyllorphales já são reconhecidos:

Tribu des Clavariés

Série des Théléphorés

Série des Clavariés

Série des Physalacriés

Tribu des Porohydnés

Sous-tribu Cyphellés

Sous-tribu Odontiés

Série des Odontiés

Série des Cortices

Série des Stéréum

Sous-tribu Porés

Grupo Polypores

Série des Polypores

Série des Leucopores

Série des Leptopores

Grupo Fomes

Série des Trametes

Série des Ignaires

Série des Placodes

Grupo Mérules

Grupo Fistulines

Sous-tribu Hydnés

Série des Mucronelles

Série des Hydnés

Série des Echinodontiés

Série des Phylacteriés

Série des Asterostromes

Rea, em 1922 (*in* Donk 1964), baseando-se na “família dos Aphyllophoracés” de Patouillard (1900), propõe a criação da ordem Aphyllophorales, com himenomicetos holobasidiados, agrupando fungos que não se encaixariam em Agaricales por não possuírem lamelas, como o próprio nome Aphyllophorales indica (*a* = sem, *phyllon* = folha, membrana + *phorós* = que carrega; Fidalgo & Fidalgo 1967).

O trabalho de Patouillard (1900) permaneceu inalterado desde sua publicação até o surgimento da mais importante literatura de reorganização dos Aphyllophorales, publicada por Donk em 1964. Baseado na classificação de Patouillard e abrangendo as “ordens” de Fries, Donk reconhece 21 famílias para Aphyllophorales: Auriscalpiaceae, Bankeraceae, Bondarzewiaceae, Cantharellaceae, Clavariaceae, Clavulinaceae, Coniophoraceae, Corticiaceae, Echinodontiaceae, Fistulinaceae, Ganodermataceae, Gomphaceae, Hericiaceae, Hydniaceae, Hymenochaetaceae, Polyporaceae, Punctulariaceae, Schizophyllaceae, Sparassidaceae, Stereaceae e Thelephoraceae. Entretanto, Donk (1964) reconhece a artificialidade da ordem, que abrange os fungos Hymenomycetes que não possuem lamelas e não podem ser classificados em grupos como Brachybasidiales, Exobasidiales e Gasteromycetes.

Em 1965, Reid cria duas novas famílias: Podoscyphaceae, com espécies de Stereaceae, e Lachnocladiaceae, com espécies de Corticiaceae e Hymenochaetaceae, que são utilizadas na chave para famílias de Aphyllophorales de Talbot (1973). Embora adotando características de fácil reconhecimento

para a divisão de grupos, essas características não evidenciavam táxons naturais e relegavam Aphyllophorales à condição de grupo reconhecidamente polifilético.

No início da década de 90, trabalhos utilizando caracteres moleculares e ontogenéticos começam a ser publicados e possibilitam uma melhor compreensão acerca das relações filogenéticas entre os fungos (Barr 1992; Bruns & Szaro 1992; Berbee & Taylor 1993; 1995; Swann & Taylor 1993; Swann & Taylor 1995) e também de representantes de Aphyllophorales (Hibbet & Vilgalys 1991; Hibbet & Vilgalys 1993; Illingworth *et al.* 1991; Hibbet *et al.* 1993; Feibelman *et al.* 1994; Hibbet & Donoghue 1995; Moncalvo *et al.* 1995a; Moncalvo *et al.* 1995b; Parmasto 1995).

Hawksworth *et al.* (1995) adotam um sistema em que vários gêneros usualmente classificados em Aphyllophorales são elevados a novas famílias e estas são distribuídas por 14 novas ordens: Boletales (Coniophoraceae), Bondarzewiales (Amylariaceae, Bondarzewiaceae), Cantharellales (Aphelariaceae, Cantharellaceae, Clavariaceae, Clavariadelphaceae, Clavulinaceae, Craterellaceae, Hydnaceae, Physalacriaceae, Pterulaceae, Scutigeraeae, Sparassidaceae, Typhulaceae), Fistulinales (Fistulinaceae), Ganodermatales (Ganodermataceae, Haddowiaceae), Gomphales (Gomphaceae, Lentariaceae, Ramariaceae), Hericiales (Auriscalpiaceae, Clavicornaceae, Gloeocystidiellaceae, Hericiaceae, Lentinellaceae), Hymenochaetales (Asterostromaceae, Hymenochaetaceae), Lachnocladiales (Dichostereaceae, Lachnocladiaceae), Poriales (Coriolaceae, Grammotheleaceae, Lentiniaceae, Polyporaceae), Schizophyllales (Schizophyllaceae, Stromatoscyphaceae), Stereales (Aleurodiscaceae, Amylocorticiaceae, Atheliaceae, Botryobasidiaceae, Corticiaceae, Cyphellaceae, Echinodontiaceae, Epitheliaceae, Hyphodermataceae, Lindtneriaceae, Meruliaceae, Peniophoraceae, Podoscyphaceae, Sistotremataceae, Steccherinaceae, Stereaceae, Tubulicrinaceae, Xenasmataceae) e Thelephorales (Bankeraceae, Thelephoraceae).

Alguns trabalhos posteriores fornecem novos aspectos sobre as relações evolutivas de representantes de Aphyllophorales (Boidin *et al.* 1998; Gottlieb *et al.* 1998; Hallenberg & Parmasto 1998; Johannesson *et al.* 2000; Müller *et al.* 2000; Paulus *et al.* 2000). Boidin *et al.* (1998), estudando comparativamente as regiões ITS (*Internal Transcribed Spacers*, áreas não codificantes do RNA ribossomal) de 360 espécies de Basidiomycetes, a maioria de Aphyllophorales, reorganizam vários gêneros e famílias e reconhecem 12 novas ordens: Atheliales, Botryobasidiales, Fomitopsidales, Hericiales, Hymenochaetales, Hyphodermatales, Lachnocladiales, Perenniporiales, Phanerochaetales, Phlebiales, Podoscyphales e Trametales. Este trabalho pode ser destacado como o único exclusivo ao estudo molecular dos Aphyllophorales.

Kirk *et al.* (2001) também consideram Aphyllophorales um grupo artificial e distribuem seus representantes em oito ordens: Agaricales (Clavariaceae, Fistulinaceae, Pterulaceae, Schizophyllaceae), Boletales (Coniophoraceae), Cantharellales (Aphelariaceae, Botryobasidiaceae, Cantharellaceae,

Clavulinaceae, Hydnaceae), Hymenochaetales (Hymenochaetaceae, Schizoporaceae), Phallales (Gomphaceae), Polyporales (Albatrellaceae, Atheliaceae, Boreostereaceae, Corticiaceae, Cyphellaceae, Cystoteraceae, Epithelaceae, Fomitopsidaceae, Ganodermataceae, Gloeophyllaceae, Grammotheleaceae, Hapalopilaceae, Hyphodermataceae, Meripiliaceae, Meruliaceae, Phanerochaetaceae, Podoscyphaceae, Polyporaceae, Sistrotremaceae, Sparassidaceae, Steccherinaceae, Tubulicrinaceae, Xenasmataceae), Russulales (Auriscalpiaceae, Bondarzewiaceae, Echinodontiaceae, Gloeocystidiellaceae, Hericiaceae, Lachnocladiaceae, Peniophoraceae, Stereaceae) e Thelephorales (Bankeraceae, Thelephoraceae).

Recentemente, novos trabalhos tentam elucidar as relações filogenéticas de grupos de Aphylophorales (Góes-Neto *et al.* 2001; Góes-Neto *et al.* 2002; Wagner & Fischer 2001; Gottlieb *et al.* 2002; Wagner & Fischer 2002a; Wagner & Fischer 2002b; Wagner & Ryvarde; 2002). Binder & Hibbet (2002), ao analisarem o DNA ribossomal, nuclear e mitocondrial de 91 espécies de homobasidiomicetos, encontraram representantes de Aphylophorales em sete dos oito grupos (clados) reconhecidos: os clados cantarelóide, gonfóide-falóide, teleforóide, himenoquetóide, poliporóide, russulóide e euagaricóide. Entretanto, admitem que a filogenia dos homobasidiomicetos e a topologia interna de cada clado ainda não estão completamente esclarecidas.

2.2. Aphylophorales no Brasil e no Nordeste

Os Aphylophorales representam uma ordem com aproximadamente 1200 espécies espalhadas em diversas regiões do mundo, principalmente associadas a ecossistemas arbóreo-arbustivos (Kendrick 1992; Alexopoulos *et al.* 1996). Foram e ainda hoje são alvo de diversos trabalhos englobando os mais diversos aspectos acerca de sua diversidade e distribuição (Harrison 1973; Pegler 1973; Petersen 1973; Talbot 1973; Jülich 1978; Hjortstam & Ryvarde 1982; Buchanan & Hood 1992; Salcedo 1994; Salcedo-Larralde 1994; Zhukoff 1995; Tellería *et al.* 1997; Zhang 1997; Popoff & Wright 1998).

No Brasil, a primeira referência a Aphylophorales remonta a 1560, quando o padre jesuíta Anchieta descreve uma pedra flexível, provável esclerócio de *Polyporus sapurema* Moell., na província de São Vicente, hoje estado de São Paulo (Fidalgo 1968a). Em 1767, Commerson coleta *Pycnoporus sanguineus* (Fr.) Murr. nas proximidades da cidade do Rio de Janeiro, sendo esta considerada a coleta mais antiga da história da Micologia brasileira (Fidalgo 1970). Várias expedições científicas foram realizadas no século XIX (Fidalgo 1968a) e, dentre os Aphylophorales identificados, Martius observa o uso de *Pycnoporus sanguineus* (Fr.) Murr. contra hemoptise por índios tupi-guaranis (Fidalgo 1965). Posteriormente, podem ser destacados vários trabalhos que contribuíram para o avanço do conhecimento sobre os Aphylophorales, como os de Rick (1904; 1906; 1907; 1924a; 1924b; 1925; 1932a; 1932b; 1934; 1935; 1936a; 1936b; 1937a; 1937b; 1937c; 1938a; 1938b; 1938c; 1959), Theissen (1911; 1912; 1914),

Torrend (1920a; 1920b; 1924; 1926; 1935; 1940), Teixeira (1945; 1946a; 1946b; 1946c; 1948; 1950; 1958; 1962a; 1962b), Viégas (1945), Batista (1949), Fidalgo (1958a; 1958b; 1959a; 1959b; 1962a; 1962b; 1963; 1965; 1968a; 1968b; 1969; 1970), K. Fidalgo (1958; 1959; 1962; 1965; 1968a; 1968b; 1968c), Batista & Bezerra (1960), Singer (1961), Fidalgo *et al.* (1965), Fidalgo & K. Fidalgo (1967; 1970) e Furtado (1962; 1964; 1965; 1967a; 1967b). A partir da década de 70 até o presente, podem ser relacionados os trabalhos de Bononi (1979a; 1979b; 1979c; 1981; 1984a; 1984b; 1992), Bononi *et al.* (1981), Furtado (1981), Cavalcanti (1983), Fidalgo & Capelari (1983), Teixeira & Fidalgo (1983), Hjortstam & Bononi, (1986a; 1986b), Capelari & Maziero (1988), Vinha (1988), Sótão *et al.* (1991), Teixeira (1983; 1992; 1993; 1994; 1995), Loguercio-Leite & Wright (1991a; 1991b; 1995; 1998); Silveira & Guerrero (1991), Almeida-Filho *et al.* (1993), Azevedo & Guerrero (1993), Jesus (1993; 1996), Loguercio-Leite (1993; 1994), Maluf & Guerrero (1993), Coelho & Wright (1996), Gerber (1996), Gugliotta & Capelari (1995), Gugliotta *et al.* (1996), Gerber & Loguercio-Leite (1997), Gugliotta (1997), Loguercio-Leite & Gerber (1997), Loguercio-Leite *et al.* (1998; 2001; 2002), Gerber *et al.* (1999), Góes-Neto (1999), Soares & Gugliotta (1998), Gugliotta & Bononi (1999), Campos & Cavalcanti (2000), Gerber & Loguercio-Leite (2000), Gibertoni & Cavalcanti (2000; 2003), Góes-Neto *et al.* (2000; 2003), Groposo & Loguercio-Leite (2002), Maia & Gibertoni (2002), Maia *et al.* (2002a; 2002b), Ryvardeen & Meijer (2002).

No Nordeste, as primeiras referências aos Aphyllophorales devem-se a Charles Gaudichaud-Beaupré, que realizou viagens pelo Brasil entre 1831 e 1833, atingindo, entre outros estados, a Bahia (Fidalgo 1968a). Posteriormente, Berkeley (1843) descreve espécies coletadas por Gardner em vários estados do Nordeste e também em Minas Gerais, em Goiás e no Rio de Janeiro. Nos estados onde existe Mata Atlântica, Wawra, em 1866, relata *Polyporus sanguineus* Fr. para a Bahia (Fidalgo 1968a). Com a vinda, em 1914, do Padre Camille Torrend para o Brasil e com o seu estabelecimento na Bahia, vários trabalhos, principalmente sobre poliporóides desse estado, foram publicados (1920a; 1920b; 1922; 1924; 1926; 1935; 1940).

Aparentemente, não houve citações para Pernambuco até Tavares (1939) relacionar 32 espécies e variedades de Aphyllophorales e Melo (1939) registrar *Polyporus pseudosapurema* Pickel no município de Bonito. A partir da criação do Instituto de Micologia por Augusto Chaves Batista em 1954, com a finalidade de formar especialistas nas áreas da micologia pura e aplicada, a micologia pernambucana passa a ter impulso. Após os trabalhos de Batista e seus colaboradores (Batista 1949; Batista & Bezerra 1960; Singer 1961), os únicos que tratam de pelo menos algumas famílias dos Aphyllophorales são os de Cavalcanti, que em 1972 analisa em meio de cultura algumas espécies da ordem coletadas no estado, em 1976 descreve 18 gêneros e 40 espécies poliporóides distribuídos por três famílias (Ganodermataceae, Hymenochaetaceae e Polyporaceae) na Zona da Mata Pernambucana e em 1983 relata duas famílias, 13

gêneros e 19 espécies do grupo em madeiras da região metropolitana do Recife. Posteriormente, Cavalcanti (1987) relata pela primeira vez a ocorrência de *Albatrellus ovinus* (Schaeff.: Fr.) Murr. para o Brasil, no município de Goiana, em Pernambuco. Em 1999, Gibertoni relaciona a ocorrência de sete famílias, 28 gêneros e 42 espécies de Aphyllophorales, das quais duas são novas ocorrências para o Brasil (Gibertoni & Cavalcanti 2000) e 13, novas ocorrências para o estado (Gibertoni & Cavalcanti 2003).

Apesar de Torrend ter se estabelecido na Bahia e ter estudado principalmente os fungos desse estado, alguns registros para a Paraíba também são encontrados (Torrend 1926; 1935; 1938), bem como em trabalhos de Batista e colaboradores, compilados por Silva & Minter (1995). Posteriormente, foram realizados estudos sobre a família Ganodermataceae (Lucena 1988) e sobre os Aphyllophorales poliporóides (Silva 1987) no mesmo estado.

Nos estados de Sergipe, Alagoas e Rio Grande do Norte não há registros sobre espécies dessa ordem. Este fato, somado aos poucos relatos para o Nordeste brasileiro, preocupa os pesquisadores dessa região devido à falta do real conhecimento da diversidade desse importante grupo de fungos.

2.3. Referências Bibliográficas

- Ainsworth, G. C. 1976. **Introduction to the History of Mycology**. Cambridge University Press, Londres, 359p.
- Ainsworth, G. C, Sparrow, F. K. & Sussman, A. 1973. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York, 504p.
- Alexopoulos, C. J. 1952. **Introductory Mycology**. John Wiley and Sons, Inc., Nova York, 482p.
- Alexopoulos, C. J.; Mims, C. W. & Blackwell, M. 1996. **Introductory Mycology**. 4th ed., John Wiley and Sons, Inc., Nova York, 868p.
- Almeida-Filho, O. M.; Bueno, R. & Bononi, V. L. R. 1993. Alguns espécies de fungos basidiomicetos dos manguezais do estado de São Paulo. **Hoehnea** 20(1/2): 87-92.
- Azevedo, C. P. L. & Guerrero, R. T. 1993. Estudo biosistemático das espécies do gênero *Hymenochaete* (Basidiomycetes) no Rio Grande do Sul. **Insula** 22: 143-176.
- Barr, D. J. S. 1992. Evolution and kingdoms of organisms from the perspectives of a mycologist. **Mycologia** 81(1): 1-11.
- Batista, A. C. 1949. Espécies de *Amauroderma* do Jardim Zoo-Botânico de Dois Irmãos, Recife. **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio** 16: 122-133.
- Batista, A. C. & Bezerra, J. C. 1960. Basidiomycetes vulgares em o Nordeste brasileiro. **Publicações do Instituto de Micologia da Universidade de Recife** 249: 1-30.

- Berbee, M. & Taylor, J. M. 1993. Dating the evolutionary radiations of the true fungi. **Canadian Journal of Botany** **71**: 1114-1127.
- Berbee, M. & Taylor, J. M. 1995. From 18S ribosomal sequences data to evolution of morphology among the fungi. **Canadian Journal of Botany** **73(Suppl. 1)**: S677-S683.
- Berkeley, M. J. 1843. Notices of some brazilian fungi (being a sequel to the contributions towards a Flora of Brazil, by G. Gardner). **London Journal of Botany** **2**: 629-623.
- Binder, M. & Hibbet, D. S. 2002. Higher-level phylogenetic relationships of Homobasidiomycetes (mushroom-forming fungi) inferred from four rDNA regions. **Molecular Phylogenetics and Evolution** **22**(1): 76-90.
- Boidin, J.; Mugnier, J. & Canales, R. 1998. Taxonomie moleculaire des Aphyllophorales. **Mycotaxon** **66**: 445-491.
- Bononi, V. L. R. 1979a. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: I. Espécies hidnóides. **Rickia** **8**: 63-74.
- Bononi, V. L. R. 1979b. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: II. Hymenochaetaceae. **Rickia** **8**: 85-99.
- Bononi, V. L. R. 1979c. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: III. Espécies clavarióides, teleforóides e estereóides. **Rickia** **8**: 105-121.
- Bononi, V. L. R. 1981. Alguns basidiomicetos hidnóides da região Amazônica. **Rickia** **9**: 13-30.
- Bononi, V. L. R. 1984a. Basidiomicetos do cerrado da Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP. **Rickia** **11**: 1-25.
- Bononi, V. L. R. 1984b. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: IV. Adições às famílias Hymenochaetaceae, Stereaceae e Thelephoraceae. **Rickia** **11**: 43-52.
- Bononi, V. L. R. 1992. Fungos macroscópicos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Hoehnea** **19**(1/2): 31-37.
- Bononi, V. L. R.; Trufem, S. F. B & Grandi, R. A. P. 1981. Fungos macroscópicos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil, depositados no herbário do Instituto de Botânica. **Rickia** **9**: 37-53.
- Bruns, T. D. & Szaro, T. M. 1992. Rate and mode differences between nuclear and mitochondrial small-subunit rRNA genes in mushrooms. **Molecular Biology and Evolution** **9**(5): 836-855.
- Buchanan, P. K. & Hood, I. A. 1992. New species and new records of Aphyllophorales (Basidiomycota) from New Zealand. **New Zealand Journal of Botany** **30**: 95-112.
- Campos, E. L. & Cavalcanti, M. A. Q. 2000. Primeira ocorrência de *Phellinus mangovicus* (Imaz.) Imaz. para o Brasil. **Acta Botanica Brasilica** **14**(3): 263-265.
- Capelari, M. & Maziero, R. 1988. Fungos macroscópicos do estado de Rondônia, região dos rios Jaru e Ji-Paraná. **Hoehnea** **15**: 28-36.

- Cavalcanti, M. A. Q. 1972. Caracteres culturais de alguns Basidiomycetes isolados em Recife. **Publicações do Instituto de Micologia da Universidade de Recife** 694: 1-15.
- Cavalcanti, M. A. Q. 1976. **Introdução ao conhecimento dos basidiomicetos poliporóides da Zona da Mata de Pernambuco**. Tese de Livre-Docência, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 200p.
- Cavalcanti, M. A. Q. 1983. Basidiomicetos poliporóides destruidores de madeiras em serrarias do Recife. **Revista Pernambucana de Tecnologia** 3(3): 83-87.
- Cavalcanti, M. A. Q. 1987. Ocorrência de *Albatrellus ovinus* no Brasil. **Boletín Micológico** 3(2): 139-143.
- Coelho, G. & Wright, J. E. 1996. *Phellinus spinescens* sp. nov. on bamboo from South America. **Mycotaxon** 59: 383-387.
- Corner, E. J. H. 1932. A *Fomes* with two systems of hyphae. **Transactions of the British Mycological Society** 17: 51-81.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllophorales. **Persoonia** 3: 199-324.
- Feibelman, T.; Bayman, P. & Cibula, W. G. 1994. Length variation in the internal transcribed spacer of ribosomal DNA in chanterelles. **Mycological Research** 98(6): 614-618.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1958. Notes on *Lenzites cinnamomea* Fr. **Mycologia** 50(5): 753-756.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1959. Notes on *Xerotus* afer. Fr. **Mycologia** 51(1): 51-55.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1962. The genus *Osmoporus* Sing. **Rickia** 1: 95-139.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1965. Two brazilian polypores described by Hennings. **Rickia** 2: 107-119.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1968a. Contribution to the fungi of Mato Grosso, Brazil. **Rickia** 3: 171-219.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1968b. Typification of genus *Hexagona* Fr. **Taxon** 17(1): 37-43.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1968c. The genus *Hexagona*. **Memoirs of the New York Botanical Garden** 17(2): 35-108.
- Fidalgo, O. 1958a. The nomenclatural status of *Daedalea* Pers. ex Fr. and related genera. **Taxon** 7(5): 133-140.
- Fidalgo, O. 1958b. Studies on *Spongipellis borealis* (Fr.) Pat. **Mycopathologia et Mycologia Applicata** 10(1): 1-18.
- Fidalgo, O. 1959a. Binomial combinations related to *Polyporus acanthoides* Fr. **Bulletin of the Torrey Botanical Club** 86(2): 130-136.
- Fidalgo, O. 1959b. Studies on *Ptychogaster rubescens* Boud. the chlamydosporiferous form of *Polyporus guttulatus* Pk. **Mycologia** 50(6): 831-836.
- Fidalgo, O. 1962a. Anatomical observations on the genus *Bornetina* Mangin & Viala. **Rickia** 1: 139-143.
- Fidalgo, O. 1962b. Types studies and revision of the genus *Diacanthodes* Sing. **Rickia** 1: 145-180.
- Fidalgo, O. 1963. Studies on the type species of the genus *Hydnopolyporus* Reid. **Mycologia** 55(6): 713-727.

- Fidalgo, O. 1965. Conhecimento micológico dos índios brasileiros. **Rickia** 2: 1-10.
- Fidalgo, O. 1968a. Introdução à história da micologia brasileira. **Rickia** 3: 1-44.
- Fidalgo, O. 1968b. *Phellinus pachyphloeus* and its allies. **Memoirs of the New York Botanical Garden** 17(2): 109-147.
- Fidalgo, O. 1969. Revision of the genus *Heteroporus* Láz. emend. Donk. **Rickia** 4: 1-52.
- Fidalgo, O. 1970. Adições à história da micologia brasileira I. A coleta mais antiga. **Rickia** 5: 1-3.
- Fidalgo, O. & Capelari, M. 1983. *Favolus* P. Beauv. ex Fr. emend. Fr. and its binomial combinations. **Revista de Biologia** 12: 139-170.
- Fidalgo, O. & Fidalgo, M. E. P. K. 1967. Dicionário micológico. **Rickia** (supl. 2): 1-232.
- Fidalgo, O. & Fidalgo, M. E. P. K. 1970. A poisonous *Ramaria* from Southern Brazil. **Rickia** 5: 1-15.
- Fidalgo, O.; Fidalgo, M. E. P. K. & Furtado, J. S. 1965. Fungi of the "cerrado" region of São Paulo. **Rickia** 2: 55-71.
- Fidalgo, O. & Prance, G. T. 1976. The ethnomycology of the Sanama indians. **Mycologia** 68: 201-210.
- Fries, E. M. 1821. **Systema Mycologicum**. Vol. 1. Johnson Reprint Corporation, Nova York, 520p.
- Fries, E. M. 1874. **Hymenomyces Europaei sive Epirciseos Systematis Mycologici**. Uppsala, 755p.
- Furtado, J. S. 1962. Structure of the spore of the Ganodermoideae Donk. **Rickia** 1: 227-241.
- Furtado, J. S. 1964. Taxonomic and nomenclatural status of *Porotheleum rugosus*. **Mycologia** 56: 923-926.
- Furtado, J. S. 1965. Relation of the microstructure to the taxonomy of the Ganodermoideae (Polyporaceae) with special reference to the structure of the cover of the pileas surface. **Mycologia** 57: 588-611.
- Furtado, J. S. 1967a. Some tropical species of *Ganoderma* with light colored context. **Persoonia** 4: 379-389.
- Furtado, J. S. 1967b. Species of *Amauroderma* Murr. with the laccate appearance of *Ganoderma* Karst. **Bulletin du Jardin Botanique de l'État de Bruxelles** 34: 309-317.
- Furtado, J. S. 1981. Taxonomy of *Amauroderma* (Basidiomycetes, Polyporaceae). **Memoirs of the New York Botanical Garden** 34: 1-109.
- Gerber, A. L. 1996. Fungos xilófilos poróides (Aphyllophorales) no Morro da Lagoa da Conceição, Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. **Insula** 25: 3-68.
- Gerber, A. L. & Loguercio-Leite, C. 1997. New records of polypores (Aphyllophorales) from southern Brazil. **Mycotaxon** 62: 305-318.
- Gerber, A. L. & Loguercio-Leite, C. 2000. Polyporoid wood-rotting fungi (Basidiomycetes) II - New records from Southern Brazil. **Mycotaxon** 76: 175-185.

- Gerber, A. L.; Neves, M. A. & Loguercio-Leite, C. 1999. Some species of *Perenniporia* Murril (Poriales, Basidiomycotina) from Southern Brazil. **Revista Brasileira de Botânica** 22(2): 185-193.
- Gibertoni, T. B. 1999. **Aphylophorales (Basidiomycotina) em áreas de Mata Atlântica de Pernambuco, Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 126p.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2000. Novos registros de Aphylophorales para o Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 14(3): 267-271.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. A mycological survey of the Aphylophorales (Basidiomycotina) of the Atlantic Rain Forest in the state of Pernambuco, Brazil. Mycotaxon 89: 203-211.**
- Góes-Neto, A. 1999. Polypore diversity in the state of Bahia, Brazil: a historical review. **Mycotaxon** 72: 43-56.
- Góes-Neto, A.; Loguercio-Leite, C. & Guerrero, R. T. 2000. Poroid Hymenochaetales in a seasonal tropical forest fragment in the State of Bahia, Brazil: taxonomy and qualitative ecological aspects. **Mycotaxon** 76: 197-211.
- Góes-Neto, A.; Loguercio-Leite, C. & Guerrero, R. T. 2001. Morphological cladistic analysis of tropical Hymenochaetales (Basidiomycota). **Mycotaxon** 79: 467-479.
- Góes-Neto, A., Loguercio-Leite, C., Guerrero, R. T. 2002. Molecular phylogeny of tropical Hymenochaetales (Basidiomycota). **Mycotaxon** 84: 337-354.
- Góes-Neto, A.; Marques, M. F. O.; Andrade, J. D. & Santos, D. S. 2003. Lignicolous aphylophoroid Basidiomycota in an Atlantic Forest fragment in the semi-arid caatinga region of Brazil. **Mycotaxon** 88: 359-364.
- Gottlieb, A. M.; Wright, J. E. & Moncalvo, J. M. 2002. *Inonotus* s. l. in Argentina – morphology, cultural characters and molecular analyses. **Mycological Progress** 1(3): 299-313.
- Gottlieb, A. M.; Saidman, B. O. & Wright, J. E. 1998. Isoenzymes of *Ganoderma* species from South America. **Mycological Research** 102(4): 415-126.
- Groposo, C. & Loguercio-Leite, C. 2002. Fungos poliporóides xilófilos (Basidiomycetes) da Reserva Biológica Tancredo Neves, Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia, sér. bot.**, 57(1): 39-59.
- Gugliotta, A. M. 1997. Polyporaceae da mata ciliar da Estação Experimental e Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP, Brasil. **Hoehnea** 24(2): 89-106.
- Gugliotta, A. M. & Bononi, V. L. R. 1999. Polyporaceae do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, São Paulo, Brasil. **Boletim do Instituto de Botânica** 12: 1-112.
- Gugliotta, A. M. & Capelari, M. 1995. Polyporaceae from Ilha do Cardoso, SP, Brazil. **Mycotaxon** 56: 107-113.

- Gugliotta, A. M.; Capelari, M. & Bononi, V. L. R. 1996. Estudo taxonômico das espécies do grupo *Polyporus dictyopus* Mont. (Polyporaceae, Aphyllophorales). **Revista Brasileira de Botânica** 19(2): 185-192.
- Hallenberg, N. & Parmasto, E. 1998. Phylogenetic studies in species of Corticiaceae growing on branches. **Mycologia** 90(4): 640-654.
- Harrison, K. A. 1973. Aphyllophorales III. Hydnaceae and Echinodontiaceae. Pp. 369-395. In: Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.
- Hawksworth, D. L.; Kirk, D. M.; Sutton, B. C. & Pegler, D. N. 1995. **Ainsworth & Bisby's dictionary of the fungi**. CAB International, Cambridge, 616p.
- Hibbet, D. S. & Donoghue, M. J. 1995. Progress toward a phylogenetic classification of the Polyporaceae through parsimony analysis of mitochondrial ribosomal DNA sequences. **Canadian Journal of Botany** 73(supl. 1): 853-861.
- Hibbet, D. S. & Vilgalys, R. 1991. Evolutionary relationships of *Lentinus* to the Polyporaceae: evidence from restriction analysis of enzymatically amplified ribosomal DNA. **Mycologia** 83(4): 425-439.
- Hibbet, D. S. & Vilgalys, R. 1993. Phylogenetic relationships of *Lentinus* (Basidiomycotina) inferred from molecular and morfological characters. **Systematic Botany** 18(3): 409-433.
- Hibbet, D. S.; Murakami, S. & Tsuneda, A. 1993. Hymenophore development and evolution in *Lentinus*. **Mycologia** 85(3): 428-443.
- Hjortstam, K. & Bononi, V. L. R. 1986a. Fungos corticióides do Brasil (Aphyllophorales). **Rickia** 13: 113-125.
- Hjortstam, K. & Bononi, V. L. R. 1986b. Studies in tropical Corticiaceae (Basidiomycetes) VI. A new species of *Steccherinum* from Brazil. **Mycotaxon** 25: 1467-468.
- Hjortstam, K. & Ryvarde, L. 1982. Aphyllophorales from Northern Thailand. **Nordic Journal of Botany** 2(3): 273-281.
- Illingworth, C. A.; Andrews, J. H.; Bibeau, C. & Sogin, M. L. 1991. Phylogenetic placement of *Athelia bombacina*, *Aureobasidium pullulans*, and *Colletotrichum gloeosporioides* inferred from sequence comparisons of small-subunit ribosomal RNAs. **Experimental Mycology** 15: 65-75.
- Jesus, M. A. 1993. Basidiomicetos lignocelulolíticos de floresta nativa e de *Pinus eliottii* Engelm. do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. **Hoehnea** 20(1/2): 119-126.
- Jesus, M. A. 1996. Contribution to the knowledge of wood-rotting fungi in Brazil. II. Check-list of fungi from Maracá Island, Roraima State. **Mycotaxon** 57: 323-328.
- Johannesson, H.; Renvall, P. & Stenlid, J. 2000. Taxonomy of *Antrodiella* inferred from morphological and molecular data. **Mycological Research** 104(1): 92-99.

- Jülich, W. On some Aphylophorales from Australia. **Persoonia** 9(4): 453-462.
- Kendrick, B. 1992. **The fifth kingdom**. 2^a ed., Focus Information Group, Inc., Newburyport, 406p.
- Khan, S. R. & Kimbrough, J. W. 1982. A reevaluation of the basidiomycetes based upon septal and basidial structures. **Mycotaxon** 15: 103-120.
- Kirk, P. M.; Cannon, P. F.; David, J. C. & Stalpers, J. A. 2001. **Dictionary of Fungi**. 9ed. CABI Publishing, Surrey, 655p.
- Loguercio-Leite, C. 1993. Polyporaceae II. *Trametes* na Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. **Insula** 22: 3-20.
- Loguercio-Leite, C. 1994. Polyporaceae na Ilha de Santa Catarina III. O gênero *Hexagonia* Fr. **Insula** 23: 3-14.
- Loguercio-Leite, C. & Gerber, A. L. 1997. Non-pileate polypores on Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** 64: 285-301.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1991a. Contribution to a biogeographical study of the Austro-American xylophilous polypores (Aphylophorales) from Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** 41: 161-166.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1991b. New South American polypores (Polyporaceae) from Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** 41: 161-166.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1995. The genus *Phellinus* (Hymenochaetaceae) of the Island of Santa Catarina, Brazil. **Mycotaxon** 54: 361-388.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1998. *Diplomitoporus dilutabilis*, a new species of Polyporaceae (Aphylophorales) from Santa Catarina Island, Brazil. **Mycotaxon** 68: 47-51.
- Loguercio-Leite, C.; Gerber, A. L. & Ryvarde, L. 1998. *Wrightoporia porilacerata*, a new species of pore fungi from southern Brazil. **Mycotaxon** 67: 251-255.
- Loguercio-Leite, C.; Gonçalves, G. V. C. & Ryvarde, L. 2001. Studies in Neotropical polypores 13. *Ceriporiopsis cystidiata* sp. nov. **Mycotaxon** 79: 285 - 288.
- Loguercio-Leite, C.; Ryvarde, L. & Groppo, C. 2002. Studies in neotropical polypores 16. *Rubroporus carneoporis* genus & species nova. **Mycotaxon** 83: 223 - 227.
- Lucena, V. L. A. 1988. **Estudo da família Ganodermataceae Donk na Mata do Buraquinho, João Pessoa, Paraíba, Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 96p.
- Maia, L. C. & Gibertoni, T. B. 2002. Fungos registrados no semi-árido. Pp. 163-176. In: Sampaio, E. V. S. B.; Giulietti, A. M.; Virgínio, J. & Gamarra-Rojas, C. F. L. **Vegetação e flora da Caatinga**. Associação Plantas do Nordeste & Centro Nordestino de Informação sobre Plantas, Recife.
- Maia, L. C.; Bezerra, J. L.; Cavalcanti, M. A. Q.; Pereira, E. C. & Pires-Zottarelli, C. 2002. Diversidade de Fungos e Líquens no Brasil. Pp. In: 228-233. Araújo, E. L.; Moura, A. N.; Sampaio, E. V. S. B.;

- Gestinari, L. M. S. & Carneiro, J. M. T. (eds.). **Biodiversidade, Conservação e Uso Sustentável da Flora do Brasil**. Imprensa Universitária UFRRJ, Recife.
- Maia, L. C.; Yano-Melo, A. M. & Cavalcanti, M. A. Q. 2002. Diversidade de Fungos no Estado de Pernambuco. Pp. In: 15-50. Tabarelli, M. & Silva, J. M. C. (orgs.). **Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco**. Ed. Massangana, Recife.
- Maluf, R. W. & Guerrero, R. T. 1993. Estudo biosistemático da família Peniophoraceae (Basidiomycetes) no Rio Grande do Sul. **Insula** **22**: 39-82.
- Melo, P. P. P. 1939. O “Saporema” em Pernambuco. **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio** **4**(2): 127-129.
- Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. 1998. **Primeiro Relatório Nacional para a Convenção sobre Diversidade Biológica - Brasil**. Brasília, 283p.
- Moncalvo, J. M.; Wang, H. H. & Hseu, R. S. 1995a. Phylogenetic relationships in *Ganoderma* inferred from the internal transcribed spacers and 25S ribosomal DNA sequences. **Mycologia** **87**: 223-238.
- Moncalvo, J. M.; Wang, H. H. & Hseu, R. S. 1995b. Gene phylogeny of the *Ganoderma lucidum* complex based on ribosomal DNA sequences - comparison with traditional taxonomic characters. **Mycological Research** **99**: 1489-1499.
- Müller, W. H.; Stalpers, J. A.; van Aelst, A. C.; de Jong, M. D. M.; van der Krift, T. P. & Boekhout, T. 2000. The taxonomic position of *Asterodon*, *Asterostroma* and *Coltricia* inferred from the septal pore cap ultrastructure. **Mycological Research** **104**(12): 1485-1491.
- Oberwinkler, F. 1982. The significance of the morphology of the basidium in the phylogeny of Basidiomycetes. Pp. 9-35. In: Wells, K. (ed.). **Basidium and Basidiocarps**. Spring-Verlag, Nova York.
- Overholts, L. O. 1929. Researchs methods in the taxonomy of the Hymenomycetes. **Proceedings of the International Congress of Plant Science** **2**: 1688-1712.
- Parmasto, E. 1995. Corticioid fungi: a cladistic study of a paraphyletic group. **Canadian Journal of Botany** **73**(1): 843-852.
- Patouillard, N. 1887. **Les Hyménomycètes d'Europe**. Kinksieck, Paris, 164p.
- Patouillard, N. 1900. **Essai taxonomique sur les familles et genres des Hyménomycètes**. Tese, Lons-le-Saumiers, 184p.
- Paulus, B.; Hallenberg, N.; Buchannan, P. K. & Chambers, G. K. 2000. A phylogenetic study of the genus *Schizopora* (Basidiomycota) based on ITS DNA sequences. **Mycological Research** **104**(10): 1155-1163.
- Pegler, D. N. 1973. Aphyllophorales IV. Poroid families. Pp. 397-420. In: Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.

- Persoon, D. C. H. 1801. **Synopsis Methodica Fungorum**. Henricum Dieterich, Göttingen, 706p.
- Petersen, R. H. 1973. Aphyllophorales II. The clavarioid and chantarelloid basidiomycetes. Pp. 351-368.
In: Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.
- Popoff, O. & Wright, J. E. 1998. Fungi from Paraguay. I. Preliminary check-list of wood-inhabiting polypores (Aphyllophorales, Basidiomycota). **Mycotaxon** **67**: 323-340.
- Reid, D. A. 1965. A monograph of the stipitate stereoid fungi. **Beihefte zur Nova Hedwigia** **18**: 1-184.
- Rick, J. 1904. Fungos do Rio Grande do Sul. **Brotéria, ser. bot.** **3**: 276-293.
- Rick, J. 1906. Pilze aus Rio Grande do Sul. **Brotéria, ser. bot.** **5**: 5-53.
- Rick, J. 1907. Contributio ad monographiam Agaricearum et Polyporacearum Brasiliensium. **Brotéria, ser. bot.** **6**: 65-96.
- Rick, J. 1924a. Contributio ad monographiam Polyporacearum riograndensium II. **Brotéria, ser. bot.** **21**: 5-11.
- Rick, J. 1924b. Fungi gelatinosi et cartilaginosi Riograndenses. **Brotéria, ser. bot.** **21**: 134-141.
- Rick, J. 1925. O gênero *Fomes* no Rio Grande do Sul. **Egatea** **10**: 253-260.
- Rick, J. 1932a. Hidnaceas Riograndenses. **Egatea** **17**: 1-9.
- Rick, J. 1932b. Hidnaceas Riograndenses. **Egatea** **17**(4-5): 209-212.
- Rick, J. 1934. Polypori Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **3**: 180-189.
- Rick, J. 1935. Polysticti Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **4**: 121-138.
- Rick, J. 1936a. Polypori Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **5**: 17-27; 84-94.
- Rick, J. 1936b. Polysticti Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **5**: 171-178.
- Rick, J. 1937a. Polysticti Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **6**: 81-87.
- Rick, J. 1937b. Poriae Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **6**: 128-152.
- Rick, J. 1937c. Polyporaceae Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **6**: 153-168.
- Rick, J. 1938a. Monografia das poliporineas Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **7**: 5-21.
- Rick, J. 1938b. O gênero *Polystictus* no Rio Grande do Sul. II. **Anais da Reunião Sul-Americana de Botânica** **2**: 251-270.
- Rick, J. 1938c. Poliporos Riograndenses. II. **Anais da Reunião Sul-Americana de Botânica** **2**: 271-307.
- Rick, J. 1959. Basidiomycetes Ebasidii in Rio Grande do Sul. **Iheringia, ser. bot.** **5**: 142-192.
- Ryvarden, L. & Meijer, A. A. R. 2002. Studies in neotropical polypores 14. New species from the state of Paraná, Brazil. **Synopsis Fungorum** **15**: 34-69.
- Salcedo, I. 1994. Contribución al conocimiento de los Aphyllophorales (Basidiomycotina) del país Vasco. III. **Anales Jardín Botánico de Madrid** **52**(1): 7-11.

- Salcedo-Larralde, I. 1994. Contribution to our knowledge of the Aphyllophorales (Basidiomycotina) of the Basque country. II. **Mycotaxon** **50**: 1-7.
- Silva, J. V. B. 1987. **Contribuição ao conhecimento dos fungos poliporáceos na arborização da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 106p.
- Silva, M. & Minter, D. W. 1995. Fungi from Brasil - Recorded by Batista and co-workers. **Mycological Papers** **169**: 1-585.
- Silveira, R. M. B. & Guerrero, R. T. 1991. Aphyllophorales poliporóides (Basidiomycetes) do Parque Nacional de Aparados da Serra, Rio Grande do Sul. **Boletim do Instituto de Biociências** **48**: 1-127.
- Singer, R. 1961. Fungi of northern Brazil **Publicações do Instituto de Micologia da Universidade de Recife** **304**: 1-26.
- Soares, S. C. S. & Gugliotta, A. M. 1998. Criptógamos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. Fungos, 7: Aphyllophorales (Hymenochaetaceae). **Hoehnea** **25**(1): 11-31.
- Sótão, H. M. P.; Bononi, V. L. R. & Figueiredo, T. S. 1991. Basidiomycetes de manguezais da Ilha de Maracá, Amapá, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, sér. bot.** **7**(1): 109-114.
- Swann, E. C. & Taylor, J. W. 1993. Higher taxa of basidiomycetes: an 18S rRNA gene perspective. **Mycologia** **85**(6): 923-936.
- Swann, E. C. & Taylor, J. W. 1995. Phylogenetic perspectives on basidiomycetes systematics: evidence from the 18S rRNA gene. **Canadian Journal of Botany** **73**(1): 862-868.
- Talbot, P. H. B. 1973. Aphyllophorales I: General characteristics. Thelephoroid and cupuloid families. Pp. 327-349. In: Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.
- Tavares, I. 1939. Catálogo dos fungos de Pernambuco. **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio** **4**(1): 1-33.
- Teixeira, A. R. 1945. Himenomicetos Brasileiros - Hymeniales - Thelephoraceae. **Bragantia** **5**: 397-434.
- Teixeira, A. R. 1946a. Mais um himenomiceto destruidor da madeira. **Bragantia** **6**: 143-145.
- Teixeira, A. R. 1946b. Himenomicetos brasileiros III. Agaricaceae. **Bragantia** **6**: 165-188.
- Teixeira, A. R. 1946c. Ensaio para a taxonomia das poliporáceas. **Bragantia** **6**: 299-352.
- Teixeira, A. R. 1948. Himenomicetos brasileiros IV. Polyporaceae. **Bragantia** **8**: 75-80.
- Teixeira, A. R. 1950. Himenomicetos brasileiros V. Polyporaceae. **Bragantia** **10**: 113-122.
- Teixeira, A. R. 1958. Tipificação do gênero *Fomes* (Fr.) Kickx. **Arquivos de Botânica** **3**(4): 165-174.
- Teixeira, A. R. 1962a. Microestruturas do basidiocarpo e sistemática do gênero *Fomes* (Fr.) Kickx. **Rickia** **1**: 13-93.
- Teixeira, A. R. 1962b. The taxonomy of the Polyporaceae. **Biological Reviews** **37**: 51-81.

- Teixeira, A. R. 1983. "Dura lex sed lex" - correta determinação de lectótipos de trinta gêneros de Polyporaceae. **Rickia** **10**: 105-122.
- Teixeira, A. R. 1992. New combinations and new names in the Polyporaceae. **Revista Brasileira de Botânica** **15**(2): 125-127.
- Teixeira, A. R. 1993. Chave para identificação dos gêneros de Polyporaceae com base na morfologia do basidiocarpo. **Boletim do Instituto de Botânica** **8**: 1-55.
- Teixeira, A. R. 1994. Genera of Polyporaceae: an objective approach. **Boletim da Chácara Botânica de Itu** **1**: 1-91.
- Teixeira, A. R. 1995. **Método para estudo das hifas do basidiocarpo de fungos poliporáceos**. Manual nº 6, Instituto de Botânica, São Paulo, 20p.
- Teixeira, A. R. & Fidalgo, O. 1983. *Polyporus tricholoma* Mont. (Polyporaceae). **Revista Brasileira de Botânica** **6**(2): 129-132.
- Tellería, M. T.; Melo, I. & Dueñas, M. 1997. An annotated list of the Aphyllophorales of the Balearic Island. **Mycotaxon** **66**: 353-377.
- Theissen, F. 1911. **Polyporaceae austro-brasilienses imprimis rio grandenses**. Kaiserlich-Königlichen Hof- und Staatsdruckerei, Wien, 60p.
- Theissen, F. 1912. Hymenomyces Riograndenses. **Brotéria, ser. bot.** **10**: 5-28.
- Theissen, F. 1914. Anotações á mycoflora brasileira. **Brotéria, ser. bot.** **12**: 14-51.
- Torrend, C. 1920a. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, ser. bot.** **18**: 23-43.
- Torrend, C. 1920b. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, ser. bot.** **18**: 121-142.
- Torrend, C. 1924. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, ser. bot.** **21**(1): 12-42.
- Torrend, C. 1926. Les polyporacées stipitées du Brésil IV. **Brotéria, ser. bot.** **22**: 5-19.
- Torrend, C. 1935. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, ser. cien. nat.** **31**: 108-120.
- Torrend, C. 1940. As poliporáceas da Bahia e estados limítrofes. **Anais da Reunião Sul-Americana de Botânica – 1938, 2**: 325-341.
- Viégas, A. P. 1945. Alguns fungos do Brasil VII-VIII. **Bragantia** **5**: 252-290.
- Vinha, P. C. 1988. Fungos macroscópicos do estado do Espírito Santo depositados no Herbário Central da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. **Hoehnea** **15**: 57-64.
- Wagner, T. & Fischer, M. 2001. Natural groups and revised system for the European poroid Hymenochaetales (Basidiomycota) supported by nLSU rDNA sequence data. **Mycological Research** **105**(7): 773-782.
- Wagner, T. & Fischer, M. 2002a. Classification and phylogenetic relationships of *Hymenochaete* and allied genera of the Hymenochaetales, inferred from rDNA sequence data and nuclear behaviour of vegetative mycelium. **Mycological Progress** **1**(1): 93-104.

- Wagner, T. & Fischer, M. 2002b. Proceedings towards a natural classification of the worldwide taxa *Phellinus* s. l. and *Inonotus* s. l., and phylogenetic relationships of allied genera. **Mycology** **94**(6): 998-1016.
- Wagner, T. & Ryvarden, L. 2002. Phylogeny and taxonomy of the genus *Phylloporia* (Hymenochaetales). **Mycological Progress** **1**(1): 105-116.
- Zhang, X.-q. 1997. Fungal flora of Daba mountains: Aphyllophorales and some Basidiomycota. **Mycotaxon** **61**: 41-45.
- Zhukoff, E. A. 1995. Aphyllophorales (Basidiomycetes) from central Siberia. **Mycotaxon** **53**: 437-445.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Áreas de estudo

A Mata Atlântica é um bioma arbóreo e litorâneo, e abrange os estados da costa brasileira, do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, mas com incursões no interior das regiões Sul, Sudeste e Nordeste e também em Goiás e Mato Grosso do Sul. No passado, abrangia 17 estados e cobria uma área de 1.130.000 km², mas, atualmente, esta área está reduzida a aproximadamente 6% da cobertura original. Na área abrangida por esse bioma, reside 70% da população brasileira e encontram-se as maiores cidades e os mais importantes pólos industriais do Brasil. A ocupação e uso do solo, feita de maneira desordenada, resultaram na sua quase completa destruição. No Nordeste, onde a exploração da floresta começou na época colonial com a extração do pau-brasil e permanece até hoje com o cultivo da cana-de-açúcar e do cacau, esse percentual é de apenas 2%, não chegando a 1% em alguns estados (Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal 1998; Barbosa *et al.* 2002; Ferraz 2002). Por esses motivos, a Mata Atlântica é considerada o bioma mais ameaçado do país e o 5º mais ameaçado do mundo, entre os 25 *hotspots* (áreas críticas para a conservação da biodiversidade) identificados no mundo (Fundação Biodiversitas 2002).

A grande extensão geográfica e diversidade de clima, solo e relevo proporcionam a existência de uma incomparável diversidade biológica, com alto grau de endemismo, não só em relação a animais, mas também em relação à vegetação. Na Mata Atlântica ocorrem 20.000 espécies de plantas (27% do total de espécies do mundo), sendo 8.000 endêmicas. Esse bioma é o recordista mundial de diversidade de plantas lenhosas, com 458 espécies encontradas em um único hectare, na região sul da Bahia (Fundação Biodiversitas 2002).

De acordo com o Decreto nº 750/93, que dispõe sobre o uso da "Mata Atlântica", esta é definida como "as formações florestais e ecossistemas associados inseridos no domínio Mata Atlântica, com as respectivas delimitações estabelecidas pelo Mapa de Vegetação do Brasil, IBGE 1988: Floresta Ombrófila Densa Atlântica, Floresta Ombrófila Mista, Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Estacional Decidual, manguezais, restingas, campos de altitude, brejos interioranos e encaves florestais do Nordeste". Assim, o termo Floresta Atlântica pode referir-se a todo o conjunto de formações florestais extra-amazônicas, com ocorrência desde "ilhas" isoladas no interior do Nordeste do Brasil (brejos de altitude), chegando até sua costa, e daí seguindo até o nordeste-norte do Rio Grande do Sul, ocupando uma faixa de largura bastante variável que percorre toda a costa brasileira. Nas regiões sul e sudeste esta faixa torna-se mais larga, chegando praticamente até o vale do rio Paraná e de seus principais

formadores da margem esquerda, incluindo as florestas de *Araucaria*, características do Planalto Meridional Brasileiro (Silva 2003).

No Nordeste, podem ser identificadas várias formações como, por exemplo, os brejos de altitude nos topos das chapadas e cumes de serras interioranas, os tabuleiros que suportam uma vegetação com elementos da restinga e cerrado, a restinga, e a Mata de Tabuleiros. Esta ocupa uma faixa litorânea que se estende por todo o Nordeste até o norte do Espírito Santo e é formada por sedimentos terciários, com topografia plana a levemente ondulada, de 20 a 200m de altitude e solos pobres, geralmente latossolo. No Nordeste, o clima é tropical atlântico, quente e úmido, com estação seca no verão e chuvas no outono-inverno (Fig. 1a-c) segundo Barbosa *et al.* (2002) e Ferraz (2002).

As áreas selecionadas como locais de coleta apresentam os mais diversos graus de conservação e encontram-se distribuídas por cinco dos seis estados do Nordeste (Fig. 2) que apresentam formações de Mata Atlântica:

Sergipe

Estação Ecológica Serra de Itabaiana: localizada nos municípios de Areia Branca e Itabaiana (10°45'28''S e 37°18'55''W) e administrada pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (IBAMA), é uma área de 1300ha composta por vários ecossistemas. A mata encontra-se em estágio inicial de recuperação e é circundada por lavouras. Neste local, foi percorrida uma trilha de aproximadamente 500m e as coletas ocorreram em julho (2001), janeiro, março e maio (2002).

Alagoas

Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Fazenda Rosa do Sol: localizada no município de Barra de São Miguel (9°50'24''S e 35°54'28''W). Possui 15,5ha e está em estágio inicial de recuperação. Encontra-se às margens da Lagoa do Roteiro, sob influência de ambientes marinhos e próxima à Lagoa Jequié/Escura, área de interesse para conservação da biodiversidade no Nordeste, pois sua importância biológica é considerada insuficientemente conhecida e tem como ação prioritária sua recuperação, (Conservation International *et al.* 1993). Nesta área, foi percorrida uma trilha de aproximadamente 500m. As coletas ocorreram em outubro (2000), março, maio, julho, novembro (2001), janeiro, março e maio (2002).

RPPN Fazenda São Pedro: localizada no município de Pilar (9°35'50''S e 35°57'24''W). Possui área de 50ha e está a poucos quilômetros de Murici, outra área relacionada como prioritária para conservação da biodiversidade devido à sua importância biológica ser considerada extremamente alta (Conservation International *et al.* 1993). Pode ser considerada como uma formação secundária tardia, em estágio avançado de recuperação. Neste local, foi percorrida uma trilha de aproximadamente 2km. As coletas ocorreram em outubro (2000), março, maio, julho, novembro (2001), janeiro, março e maio (2002).

Pernambuco

Reserva Ecológica de Dois Irmãos: localizada no município de Recife (8°15'30''S e 35°57'00''W), possui 374ha. A floresta estudada é administrada pela Companhia de Saneamento de Pernambuco (Compesa) e situa-se no entorno dos açudes do Prata e dos Macacos. Está em estágio tardio de recuperação e foi apontada como uma área prioritária para conservação da biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, devido à sua importância biológica ser considerada extremamente alta (Conservation International *et al.* 1993). Nesta área, foi percorrida uma trilha de aproximadamente 2km. As coletas ocorreram em março, maio, julho, setembro, novembro (2001), janeiro, março e maio (2002).

Reserva Ecológica de Gurjaú: localizada nos municípios de Cabo de Santo Agostinho, Jaboatão dos Guararapes e Moreno (8°28'66''S e 35°03'50''W), é administrado pela Compesa e possui 1077ha. Constituído por vários fragmentos vegetais no entorno da barragem do rio Gurjaú, é uma área prioritária para conservação da biodiversidade, devido à sua importância biológica ser considerada extremamente alta (Conservation International *et al.* 1993). A recuperação dessa reserva é relacionada como ação prioritária de conservação. Neste local, foi percorrida uma trilha de aproximadamente 2km ao longo das matas da Barragem, Café e Zabé. As coletas ocorreram em outubro (2000), março, maio, julho, setembro, novembro (2001), janeiro, março, maio e junho (2002).

Reserva Biológica Saltinho: com 548ha, é administrada pelo IBAMA e está localizada no município de Tamandaré (8°42'00''S e 35°10'00''W). É relacionada como área prioritária para conservação da biodiversidade, devido à sua importância biológica ser considerada extremamente alta e estar sendo inventariada (Conservation International *et al.* 1993). Nesta área, foi percorrida uma trilha de aproximadamente 2km. As coletas ocorreram em julho, setembro, novembro (2001), janeiro, março e maio (2002).

Refúgio Ecológico Charles Darwin: área particular de 60ha localizada no município de Igarassu (7°50'03''S e 35°54'23''W), utilizada como local de recuperação de animais apreendidos pelo IBAMA. Foi percorrida uma trilha de aproximadamente 500m e as coletas ocorreram em setembro (2000), março, maio, julho, setembro, novembro (2001), janeiro, março e maio (2002).

Paraíba

Reserva Biológica Guaribas: localizada no município de Mamanguape (6°50'19''S e 35°07'34''W), encontra-se em estágio inicial de recuperação. Com 4321,6ha, é uma área de importância biológica extremamente alta e o complexo formado por suas florestas e manguezais é considerado área prioritária para conservação da biodiversidade (Conservation International *et al.* 1993). Foi percorrida uma trilha de aproximadamente 2km. As coletas ocorreram em julho, novembro (2001), janeiro, março e maio (2002).

RPPN Fazenda Pacatuba: localizada no município de Sapé ($7^{\circ}05'47''S$ e $35^{\circ}13'58''W$), é administrada pela Usina Japungú e possui 266,53ha. Juntamente com a mata de Jacuípe, é considerada área de importância biológica insuficientemente conhecida, mas prioritária para conservação da biodiversidade no Nordeste (Conservation International *et al.* 1993). Neste local, as coletas foram possíveis apenas na borda da mata e ocorreram em outubro (2000), março, maio, novembro (2001), janeiro e maio (2002).

RPPN Engenho Gargaú: localizada no município de Santa Rita ($7^{\circ}06'50''S$ e $34^{\circ}58'41''W$), é administrada pela Usina Japungú e possui 1058,62ha. É formada por um complexo de matas circundadas pela lavoura da cana-de-açúcar. Sofreu corte seletivo de madeira no passado e encontra-se em processo de recuperação. Está próxima à mata da Usina Santa Rita, área considerada de extrema importância biológica (Conservation International *et al.* 1993). Foram visitadas as Matas da Aldeia, Aterro e Utinga e percorridos aproximadamente 1,5km de trilhas. As coletas ocorreram em outubro (2000), março, maio, julho, novembro (2001), janeiro, março e maio (2002).

Mata do Buraquinho: com 471ha, é administrada pelo IBAMA e está localizada no município de João Pessoa ($7^{\circ}06'54''S$ e $34^{\circ}51'47''W$). É uma área de importância biológica considerada muito alta e prioritária para conservação da biodiversidade no Nordeste (Conservation International *et al.* 1993). Neste local, foi percorrido 1km de uma trilha cujo acesso se dá através da sede do IBAMA. As coletas ocorreram em novembro (2001), janeiro, março e maio (2002).

Rio Grande do Norte

RPPN Mata Estrela-Senador Antônio Farias: localizada no município de Baía Formosa ($6^{\circ}22'10''S$ e $35^{\circ}00'28''W$), é administrada pela Destilaria Baía Formosa e possui 2039,93ha. É área de importância biológica considerada extremamente alta e prioritária para conservação da biodiversidade (Conservation International *et al.* 1993). Neste local, foram percorridos aproximadamente 4km. As coletas ocorreram em outubro (2000), março, maio, julho, novembro (2001), janeiro, março e maio (2002).

Floresta Nacional de Nísia Floresta: com 174,95ha, é administrada pelo IBAMA e está localizada no município de Nísia Floresta ($6^{\circ}05'28''S$ e $35^{\circ}12'31''W$). Possui várias formações vegetais, como mata em estágio intermediário de recuperação, manguezais e florestas experimentais monoespecíficas. Neste local, foi percorrido aproximadamente 1km de trilhas. As coletas ocorreram em novembro (2001), janeiro, março e maio (2002).

Em algumas coletas efetuadas no Complexo de Gurjaú, na Reserva Biológica Saltinho, na RPPN Engenho Gargaú, na RPPN Mata Estrela - Senador Antônio Farias e na Floresta Nacional de Nísia Floresta, os acompanhantes (mateiros) tinham conhecimento do nome vulgar dos substratos. Quando possível, era coletado o material vivo de equivalentes desses substratos para posterior identificação com

auxílio de bibliografia (Fonseca 1922; Menezes 1949; Andrade-Lima 1954; 1970; Correia 1984a; 1984b; 1984c; 1984d; 1984e; 1984f; Braga 1985; Rizzini 1985; Lorenzi 1998a; 1998b) e comparação com material do Herbário UFP (Tab. 1).

Tabela 1 - Nomes vulgares, espécies e famílias de alguns vegetais (substratos) onde espécies de Aphylliphorales foram coletadas; * material vegetal coletado

Nome vulgar	Espécies vegetais	Famílias
Amescla *	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Burseraceae
Angico branco	<i>Piptadenia</i> sp.	Mimosaceae
Araçá	<i>Psidium</i> sp.	Myrtaceae
Ariticum (= ariticum apé, araticum, oriticum)	<i>Annona</i> sp.	Annonaceae
Bambu	<i>Bambusa</i> sp.	Poaceae
Bananeira	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Musaceae
Bordão de velho	<i>Mimosa spruceana</i> Bth. <i>Pithecolobium</i> sp.	Mimosaceae
Brasa apagada	Indeterminada	Indeterminada
Cabatã de leite (= caboatã de leite)*	<i>Thyrsodium schomburgkianum</i> Benth.	Anacardiaceae
Cajarana	<i>Spondias dulcilis</i> Forst.	Anacardiaceae
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae
Capera *	<i>Cecropia</i> sp.	Moraceae
Catanduva *	<i>Piptadenia moniliformis</i> Benth	Mimosaceae
Cega-machado *	<i>Licania</i> sp.	Chrysobalanaceae
Cipó-brocha *	Indeterminada	Indeterminada
Cipó-cururu	<i>Anisolobus</i> sp.	Apocynaceae
Coaçu *	<i>Coccoloba</i> sp.	Polygonaceae
Cocão	<i>Erytroxylum</i> sp. <i>Pogonophora schomburgkiana</i> Miers <i>Lonchocarpus araripensis</i> Benth <i>Esenbeckia macrocarpa</i> Hub.	Erytroxylaceae Erytroxylaceae Fabaceae Rutaceae
Coité	<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae

Copiúba *	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Anacardiaceae
Coqueiro	<i>Cocos nucifera</i> L.	Arecaceae
Curtis	Indeterminada	Indeterminada
Embaúba	<i>Cecropia</i> sp.	Moraceae
Embira	<i>Xylopia</i> sp.	Annonaceae
(= semente de embira)	<i>Rollinia silvatica</i> (St. Hill.) Mart.	Annonaceae
	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K. Schum.) A. Rob.	Bombacaceae
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Sterculiaceae
	<i>Daphnopsis brasiliensis</i> Mart.	Thymeliaceae
Embiriba *	<i>Eschweilera</i> sp.	Lecytidaceae
Eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp.	Myrtaceae
Gameleira	<i>Ficus</i> sp.	Moraceae
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae
Gororoba	<i>Centrolobium</i> sp.	Fabaceae
Ingá	<i>Inga</i> sp.	Mimosaceae
Ingapó	Indeterminada	Indeterminada
Jamelão	<i>Eugenia</i> sp.	Myrtaceae
Jatobá *	<i>Hymenaea</i> sp.	Caesalpinaceae
João mole	<i>Guapira</i> sp.	Nyctaginaceae
Jurubeba vermelha	<i>Solanum</i> sp.	Solanaceae
Mandioca	<i>Manihot utilissima</i> Pohl.	Euphorbiaceae
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae
Manipueira *	<i>Henrietta</i> sp.	Melastomataceae
Maçaranduba *	<i>Pouteria</i> sp.	Sapotaceae
Marfim	<i>Bolfourodendron riedelianum</i> Engl	Rutaceae
(= pau marfim)	<i>Melochia umbelata</i>	Sterculiaceae
Mirindiba *	<i>Terminalia</i> sp.	Combretaceae
Murici *	<i>Byrsonima</i> sp.	Malpighiaceae
Oiticica *	<i>Chorisia racemosa</i> R. & Pav.	Bombacaceae
Palmeira	Indeterminada	Arecaceae
Pau bagaço	Indeterminada	Indeterminada
Pau branco	<i>Auxema</i> sp.	Boraginaceae
	<i>Piptadenia moniliformis</i> Bth.	Mimosaceae
	<i>Calycophyllum multiflorum</i> Griesb.	Rubiaceae

Pau brasil	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Caesalpinaceae
Pau d'arco *	<i>Guarea</i> sp.	Meliaceae
Pau de jangada (= jangada) *	<i>Apeiba tibourou</i> Aubl.	Tiliaceae
Pau falha	Indeterminada	Indeterminada
Pau ferro	<i>Caesalpinia</i> sp.	Caesalpinaceae
Pau louro *	Indeterminada	Leguminosae
Pau mulato *	<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vog) McBr. var. <i>molaris</i> (Spr.) Köeppen	Caesalpinaceae
Pau pereira (= pereiro)	<i>Geissospermum vellosii</i> Fr. All. <i>Aspidosperma discolor</i> A. DC.	Apocynaceae
Pau pombo	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl. <i>Hirtella ciliata</i> Mart. & Zucc.	Anacardiaceae Chrysobalanaceae
Pororoca	<i>Caraipa nemorosa</i> G. Mey <i>Clusia volubilis</i> Humb., Bonfl. & Kunth. <i>Dialium guianense</i> (Aublet) Sandw. <i>Rapanea ferruginea</i> (Ruiz & Pav.) Mez.	Clusiaceae Clusiaceae Caesalpinaceae Myrsinaceae
Praíba *	Indeterminada	Indeterminada
Quiri *	<i>Paulownia</i> sp. <i>Brosimum discolor</i> Schrot.	Scrophulariaceae Moraceae
Sambacuí *	<i>Didymopanax</i> sp.	Araliaceae
Sapucaia *	<i>Lecythis</i> sp.	Lecythidaceae
Sete-cascas *	<i>Pera</i> sp.	Euphorbiaceae
Sucupira *	<i>Pterodon</i> sp.	Fabaceae
Visgueiro *	<i>Parkia</i> sp.	Mimosaceae

3.2. Coleta, herborização e análise dos basidiomas e dos dados ecológicos

Em cada área foram percorridas trilhas já existentes, com comprimento variando de acordo com o local, mas de largura sempre em torno de 10m. Todos os substratos propícios ao surgimento de Aphylliphorales, tais como troncos mortos, inclusive queimados, folhedo, raízes aparentes ou solo, foram observados e os representantes encontrados foram coletados com auxílio de uma faca e, em alguns casos, com martelo de borracha e facão. Os basidiomas foram acondicionados em sacos de papel, nos quais eram anotados o local e a data de coleta, além de dados sobre o padrão de distribuição dos basidiomas (1.

solitário, quando apenas um basidioma estava presente, 2. pouco agregado, basidioma distantes uns dos outros, 3. agregado, basidiomas próximos, mas não unidos, 4. muito agregado, quando unidos ou imbricados); grau de exposição à luminosidade (1. pouco exposto, basidioma em sombra densa ou embaixo de troncos, 2. exposto, em espaços abertos, porém não muito sombreados, 3. muito exposto, basidiomas em clareiras); grau de decomposição do substrato (1. pouco degradado, árvores recém-caídas com córtex íntegro ou pouco degradado, 2. degradado, córtex quase totalmente degradado, com madeira ligeiramente amolecida, 3. muito degradado, sem córtex, com madeira muito amolecida ou contorno do tronco praticamente indefinido) e ocorrência em solo ou árvore viva para análise estatística de dados ecológicos de acordo com o teste de χ^2 , para avaliação de preferência por alguma variável, e a correlação de Spearman, para avaliação de interações entre as variáveis. Para avaliação de similaridade das áreas e estados em relação à diversidade de Aphylophorales, foram utilizados os índices de Sørensen e de Bray-Curtis. O índice de Sørensen é definido por $S = 2c/a+b$ e o de Bray-Curtis, por $B = c/c+a+b$. Em ambos, a representa o somatório das ocorrências de todas as espécies em uma localidade, b , o somatório das ocorrências de todas as espécies na outra localidade, e c o somatório das ocorrências comuns a ambas localidades, variando o resultado entre 0 (desigualdade absoluta) e 1 (igualdade absoluta). A análise de similaridades (ANOSIM) permite testar diferenças entre grupos de amostras e possibilita avaliar se a semelhança obtida com o índice de Bray-Curtis está relacionada a variáveis como grau de degradação das matas, tamanho das trilhas ou número de coletas, e a correlação de Spearman avalia o nível de interação dessas variáveis (Krebs 1989; Clarke & Warwick 1994).

Quando possível, ainda em campo, o material coletado foi colocado em estufa ou, pelo menos, em ambiente arejado e ensolarado para secagem preliminar. No Laboratório II da Pós-Graduação em Biologia de Fungos do Departamento de Micologia da UFPE, os basidiomas foram colocados em estufa a 45-50°C pelo tempo necessário para a total secagem, entre 2 e 7 dias (Fidalgo & Bononi 1989), e depois analisados macroscopicamente de acordo com o tamanho (comprimento, largura, espessura) e cor das superfícies abhimenial e himenial, dos tubos, do contexto e da margem do basidioma, quando presentes (Maerz & Paul 1950). Os basidiomas foram fotografados em casa de vegetação, com régua milimetrada utilizada como escala, em que 10 intervalos representam 1 cm.

Para observação microscópica do material, foram feitos cortes à mão livre da superfície himenial, do contexto e da superfície abhimenial com lâminas de aço. Os cortes foram colocados entre lâmina e lamínula em solução aquosa de hidróxido de potássio 3-5% e de floxina 1% (Martin 1934). O hidróxido de potássio hidrata as estruturas e permite que se espalhem mais facilmente quando colocados entre a lâmina e a lamínula e, em basidiomicetos xantocróicos, torna as hifas marrons. A floxina cora o citoplasma em tons de rosa. Em alguns casos, foi utilizado o azul de Amann (Kotlaba & Pouzar 1964), que tingem de azul as paredes de hifas e basidiosporos (cianofilia) e impede a dissolução de material

cristalino (Reeves & Welden 1967). Também foi utilizado o reagente de Melzer (Singer 1951), de modo a se observar a reação amilóide (acinzentada, azulada ou violácea) ou dextrinóide (marrom-avermelhada) das paredes de basidiosporos, das hifas e de outras microestruturas. Essas características bioquímicas, bem como a análise dos caracteres macroscópicos, como forma, cor, tamanho do basidioma, e microscópicos, como sistema hifálico (Teixeira 1995), presença e características de microestruturas férteis e estéreis, foram utilizadas para identificação e elaboração de chaves de famílias, gêneros e espécies. Para as ilustrações microscópicas, foram utilizadas câmara clara, ocular com régua milimetrada e objetivas com aumento de 40X e 100X, esta última usando óleo de imersão.

O material, inclusive os tipos, foi depositado no herbário Padre Camille Torrend (URM) do Departamento de Micologia da Universidade Federal de Pernambuco. Duplicatas de parte do material foram levadas ao Departamento de Botânica da Universidade de Oslo, Noruega, e ao Instituto de Zoologia e Botânica da Universidade Estoniana de Agricultura, Tartu, Estônia. Nestes locais, foram consultados a coleção de referência e o herbário, e, com auxílio de bibliografia e sob a orientação do Dr. Leif Ryvarden (Oslo) e Dr. Erast Parmasto (Tartu), o material foi identificado e incorporado aos herbários dessas instituições (O e TAA).

Para identificação, foram utilizados os trabalhos de Eriksson & Ryvarden (1975; 1976), Eriksson *et al.* (1978; 1981), Burdsall-Jr (1985), Hjortstam *et al.* (1987; 1988) (Corticaceae); Steyaert (1972), Furtado (1981), Bazzalo & Wright (1982), Ryvarden (2000a) (Ganodermataceae); Harrison (1973), Maas Geesteranus (1978), Stalpers (1996), Ryvarden (2001) (Hydnaceae); Burt (1918), Reeves & Welden (1967), Ryvarden & Johanson (1980), Ryvarden (1982), Job (1985; 1990), Gilbertson & Ryvarden (1987), Larsen & Cobb-Poule (1990), Ryvarden & Gilbertson (1994), Parmasto (2001a), Ryvarden & Núñez (2000) (Hymenochaetaceae); Rattan (1974), Stalpers (1996) (Lachnocladiaceae); Burt (1920; 1924), Reid (1965) (Podoscyphaceae); Ryvarden & Johansen (1980), Pegler (1983), Gilbertson & Ryvarden (1986; 1987), Ryvarden (1991), Núñez & Ryvarden (1995; 2001), Decock & Ryvarden (1999), Ryvarden & Meijer (2002) (Polyporaceae); Cooke (1961) (Schizophyllaceae); Burt (1919), Chamuris (1988), Hjortstam & Ryvarden (1989) (Stereaceae).

A terminologia seguiu Fidalgo & Fidalgo (1967) e a classificação, Donk (1964) e Ainsworth *et al.* (1973). As regras de diagramação seguiram a revista científica *Acta Botanica Brasilica* (Anexo 1), com modificação na chave dicotômica e na medida da margem esquerda para viabilizar a encadernação.

3.3. Referências Bibliográficas

Ainsworth, G. C, Sparrow, F. K. & Sussman, A. 1973. **The fungi. An advanced treatise.** Vol. IVB, Academic Press, Nova York, 504p.

- Andrade-Lima, D. 1954. **Contribution to the study of the flora of Pernambuco, Brasil**. Imprensa Universitária (UFRPE), Recife, 154p.
- Andrade-Lima, D. 1970. Recursos vegetais de Pernambuco. **Boletim Técnico do Instituto de Pesquisas Agronômicas 41**: 1-32.
- Barbosa, M. R. V. & Thomas, W. W. 2002. Biodiversidade, conservação e uso sustentável da Mata Atlântica no Nordeste. In: Araújo, E. L.; Moura, A. N.; Sampaio, E. V. S. B.; Gestinari, L. M. S. & Carneiro, J. M. T. (eds.). **Biodiversidade, Conservação e Uso Sustentável da Flora do Brasil**. Imprensa Universitária UFRPE, Recife, 19-22p.
- Braga, R. 1985. **Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará**. 4^a ed., Ed. Universitária da UFRN, Natal, 540p.
- Conservation International, Fundação Biodiversitas, Sociedade Nordestina de Ecologia, Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. 1993. **Mapa síntese das prioridades para conservação da biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste**. In: Áreas Prioritárias para Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, Itamaracá, 06-10 de dezembro de 1993.
- Correia, M. P. 1984a. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Vol. 1. Reimpressão, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 747p.
- Correia, M. P. 1984b. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Vol. 2. Reimpressão, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 707p.
- Correia, M. P. 1984c. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Vol. 3. Reimpressão, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 646p.
- Correia, M. P. 1984d. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Vol. 4. Reimpressão, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Rio de Janeiro, 765p.
- Correia, M. P. 1984e. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Vol. 5. Reimpressão, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Rio de Janeiro, 687p.
- Correia, M. P. 1984f. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Vol. 6. Reimpressão, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Rio de Janeiro, 777p.
- Clarke, K. R. & Warwick, R. M. 1994. **Cahnge in marine communities – an approach to statistical analysis and interpretation**. Plymouth Marine Laboratory, Plymouth, UK, 130p.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllophorales. **Persoonia 3**: 199-324.
- Ferraz, E. M. N. 2002. Panorama da Floresta Atlântica no Estado de Pernambuco. 2002. In: Araújo, E. L.; Moura, A. N.; Sampaio, E. V. S. B.; Gestinari, L. M. S. & Carneiro, J. M. T. (eds.). **Biodiversidade, Conservação e Uso Sustentável da Flora do Brasil**. Imprensa Universitária UFRPE, Recife, 23-26p.

- Fidalgo, O. & Bononi, V. L. R. 1989. Fungos e líquens macroscópicos. In: Fidalgo, O. & Bononi, V. L. R. (coord.). **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**. Instituto de Botânica, São Paulo, 24-26p.
- Fidalgo, O. & Fidalgo, M. E. P. K. 1967. Dicionário Micológico. **Rickia suppl. 2**: 1-232.
- Fonseca, E. T. 1922. **Indicador de madeiras e plantas úteis do Brasil**. Oficinas Graphicas Villas-Boas, Rio de Janeiro, 342p.
- Fundação Biodiversitas. 2002. Relatório Perspectivas do Meio Ambiente no Brasil. www.estadão.com.br/ext/ciencia/biod.pdf. 31/03/2003.
- Kotlaba, F. & Pouzar, Z. 1964. Preliminary results on the staining of the spores and other structures of Homobasidiomycetes in cotton blue and its importance for taxonomy. **Transactions of the British Mycological Society** **47**: 653-654.
- Krebs, C. J. 1989. **Ecological Methodology**. Harper Collins Publishers, NY, 654p.
- Lorenzi, H. 1998a. **Árvores brasileiras – Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil**. Vol. 1. 2ª ed. Ed. Plantarum, Nova Odessa, 360p.
- Lorenzi, H. 1998b. **Árvores brasileiras – Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil**. Vol. 2. 2ª ed. Ed. Plantarum, Nova Odessa, 360p.
- Maerz, A. & Paul, M. R. 1950. **A dictionary of colour**. 2ª ed., McGraw-Hill Book Company, Inc., New York, 208p.
- Martin, G. W. 1934. Three new Heterobasidiomycetes. **Mycologia** **26**: 261-265.
- Menezes, A. I. 1949. **Flora da Bahia**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 265p.
- Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. 1998. **Primeiro relatório nacional para a convenção sobre diversidade biológica - Brasil**. Brasília, 283p.
- Reeves, F. & Welden, A. L. 1967. West Indian species of *Hymenochaete*. **Mycologia**, **59**: 1034-1049.
- Rizzini, C. T. 1985. **Árvores e madeiras úteis do Brasil – Manual de Dendrologia**. 2ª reimpressão, Ed. Edgard Blücher LTDA, São Paulo, 280p.
- Silva, S. M. 2003. Considerações fitogeográficas e conservacionistas sobre a Floresta Atlântica no Brasil. <http://www.conservation.org.br/ma/index.html>. 31/03/2003.
- Singer, R. 1951. The Agaricales (mushrooms) in modern taxonomy. **Lilloa**: 1-832.
- Teixeira, A. R. 1995. **Método para estudo das hifas do basidiocarpo de fungos poliporáceos**. Manual nº 6. Instituto de Botânica, São Paulo, 20p.

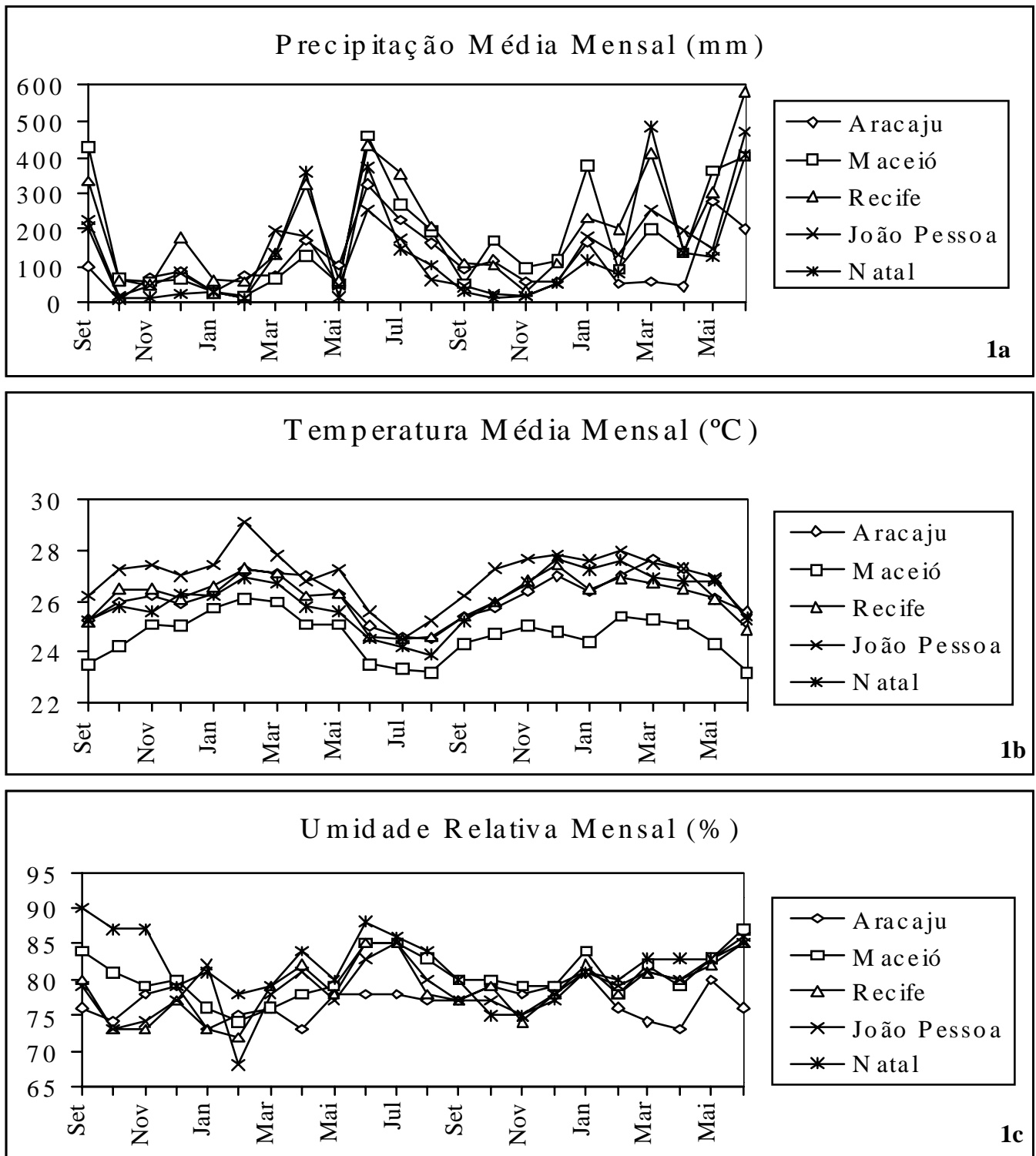


Figura 1. Médias mensais de precipitação (a), temperatura (b) e umidade relativa (c) nas estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia nas cidades de Aracaju (Sergipe), Maceió (Alagoas), Recife (Pernambuco), João Pessoa (Paraíba) e Natal (Rio Grande do Norte) durante o período de setembro de 2000 a junho de 2003. As estações cobrem um raio de 150km.

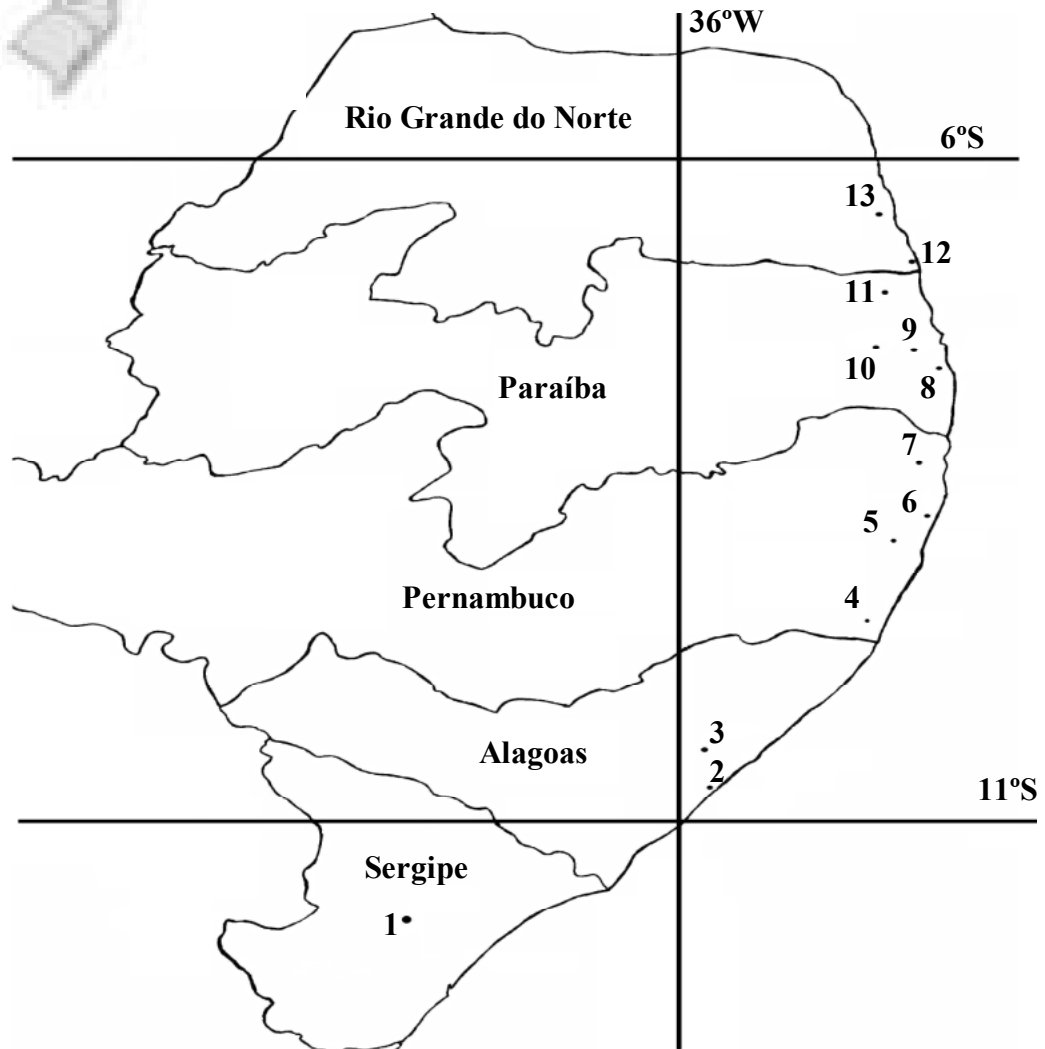


Figura 2. Localização das áreas de coletas. **1.** Estação Ecológica Serra de Itabaiana; **2.** RPPN Rosa do Sol; **3.** RPPN Fazenda São Pedro; **4.** Reserva Biológica Saltinho; **5.** Complexo de Gurjaú; **6.** Reserva Ecológica de Dois Irmãos; **7.** Refúgio Ecológico Charles Darwin; **8.** Mata do Buraquinho; **9.** RPPN Engenho Gargaú; **10.** RPPN Fazenda Pacatuba; **11.** Reserva Biológica Guaribas; **12.** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela; **13.** Floresta Nacional de Nísia Floresta. 1cm = 25km.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Diversidade de Aphylophorales em áreas de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil

A partir de 88 coletas efetuadas em 13 áreas de Mata Atlântica nos estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, foram identificadas 134 espécies de fungos Aphylophorales, distribuídas por 65 gêneros e 9 famílias *sensu* Donk (1964), Harrison (1973), Pegler (1973), Petersen (1973) e Talbot (1973) (Tab. 1).

Tabela 1. Famílias e espécies de Aphylophorales e novas ocorrências para os estados (AL, PB, PE, RN, SE), para o Nordeste (NE), para o Brasil (BR) e para a ciência (CI).

Famílias e espécies	Novas ocorrências
<i>Corticiaceae Herter</i>	
<i>Gloeocystidiellum lactescens</i> (Berk.) Boidin	NE (PE)
<i>Gloeoporus dichrous</i> (Fr.) Bres.	NE (AL, PE)
<i>Grammothele lineata</i> Berk. & M. A. Curtis	BR (AL, PE)
<i>Grammothele subargentea</i> (Speg.) Rajchenberg	NE (AL, PB, PE)
<i>Hyphodermella corrugata</i> (Fr.) Eriksson & Ryvar den	BR (RN, SE)
<i>Hypochnicium subrigescens</i> Boidin	BR (AL)
<i>Phanerochaete chryzorhiza</i> (Torr.) Budington & Gilb.	BR (PB)
<i>Phanerochaete ravenelii</i> (Cooke) Burds.	BR (PB, PE)
<i>Phanerochaete velutina</i> (Fr.) Parmasto	BR (PB)
<i>Phlebia livida</i> (Pers.: Fr.) Bresadola	NE (PB)
<i>Phlebia queletii</i> (Bourd. & Galz.) M. P. Christ.	BR (AL)
<i>Trechispora farinacea</i> (Pers.: Fr.) Liberta	NE (PE, RN)
<i>Trechispora thelephora</i> (Lév.) Ryvar den	NE (AL, PB, PE, RN)
<i>Tubulicrinis chaetoporus</i> (Höhn.) Donk	BR (SE)
Ganodermataceae Donk	
<i>Amauroderma gusmanianum</i> Torrend	SE
<i>Amauroderma macrosporum</i> J. Furtado	NE (SE)

<i>Amauroderma omphalodes</i> (Berk.) Torrend	AL
<i>Amauroderma praetervisum</i> (Pat.) Torrend	
<i>Amauroderma schomburgkii</i> (Mont. & Berk.) Torrend	
<i>Amauroderma sprucei</i> (Pat.) Torrend	SE
<i>Ganoderma applanatum</i> (Pers.) Pat.	AL
<i>Ganoderma resinaceum</i> Boudier in Pat.	
<i>Ganoderma stiptatum</i> (Murr.) Murr.	NE (AL, PB, PE)
Hydnaceae Chev.	
<i>Auriscalpium villipes</i> (Lloyd) Snell & E. A. Dick	NE (PE)
<i>Climacodon pulcherrimus</i> (Berk. & M. A. Curtis) Nikol.	NE (PB, PE)
<i>Gloeodontia discolor</i> (Berk. & M. A. Curtis) Boidin	NE (PB, PE, RN)
Hymenochaetaceae Donk	
<i>Coltricia cinnamomea</i> (Jacq.) Murr.	NE (PB, PE, SE)
<i>Coltriciella navispora</i> Aime, Henkel & Ryvarden	BR (PB, PE)
<i>Cyclomyces iodinus</i> (Mont.) Pat.	PE
<i>Dichochaete ceratophora</i> (Job) Parmasto	NE (AL)
<i>Dichochaete setosa</i> (Sw.: Fr.) Parmasto	
<i>Hydnochaete peroxydata</i> (Berk. & M. A. Curtis) Dennis	NE (PE)
<i>Hymenochaete</i> aff. <i>pratensis</i> Viégas	NE (PB)
<i>Hymenochaete damicornis</i> (Link) Lév.	AL, PB, SE
<i>Hymenochaete leonina</i> Berk. & M. A. Curtis	NE (AL, PB, PE, RN)
<i>Hymenochaete luteobadia</i> (Fr.) Höhn. & Litsch.	AL, PB, RN, SE
<i>Hymenochaete pinnatifida</i> Burt.	NE (PB, PE)
<i>Hymenochaete rheicolor</i> (Mont.) Lév.	NE (PE)
<i>Inonotus venezuelicus</i> Ryvarden	BR (RN)
<i>Phellinus baccharidis</i> (Pat.) Pat.	BR (AL, PE, RN)
<i>Phellinus contiguus</i> (Pers.: Fr.) Pat.	AL
<i>Phellinus extensus</i> (Lév.) Pat.	PE
<i>Phellinus fastuosus</i> (Lév.) Ryvarden	AL, RN, SE
<i>Phellinus ferrugineo-velutinus</i> (Henn.) Ryvarden	NE (PB, PE, RN)

<i>Phellinus ferruginosus</i> (Fr.) Pat.	NE (PE, RN)
<i>Phellinus gilvus</i> (Schw.: Fr.) Pat.	AL, PB, RN, SE
<i>Phellinus grenadensis</i> (Murr.) Ryvar den	RN
<i>Phellinus maxonii</i> (Murr.) Reid	NE (PE, RN)
<i>Phellinus macrosporus</i> n. sp.	CI (PE)
<i>Phellinus melleoporus</i> (Murr.) Ryvar den	RN
<i>Phellinus membranaceus</i> Wright & Blumenf.	PE
<i>Phellinus neocallimorphus</i> n. sp.	CI (AL)
<i>Phellinus portoricensis</i> (Overh. in Seav. & Chard.) O. Fidalgo	AL
<i>Phellinus rhytiphloeus</i> (Mont.) Ryvar den	RN
<i>Phellinus rimosus</i> (Berk.) Pilát	PB, RN
<i>Phellinus roseocinereus</i> (Murr.) D. A. Reid	BR (PE)
<i>Phellinus shaferi</i> (Murr.) Ryvar den	BR (AL)
<i>Phellinus umbrinellus</i> (Bres.) Herr. & Bond. in Bond. & Herr.	AL, PB, PE, RN, SE
<i>Phellinus undulatus</i> (Murr.) Ryvar den	NE (AL)
<i>Phylloporia chrysitae</i> (Berk.) Ryvar den	RN
<i>Phylloporia pectinata</i> (Klotzsch) Ryvar den	RN
Lachnocladiaceae D. A. Reid	
<i>Lachnocladium schweinfurthianum</i> P. Henn.	AL, SE
<i>Scytinostroma duriusculum</i> (Berk. & Broome) Donk	NE (AL, PB, PE, RN, SE)
Podoscyphaceae D. A. Reid	
<i>Caripia montagnei</i> (Berk.) Kuntze	RN, SE
<i>Cymatoderma dendriticum</i> (Pers.) D. A. Reid	PB, SE
<i>Podoscypha bubalina</i> D. A. Reid	NE (PE)
<i>Podoscypha fulvo-nitens</i> D. A. Reid	
<i>Podoscypha mellisii</i> (Berk.: Sacc.) Pat.	BR (PE)
<i>Podoscypha nitidula</i> (Berk.) Pat. in Duss.	NE (PB, RN)
<i>Podoscypha ovalispora</i> D. A. Reid	NE (AL, PE, RN)
Polyporaceae Corda	
<i>Antrodiella angulatopora</i> Ryvar den	NE (AL)

<i>Antrodiella hydrophila</i> (Berk. & M. A. Curtis) Ryvarde	NE (AL)
<i>Antrodiella semisupina</i> (Berk. & M. A. Curtis) Ryvarde	NE (PE)
<i>Antrodiella mollis</i> n. sp.	CI (PE)
<i>Antrodiella versicutis</i> (Berk. & M. A. Curtis) Gilbn. & Ryvarde	NE (AL, PB, PE, RN, SE)
<i>Ceriporiopsis flavilutea</i> (Murr.) Ryvarde	BR (RN)
<i>Cerrena sclerodepsis</i> (Berk.) Ryvarde	NE (AL, SE)
<i>Corioloopsis badia</i> (Berk.) Murr.	BR (PE)
<i>Corioloopsis rigida</i> (Berk. & Mont.) Murr.	AL, PB, SE
<i>Daedalea aethalodes</i> (Mont.) Rajchenberg	AL, SE
<i>Datronia caperata</i> (Berk.) Ryvarde	AL, PB, RN, SE
<i>Datronia scutellata</i> (Schwein.) Gilb. & Ryvarde	NE (SE)
<i>Datronia stereoides</i> (Fr.: Fr.) Ryvarde	NE (PE, RN)
<i>Dichomitus cavernulosus</i> (Berk.) Masuka & Ryvarde	AL, PB, RN, SE
<i>Diplomitoporus navisporus</i> n. sp.	CI (PE)
<i>Earliella scabrosa</i> (Pers. in Gaud.) Gilbn. & Ryvarde	AL
<i>Echinochaete brachyporus</i> (Mont.) Ryvarde	AL, PB
<i>Flabellophora obovata</i> (Jungh.) Núñez & Ryvarde	AL, PB, RN, SE
<i>Fomes fasciatus</i> (Sw.: Fr.) Cooke	PB, RN, SE
<i>Fomitella supina</i> (Sw.: Fr.) Murr.	
<i>Fomitopsis cupreo-rosea</i> (Berk.) Carr. & Gilbn.	AL, SE
<i>Fomitopsis feei</i> (Fr.) Kreisel	PB
<i>Gloeophyllum striatum</i> (Swartz: Fr.) Murr.	RN
<i>Hexagonia hydnoides</i> (Sw.: Fr.) K. Fidalgo	AL, RN, SE
<i>Hexagonia papyracea</i> Berk.	AL, PB, RN, SE
<i>Irpex lacteus</i> (Fr.: Fr.) Fr.	NE (PE)
<i>Junghuhnia nitida</i> (Fr.) Ryvarde	NE (AL)
<i>Lentinus crinitus</i> (L.: Fr.) Fr.	AL, PB, RN, SE
<i>Lentinus velutinus</i> Fr.	RN
<i>Lenzites stereoides</i> (Fr.) Ryvarde	AL, PB, SE
<i>Navisporus terrestris</i> n. sp.	CI (RN)

<i>Nigrofomes melanoporus</i> (Mont.) Murr.	AL, PB
<i>Nigroporus vinosus</i> (Berk.) Murr.	PB
<i>Perenniporia aurantiaca</i> (A. David & Rajchenberg) Decock & Ryvar den	NE (AL, PB, PE, SE)
<i>Perenniporia contraria</i> (Berk. & M. A. Curtis) Ryvar den	NE (PE)
<i>Perenniporia martiusii</i> (Berk.) Ryvar den	PB, PE, RN
<i>Perenniporia medulla-panis</i> (Jacq.: Fr.) Donk	SE
<i>Polyporus dictyopus</i> Mont.	AL, RN, SE
<i>Polyporus grammocephalus</i> Berk.	AL, PB, PE, RN, SE
<i>Polyporus guianensis</i> Mont.	NE (PB, PE)
<i>Polyporus ianthinus</i> n. sp.	CI (PE)
<i>Polyporus leprieurii</i> Mont.	AL, PB, SE
<i>Polyporus tenuiculus</i> (Beauv.) Fr.	AL, RN, SE
<i>Polyporus tricholoma</i> Mont.	NE (AL)
<i>Polyporus virgatus</i> Berk. & M. A. Curtis	RN
<i>Pycnoporus sanguineus</i> (L.: Fr.) Murr.	AL, PB, SE
<i>Rigidoporus biokoensis</i> (Lloyd) Ryvar den	BR (AL, PE, SE)
<i>Rigidoporus lineatus</i> (Pers.) Ryvar den	AL, PB, PE
<i>Rigidoporus microporus</i> (Fr.) Overheem	AL, PB
<i>Rigidoporus vinctus</i> (Berk.) Ryvar den	NE (AL, PE)
<i>Schizopora flavipora</i> (Berk. & M. A. Curtis: Cooke) Ryvar den	NE (AL, PB, PE, RN)
<i>Schizopora paradoxa</i> (Schrad.) Donk	NE (AL, PB, PE)
<i>Skeletocutis lenis</i> (P. Karst.) Niemelä	NE (SE)
<i>Stiptophyllum erubescens</i> (Berk.) Ryvar den	NE (RN)
<i>Trametes cubensis</i> (Mont.) Sacc.	
<i>Trametes membranacea</i> (Sw.: Fr.) Kreisel	PB
<i>Trametes pavonia</i> (Hooker) Ryvar den	
<i>Trichaptum perrottetii</i> (Lév.) Ryvar den	PB
<i>Trichaptum sector</i> (Ehrenb.: Fr.) Kreisel	AL, PB

Schizophyllaceae Quélet	
<i>Schizophyllum commune</i> (Fr.: Fr.) Fr.	AL, PB, RN
Stereaceae Pilát	
<i>Lopharia cinerascens</i> (Schw.) Cunn.	AL, PB, RN
<i>Mycobonia flava</i> (Sw.: Berk.) Pat.	NE (AL)
<i>Stereum ostrea</i> (Blume & Nees: Fr.) Fr.	AL, PB, RN, SE
<i>Xylobolus frustulatus</i> (Pers.: Fr.) Boidin	NE (AL)

Polyporaceae apresentou maior número de gêneros e espécies (32 e 59, respectivamente), seguida por Hymenochaetaceae (nove e 34) e Corticiaceae (nove e 14). Ganodermataceae foi representada por dois gêneros e nove espécies e Podoscyphaceae, por três gêneros e sete espécies. Stereaceae, com quatro gêneros e quatro espécies, Hydniaceae (três e três), Lachnocladiaceae (dois e duas) e Schizophyllaceae (um e uma) apresentaram o menor número de espécies. Representantes de Ganodermataceae e de Hydniaceae não foram encontrados, respectivamente, no Rio Grande do Norte e em Sergipe. As demais famílias estiveram representadas em todos os estados pesquisados. O maior número de espécies observado em Polyporaceae, Hymenochaetaceae e Corticiaceae era esperado, pois essas famílias estão entre as que apresentam maior diversidade específica dentre os Aphylliphorales (Gilbertson 1980; Alexopoulos *et al.* 1996) e os dados corroboram estudos realizados sobre Basidiomycotina ou fungos macroscópicos no Brasil, principalmente os relativos à Polyporaceae (Fidalgo *et al.* 1965; Bononi 1984a, 1984b; Capelari & Maziero 1988; Sótão *et al.* 1991; Bononi 1992; Almeida-Filho *et al.* 1993; Gugliotta & Bononi 1999).

Dentre os 65 gêneros registrados, 40 foram representados por uma espécie. *Phellinus* apresentou o maior número de espécies (20), seguido de *Polyporus* (oito), *Hymenochaete* (seis) e *Amauroderma* (seis) (Tab. 1), o que era esperado para gêneros com grande número de espécies (Furtado 1981; Larsen & Cobb-Poule 1990; Núñez & Ryvarden 1995; Parmasto 2001). Entretanto, *Phanerochaete* (Corticiaceae), igualmente com grande número de representantes, apresentou poucas espécies, provavelmente devido ao fato de ter distribuição mais ampla em áreas temperadas (Burdson-Jr 1985; Wu 1990).

Nenhuma espécie foi comum a todas as áreas de estudo. *Datronia caperata*, *Hexagonia hydnooides*, *Lentinus crinitus*, *Phellinus gilvus* e *Scytinostroma duriusculum* ocorreram em 12 das 13 localidades. Além destas, *Antrodiella versicutis*, *Caripia montagnei*, *Dichomitus cavernulosus*, *Flabellophora obovata*, *Fomes fasciatus*, *Hymenochaete luteo-badia*, *Lopharia cinerascens*, *Polyporus grammacephalus* e *Stereum ostrea* ocorreram em todos os estados pesquisados.

A maior parte das espécies (69) apresentou de uma a três ocorrências durante as coletas, enquanto poucas (14) registraram número de ocorrências maior que 30. *Phellinus gilvus* (58), *Datronia caperata*

(53), *Flabellophora obovata* (48), *Stereum ostrea* (44) e *Lentinus crinitus* (42) apresentaram maior número de ocorrências, enquanto *Amauroderma macrosporum*, *A. schomburgkii*, *Antrodiella angulatopora*, *A. semisupina*, *A. mollis* n. sp., *Auriscalpium villipes*, *Corioloopsis badia*, *Datronia scutellata*, *Diplomitoporus navisporus* n. sp., *Gloeocystidiellum lactescens*, *Fomitopsis feei*, *Gloeophyllum striatum*, *Hydnochaete peroxydata*, *Hymenochaete* aff. *pratensis*, *H. rheicolor*, *Hypochnicium subrigescens*, *Inonotus venezuelicus*, *Irpex lacteus*, *Navisporus terrestris* n. sp., *Mycobonia flava*, *Perenniporia medulla-panis*, *Phanerochaete chryzorrhiza*, *P. velutina*, *Phellinus contiguus*, *P. grenadensis*, *P. melleoporus*, *P. portoricensis*, *P. rhytiphloeus*, *P. roseocinereus*, *P. shaferi*, *P. neocallimorphus* n. sp., *P. undulatus*, *Phlebia livida*, *P. queletii*, *Phylloporia chrysitata*, *Podoscypha bubalina*, *P. fulvo-nitens*, *P. mellisii*, *Polyporus tricholoma*, *P. virgatus*, *Skeletocutis lenis*, *Tubulicrinis chaetoporus* e *Xylobolus frustulatus* foram registradas apenas uma vez durante o período de coleta, indicando que possam ser espécies raras. A ocorrência de poucas espécies comuns e muitas raras foi observada por Lindblad (1998, 2001), sendo sugerido que as espécies raras apresentem essa condição devido às populações serem esparsas ou ao habitat ser raro.

Seis espécies foram consideradas novas para a ciência, quatro representantes de Polyporaceae (*Antrodiella mollis* n. sp., *Diplomitoporus navisporus* n. sp., *Navisporus terrestris* n. sp., *Polyporus ianthinus* n. sp.) e duas de Hymenochaetaceae (*Phellinus macrosporus* n. sp. e *P. neocallimorphus* n. sp.). Apesar de três terem sido encontradas em áreas ainda não estudadas para Aphyllophorales (RPPN Fazenda São Pedro, Refec Charles Darwin e RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela), três foram encontradas na Resec Dois Irmãos, onde Aphyllophorales haviam sido coletados em estudos anteriores (Batista 1949; Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003). Este fato pode ser em decorrência aos diversos fatores que afetam o surgimento dos basidiomas. Estimativas para florestas temperadas sugerem visitas semanais durante o período de cinco a dez anos para uma avaliação mais precisa sobre os padrões de frutificação e real conhecimento da diversidade de macromicetos numa mesma área (Watling 1995).

Pernambuco foi o estado com o maior diversidade específica (86) e também com maior número de espécies que não ocorreram nos outros estados pesquisados (17), seguido por Alagoas (65 e 15). Na Paraíba foram registradas 57 espécies, das quais quatro não ocorreram nos outros estados, enquanto o Rio Grande do Norte apresentou 59 espécies, nove das quais foram exclusivas a este estado. Em Sergipe, foi registrado menor número de espécies (37), das quais seis foram encontradas apenas neste estado.

A RPPN Fazenda São Pedro apresentou maior diversidade específica, com 56 espécies registradas, seguida pela Rebio Saltinho (54), pela Resec de Gurjaú (52), pela Resec Dois Irmãos (47) e pela RPPN Engenho Gargaú (43). No Refec Charles Darwin e na Esec Serra de Itabaiana foram registradas 37 espécies, enquanto 33 foram coletadas na RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, 28 na Flona Nísia Floresta, 27 na Rebio Guaribas e 26 na Mata do Buraquinho. Houve menor número de espécies na RPPN

Fazenda Pacatuba (14) e na RPPN Rosa do Sol (19). A RPPN Fazenda São Pedro registrou o maior número de espécies que ocorreram apenas nessa reserva (14), seguida pela Esec Serra de Itabaiana, RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela e pelo Resec Dois Irmãos, todos com seis espécies exclusivas. A Resec de Gurjaú apresentou cinco espécies exclusivas enquanto a Flona Nísia Floresta, a Rebio Saltinho e a RPPN Engenho Gargaú apresentaram quatro espécies exclusivas. Na Refec Charles Darwin foram coletadas três espécies que não ocorreram em outras áreas. A RPPN Rosa do Sol, a Mata do Buraquinho, a Rebio Guaribas e a RPPN Fazenda Pacatuba não apresentaram espécies exclusivas.

A escassez de trabalhos sobre Aphylophorales no Brasil dificulta a comparação da ocorrência de representantes dessa ordem entre as localidades estudadas. Isto ocorre principalmente devido ao fato dos trabalhos envolverem apenas determinados gêneros ou famílias de Aphylophorales. Recentemente, Gugliotta & Bononi (1999) relacionam 32 espécies de Polyporaceae na Ilha do Cardoso (São Paulo), das quais 23 foram encontradas neste trabalho. Posteriormente, Ryvardeen & Meijer (2002) encontram 154 espécies de fungos poliporóides no estado do Paraná, das quais 54 foram registradas neste trabalho. No Nordeste, Cavalcanti (1976) relata a ocorrência de 40 espécies de basidiomicetes poliporóides em coletas realizadas entre agosto de 1973 e março de 1976 em 25 municípios da Zona da Mata de Pernambuco. Dentre essas espécies, 28 são comuns a este trabalho. Posteriormente, Góes-Neto (1999) fornece uma revisão crítica dos fungos poliporóides coletados na Bahia no período de 1836 a 1998, registrando a ocorrência de 139 espécies, das quais 42 foram registradas neste trabalho. Gibertoni & Cavalcanti (2003) relatam a ocorrência de 40 espécies de Aphylophorales em áreas de Mata Atlântica de Pernambuco, das quais 32 estão relacionadas neste trabalho. Poucos fungos corticióides (dois) foram comuns aos registrados no Brasil e depositados no herbário SP (Hjortstam & Bononi 1986). Igualmente, poucos fungos hidnóides (um) foram comuns aos registrados por Bononi (1981) na região amazônica.

De modo geral, ordem Aphylophorales está bem representada em áreas de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil, uma vez que aproximadamente 11% das espécies englobadas pela ordem foram coletadas nessa região. Entretanto, a Mata Atlântica no Nordeste ainda é carente de estudos sobre esses fungos, pois no presente trabalho foram registradas espécies novas para a ciência e novas ocorrências para os estados, para a região e também para o país.

Chave para identificação das famílias de Aphyllophorales encontradas

1. Basidioporos amarelados a marrons, com parede dupla, parede interna ornamentada geralmente com espinhos; basidiomas pileados, superfície himenial poróide **Ganodermataceae**
- 1'. Basidiosporos hialinos ou amarelados a marrons, com parede simples, fina ou espessa, lisa ou ornamentada; basidiomas ressupinados, clavarióides ou pileados, superfície himenial lisa a poróide ... 2
2. Microestruturas xantocróicas, setas freqüentemente presentes, basidiosporos hialinos a marrons **Hymenochaetaceae**
- 2'. Microestruturas não xantocróicas, setas ausentes, basidiosporos hialinos 3
3. Dicohifas presentes, dextrinóides **Lachnocladiaceae**
- 3'. Dicohifas ausentes 4
4. Superfície himenial lisa, enrugada ou odontióide, se poróide, borda do dissepimento fértil 5
- 4'. Superfície himenial denteada, poróide (bordas do dissepimento estéril) ou lamelada 7
5. Basidioma estipitado, espatulado a infundibuliforme, superfície himenial lisa a enrugada, gleocistídios sempre presentes, basidiosporos lisos, inamilóides **Podoscyphaceae**
- 5'. Basidioma ressupinado, efuso-reflexo, séssil, subestipitado a estipitado, superfície himenial lisa, odontióide ou poróide, gleocistídios presentes ou ausentes, basidiosporos lisos ou ornamentados, amilóides ou inamilóides 6
6. Basidioma, quando ressupinado, acantohifídios ausentes, quando séssil, superfície himenial poróide, ou quando estipitado, superfície himenial lisa, odontióide ou poróide, basiosporos lisos ou ornamentados **Corticaceae**
- 6'. Basidioma, quando ressupinado, acantohifídios presentes, efuso-reflexo, séssil ou subestipitado, superfície himenial lisa, basidiosporos lisos **Stereaceae**
7. Superfície himenial denteada, basidiosporos lisos ou ornamentados, amilóides ou inamilóides **Hydnaceae**
- 7'. Superfície himenial poróide, ocasionalmente irpicóide ou lamelada, basidiosporos lisos, inamilóides 8
8. Sistema hifálico monomítico, superfície himenial lamelada,..... **Schizophyllaceae**
- 8'. Sistema hifálico raramente monomítico, freqüentemente di ou trimítico, superfície himenial poróide, ocasionalmente lamelada (então dimítico) ou irpicóide,..... **Polyporaceae**

4.1.1. Referências Bibliográficas

- Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.
- Alexopoulos, C. J.; Mims, C. W. & Blackwell, M. 1996. **Introductory Mycology**. 4th ed., John Wiley and Sons, Inc., Nova York , 868p.
- Almeida-Filho, O. M.; Bueno, R. & Bononi, V. L. R. 1993. Alguns espécies de fungos basidiomicetos dos manguezais do estado de São Paulo. **Hoehnea** **20**(1/2): 87-92.
- Batista, A. C. 1949. Espécies de *Amauroderma* do Jardim Zoo-Botânico de Dois Irmãos, Recife. **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio** **16**: 122-133.
- Bononi, V. L. R. 1981. Alguns basidiomicetos hidnóides da região Amazônica. **Rickia** **9**: 13-30.
- Bononi, V. L. R. 1984b. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: IV. Adições às famílias Hymenochaetaceae, Stereaceae e Thelephoraceae. **Rickia** **11**: 43-52.
- Bononi, V. L. R. 1992. Fungos macroscópicos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Hoehnea** **19**(1/2): 31-37.
- Burdsall-Jr., H. H. 1985. A contribution to the taxonomy of the genus *Phanerochaete* (Corticaceae, Aphyllophorales). **Mycologia Memoir** **10**: 1-165.
- Capelari, M. & Maziero, R. 1988. Fungos macroscópicos do estado de Rondônia, região dos rios Jaru e Ji-Paraná. **Hoehnea** **15**: 28-36.
- Cavalcanti, M. A. Q. 1976. **Introdução ao conhecimento dos basidiomicetos poliporóides da Zona da Mata de Pernambuco**. Tese de Livre-Docência, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 200p.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllophorales. **Persoonia** **3**: 199-324.
- Fidalgo, O.; Fidalgo, M. E. P. K. & Furtado, J. S. 1965. Fungi of the “cerrado” region of São Paulo. **Rickia** **2**: 55-71.
- Furtado, J. S. 1981. Taxonomy of *Amauroderma* (Basidiomycetes, Polyporaceae). **Memoirs of the New York Botanical Garden** **34**: 1-109.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. A mycological survey of the Aphyllophorales (Basidiomycotina) of the Atlantic Rain Forest in the State of Pernambuco, Brazil. **Mycotaxon** **89**: 203-211.
- Gilbertson, R. L. 1980. Wood-rotting fungi of North America. **Mycologia** **72**(1): 1-49.
- Góes-Neto, A. 1999. Polypore diversity in the State of Bahia, Brazil: a historical review. **Mycotaxon** **72**: 43-56.
- Gugliotta, A. M. & Bononi, V. L. R. 1999. Polyporaceae do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, São Paulo, Brasil. **Boletim do Instituto de Botânica** **12**: 1-112.

- Harrison, K. A. 1973. Aphyllophorales III. Hydnaceae and Echinodontiaceae. Pp. 369-395. In: Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.
- Hjortstam, K. & Bononi, V. L. R. 1986. Fungos corticióides do Brasil (Aphyllophorales). **Rickia** **13**: 113-125.
- Larsen, M. & Cobb-Poule, L. A. 1990. **Phellinus (Hymenochaetaceae) - A survey of the world taxa**. Synopsis Fungorum 3, Fungiflora, Oslo, 206 p.
- Lindblad, I. 1998. Wood-inhabiting fungi on fallen logs of Norway spruce: relations to forest management and substrate quality. **Nordic Journal of Botany** **18**: 243-255.
- Lindblad, I. 2001. **Diversity and distribution of wood-inhabiting Basidiomycetes on decomposing logs-examples from tropical and boreal forests**, Tese de Doutorado, Universidade de Oslo, 126p.
- Núñez, M. & Ryvardeen, L. 1995. **Polyporus (Basidiomycotina) and related genera**. Synopsis Fungorum 10, Fungiflora, Oslo, 85p.
- Parmasto, E. 2001. Hymenochaetoid fungi (Basidiomycota) of North America. **Mycotaxon** **79**: 107-176.
- Pegler, D. N. 1973. Aphyllophorales IV. Poroid families. Pp. 397-420. In: Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.
- Petersen, R. H. 1973. Aphyllophorales II. The clavarioid and chantarelloid basidiomycetes. Pp. 351-368. In: Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.
- Ryvardeen, L. & Meijer, A. A. R. 2002. Studies in neotropical polypores 14. New species from the State of Paraná, Brazil. **Synopsis Fungorum** **15**: 34-69.
- Sótão, H. M. P.; Bononi, V. L. R. & Figueiredo, T. S. 1991. Basidiomycetes de manguezais da Ilha de Maracá, Amapá, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, sér. bot.** **7(1)**: 109-114.
- Talbot, P. H. B. 1973. Aphyllophorales I: General characteristics. Thelephoroid and cupuloid families. Pp. 327-349. In: Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.
- Watling, R. 1995. Assessment of fungal diversity: macromycetes, the problems. **Canadian Journal of Botany** **73**(Suppl. 1): S15-S24.
- Wu, S. H. 1990. The Corticiaceae (Basidiomycetes) subfamilies Phlebioideae, Phanerochaetoideae and Hyphodermoideae in Taiwan. **Acta Botanica Fennica** **142**: 1-123.

4.2. Descrições das espécies de Aphyllophorales registradas em áreas de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil

4.2.1. Corticiaceae Herter

Quando a família Thelephoraceae, proveniente da “ordem” Thelephorei de Fries, foi revisada, teve grande parte de seus gêneros desprovida de uma família. Esses gêneros foram transferidos provisoriamente para Corticiaceae, um grupo extremamente grande, diverso e claramente artificial (Donk 1964). Em seu trabalho de reorganização das famílias de Aphyllophorales, Donk (1964) caracteriza a família Corticiaceae como um grupo de fungos com basidioma estritamente ressupinado, embora admita vários gêneros que desviam da descrição original da família, gêneros esses com basidioma efuso-reflexo e até mesmo cupulóide ou estipitado, de aspecto aracnóide, membranoso, cotonoso, pruinoso, gelatinoso, raramente rígido. A superfície himenial é geralmente lisa, mas pode apresentar-se merulióide, poróide, granular a denteada. O contexto é monomítico, raramente dimítico, e cistídios e/ou hifídios podem estar presentes no himênio e no trama. Os basidiosporos são geralmente lisos e inamilóides, mas em algumas espécies podem apresentar ornamentação e amiloidia. Atualmente, vários dos representantes de Corticiaceae encontram-se distribuídos por várias outras ordens e famílias (Hawksworth *et al.* 1995; Kirk *et al.* 2001).

No Brasil, Corticiaceae *sensu lato* foi estudada por Hjortstam & Bononi (1986), mas várias espécies são citadas nos trabalhos de Theiszen (1911), Torrend (1938), Viégas (1945), Bononi *et al.* (1981), Hjortstam & Ryvarde (1982; 1993; 1997; 2002a, 2002b), Bononi (1984; 1992), Rajchenberg (1987), Silveira & Guerrero (1991), Galán *et al.* (1993), Jesus (1993; 1996), Larsson (1994), Hjortstam (1995), Ryvarde (2002) e Ryvarde & Meijer (2002).

Neste trabalho, foram registradas nove gêneros e 14 espécies de Corticiaceae *sensu lato* nos estados de Sergipe, Alagoas Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Chave para identificação de gêneros

1. Superfície himenial poróide 2
- 1'. Superfície himenial lisa, pruinosa, grandinióide, odontióide ou denteada 3
2. Basidioma séssil, basidiosporos alantóides, 3,6-4,5 x 0,9µm *Gloeoporus*
- 2'. Basidioma ressupinado, basidiosporos elípticos, 4,5-6,3 x 2,5-3,6µm *Grammothele*
3. Basidiosporos verruculosos ou equinulados *Trechispora*
- 3'. Basidiosporos lisos 4

4. Gleocistídios presentes	5
4'. Gleocistídios ausentes	6
5. Basidiosporos cianófilos, com parede espessa, 4,5-5,4µm	<i>Hypochnicium</i>
5'. Basidiosporos amilóides, com parede fina, 7,5-8,0 x 5,0µm	<i>Gloeocystidiellum</i>
6. Liocistídios amilóides e cistídios capitados presentes	<i>Tubulicrinis</i>
6'. Liocistídios amilóides ausentes, outros tipos de cistídios presentes ou ausentes	7
7. Cistídios presentes, hifas incrustadas no contexto	<i>Hyphodermella</i>
7'. Cistídios ausentes ou presentes, hifas incrustadas ausentes	8
8. Superfície himenial lisa ou denteada, cistídios ventricosos não incrustados, obtusos ou acuminados incrustados, 18,0-90,0 x 4,5,0-15,0µm	<i>Phanerochaete</i>
8'. Superfície himenial grandinióide a denteada, cistídios, quando presentes, fusiformes e incrustados, 15,0-20,0 x 4,5-6,3µm	<i>Phlebia</i>

Gloeocystidiellum lactescens (Berk.) Boidin,

Comptes Rendus de l'Academie des Sciences de Paris 233: 1668, 1951

Basiônimo: *Thelephora lactescens* Berk. in Hooker, Eng. Flora 5 (2): 169, 1836

(Fig. 1, 14)

Sinônimos:

Corticium lactescens Berk., Out. Brit. Fung. p. 274, 1860

Corticium brinkmanni Bres. in Brinkmann, Westfälische Prov. Vereins f. Wiss. u. Kunst Jahrberrichte 26: 128, 1898

Gloeocystidium lactescens (Berk.) Höhn. & Litsch., Wiesner Festschrift: 68, 1908

Gloiothele lactescens (Berk.) Hjortstam, Windahlia 17: 58, 1987

Megalocystidium lactescens (Berk.) Jülich, Persoonia 10 (1): 140, 1978

Vesiculomyces lactescens (Berk.) Boidin & Lanq., Mycotaxon 16 (2): 493, 1983

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial lisa, MP1oC3 (Vanilla), MP11E5 (Raffia), MP15H9, com rachaduras quando seca. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 1,0-2,0µm. Gleocistídios hialinos, 55,0-90,0 x 3,0-7,0µm. Basídios clavados, 5,0-7,0µm. Basidiosporos hialinos, subglobosos, com parede fina e lisa, 7,5 x 5,0µm, amilóides.

Material examinado: Pernambuco: Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Eucalyptus* sp. (eucalipto) em decomposição: III/2002 (URM77480).

Distribuição: Europa e América (Burt 1926) e Sibéria Central (Zhukoff 1995).

Discussão: Os gleocistídios e os esporos amilóides caracterizam a espécie. Encontrada anteriormente em São Paulo (Hjortstam & Bononi 1986), trata-se de novo registro para o Nordeste.

Gloeoporus dichrous (Fr.) Bres.,

Hedwigia 53: 74, 1913

Basiônimo: *Polyporus dichrous* Fr., Syst. Mycol. 1: 364, 1821

(Fig. 2, 15)

Sinônimos:

Bjerkandera dichroa (Fr.) P. Karst., Meddn Soc. Fauna Flora fenn. 5: 38, 1880

Gloeoporus candidus Speg., Anales Soc. Ci. Argent. 17: 70, 1884

Caloporus dichrous (Fr.) Ryvardeen, J. Mus. Godeffroy 1: 109, 1976

Basidioma pileado, séssil, cartilaginoso quando fresco, coriáceo quando seco. Superfície abhimental tomentosa a glabra, MP10E3. Contexto reduzido, MP10E3. Superfície himental poróide, MP48C1 (Wrought Iron), MPE1, 4-5 poros/mm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina a espessa, 2,5µm. Basídios clavados, 14,0-20,0 x 3,0-4,0µm. Basidiosporos hialinos, alantóides, com parede fina e lisa, 3,6-4,5 x 0,9µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77575), I/2002 (URM77482), III/2002 (URM77483); **Pernambuco:** Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, PE, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77481).

Distribuição: Cosmopolita (Gilbertson & Ryvardeen 1987).

Discussão: *G. dichrous* é caracterizada pela superfície himental escura e pelo contexto esbranquiçado e diferencia-se das demais espécies de *Gloeoporus* pela presença de grampo de conexão. Encontrada anteriormente no Amazonas, Minas Gerais (Theissen 1911), Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), São Paulo (Bononi *et al.* 1981), Rio Grande do Sul (Rajchenberg 1987) e Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991), trata-se de nova referência para o Nordeste.

Chave para identificação de espécies de *Grammothele*

- 1. Himênio presente apenas na base dos tubos, basidiosporos 4,5-5,4 x 2,5µm *G. lineata*
- 1'. Himênio presente em toda a extensão dos tubos, basidiosporos 5,4-6,3 x 3,6µm *G. subargentea*

Grammothele lineata Berk. & M. A. Curt.,

Sinônimos:

Grammothele grisea Berk. & M. A. Curt., Jour. Linn. Soc. 10: 327, 1868

Grammothele polygramma Berk. & M. A. Curt., Jour. Linn. Soc. 10: 327, 1868

Grammothele mappa Berk. & M. A. Curt., Jour. Linn. Soc. 10: 327, 1868

Polyporus hydnoporus Berk., Videnskab. Medd. For. Köbenh. p. 751, 1879-80

Porogramme duporti Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 29: 208, 1913

Grammothele cinerascea Bres., Hedwigia 56: 299, 1915

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP5C7 (Misty Morn), MP13A3 (Cuban Sand-, Folkstone), MP15C4 (Pelt+, Pampas), 4-5 poros/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina, 1,5-2,5µm; hifas esqueléteas hialinas a marrons, parede espessa a sólida, 2,5µm, dextrinóides. Dendrohidídeos presentes, mas difíceis de serem observados. Basídios clavados, 12,0-18,0 x 5,0-7,0µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, com parede fina e lisa, 4,5-5,4 x 2,5µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77576), XI/2001 (URM77484), I/2002 (URM77485), III/2002 (URM77486); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77487).

Distribuição: Pantropical (Ryvarden & Johansen 1980).

Discussão: Os basidiosporos menores, o himênio ausente das paredes dos tubos e a presença de fascículos de hifas formando o dissepimento diferenciam *G. lineata* de *G. subargentea*. Encontrada anteriormente no Rio Grande do Sul (Rajchenberg 1987) e em Roraima (Jesus 1996), trata-se de novo registro para o Nordeste.

Grammothele subargentea (Speg.) Rajchenberg

Mycotaxon 17: 280, 1983

Basiônimo: *Poria subargentea* Speg., Rev. Argent. Hist. Nat. 1: 104, 1891

Sinônimo:

Poria pavonina Bres., Hedwigia 35: 282, 1896

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP4B1, MP7C8 (Mauve Taupe, Copra), 5-6 poros/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina, 1,5-2,5 μ m; hifas esqueléteas hialinas a marrons, parede espessa a sólida, 1,0-2,5 μ m, dextrinóides. Dendrohidídios presentes, mas difíceis de serem observados. Basídios clavados, 12,0-18,0 x 5,0-7,0 μ m. Basidiosporos hialinos, elípticos, com parede fina e lisa, 5,4-6,3 x 3,6 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77490); **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77489); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Thyrsodium schomburgkianum* (cabatã de leite) em decomposição: V/2002 (URM77488); **Pernambuco:** Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77491).

Distribuição: Argentina (Rajchenberg 1983), Brasil, Granada, Nicarágua e Porto Rico (Lowe 1963).

Discussão: *G. subargentea* difere de *G. lineata* pelos basidiosporos maiores e pelo himênio que se estende pelas paredes dos tubos. Encontrada anteriormente no Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), em São Paulo (Bononi *et al.* 1981) e Roraima (Jesus 1996), trata-se de nova referência para o Nordeste.

Hyphodermella corrugata (Fr.) Eriksson & Ryvarden,

Cort. N. Eur. 4: 579, 1976

Basônimo: *Grandinia corrugata* Fr., Hym. Eur. p. 625, 1874

(Fig. 5, 18)

Sinônimos:

Odontia corrugata (Fr.) Bres., Atti Imp. Regia Accad. Rovereto, ser. 3 3 (1): 98, 1897

Odontia fibrosissima Rick, Iheringia, Série Botânica 5: 163, 1959

Odontia horridissima Rick, Iheringia, Série Botânica 5: 155, 1959

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial grandinióide, MP9G4, 7-8 acúleos/mm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina a levemente espessa, 2,5-4,5 μ m; hifas incrustadas presentes, principalmente no subículo. Cistídios com parede fina a levemente espessa, apicalmente incrustados, hialinos, 20,0-25,0 x 5,5-8,0 μ m. Basídios clavados, 25,0-30,0 x 7,0-10,0 μ m. Basidiosporos hialinos, elípticos, com parede fina, lisos, 5,4-8,0 x 3,6-4,5 μ m.

Material examinado: **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77494); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77493).

Distribuição: Pantemperada a subtropical (Wu 1990).

Discussão: Gênero monoespecífico, pode ser caracterizado pela superfície himenial grandinióide e pelas hifas incrustadas. No material examinado, foram observados cistídios e grampos de conexão, ao contrário do relatada por Wu (1990). Encontrada anteriormente no Rio Grande do Sul (Hjortstam & Ryvar den 1982), trata-se da primeira registro para o Nordeste.

Hypochnicium subrigescens Boidin,
Cahiers de La Maboké 9 (2): 90, 1971

(Fig. 6, 19)

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial lisa, MP10C2. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina, 1,0-2,0µm. Gleocistídios 5,0-7,0µm de largura. Basídios clavados, 15,0-20,0 x 5,0-7,0µm. Basidiosporos hialinos, globosos, com parede levemente espessa e lisa, 4,5-5,4µm, cianófilos.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77495).

Distribuição: Pantropical (Ryvarden, com. pessoal).

Discussão: Os basidiosporos cianófilos com parede levemente espessa diferenciam *H. subrigescens* das demais espécies corticióides encontradas. Trata-se da primeira referência para o Brasil.

Chave para identificação de espécies de *Phanerochaete*

1. Cistídios ventricosos não incrustados, 18,0-40,0 x 4,5-6,0µm *P. chrysorhiza*
1. Cistídios obtusos ou acuminados incrustados, 25,0-90,0 x 7,0-15,0µm 2
2. Cistídios obtusos, 25,0 x 7,5-15,0µm, basidiosporos 3,6-4,5 x 1,8-2,7µm *P. ravenelii*
- 2'. Cistídios acuminados, 60,0-90,0 x 7,0µm, basidiosporos 5,4-6,3 x 2,7µm *P. velutina*

Phanerochaete chrysorhiza (Torr.) Budington & Gilb.,
Southwest Naturalist 17 (4): 417, 1973

Basiônimo: *Hydnum chryzorhizum* Torrey in Eaton, Manual Bot. 3: 309, 1822

(Fig. 7, 20)

Sinônimos:

Oxydontia chrysorhiza (Torr.) D. P. Rogers & K. J. Martin, Mycologia 50 (2): 308, 1958

Mycoacia chrysorhiza (Torr.) Aoshima & H. Furuk., Trans. Mycol. Soc. Japan 7 (2-3): 135, 1966

Hydnophlebia chryzorhizon (Torr.) Parmasto, Eesti NSV Teaduste Akadeemia Toimetised, Biologia 16 (4): 384, 1967
Grandiniella chryzorhiza (Torr.) Burds, Taxon 26: 329 1977
Hydnum fragilissima Berk. & M. A. Curtis, Grevillea 1 (7): 100, 1873
Acia fragilissima (Berk. & M. A. Curtis) Pat., Essai tax. 69, 1900
Oxydontia fragilissima (Berk. & M. A. Curtis) L. W. Mill., Mycologia 25: 294, 1933
Odontia fragilissima (Berk. & M. A. Curtis) C.A. Brown, Bot. Gaz. 96: 659, 1935
Mycoacia fragilissima (Berk. & M. A. Curtis) L. W. Mill. & J. S. Boyle, Stud. Nat. Hist. Iowa Univ. 18 (2): 42, 1943
Sarcodontia fragilissima (Berk. & M. A. Curtis) Nikol., Fl. pl. crypt. URSS 6 (2): 184, 1961
Caldesiella fragilissima (Berk. & M. A. Curtis) Trotter, Syll. fung. 26: 663, 1972
Hydnum chrysocomum Underw., Bull. Torrey Bot. Club 24: 82, 1897
Hydnum ischnodes Berk., Grevillea 1 (7): 101, 1873
Acia chrysocoma (Underw.) Pat., Essai tax. 69, 1900

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido, frouxo. Superfície himenial denteada, MP13I9, MP14E12, 4 acúleos/mm. Margem fimbriada, MP9G3. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 5,0-7,5µm. Cistídios ventricosos, 18,0-40,0 x 4,5-6,0µm. Basídios clavados, 12,5 x 2,5-5,0µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, com parede fina e lisa, 2,7 x 1,8µm.

Material examinado: **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2001 (URM77492).

Distribuição: Leste da América do Norte (Burdsall-Jr. 1985).

Discussão: A coloração amarelo brilhante e a superfície himenial denteada são características da espécie. Trata-se do primeiro registro para o Brasil.

Phanerochaete ravenelii (Cooke) Burds.,
Mycologia Mem. (St. Paul) 10: 104, 1985

Basiônimo: *Peniophora ravenelii* Cooke, Grevillea 8 (45): 21, 1879

(Fig. 8, 21)

Sinônimos:

Membranicium ravenelii (Cooke) Y. Hayashi, Bull. Govt Forest Exp. Stn Meguro 260: 71, 1974

Phlebiopsis ravenelii (Cooke) Hjortstam, Windahlia 17: 58, 1987

Scopuloides ravenelii (Cooke) Boidin, Lanq. & Gilles, Cryptogamie, Mycologie 14 (3): 205, 1993

Corticium roumeguerii Bres., Fung. Trid. 2: 36, 1898

Kneiffia roumeguerii (Bres.) Bres., Ann. Mycol. 1: 103, 1903

Peniophora roumeguerii (Bres.) Hoehn. & Litsch., Sitzungsab. Keiserl. Akad. Wiss. Wien Math. Nat. Kl. 115: 1581, 1906

Phlebia roumeguerii (Bres.) Donk, Fungus 27: 12, 1957

Metulodontia roumeguerii (Bres.) Parm., Consp. Syst. Cort.: 118, 1968

Phlebiopsis roumeguerii (Bres.) Jülich & Stalpers, Verh. Kon. Ned. Acad. Wet. Nat. Ser. 2, 74: 190, 1980

Peniophora molleriana Bres. in Sacc., Bol. Soc. Broteriana 11: 13, 1893

Corticium molleriana (Bres.) Hoehn. & Litsch., Sitzungsab. Keiserl. Akad. Wiss. Wien Math. Nat. Kl. 117: 1092, 1908

Peniophora stratosa Burt, Ann. Missouri Bot. Gard. 12: 273, 1925

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido, frouxo. Superfície himenial lisa, MP11B6 (Sundown, Yosemite+). Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina a levemente espessa, 2,7-3,6µm. Cistídios obtusos e incrustados, 25,0 x 7,5-15,0µm. Basídios cilíndricos, 20,0 x 2,5-5,0µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, com parede fina e lisa, 3,6-4,5 x 1,8-2,7µm, gutulados.

Material examinado: **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2001 (URM77496); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77497).

Distribuição: Sul da Europa e da América do Norte (Burdall-Jr. 1985).

Discussão: Os cistídios obtusos e incrustados caracterizam *P. ravenelii*. Trata-se da primeira referência para o Brasil.

Phanerochaete velutina (Pers.: Fr.) Karsten

Krit. Finlands Basidsv. III: 33, 1898

Basiônimo: *Thelephora velutina* DC., Flora Française, Edn 3 6: 33, 1815

(Fig. 9, 22)

Sinônimos:

Athelia velutina Pers. Mycol. Eur. 1: 85, 1822

Thelephora velutina Pers.: Fr., Elench. Fung. 1: 203, 1828

Corticium velutinum (Pers.: Fr.) Fr., Epicr. Syst. Mycol.: 561, 1838

Peniophora velutina (Pers.: Fr.) Cooke, Grevillea 8 (45): 21, 1879

Kneiffia velutina (Pers.: Fr.) Bres., Anns mycol. 1: 101, 1903

- Phanerochaete velutina* (Pers.: Fr.) Parmasto, *Conspectus Systematis Corticiacearum*: 82, 1968
- Phanerochaete velutina* (Pers.: Fr.) Donk in Hayashi, *Bull. Gov. For. Exp. Sta., Meguro* 260: 38, 1974
- Membranidium velutina* (Pers.: Fr.) J. Erikss.: Hayashi, *Bull. Govt. Forest Exp. Stn Meguro* 260: 39, 1974
- Grandiniella velutina* (Pers.: Fr.) Burds., *Taxon* 26: 329, 1977
- Corticium decolorans* Karst., *Bidr. Känn. Finl. Nat. Folk* 37: 144, 1882
- Corticium rhodellum* Peck, *Rep. New. York State Mus.* 42: 124, 1889
- Peniophora rhodella* (Peck) Sacc., *Syll. Fyng.* 9: 239, 1891
- Peniophora karstenii* Mass., *J. Linn. Soc. Bot.* 25: 153, 1889 (1890)
- Peniophora leprosa* (Bourd & Galzin) Parmasto, *Consp. Syst. Cort.*: 83, 1968
- Peniophora rhodochroa* Bres., *Mycologia* 17: 70, 1925
- Peniophora phosphorescens* Burt, *Ann. Missouri Bot. Gard.* 12: 273, 1925 (1926)
- Phanerochaete phosphorescens* (Burt) Welden in Pugunu et al., *Mycotaxon* 10: 445, 1980
- Phanerochaete velutina* (Pers.: Fr.) Karst. var. *cremicolor* Parmasto, *Eesti NSV Tead. Akad. Toim. Biol.* 16: 389, 1967
- Phanerochaete velutina* (Pers.: Fr.) Karst. var. *cremicolor* Parmasto, *Consp. Syst. Cort.*: 222, 1968

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido, frouxo. Superfície himenial lisa, MP10E3. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina a espessa, 4,5-7,0µm. Cistídios acuminados e incrustados, 60,0-90,0 x 7,0µm. Basídios clavados, 9,0-15,0 x 3,6-4,5µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, com parede fina e lisa, 5,4-6,3 x 2,7µm.

Material examinado: Paraíba: RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2001 (URM77498).

Distribuição: Hemisfério Norte (Burdsall-Jr. 1985).

Discussão: Os cistídios acuminados e incrustados caracterizam *P. velutina*. Trata-se do primeiro registro para o Brasil.

Chave para identificação de espécies de *Phlebia*

1. Cistídios ausentes, basidiosporos alantóides *P. livida*
- 1'. Cistídios presentes, basidiosporos ovóides a elípticos *P. queletii*

Phlebia livida (Pers.: Fr.) Bresadola,

I. R. *Accad. Agiati Atti* III 3: 105, 1897

Basiônimo: *Corticium lividum* Pers.: Fr., *Epicr.* p. 563, 1838

Sinônimos:

Thelephora livida (Pers.) Fr., *Observ. Mycol.* 2: 276, 1818

Grandinia ocellata Fr., *Epicr.* p. 527, 1838

Terana livida (Pers.: Fr.) O. Kuntze, *Rev. Gen. Plant.* 2: 872, 1891

Merulius lividus (Pers.) Park. -Rhodes, *Ann. Bot.* 20 (78): 258, 1956

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial grandinióide, MP8E9 (Negro), 5 acúleos/mm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina a levemente espessa, 2,5-5,0 μ m. Basídios clavados, 12,5-17,5 x 4,0-5,0 μ m. Basidiosporos não observados, mas “hialinos, alantóides, com parede fina, lisos, 4,0-6,0 x 1,5-2,5 μ m” (Lombard *et al.* 1975).

Material examinado: Pernambuco: Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77499).

Distribuição: Europa e América (Burt 1926; Lombard *et al.* 1975) e Sibéria central (Zhukoff 1995).

Discussão: Encontrada anteriormente em São Paulo (Bononi *et al.* 1981), trata-se da primeira referência da espécie no Nordeste.

Phlebia queletii (Bourd. & Galz.) M. P. Christ.,

Danish Resupinate Fungi p. 176, 1960

Basônimo: *Odontia queletii* Bourd. & Galz., *Hym. Fr.* p. 346, 1912

(Fig. 10, 24)

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial denteada, MP9C3, 8-9 acúleos/mm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 2,5-4,0 μ m. Cistídios fusiformes e incrustados, abundantes, 15,0-20,0 x 4,5-6,3 μ m. Basídios cilíndricos, 7,0-9,0 x 2,7-3,6 μ m. Basidiosporos não observados, mas “hialinos, ovóides a elípticos, com parede fina, lisos, 3,5-5,5 x 2,0-3,0 μ m” (Christiansen 1960).

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77500).

Distribuição: Cosmopolita (Ryvarden, com. pessoal).

Discussão: Os cistídios fusiformes caracterizam a espécie. Trata-se do primeiro registro para o Brasil.

Chave para identificação de espécies de *Trechispora*

1. Basidioma ressupinado, basidiosporos subglobosos a elípticos, verrugosos, 2,7-3,6 x 1,8-2,7 μ m *T. farinacea*
- 1'. Basidioma estipitado, basidiosporos elípticos, equinulados, 4,5 x 3,6 μ m *T. thelephora*

Trechispora farinacea (Pers.: Fr.) Liberta,

Taxon 15: 318, 1966

Basiônimo: *Hydnum farinaceum* Pers.: Fr., Syst. Mycol. I p. 419, 1821

(Fig. 11, 25)

Sinônimos:

Acia farinacea (Pers.) P. Karst., Meddn Soc. Fauna Flora fenn. 5: 42, 1880

Odontia farinacea (Pers.) Bres., Annl. mycol. 1: 87, 1903

Grandinia farinacea (Pers.) Bourdot & Galzin, Bull. Soc. mycol. Fr. 30 (2): 253, 1914

Cristella farinacea (Pers.) Donk, Fungus, Wageningen 27: 20, 1957

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial grandinióide a odontióide, MP9F3, MP10E3, 5-6 acúleos/mm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina, 2,0-3,0 μ m. Cristais estrelados presentes no himênio e contexto. Basídios clavados, 9,0-10,0 x 3,6-4,5 μ m. Basidiosporos hialinos, subglobosos a elípticos, com parede levemente espessa, verrugosos, 2,7-3,6 x 1,8-2,7 μ m.

Material examinado: **Pernambuco:** Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77501); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77505); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77578); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77502), em *Pouteria* sp. (maçaranduba) em decomposição: V/2001 (URM77503), em *Caesalpinia* sp. (pau ferro) em decomposição: XI/2001 (URM77504), I/2002 (URM77577).

Distribuição: Cosmopolita (Ryvarden, com. pessoal).

Discussão: A superfície himenial de aspecto pulverulento caracteriza *T. farinacea*. Encontrada anteriormente no Rio Grande do Sul (Hjortstam & Ryvarden 1982) e em São Paulo (Hjortstam & Bononi 1986), trata-se da primeira referência da espécie no Nordeste.

Trechispora thelephora (Lév.) Ryvarden,

Syn. Fung. 15: 32, 2002

Basiônimo: *Hydnum thelephorum* Lév., Ann. Sci. Nat. III (2): 204, 1884

(Fig. 12, 26)

Sinônimos:

Thelephora padinaeformis Mont., Syll. Crypt. 175: 1856

Pseudohydnum guepinioides Rick, Ann. Mycol. 2: 409, 1904

Cristella hypogeton Maas Geest., Kin. Nederl. Akad. Wetsch. Proc. Ser. C 77 (3): 229, 1974

Basidioma pileado, flabeliforme a espatulado, cartilagenoso quando fresco, coriáceo quando seco, estipitado a subestipitado, estipe lateral a excêntrico. Superfície abhimental glabra, MP15A8 (Winter Leaf, Cashew Nut-, Beach Tan, Sedge+), MP16A1. Contexto reduzido. Superfície himental grandinióide a hidnóide, MP8A12 (Autumn), 4-5 acúleos/mm. Margem lobada. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina, 2,7-3,6 μ m. Basídios clavados, 10,0-12,0 x 3,6-4,5 μ m. Basidiosporos hialinos, elípticos, com parede levemente espessa, equinulados, 4,5 x 3,6 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em solo: VII/2001 (URM77512); **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em solo: VII/2001 (URM77508), V/2002 (URM77509); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em solo: V/2002 (URM77506, 77507); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77510); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em solo: V/2002 (URM77511).

Distribuição: Neotropical (Ryvarden 2002).

Discussão: O basidioma lateralmente estipitado diferencia *T. thelephora* de *T. farinacea*. Anteriormente relatada para Minas Gerais (Ryvarden 2002) e Mato Grosso (Maas Geesteranus 1974), trata-se do primeiro registro no Nordeste.

Tubulicrinis chaetoporus (Höhn.) Donk,

Fungus 26: 14, 1956

Basiônimo: *Hypochnus chaetoporus* Höhn., Sber. Akad. Wiss. Wien, Math. Nat. Kl. 111: 1007, 1902

(Fig. 13, 27)

Sinônimo:

Peniophora chaetophora (Höhn.) Höhn. & Litsch., Sber. Akad. Wiss. Wien, Math. Nat. Kl., 116: 748, 1907

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himental lisa a pruinosa, MP10C2. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina a levemente espessa,

2,5-3,0µm. Liocistídios presentes, cônicos, 80,0-160,0 x 7,5-10µm, amilóides. Cistídios capitados subhimeniais, às vezes incrustados, não observados mas “20,0-30,0 x 5,0-12,0µm” (Hjortstam *et al.* 1988). Basídios não observados, mas “subclavados, 15,0-20,0 x 4,5-5,0µm” (Hjortstam *et al.* 1988). Basidiosporos hialinos, elípticos, com parede fina e lisa, 5,4-6,3 x 3,0-3,6µm.

Material examinado: **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77513).

Distribuição: Cosmopolita (Ryvarden, com. pessoal).

Discussão: Os liocistídios amilóides distinguem *T. chaetoporus* das demais espécies encontradas no presente trabalho. Trata-se da primeira ocorrência para o Brasil.

4.2.1.1. Referências Bibliográficas

- Bononi, V. L. R. 1984. Basidiomicetos do cerrado da Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP. **Rickia** **11**: 1-25.
- Bononi, V. L. R. 1992. Fungos macroscópicos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Hoehnea** **19**(1/2): 31-37.
- Bononi, V. L. R.; Trufem, S. F. B. & Grandi, R. A. P. 1981. Fungos macroscópicos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil, depositados no Herbário do Instituto de Botânica. **Rickia** **9**: 37-53.
- Burdsall-Jr., H. H. 1985. A contribution to the taxonomy of the genus *Phanerochaete* (Corticiaceae, Aphyllophorales). **Mycologia Memoir** **10**: 1-165.
- Burt, E. A. 1926. The Thelephoraceae of North America XV. *Corticium*. **Annals of the Missouri Botanical Garden** **13**(3): 173-354.
- Christiansen, M. P. 1960. Danish Resupinate Fungi. Part II – Homobasidiomycetes. **Dansk Botanisk Forening** **19**(2): 1-388.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllophorales. **Persoonia** **3**: 199-324.
- Eriksson, J. & Ryvarden, L. 1975. **The Corticiaceae of North Europe**. Vol. 3. Fungiflora, Oslo, 259p.
- Eriksson, J. & Ryvarden, L. 1976. **The Corticiaceae of North Europe**. Vol. 4. Fungiflora, Oslo, 337p.
- Eriksson, J.; Hjortstam, K. & Ryvarden, L. 1978. **The Corticiaceae of North Europe**. Vol. 5. Fungiflora, Oslo, 158p.
- Eriksson, J.; Hjortstam, K. & Ryvarden, L. 1981. **The Corticiaceae of North Europe**. Vol. 6. Fungiflora, Oslo, 225p.
- Galán, M.; Lopez, S. E. & Wright, J. E. 1993. Corticiaceas “hifodermoideas” (Basidiomycetes, Aphyllophorales) de la provincia de Buenos Aires, Argentina. **Darwiniana** **31**(1-4): 237-256.

- Hawksworth, D. L.; Kirk, D. M.; Sutton, B. C. & Pegler, D. N. 1995. 8^a ed. **Ainsworth & Bisby's Dictionary of the Fungi**. CAB International, Cambridge, 616p.
- Hjortstam, K. 1995. Two new genera and some new combinations of corticioid fungi (Basidiomycotina, Aphyllophorales) from tropical and subtropical areas. **Mycotaxon** **54**: 183-193.
- Hjortstam, K. & Bononi, V. L. R. 1986. Fungos corticióides do Brasil (Aphyllophorales). **Rickia** **13**: 113-125.
- Hjortstam, K. & Ryvarde, L. 1982. Studies in tropical Corticiaceae (Basidiomycetes) IV. Type studies in of taxa described by J. Rick. **Mycotaxon** **15**: 261-276.
- Hjortstam, K. & Ryvarde, L. 1993. Two new South American species of Corticiaceae (Basidiomycetes) with amyloid spores. **Mycotaxon** **47**: 81-85.
- Hjortstam, K. & Ryvarde, L. 1997. Corticioid species (Basidiomycotina, Aphyllophorales) from Colombia collected bt Leif Ryvarde. **Mycotaxon** **64**: 229-241.
- Hjortstam, K. & Ryvarde, L. 2002a. Studies in tropical corticioid fungi (Basidiomycotina, Aphyllophorales) – *Alutaceodontia*, *Botryodontia*, *Hyphodontia* s. s and *Kneiffiella*. **Synopsis Fungorum** **15**: 7-17.
- Hjortstam, K. & Ryvarde, L. 2002b. *Australicum* (Basidiomycotina, Aphyllophorales), a new genus for *Corticium singulare* C. Cunn. **Synopsis Fungorum** **15**: 18-21.
- Hjortstam, K., Larsson, K. H. & Ryvarde, L. 1987. **The Corticiaceae of North Europe**. Vol. 1. Fungiflora, Oslo, 59p.
- Hjortstam, K., Larsson, K. H. & Ryvarde, L. 1988. **The Corticiaceae of North Europe**. Vol. 8. Fungiflora, Oslo, 181p.
- Jesus, M. A. 1993. Basidiomicetos lignocelulolíticos de floresta nativa e de *Pinus elliottii* Engelm.do Parque das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. **Hoehnea** **20**(1/2): 119-126.
- Jesus, M. A. 1996. Contribution to the knowledge of wood-rotting fungi in Brazil. II. Checklist of fungi from Maraca Island, Roraima State. **Mycotaxon** **57**: 323-328.
- Kirk, P. M.; Cannon, P. F.; David, J. C. & Stalpers, J. A. 2001. **Dictionary of Fungi**. 9ed. CABI Publishing, Surrey, 655p.
- Larsson, K. H. 1994. Poroid species in *Trechispora* and the use of calcium oxalate crystals for species identification. **Mycological Research** **98**(10), 1153-1172.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1991a. Contribution to a biogeographical study of the Austro-American xylophilous polypores (Aphyllophorales) from Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** **41**: 161-166.
- Lombard, F. F.; Burdsall-Jr., H. H. & Gilbertson, R. L. 1975. Taxonomy of *Corticium chrysocreas* and *Phlebia livida*. **Mycologia** **67**: 495-510.

- Lowe, J. L. 1963. A synopsis of *Poria* and similar fungi from the tropical regions of the world. **Mycologia** **55**: 453-486.
- Maas Geesteranus, R. A. 1974. A handful of South American *Hydniums*. **Verhandelingen der Koninklijke Nederlandshe Akademie van Wetenschappen** **77**(3): 228-238.
- Rajchenberg, M. 1983. Cultural studies of resupinate polypores described by J. Rick. **Mycotaxon** **17**: 275-293.
- Ryvarden, L. 2002. A note on the genus *Hydnodon* Banker. **Synopsis Fungorum** **15**: 31-33.
- Ryvarden, L. & Meijer, A. A. R. 2002. Studies in neotropical polypores 14. New species from the State of Paraná, Brazil. **Synopsis Fungorum** **15**: 34-69.
- Silveira, R. M. B. & Guerrero, R. T. 1991. Aphylophorales poliporóides (Basidiomycetes) do Parque Nacional de Aparados da Serra, Rio Grande do Sul. **Boletim do Instituto de Biociências** **48**: 1-127.
- Theiszen, F. 1911. **Polyporaceae austro-brasilienses imprimis rio grandenses**. Kaiserlich-Königlichen Hof- und Staatsdruckerei, Wien, 60p.
- Torrend, C. 1938. As poliporáceas da Bahia e estados limítrofes. **Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica, vol. II**: 326-341.
- Viégas, A. P. 1945. Alguns fungos do Brasil VII-VIII. **Bragantia** **5**: 252-290.
- Wu, S. H. 1990. The Corticiaceae (Basidiomycetes) subfamilies Phlebioideae, Phanerochaetoideae and Hyphodermoideae in Taiwan. **Acta Botanica Fennica** **142**: 1-123.
- Zhukoff, E. A. 1995. Aphylophorales (Basidiomycetes) from central Siberia. **Mycotaxon** **53**: 437-445.

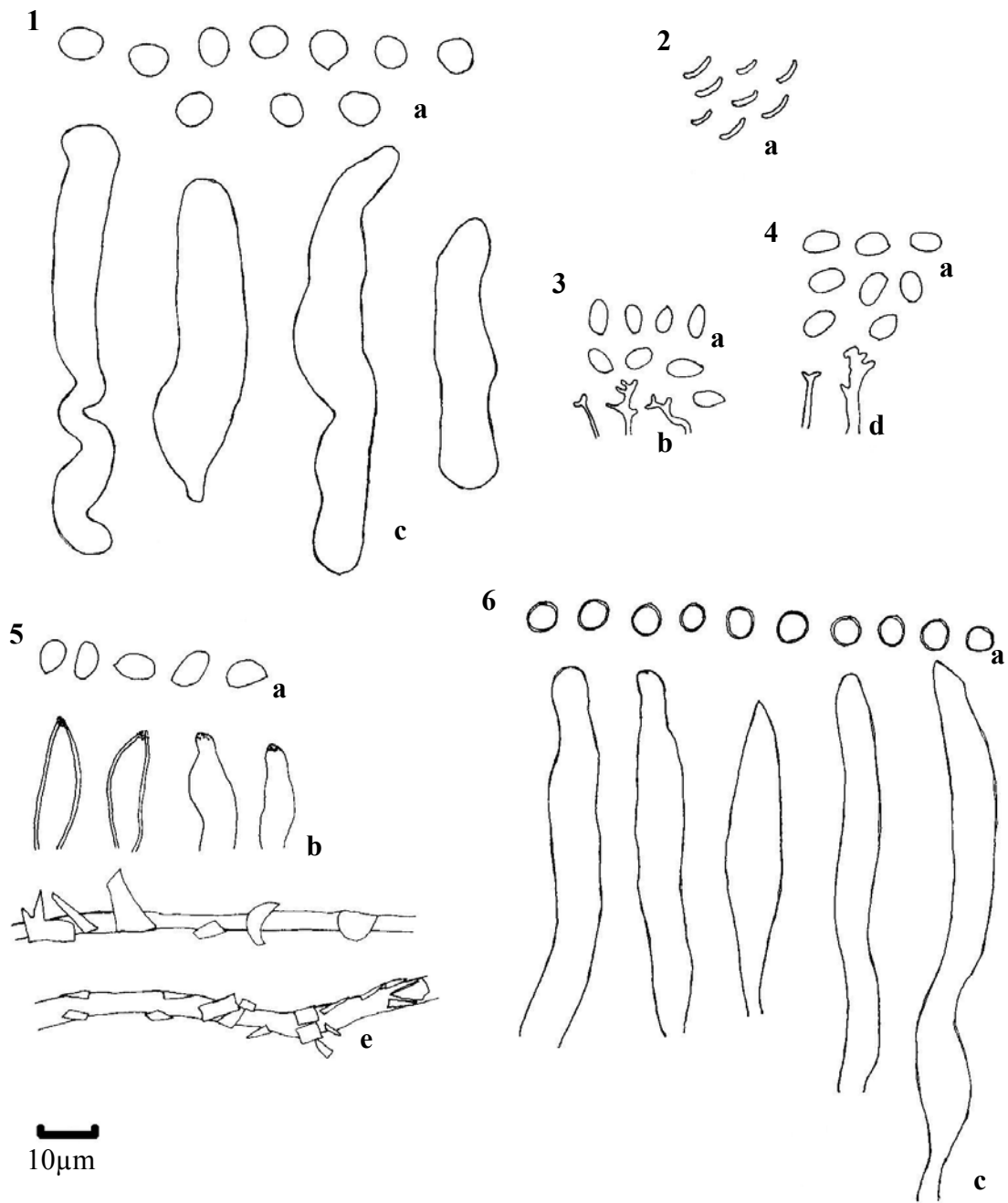


Figura 1. *Gloeocystidiellum lactescens*; 2. *Gloeoporus dichrous*; 3. *Grammothele lineata*; 4. *G. subargentea*; 5. *Hyphodermella corrugata*; 6. *Hypochnicium subrigescens*. Basidiosporos (a), cistídios (b) gleocistídios (c), dendrohidridios (d), hifas incrustadas (e).

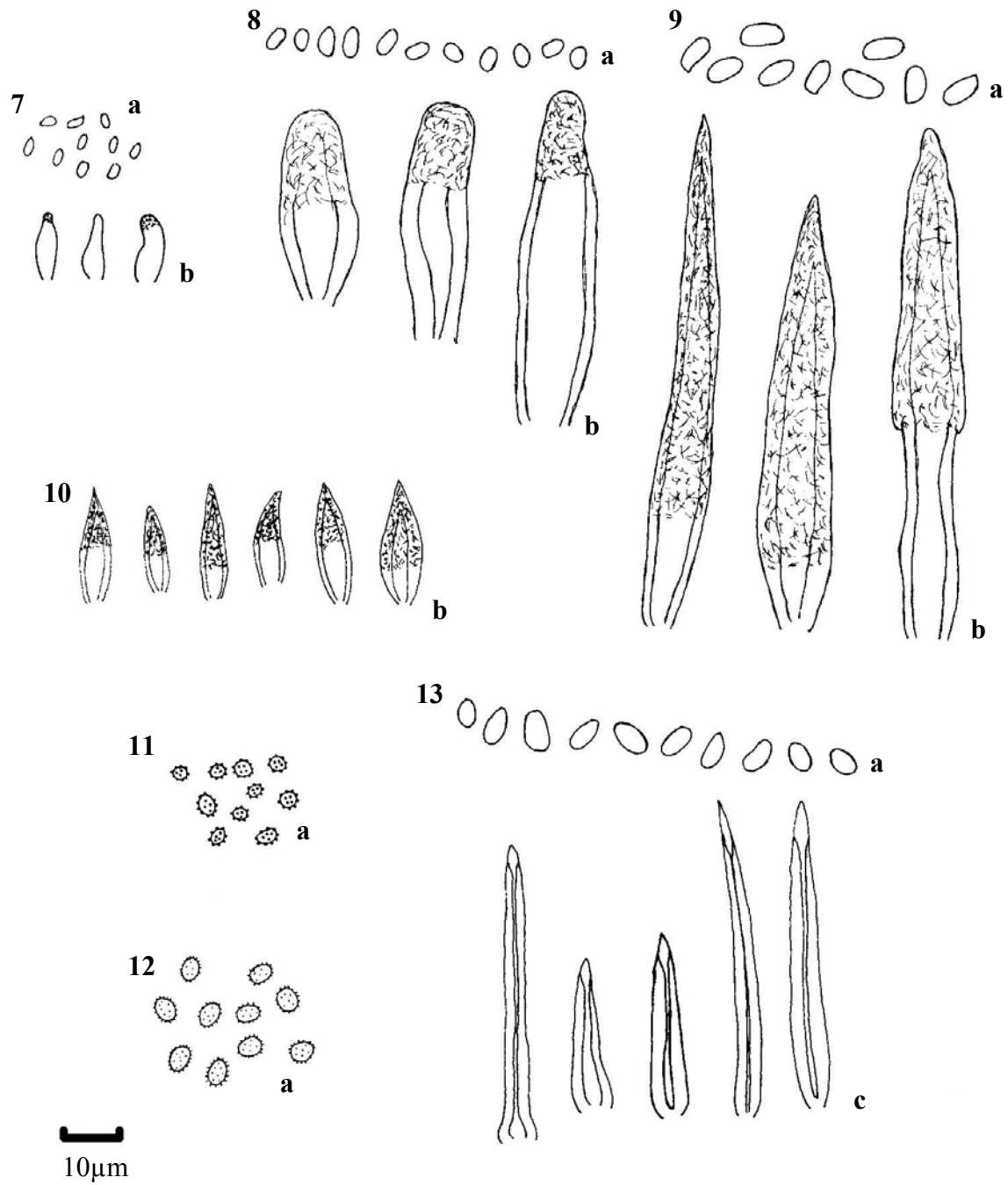


Figura 7. *Phanerochaete chrysorhiza*; **8.** *P. ravenelii*; **9.** *P. velutina*; **10.** *Phlebia queletii*; **11.** *Trechispora farinacea*; **12.** *T. thelephora*; **13.** *Tubulicrinis chaetoporus*. Basidiosporos (a), cistídios (b), liocistídios (c).

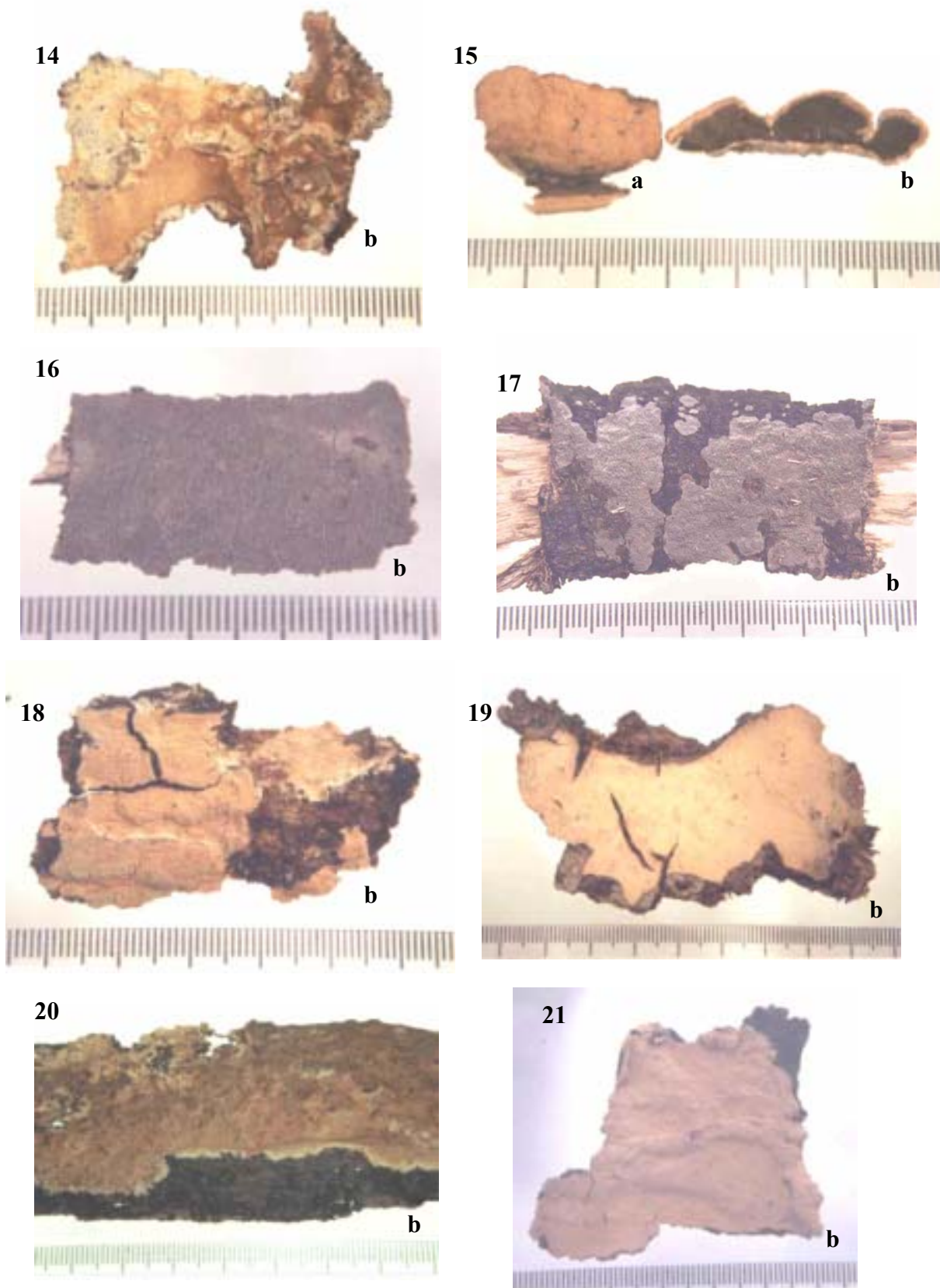


Figura 14. *Gloeocystidiellum lactescens*; **15.** *Gloeoporus dichrous*; **16.** *Grammothele lineata*; **17.** *G. subargentea*; **18.** *Hyphodermella corrugata*; **19.** *Hypochnicium subrigescens*; **20.** *Phanerochaete chrysorhiza*; **21.** *P. ravenelii*. Superficie abhymenial (a), superficie himenial (b).

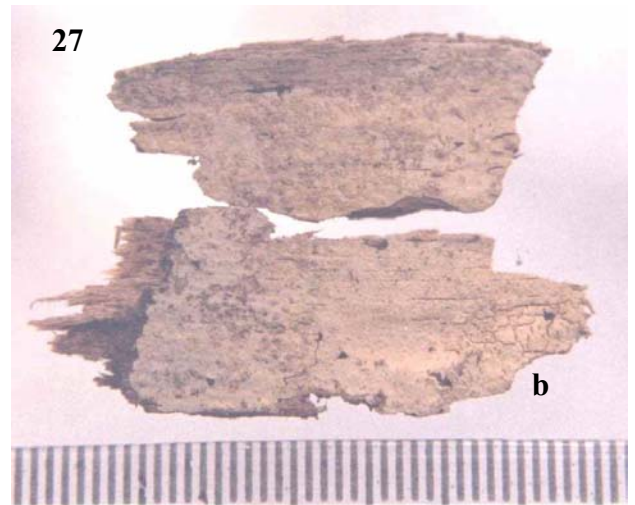
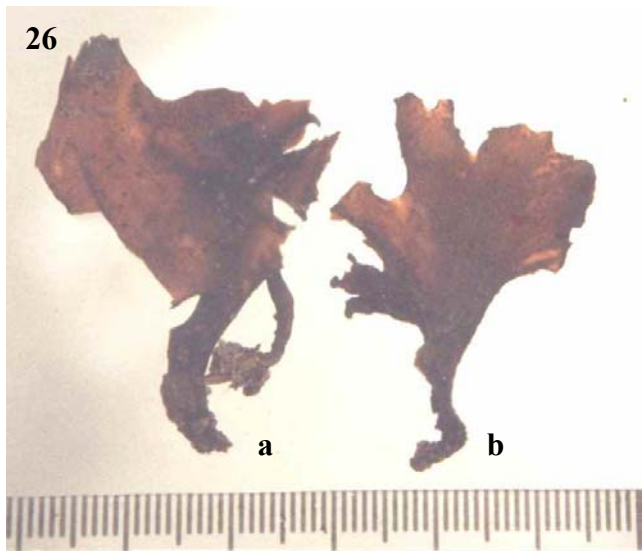


Figura 22. *Phanerochaete velutina*; **23.** *Phlebia livida*; **24.** *P. queletii*; **25.** *Trechispora farinacea*; **26.** *T. thelephora*; **27.** *Tubulicrinis chaetoporus*. Superficie abhimenial (a), superficie himenial (b).

4.2.2. Ganodermataceae Donk

Ganodermataceae foi reconhecida como um grupo distinto de poliporóides com basidiosporos pigmentados, com parede dupla e ornamentada. Devido às características únicas dos basidiosporos, esse grupo foi estabelecido como uma família de Aphyllophorales por Donk em 1948 (*in* Donk 1964) com dois gêneros: *Amauroderma* e *Ganoderma sensu lato*. Em 1972, Steyaert criou três novos gêneros (*Humphreya*, *Haddowia* e *Magoderna*) devido as características anatômicas da superfície himenial e a morfologia dos basidiosporos apresentarem diferenças em relação aos gêneros até então aceitos. Posteriormente, Hawksworth *et al.* (1995) consideraram Ganodermataceae, com cinco gêneros (*Amauroderma*, *Elfvíngia*, *Ganoderma*, *Humphreya* e *Magoderna*) e Haddowiaceae, com um gênero (*Haddowia*), como famílias de Ganodermatales. A nomenclatura da família foi estudada por Moncalvo & Ryvarden (1997), que reconheceram Ganodermataceae como uma família de Aphyllophorales, com seis gêneros (*Haddowia*, *Humphreya*, *Thomophagus*, *Elfvíngia*, *Ganoderma* e *Amauroderma*). Os autores recomendaram que nenhuma nova espécie seja descrita antes de estudos cuidadosos dos tipos, pois alguns gêneros com grande número de espécies descritas, como *Ganoderma*, são considerados um caos taxonômico.

No Brasil, Ganodermataceae foi estudada por Torrend (1920a, 1920b), Batista (1949) e Lucena (1988), embora citações sobre várias espécies possam ser encontradas em diversos trabalhos, tais como os de Rick (1938), Torrend (1924; 1940), Teixeira (1946), Bononi *et al.* (1981), Capelari & Maziero (1988), Vinha (1998), Loguercio-Leite & Wright (1991a, 1991b), Silveira & Guerrero (1991), Sótão *et al.* (1991), Bononi (1992), Jesus (1993; 1996), Silva & Minter (1995), Gerber (1996), Gerber & Loguercio-Leite (1997), Góes-Neto (1999), Groposo & Loguercio-Leite (2002) e Gibertoni & Cavalcanti (2003).

No presente trabalho, dois gêneros de Ganodermataceae foram registrados, *Amauroderma*, com seis espécies, e *Ganoderma*, com três espécies.

Chave para identificação dos gêneros

1. Píleo central ou lateralmente estipitado, circular a reniforme, basidiosporos geralmente globosos a subglobosos, sem ápice truncado *Amauroderma*
- 1'. Píleo séssil, quanto estipitado, estipe lateral, basidiosporos geralmente elípticos, com ápice truncado *Ganoderma*

Chave para identificação das espécies de *Amauroderma*

1. Poros 0,5-3/mm	2
1'. Poros 4-7/mm	3
2. Basidiosporos 7,0-11,0µm, hialinos a amarelados, equinulados	<i>A. gusmanianum</i>
2'. Basidiosporos 13,0-16,0 x 13,0-15,0µm, amarelados, verruculosos a subreticulados ...	<i>A. macrosporum</i>
3. Contexto branco a creme, superfície abhimenial velutina	<i>A. sprucei</i>
3'. Contexto ocráceo a marrom, superfície abhimenial glabra	4
4. Basidiosporos elípticos	<i>A. omphalodes</i>
4'. Basidiosporos globosos a subglobosos	5
5. Basidiosporos 8,0-10,0µm de diâmetro, marrons	<i>A. schomburgkii</i>
5'. Basidiosporos 10,0-13,0µm de diâmetro, hialinos a amarelados	<i>A. praetervisum</i>

Amauroderma gusmanianum Torrend,

Brotéria ser. Bot. 18: 129, 1920

(Fig. 1, 10)

Basidioma centralmente estipitado, rígido. Píleo circular, 1,5-6,0 x 1,2-4,0 x 0,3cm, estipe 5,0-14,0cm. Superfície abhimenial glabra, zonada, MP11C6 (Dorado, Honey, Beige+), MP15C8 (Chukker Brown, Tamarack+). Margem inteira, aguda, concolor à superfície abhimenial. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP15E8 (Sphinx, Mustang+), MP16E11, poros circulares, 1 poro/mm, dissepimentos finos. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, 2,5-3,5µm; hifas esqueléteas marrom-claras, 3,7-7,0µm; hifas conectivas amareladas, 2,5-3,5µm. Basídios não observados. Basidiosporos globosos, hialinos a amarelados, com parede levemente espessa e ornamentação pouco conspícua, equinulados, cianófilos, 7,0-11,0µm.

Material examinado: **Pernambuco:** Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, no solo: V/2002 (URM77435); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em solo: III/2002 (URM77436).

Distribuição: Brasil (Furtado 1981) e Venezuela (Ryvarden & Iturriaga 2001).

Discussão: Os poros grandes e a morfologia do basidiosporo diferenciam *A. gusmanianum* das demais espécies encontradas. Registrada anteriormente nos estados de Pernambuco (Batista 1949) e da Bahia (Furtado 1981), foi encontrada novamente em Pernambuco e pela primeira vez em Sergipe.

Amauroderma macrosporum J. Furtado,

Rev. Gen. *Amauroderma* (Polyp.), Est. Bas. Microestr. Basid. 203, 1968

(Fig. 2, 11)

Basidioma centralmente estipitado, rígido. Píleo circular, 6,0 x 4,0 x 0,3cm, estipe 5,0cm. Superfície abhimenial glabra, zonada, MP16A5 (Bear, Chaetura Drab). Margem inteira, aguda, concolor à superfície abhimenial. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP16A8 (Castor), tubos MP14B9, poros circulares, 0,5-1 poro/mm, dissepimentos finos. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, 2,5-3,5µm; hifas esqueléteas marrom-claras, 3,7-7,0µm; hifas conectivas amareladas, 2,5-3,5µm. Basídios não observados. Basidiosporos globosos a subglobosos, amarelados, com parede espessa, verruculosos a sub-reticulados, cianófilos, 13,0-16,0 x 13,0-15,0µm.

Material examinado: **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em solo: III/2002 (URM77437).

Distribuição: Brasil (Furtado 1981) e Venezuela (Ryvarden & Iturriaga 2001).

Discussão: *A. macrosporum* é muito semelhante a *A. calcigenum* (Berk.) Torrend, mas pode ser diferenciada pelo tamanho e ornamentação dos basidiosporos. Encontrada anteriormente em São Paulo (Furtado 1981), trata-se do primeiro registro para o Nordeste e do segundo relato da espécie no Brasil.

Amauroderma omphalodes (Berk.) Torrend,

Brotéria, ser. bot. 18: 131, 1920.

Basônimo: *Polyporus omphalodes* Berk., Hook. J. Bot. 8: 172, 1856.

(Fig 3, 12)

Sinônimos:

Fomes omphalodes (Berk.) Cooke, Grevillea 13: 117, 1885

Ganoderma omphalodes (Berk.) Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 5: 77, 1889

Amauroderma omphalodes (Lloyd) Imaz., Bull. Tokyo Sci. Mus. 6: 100, 1943

Polyporus pansus Berk., Hook. J. Bot. 8: 189, 1856

Fomes pansus (Berk.) Cooke, Grevillea 13: 117, 1885

Basidioma anual, central a excentricamente estipitado, rígido. Píleo circular a reniforme, 1,5-6,0 x 1,2-4,0 x 0,3cm, estipe 5,0-14,0cm. Superfície abhimenial glabra, zonada, MP3F10, MP8A10 (Sepia), MP8E9 (Negro), MP15E8 (Sphinx), MP16A8 (Castor), MP16A5 (Bear/Chaetura Drab), MP16A9 (Owl), MP16A12 (Biskra). Margem inteira, aguda, MP9B2 (Polar Bear), MP12A7 (Blush). Contexto rígido, 0,2-0,5cm, MP9C2, MP15C9 (Teakwood). Superfície himenial poróide, MP12B3 (Parchment+/Cark), MP19A1, poros circulares, 4-5 poros/mm, dissepimentos finos. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, 2,5-3,5µm; hifas esqueléteas marrom-claras, 3,7-7,0µm; hifas conectivas amareladas, 2,5-3,5µm. Basídios não observados. Basidiosporos globosos a subglobosos, marrons, equinulados, cianófilos, 11,5-13,0 x 10,0-11,0µm.

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em solo: III/2002 (URM77440), V/2002 (URM77441); Pernambuco: Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, no solo: III/2002 (URM77438), V/2002 (URM77439).

Distribuição: América tropical (Moncalvo & Ryvardeen 1997).

Discussão: *A. omphalodes* pertence a um grupo neotropical de *Amauroderma* com contexto claro distinto das demais espécies desse grupo pelas características micromorfológicas da superfície abhimenial e pela morfologia do basidiospоро. Registrada anteriormente em Minas Gerais, Rio de Janeiro (Torrend 1920b), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Amazonas (Furtado 1981), Paraíba (Lucena 1988), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991), Bahia (Góes-Neto 1999) e Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), foi encontrada novamente em Pernambuco e pela primeira vez em Alagoas.

Amauroderma praetervisum (Pat.) Torrend,

Brotéria, ser. bot. 18: 131, 1920.

Basiônimo: *Ganoderma praetervisum* Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 5: 78, 1889.

(Fig 4, 13)

Sinônimos:

Fomes praetervisum (Pat.) Sacc., Syll. Fung. 9: 178, 1891

Polyporus praetervisus (Pat.) Lloyd, Mycol. Writ. (Synop. Stip. Polyp.) 3: 113, 1912

Amauroderma auriscalpium (Pers.) Pat. var. *praetervisum* (Pat.) Rick, Ann. Reun. Sul-Amer. Bot. Rio de Janeiro 2: 275, 1938 [1940]

Ganoderma chaperi Pat., J. Bot. 4: 197, 1890

Amauroderma chaperi (Pat.) Murrill, Bull. Torr. Bot. Cl. 32: 1905

Polyporus chaperi (Pat.) Lloyd, Mycol. Writ. (Synop. Stip. Polyp.) 3: 113, 1912

Fomes auriscalpioides P. Henn., Hedwigia 43: 82, 1904

Basidioma anual, central a excentricamente estipitado, rígido. Píleo circular a reniforme, 1,5-6,0 x 1,2-4,0 x 0,3cm, estipe 5,0-14,0cm. Superfície abhimenial glabra, zonada, tipo crusta, MPA9 (Santos, Praliné-, Nutmeg, Dark Beaver+), MP16A5 (Bear, Chaetura Drab). Margem inteira, aguda, concolor à superfície abhimenial. Contexto MP14E8 (Dog Wood, Pigskin+), MP15E11 (Cowboy, New Bronze+, Brussels Brown). Superfície himenial poróide, MP14B9, MP15A6 (Beaver, Mushroom, Camel-, Starling), MP15E8 (Sphinx, Mustang+), tubos MP14B9 (Oak Wood, Mesa Car-, Touché+, Durango), MP15C8, poros circulares, 4-5 poros/mm, dissepimentos finos. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, 2,5-3,5µm; hifas esqueléteas marrom-claras, 3,7-7,0µm; hifas conectivas amareladas, 2,5-3,5µm. Basídios não observados. Basidiosporos globosos a subglobosos, hialinos a

levemente amarelados, com parede fina, ornamentação pouco conspícua, equinulados, cianófilos, 10,0-14,0 x 9,0-12µm.

Material examinado: **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, no solo: XI/2001 (URM77444); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em solo: VI/2002 (URM77445); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em solo: VII/2001 (URM77447); V/2002 (URM77448), em *Hymenaea* sp. (jatobá) em decomposição: VII/2001 (URM77446); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, no solo: III/2002 (URM77442), V/2002 (URM77443).

Distribuição: Neotropical (Moncalvo & Ryvarden 1997).

Discussão: *A. praetervisum* difere das demais espécies pela morfologia do basidiospоро e pela presença de crusta. Anteriormente registrada em Pernambuco (Batista 1949; Cavalcanti 1976), Mato Grosso, Pará, Rio de Janeiro (Furtado 1981), Paraíba (Lucena 1988), Bahia (Góes-Neto 1999) e Paraná (Ryvarden & Meijer 2002).

Amauroderma schomburgkii (Mont. & Berk.) Torrend,
Brotéria, ser. bot. 18: 140, 1920.

Basiônimo: *Polyporus schomburgkii* Mont. & Berk., Lond. J. Bot. 3: 331, 1844.

(Fig 5, 14)

Sinônimos:

Fomes schomburgkii (Mont. & Berk.) Cooke, Grevillea 13: 117, 1885

Ganoderma schomburgkii (Mont. & Berk.) Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr., 5: 77, 1889

Amauroderma schomburgkii (Mont. & Berk.) Lloyd: Wakef., Kew Bull. 1934: 243, 1934

Polyporus brunneo-pictus Berk., J. Bot. & Kew Misc. 8: 176, 1856

Fomes brunneo-pictus (Berk.) Cooke, Grevillea 13: 118, 1885

Polyporus cassiaecolor Berk., J. Bot. & Kew Misc. 8: 171, 1856

Fomes cassiaecolor (Berk.) Cooke, Grevillea 13: 117, 1885

Polyporus glaziovii Berk. in Warming, vidensk. Medd. Dansk. Naturh. Foren. Kbh. 31/32: 31, 1880

Polyporus heteromorphus Lév., Ann. Sci. Nat. Bot., III 5: 123, 1846

Fomes heteromorphus (Lév.) Cooke, Grevillea 13: 117, 1885

Amauroderma heteromorphus (Lév.) Torrend, Brotéria Bot. 18: 139, 1920

Amauroderma mosselmanii Torrend, Brotéria Bot. 18: 137, 1920

Polyporus ocellatus Berk., J. Bot. & Kew Misc. 8: 172, 1856

Fomes ocellatus (Berk.) Cooke, Grevillea 13: 117, 1885

Amauroderma ocellatum (Berk.) Torrend, Brotéria Bot. 18: 140, 1920

Amauroderma ocellatum (Berk.) Lloyd: Wakef., Kew Bull. 1934: 243, 1934

Polyporus papillatus Lloyd, Mycol. Writ. 4: 567, 1916
Amauroderma papillatum (Lloyd) Torrend, Brotéria Bot. 18: 126, 1920
Ganoderma papillatum (Lloyd) Sacc. & Trott. In Sacc. Syll. Fung. 23: 408, 1925
Fomes regulicolor Berk.: Cooke, Grevillea 15: 123, 1846
Amauroderma regulicolor (Berk.: Cooke) Murrill, Bull. Torr. Bot. Cl. 32: 367, 1905
Polyporus regulicolor (Berk.: Cooke) Lloyd, Mycol. Writ. (Synop. Stip. Polyp.) 3: 104, 1912
Polyporus semiclausus Berk., J. Bot. & Kew Misc. 8: 193, 1856
Fomes semiclausus (Berk.) Cooke, Grevillea 13: 117, 1885
Polyporus xylodes Berk., J. Bot. & Kew Misc. 8: 193, 1856
Fomes xylodes (Berk.) Cooke, Grevillea 13: 117, 1885
Ganoderma xylodes (Berk.) Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr., 5: 77, 1889

Basidioma centralmente estipitado, rígido. Pileo circular, 1,5-6,0 x 1,2-4,0 x 0,3cm, estipe 5,0-14,0cm. Superfície abhimental glabra, zonada, MP16A8 (Castor). Margem inteira, aguda, MP9B2 (Polar Bear), MP12A7 (Blush). Contexto rígido, 0,2-0,5cm, MP14C9 (Stroller Tan). Superfície himenial poróide, MP12B4 (Long Beach+), poros circulares, 4-5 poros/mm, dissepimentos finos. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, 2,5-3,5µm; hifas esqueléteas marrom-claras, 3,7-7,0µm; hifas conectivas amareladas, 2,5-3,5µm. Basídios não observados. Basidiosporos globosos, hialinos a amarelados, com parede levemente espessa, ornamentação pouco conspícua, equinulados, cianófilos, 7,0-11,0µm.

Material examinado: Pernambuco: Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em solo: I/2002 (URM77449).

Distribuição: Brasil, Colômbia, Cuba, Guiana Francesa, Jamaica, Nicarágua, Panamá, Trinidad e Venezuela (Furtado 1981), Porto Rico (Ryvarden 2000b).

Discussão: Furtado (1981) considerou *A. schomburgkii* f. *schomburgkii* e *A. schomburgkii* f. *gusmanianum* como formas de *A. schomburgkii* de acordo com o tamanho dos poros. Neste trabalho, optou-se pelo uso de duas espécies distintas, *A. schomburgkii* e *A. gusmanianum*, devido às diferenças macro e microscópicas, como o tamanho dos poros e coloração e ornamentação dos basidiosporos. Foi registrada anteriormente em Pernambuco (Batista 1949; Cavalcanti 1976; Furtado 1981), Amazonas, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo (Furtado 1981), Bahia (Furtado 1981; Góes-Neto 1999), Paraná (Furtado 1981; Ryvarden & Meijer 2002), Roraima (Capelari & Maziero 1988) e Paraíba (Lucena 1988).

Amauroderma sprucei (Pat.) Torrend,
Brotéria, ser. bot. 18: 121, 1920.

Basiônimo: *Ganoderma sprucei* Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 10: 75, 1894.

(Fig 6, 15)

Sinônimos:

Porothelium rugosum Berk., J. Bot. & Kew Misc. 8: 237, 1856

Polyporus sprucei (Pat.) Lloyd, Mycol. Writ. (Synop. Stip. Polyp.) 3: 111, 1912

Fomes paulensis P. Henn., Hedwigia 43: 202, 1904

Amauroderma avellaneum Murrill, North. Amer. Flora 9: 116, 1908

Polyporus dubiopansus Lloyd, Mycol. Writ. (Synop. Stip. Polyp.) 3: 125, 1912

Basidioma anual, central a excentricamente estipitado, rígido. Píleo circular a reniforme, 1,5-6,0 x 1,2-4,0 x 0,3cm, estipe 5,0-14,0cm. Superfície abhimenial glabra, zonada, MP3F10, MP8A10 (Sepia), MP8E9 (Negro), MP15E8 (Sphinx), MP16A8 (Castor), MP16A5 (Bear/Chaetura Drab), MP16A9 (Owl), MP16A12 (Biskra). Margem inteira, aguda, MP9B2 (Polar Bear), MP12A7 (Blush). Contexto rígido, 0,2-0,5cm, MP9C2, MP15C9 (Teakwood). Superfície himenial poróide, MP12B3 (Parchment+/Cark), MP19A1, poros circulares, 4-5 poros/mm, dissepimentos finos. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, 2,5-3,5µm; hifas esqueléteas marrom-claras, 3,7-7,0µm; hifas conectivas amareladas, 2,5-3,5µm. Basídios não observados. Basidiosporos globosos, hialinos a amarelados, com parede espessa, cianófilos, 6,0-10,0µm.

Material examinado: **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77450), em solo: V/2002 (URM77451).

Distribuição: Neotropical (Moncalvo & Ryvardeen 1997).

Discussão: *A. sprucei* está incluída no grupo de *Amauroderma* que possui contexto claro e distingue-se das demais espécies pela presença de superfície himenial pilosa. Anteriormente registrada no Rio Grande do Sul (Torrend 1920b; Rick 1938), Amazonas, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo (Furtado 1981) e Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), trata-se da primeira ocorrência em Sergipe.

Chave para identificação das espécies de *Ganoderma*

- 1. Superfície abhimenial lacada 2
- 1'. Superfície abhimenial não lacada..... *G. applanatum*
- 2. Píleo séssil ou efuso-reflexo, contexto do píleo com zonas resinosas pretas *G. resinaceum*
- 2'. Píleo lateralmente estipitado, contexto do estipe e/ou píleo sem zonas resinosas pretas *G. stiptatum*

Ganoderma applanatum (Pers.) Pat.,

Hymen. Eur. p. 143, 1887.

Basiônimo: *Boletus applanatus* Pers., Obs. Myc. 2: 2, 1799.

(Fig 7, 16)

Sinônimos:

Polyporus applanatus (Pers.) Wallr., Fl. Cryp. Germ. 2: 591, 1833.

Fomes applanatus (Pers.) Gill., Champ. France 1: 686. 1878.

Elfvingia applanata (Pers.) Karst., Krit. Ofver. Finl. Basidsv. p. 334. 1889.

Polyporus megaloma Lév. in Annl. Sci. Nat. Bot. III 5: 128, 1846

Polyporus leucophaeus Mont., Syll. Crypt. 157, 1856

Basidioma anual a perene, séssil a subestipitado, rígido. Píleo dimidiado, aplanado, 3,5-15,0 x 3,5-10,0 x 0,3-5,0cm. Superfície abhimenial glabra, zonada, MP8A10 (Sepia), MP15A8 (Winter Leaf). Margem inteira, obtusa, MP11A2 (Flesh), MP4A7. Contexto 0,7-5,0cm, MP8E2 (Broncho), MP8H12 (Cattail). Superfície himenial poróide, MP4A7, MP12A2 (Moonmist), poros circulares, 5-6 poros/mm, dissepimentos espessos, tubos MP7A9. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, 1,7-2,8 μ m; hifas esqueléteas marrom-claras, com parede fina ou sólidas, 3,7-5,0 μ m; hifas conectivas amareladas, 2,5-4,5 μ m. Basídios não observados. Basidiosporos ovais a elípticos, com ápice truncado, marrons, bitunicados, equinulados, cianófilos, 6,0-8,5 x 4,2-6,5 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77426), III/2001 (URM77427), V/2001 (URM77428), VII/2001 (URM77429), XI/2001 (URM77430), I/2002 (URM77431, 77432), III/2002 (URM77433), V/2002 (URM77434); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77419); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77421), XI/2001 (URM77422), V/2002 (URM77423); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77415); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77416), I/2002 (URM77417), III/2002 (URM77418); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: IX/2001 (URM77424); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77413), VII/2001 (URM77414).

Distribuição: Cosmopolita (Moncalvo & Ryvarden 1997).

Discussão: *G. applanatum* difere de *G. australe*, espécie muito semelhante, pelo tamanho dos basidiosporos. Anteriormente encontrada em Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rondônia (Capelari & Maziero 1988), Paraíba (Lucena 1988), São Paulo (Bononi *et al.* 1981;

Bononi 1984), Amapá (Sotão *et al.* 1991), Santa Catarina (Gerber 1996), Bahia (Góes-Neto 1999) e Rio Grande do Sul (Silveira & Guerrero 1991; Groposo & Loguercio-Leite 2002), foi encontrada primeira vez em Alagoas.

Ganoderma resinaceum Boudier *in* Pat.,
Bull. Soc. Mycol. Fr. 5: 72, 1889.

(Fig. 8, 17)

Sinônimos:

Ganoderma chaffangeonii Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 5: 74, 1889.
Fomes resinaceus (Boud.) Sacc., Syll. Fung. 9: 179, 1891
Ganoderma sessile Murrill, Bull. Torr. Bot. Cl. 29: 604, 1902
Ganoderma praelongum Murrill, North Am. Fl. 9: 121, 1908
Ganoderma argillaceum Murrill, North Am. Fl. 9: 122, 1908
Ganoderma niticum Murrill, North Am. Fl. 9: 123, 1908
Polyporus polychromus Copel., Anns. Mycol. 2: 507, 1904
Ganoderma polychromum (Copel.) Murrill, North Am. Fl. 9: 119, 1908
Ganoderma subperforatum Atk., Bot. Gaz. 46: 337, 1908
Ganoderma subforficatum Murrill, North Am. Fl. 9: 121, 1908
Ganoderma pulverulentum Murrill, North Am. Fl. 9: 121, 1908
Ganoderma subincrustatum Murrill, North Am. Fl. 9: 122, 1908
Ganoderma sessiliforme Murrill, Bull. N. Y. Bot. Gard. 8: 149, 1912
Ganoderma areolatum Murrill, Bull. N. Y. Bot. Gard. 8: 149, 1912
Ganoderma pertubatum (Lloyd) Torrend, Brotéria Bot. 18: 34, 1920
Ganoderma subtuberculosum Murrill, Lloydia 7: 326, 1944

Basidioma anual a perene, séssil, rígido. Píleo dimidiado, 1,5-11,0 x 1,2-9,5 x 0,5-2,5cm. Superfície abhimental glabra, lacada, MP8E3, MP8I10 (Falcon/Muskrat+), MP8L10 (Java+/Normal Brown-), MP13I9. Margem inteira, obtusa, MP7A12 (Lochin), MP16C8, MP26A1. Contexto rígido, 0,5-2,5cm, MP10C4 (Sunset), MP11G7, MP13F9, MP15C12 (Clove). Superfície himental poróide, MP2A1, MP26A1, poros circulares a angulares, 5-6 poros/mm, dissepimentos espessos, tubos MP14F8 (Mosul). Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,7-2,8µm; hifas esqueléteas marrom-claras, com parede espessa, 3,5-6,5µm; hifas conectivas amareladas, 2,5-3,5µm. Basídios não observados. Basidiosporos ovais a elipsóides, com ápice truncado, marrons, bitunicados, equinulados, cianófilos, 6,5-10,5 x 5,0-7,0µm.

Material examinado: Paraíba: Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77384); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Didymopanax* sp. (sambacuí) vivo: VII/2001 (URM77379), em *Protium heptaphyllum* (amescla) em decomposição: I/2002 (URM77380), em *Inga* sp. (ingá) em decomposição: V/2002 (URM77381); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77385); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77382); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma (praíba) em decomposição: I/2002 (URM77386).

Distribuição: Europa, América e China (Moncalvo & Ryvardeen 1997).

Discussão: *G. resinaceum* é uma espécie muito variável macromorfológicamente e pode ter sido identificada e depositada em herbários inúmeras vezes como *G. lucidum*, espécie encontrada na zona temperada. *G. resinaceum* foi registrada anteriormente em Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), São Paulo (Bononi 1984), Paraíba (Silva 1987), Espírito Santo (Vinha 1988), Santa Catarina (Gerber 1996) e Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002).

Ganoderma stiptatum (Murr.) Murr.,

North Amer. Fl. 9: 122, 1908

Basiônimo: *Fomes stiptatum* Murr., Bull. Torrey Bot. Cl. 30: 229, 1903

(Fig. 9, 18)

Sinônimos:

Ganoderma parvulum Murr., North Amer. Fl. 9: 123, 1908

Ganoderma bibadiostriatum Steyaert, Bull. Jard. Bot. Belg. 31: 99, 1962

Basidioma anual a perene, lateralmente estipitado, rígido. Pileo dimidiado, espatulado a reniforme, 2,0-7,0 x 2,5-7,0 x 0,5-1,5cm, estipe 1,5-8,0cm. Superfície abhimenial glabra, lacada, MP8H8 (Cordovan), MP8H12 (Cattail), MP8L9 (Maracaibo). Margem inteira, obtusa, MP5A12 (Feuille Morte). Contexto rígido, 0,5-1,5cm, MP13B9 (Wild Honey), MP16A7 (Eagle). Superfície himenial poróide, MP7A10 (New Cocoa), MP16A8 (Castor), poros circulares, 4-5 poros/mm, dissepimentos espessos. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,7-2,8 μ m; hifas esqueléteas marrom-claras, com parede espessa, 3,5-5,5 μ m; hifas conectivas amareladas, 2,5-3,5 μ m. Basídios não observados. Basidiosporos ovais a elipsóides, com ápice truncado, marrons, bitunicados, cianófilos, 7,0-10,5 x 5,0-7,0 μ m.

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77404), I/2002 (URM77405), III/2002 (URM77406, 77407), V/2002

(URM77408); **Paraíba**: Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77395); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2002 (URM77394); **Pernambuco**: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77396), III/2001 (URM77402), VII/2001 (URM77397), em angiosperma viva: XI/2001 (URM77398), I/2002 (URM77399), III/2002 (URM77400), V/2002 (URM77401); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77403, 77425); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77388), IX/2001 (URM77389), XI/2001 (URM77390), I/2002 (URM77391), III/2002 (URM77392), V/2002 (URM77393).

Distribuição: Neotropical, conhecido de Guadalupe, da Nicarágua, da Costa Rica, do Suriname, da Bolívia, do Brasil, do Peru e da Venezuela (Ryvarden 2000).

Discussão: Muito semelhante a *G. lucidum*, espécie de distribuição européia, *G. stiptatum* pode ter sido depositada inúmeras vezes em herbários sob aquela denominação. Anteriormente encontrada no Rio de Janeiro (Ryvarden 2000a), trata-se de uma nova ocorrência para o Nordeste do Brasil.

4.2.2.1. Referências Bibliográficas

- Batista, A. C. 1949. Espécies de *Amauroderma* do Jardim Zoo-Botânico de Dois Irmãos, Recife. **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio** 16: 122-133.
- Bazzalo, M. E. & Wright, J. E. 1982. Survey of the argentine species of the *Ganoderma lucidum* complex. **Mycotaxon** 16 (1): 293-325.
- Bononi, V. L. R. 1984. Basidiomicetos do cerrado da Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP. **Rickia** 11: 1-25.
- Bononi, V. L. 1992. Fungos macroscópicos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Hoehnea** 19(1/2): 31-37.
- Bononi, V. L. R.; Trufem, S. F. B. & Grandi, R. A. P. 1981. Fungos macroscópicos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil, depositados no Herbário do Instituto de Botânica. **Rickia** 9: 37-53.
- Capelari, M. & Maziero, R. 1988. Fungos macroscópicos do estado de Rondônia, região dos rios Jaru e Ji-Paraná. **Hoehnea** 15: 28-36.
- Cavalcanti, M. A. Q. 1976. **Introdução ao conhecimento dos basidiomicetos poliporóides da Zona da Mata de Pernambuco**. Tese de Livre-Docência, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 200p.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllporales. **Persoonia** 3: 199-324.
- Furtado, J. S. 1981. Taxonomy of *Amauroderma* (Basidiomycetes, Polyporaceae). **Memoirs of the New York Botanical Garden** 34: 1-109.

- Gerber, A. L. 1996. Fungos xilófilos poróides (Aphyllophorales) no Morro da Lagoa da Conceição, Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. **Insula** **25**: 3-68.
- Gerber, A. L. & Loguercio-Leite, C. 1997. New records of polypores (Aphyllophorales) from Southern Brazil. **Mycotaxon** **62**: 305-318.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. A mycological survey of the Aphyllophorales (Basidiomycotina) of the Atlantic Rain Forest in the state of Pernambuco, Brazil. **Mycotaxon** **89**: 200-210.
- Góes-Neto, A. 1999. Polypore diversity in the State of Bahia, Brazil: a historical review. **Mycotaxon** **72**: 43-56.
- Groposo, C. & Loguercio-Leite, C. 2002. Fungos poliporóides xilófilos (Basidiomycetes) da Reserva Biológica Tancredo Neves, Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia, sér. bot.**, **57**(1): 39-59.
- Hawksworth, D. L.; Kirk, D. M.; Sutton, B. C. & Pegler, D. N. 1995. **Ainsworth & Bisby's Dictionary of the Fungi**. CAB International, Cambridge, 616p.
- Jesus, M. A. 1993. Basidiomicetos lignocelulolíticos de floresta nativa e de *Pinus elliottii* Engelm. do Parque das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. **Hoehnea** **20**(1/2): 119-126.
- Jesus, M. A. 1996. Contribution to the knowledge of wood-rotting fungi in Brazil. II. Checklist of fungi from Maraca Island, Roraima State. **Mycotaxon** **57**: 323-328.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1991a. Contribution to a biogeographical study of the Austro-American xylophilous polypores (Aphyllophorales) from Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** **41**: 161-166.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1991b. New South American polypores (Polyporaceae) from Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** **41**: 161-166.
- Lucena, V. L. A. 1988. **Estudo da família Ganodermataceae Donk na Mata do Buraquinho, João Pessoa, Paraíba, Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 88p.
- Moncalvo, J. M & Ryvardeen, L. 1997. **A nomenclatural study of the Ganodermataceae Donk**. Fungiflora, Oslo, 114p.
- Rick, R. 1940. Poliporos riograndenses. **Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica - 1938**, **2**: 271-307.
- Ryvardeen, L. 2000a. Studies in neotropical polypores 2: a preliminary key to neotropical species of *Ganoderma* with laccate pileus. **Mycologia** **92**(1): 180-191.
- Ryvardeen, L. 2000b. Studies in neotropical polypores 5. New and noteworthy species from Puerto Rico and Virgin Islands. **Mycotaxon** **73**: 119-129.
- Ryvardeen, L. & Iturriaga, T. 2001. Studies in neotropical polypores 9. A checklist of poroid fungi from Venezuela. **Mycotaxon** **78**: 393-405.

- Ryvarden, L. & Meijer, A. A. R. 2002. Studies in neotropical polypores 14. New species from the State of Paraná, Brazil. **Synopsis Fungorum** 15: 34-69.
- Silva, J. V. B. 1987. **Contribuição ao conhecimento dos fungos poliporáceos na arborização da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 87p.
- Silva, M. & Minter, D. W. 1995. Fungi from Brasil - Recorded by Batista and co-workers. **Mycological Papers** 169: 1-585.
- Silveira, R. M. B. & Guerrero, R. T. 1991. Aphyllophorales poliporóides (Basidiomycetes) do Parque Nacional de Aparados da Serra, Rio Grande do Sul. **Boletim do Instituto de Biociências** 48: 1-127.
- Sotão, H. M. P.; Bononi, V. L. R. & Figueiredo, T. S. 1991. Basidiomycetes de manguezais da Ilha de Maracá, Amapá, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, sér. Bot.** 7(1): 109-114.
- Steyaert, R. L. 1972. Species of *Ganoderma* and related genera mainly of the Bogor and Leiden herbaria. **Persoonia** 7(1): 55-118.
- Torrend, C. 1920a. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, sér. bot.** 18: 23-43.
- Torrend, C. 1920b. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, sér. bot.** 18: 121-142.
- Torrend, C. 1924. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, sér. bot.** 21(1): 12-42.
- Torrend, C. 1940. As poliporáceas da Bahia e estados limítrofes. **Anais da Reunião Sul-Americana de Botânica – 1938, 2:** 325-341.
- Vinha, P. C. 1988. Fungos macroscópicos do estado do Espírito Santo depositados no Herbário Central da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. **Hoehnea** 15: 57-64.

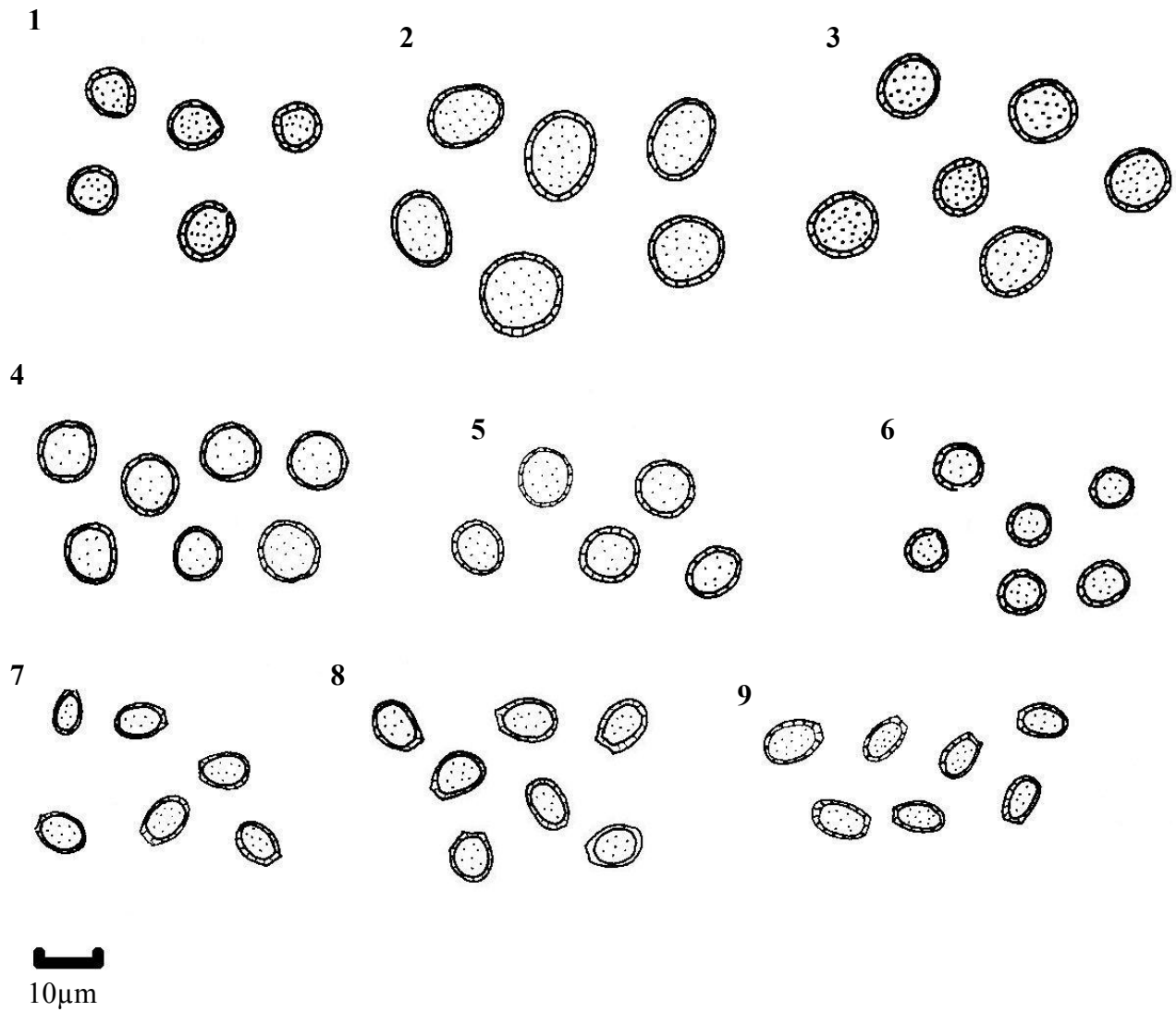


Figura 1. *Amauroderma gusmanianum*; 2. *A. macrosporum*; 3. *A. omphalodes*; 4. *A. praetervisum*; 5. *A. schomburgkii*; 6. *A. sprucei*; 7. *Ganoderma applanatum*; 8. *G. resinaceum*; 9. *G. stipitatum*. Basidiosporos.

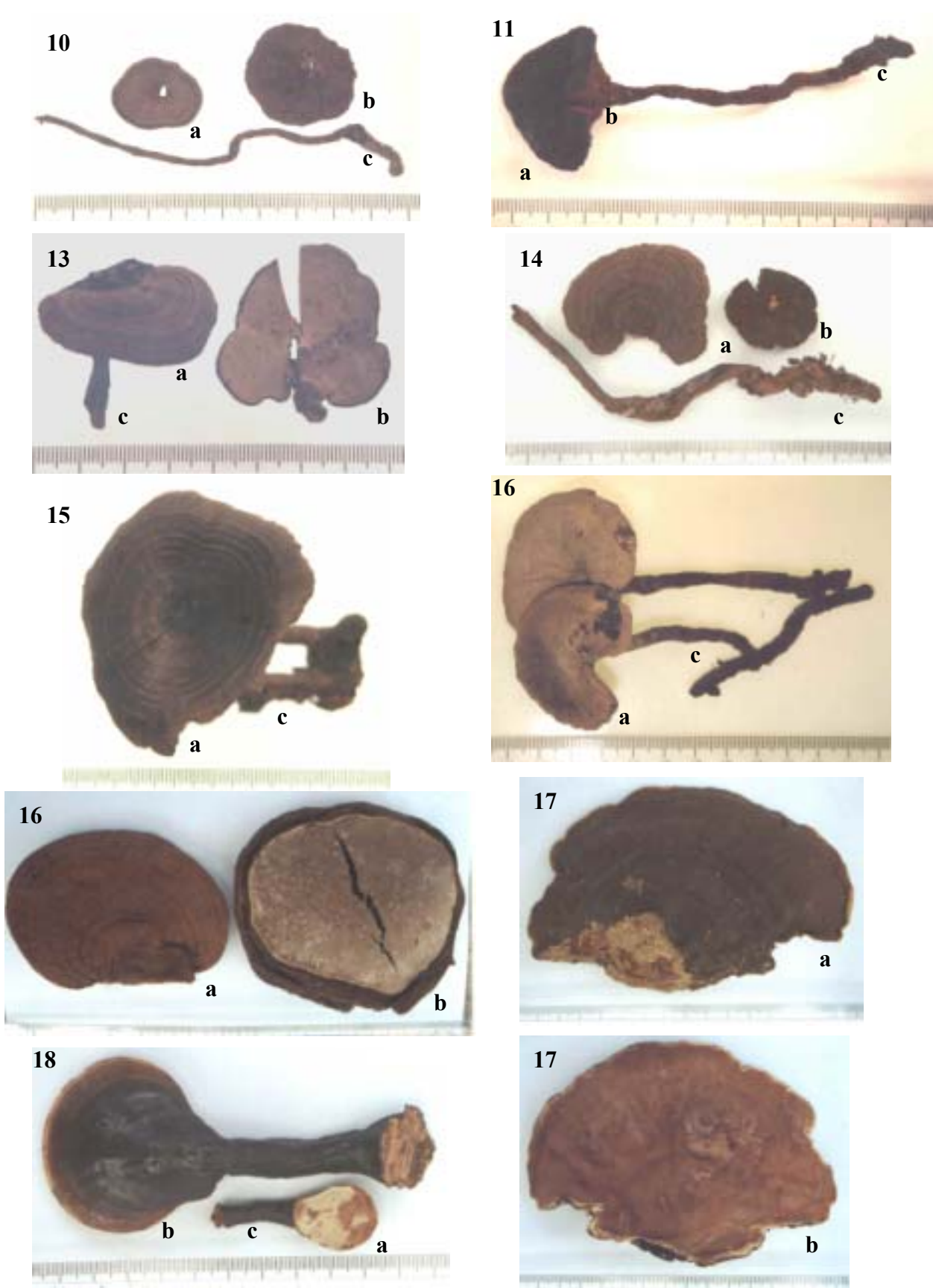


Figura 10. *Amauroderma gusmanianum*; 11. *A. macrosporum*; 12. *A. omphalodes*; 13. *A. praetervisum*; 14. *A. schomburgkii*; 15. *A. sprucei*; 16. *Ganoderma applanatum*; 17. *G. resinaceum*; 18. *G. stiptatum*. Superficie abhymenial (a), himenial (b), estipe (c).

4.2.3. Hydnaceae Chev.

A família Hydnaceae *sensu lato* é um grupo artificial de basidiomicetos que apresenta himênio denticulado ou espinhoso. No trabalho de reorganização das famílias de Aphyllophorales, Donk (1964) restringiu Hydnaceae ao gênero *Hydnum sensu stricto* e distribuiu os gêneros restantes por várias famílias (Auriscalpiaceae, Bankeraceae, Clavariaceae, Coniophoraceae, Corticiaceae, Echinodontiaceae, Gomphaceae, Hericiaceae, Hymenochaetaceae, Polyporaceae e até Tremellaceae). Entretanto, alguns gêneros (*Mycoleptonoides*, *Donkia*, *Mycorrhaphium*, *Steccherinum*) não puderam ser acomodados em outras famílias. Harrison (1973) continuou classificando muitos fungos hidnóides apenas em Hydnaceae e Echinodontiaceae, ao contrário de Maas Geesteranus (1963; 1974; 1976; 1978), que aceitava a distribuição dos gêneros por várias famílias, e criou uma nova família, Auriscalpiaceae, para abrigar os gêneros *Auriscalpium*, *Gloiodon* e *Lentinellus*. Atualmente, Kirk *et al.* (2001) consideram Hydnaceae uma família de Cantharellales, enquanto as demais famílias aceitas por Donk (1964) e Maas Geesteranus (1963; 1974; 1976; 1978) encontram-se distribuídas por ordens como Polyporales, Russulales e Thelephorales.

No Brasil, os fungos hidnóides foram estudados por Rick (1932a; 1932b), Bononi-Penteado (1976) e Bononi (1979; 1981) e citações sobre algumas espécies são encontradas nos trabalhos de Bononi *et al.* (1981), Bononi (1984), Hjortstam & Bononi (1986a; 1986b), Rajchenberg (1987), Capelari & Maziero (1988), Sótão *et al.* (1991) e Jesus (1993).

Neste trabalho, três gêneros e três espécies de Hydnaceae *sensu lato* foram identificados.

Chave para identificação das espécies

1. Basidioma ressupinado, cistídios incrustados presentes *Gloeodontia discolor*
- 1'. Basidioma sésbil a estipitado, cistídios incrustados ausentes 3
2. Basidioma estipitado, basidioporos amilóides, 4,5-5,5 X 3,5-4,5µm *Auriscalpium villipes*
- 2'. Basidioma sésbil, basidioporos não amilóides, 2,0-4,5 X 1,5-2,0µm *Climacodon pulcherrimus*

Auriscalpium villipes (Lloyd) Snell & E. A. Dick,

Lloydia 21: 35, 1958.

Basiônimo: *Hydnum villipes* Lloyd, Mycol. Writ. 5: 801, 1918

(Fig 1, 4)

Sinônimos:

Hydnum platense Speg., Boln Acad. Nac. Cienc. Córdoba 28: 397, 1926

Hydnum ursinum Lloyd *apud* Overholts in Seaver & Chardon, Sci. Surv. Porto Rico & Virgin Isl. 8 (1): 156, 1926

Basidioma reniforme, cartilaginoso quando fresco, papiráceo quando seco, 3,0 x 2,5cm. Superfície abhimenial velutina, MP15L12 (Raw UMBER, Partridge). Margem inteira, concolor à superfície abhimenial. Contexto reduzido. Superfície himenial hidnóide, MP8L12 (Mandalay, Friar), espinhos 1mm de comprimento. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina a levemente espessa, 2,0-4,5µm; hifas esqueléteas hialinas a marrons, com parede espessa a sólidas, às vezes ramificadas, 3,5-4,5µm; hifas oleíferas não observadas. Gleocistídios não observados, mas “2,0-8,0µm de largura” (Stalpers 1996). Basídios clavados, 16,0-20,0 x 4,5-6,5µm, tetraesporados. Basidiosporos hialinos, subglobosos a elípticos, equinulados, amilóides, 5,0 x 2,5µm.

Material examinado: Pernambuco: Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77411).

Distribuição: Neotropical (Ryvarden 2001).

Discussão: *A. villipes* apresenta variação macromorfológica: o basidioma pode ser quase sésil ou com estipe longo ou curto, e a superfície abhimenial pode estar coberta por pêlos ou quase totalmente glabra. No Brasil, foi citada para Goiás, São Paulo (Bononi-Penteado 1976) e Rio Grande do Sul (Ryvarden 2001), tratando-se da primeira ocorrência na região Nordeste.

Climacodon pulcherrimus (Berk. & M. A. Curtis) Nikol.,

Fl. Sporov. Rast. URSS 6 (2): 194, 1961.

Basiônimo: *Hydnum pulcherrimum*, Berk. & M. A. Curtis, J. Bot. & Kew Gard. Misc. 1: 235, 1849

(Fig. 2, 5)

Sinônimos:

Steccherinum pulcherrinum (Berk. & M. A. Curt.) Bank., Mem. Torrey Bot. Club 12: 129, 1906

Creolophus pulcherrimus (Berk. & Curt.) Bank., Mycologia 5: 294, 1913

Dryodon pulcherrimus (Berk. & Curt.) Pil., Bull. Soc. Mycol. Fr. 49: 315, 1934

Donkia pulcherrima (Berk. & Curt.) Pil., Bull. Soc. Mycol. Fr. 52: 328, 1937

Hydnum gilvum Berk., Lond. J. Bot. 3: 168, 1851

Hydnum friabile Fr., Symb. Mycol. 106, 1855

Hydnum durisculum Lloyd, Mycol. Writ. 6: 1002, pl.166, fig.1828, 1920

Hydnum singaporense Lloyd, Mycol. Writ. 7: 1107, pl.188, fig. 2035, 1922

Sarcodon salmoneus Heim, Revue Mycol. 27: 128, pl.4, 1962

Basidioma séssil, aplanado, dimidiado, carnoso quando fresco, coriáceo quando seco, 4,5-9,0 x 2,5-4,5cm. Superfície abhimental glabra, MP16A1, quando fresco, MP6A12 (Rust Sorolla Br+), quando seco. Margem inteira, concolor à superfície abhimental. Contexto reduzido, 0,1cm, MP11B6 (Paeachbeige-). Superfície himental hidnóide, MP2A1, quando fresco, MP3A11 (Wren), MP8L10 (Java+, Nomad Br-), MP11C3 (Sheepskin, Moth+), espinhos até 4mm de comprimento, 2-4/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão e parede fina, 3,0-10,0µm; hifas esqueléteas hialinas, com parede fina, às vezes ramificadas, 3,0-6,0µm. Gleocistídios clavados, 30,0-60,0 x 5,0-7,0µm. Basídios clavados, 17,0-22,0 x 3,0-5,0µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, lisos, não amilóides, 2,0-4,5 x 1,5-2,0µm.

Material examinado: **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77375), V/2002 (URM77376); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM77371), V/2002 (URM77373, 77374), em *Didymopanax* sp. (sambacuí) em decomposição: III/2002 (URM77372); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77369), III/2002 (URM77370); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, em angiosperma em decomposição, col. Gibertoni: III/2001 (URM77367).

Distribuição: Cosmopolita (Bononi 1979).

Discussão: Quando recém-coletada, *C. pulcherrimus* pode ser caracterizada pelo basidioma dimidiado, branco e esponjoso. No Brasil, foi encontrada no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo (Bononi 1979), Pará e Rondônia (Bononi 1981), tratando-se da primeira ocorrência para o Nordeste.

Gloeodontia discolor (Berk. & M. A. Curtis) Boidin,

Cah. Maboké 4: 22, 1966

Basiônimo: *Irpex discolor* Berk & M. A. Curtis, 1973

(Fig. 3, 6)

Sinônimos:

Xylodon discolor (Berk. & M. A. Curt.: Berk.) O. Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (2): 541, 1898

Odontia eriozona Bres., Mycologia 17 (2): 71, 1925

Basidioma ressupinado. Margem inteira, concolor à superfície himental. Contexto reduzido. Superfície himental hidnóide a irpicóide, MP11F6, MP12F7, MP13H9, dentes 2-3/mm. Sistema hifálico trimítico, hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,0-1,8µm; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa a sólida, 1,0-2,7µm; hifas conectivas hialinas, com parede sólida, 1,0-1,8µm. Gleocistídios cilíndricos, clavados a fusóides, 22,5-75,0 x 5,0-10,0µm. Cistídios incrustados apicalmente,

6,0-9,0µm de largura. Basídios subclavados, 12,0-20,0 x 43,5-4,0µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, asperulados, amilóides, 2,7-3,6 x 1,8-2,7µm .

Material examinado: **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Anacardium occidentale* (cajueiro) em decomposição: XI/2001 (URM77585); **Pernambuco:** Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77368), I/2002 (URM77586), III/2002 (URM77587); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77589); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77588).

Distribuição: Regiões tropicais da América e África (Bononi 1979).

Discussão: *G. discolor* difere das demais espécies encontradas da família pela presença de cistídios incrustados. No Brasil, foi encontrada em São Paulo (Bononi 1979; 1984; Bononi *et al.* 1981; Jesus 1993), tratando-se da primeira ocorrência para o Nordeste.

4.2.3.1. Referências Bibliográficas

Bononi, V. L. R. 1979. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: III. Espécies hidnóides.

Rickia 8: 63-74.

Bononi, V. L. R. 1981. Alguns basidiomicetos hidnóides da região Amazônica. **Rickia 9:** 13-30.

Bononi, V. L. R. 1984. Basidiomicetos do cerrado da Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP. **Rickia 11:** 1-25.

Bononi, V. L. R.; Trufem, S. F. B & Grandi, R. A. P. 1981. Fungos macroscópicos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil, depositados no herbário do Instituto de Botânica. **Rickia 9:** 37-53.

Bononi-Penteado, V. L. R. 1976. **Basidiomicetos hidnóides da micota brasileira.** Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 314p.

Capelari, M. & Maziero, R. 1988. Fungos macroscópicos do estado de Rondônia, região dos rios Jaru e Ji-Paraná. **Hoehnea 15:** 28-36.

Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllophorales. **Persoonia 3:** 199-324.

Harrison, K. A. 1973. Aphyllophorales III: Hydnaceae and Echinodontiaceae. Pp. 369-395. In: Ainsworth, G. C.; Sparrow, F. K. & Sussman, A. S. **The Fungi – An advanced treatise IVB.** Academic Press, Nova York.

Hjortstam, K & Bononi, V. L. R. 1986a. Fungos corticióides do Brasil (Aphyllophorales). **Rickia 13:** 113-125.

- Hjortstam, K & Bononi, V. L. R. 1986b. Studies in tropical Corticiaceae (Basidiomycetes) VI: A new species of *Steccherinum* from Brazil. **Mycotaxon** **25**: 467-468.
- Jesus, M. A. 1993. Basidiomicetos lignocelulolíticos de floresta nativa e de *Pinus eliottii* Engelm. do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. **Hoehnea** **20**(1/2): 119-126.
- Kirk, P. M.; Cannon, P. F.; David, J. C. & Stalpers, J. A. 2001. **Dictionary of Fungi**. 9ed. CABI Publishing, Surrey, 655p.
- Maas Geesteranus, R. A. 1963. Hyphal structures in *Hydnums*. II. **Verhandelingen der Koninklijke Nederlandshe Akademie van Wetenschappen** **66**(5): 426-436.
- Maas Geesteranus, R. A. 1974. A handful of South American *Hydnums*. **Verhandelingen der Koninklijke Nederlandshe Akademie van Wetenschappen** **77**(3): 228-238.
- Maas Geesteranus, R. A. 1976. Notes on *Hydnums*. X. **Verhandelingen der Koninklijke Nederlandshe Akademie van Wetenschappen** **79**(3): 273-289.
- Maas Geesteranus, R. A. 1978. Notes on *Hydnums*. XI. **Persoonia** **9**(4): 491-500.
- Rajchenberg, M. 1987. Type studies of Polyporaceae (Aphylophorales) described by J. Rick. **Nordic Journal of Botany** **7**: 553-568.
- Rick, J. 1932a. Hidnaceas Riograndenses. **Egatea** **17**: 1-9.
- Rick, J. 1932b. Hidnaceas Riograndenses. **Egatea** **17**(4-5): 209-212.
- Ryvarden, L. 2001. The genus *Auriscalpium*. **Harvard Papers in Botany** **6**(1): 193-198.
- Sotão, H. M. P.; Bononi, V. L. R. & Figueiredo, T. S. 1991. Basidiomycetes de manguezais da Ilha de Maracá, Amapá, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, sér. Bot.** **7**(1): 109-114.
- Stalpers, J. A. 1996. The aphylophoraceous fungi II. Keys to the species of the Hericiales. **Studies in Mycology** **40**: 1-185.

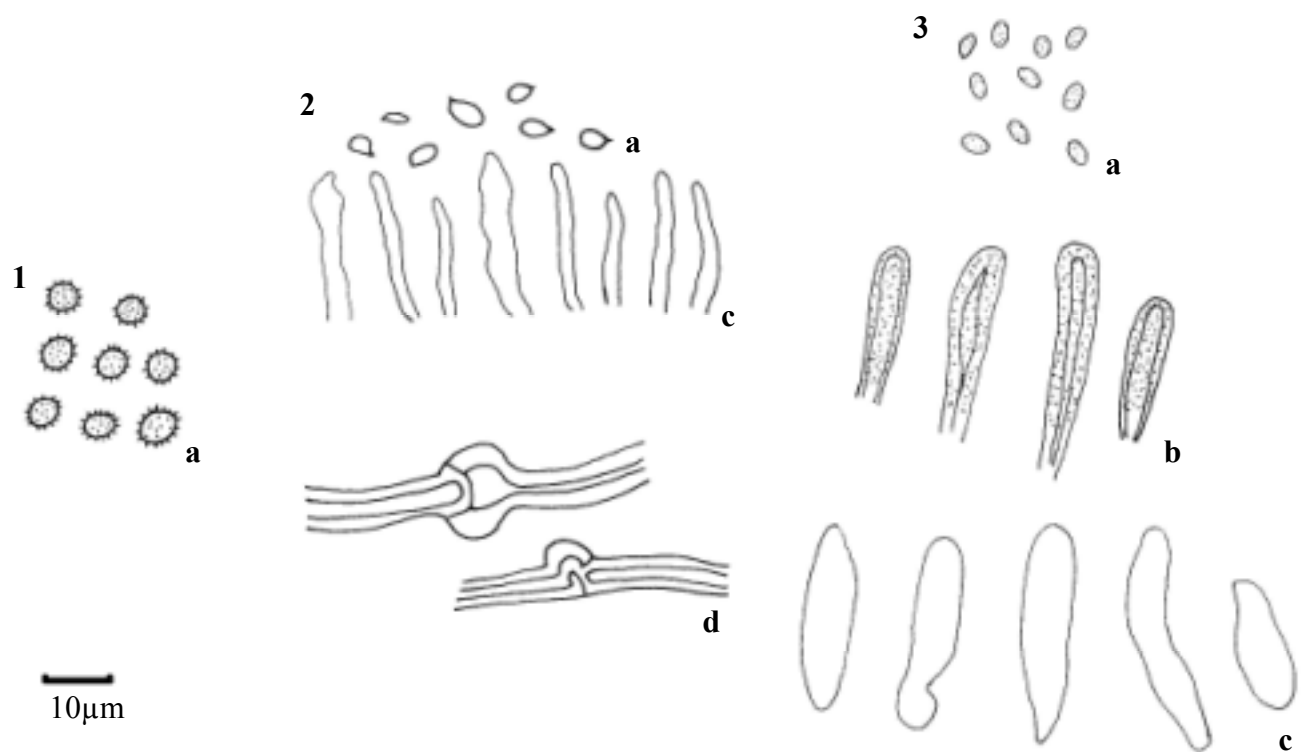


Figura 1. *Auriscalpium villipes*; **2.** *Climacodon pulcherrimus*; **3.** *Gloeodontia discolor*. Basidiosporos (a), cistídios (b), gleocistídios (c), hifas generativas com grampo de conexão (d).

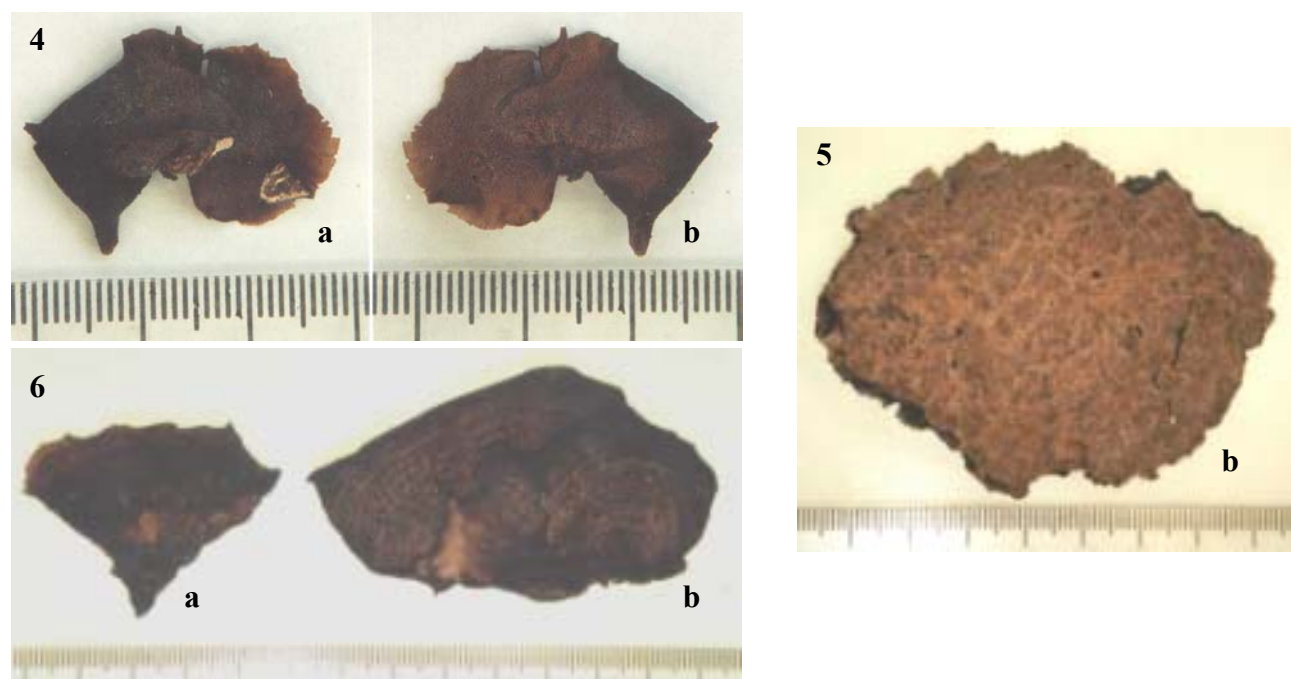


Figura 4. *Auriscalpium villipes*; **5.** *Climacodon pulcherrimus*; **6.** *Gloeodontia discolor*. Superfície abhymenial (a), superfície hymenial (b).

4.2.4. Hymenochaetaceae Donk

A família Hymenochaetaceae foi criada por Donk em 1948 (*in* Donk 1964) para abrigar as espécies de basidiomicetos xantocróicos (que escurecem permanentemente na presença de KOH) que não possuem grampo de conexão e podem apresentar setas. O himênio apresenta-se liso a tuberculado ou tubular. Quando liso ou tuberculado, o basidioma pode ser ressupinado, efuso-reflexo, pileado estipitado ou sésil, ou ainda clavarióide (*Lachnocladium*) e, quando tubular, nunca clavarióide (Donk 1964). Em 1965, Reid descreve a família Lachnocladiaceae para abrigar, entre outros, gêneros considerados por Donk (1964) como representantes de Hymenochaetaceae (*Asterostroma*, *Lachnocladium* e *Vararia*). Esta família era considerada por Donk um grupo bem característico devido à ausência de grampo de conexão e também pela produção extracelular de oxidases por todas as espécies estudadas até então (Donk 1964), sendo elevada à categoria de ordem por Oberwinkler em 1977. Posteriormente, estudos moleculares e citogenéticos sugerem a naturalidade do grupo (Fiasson & Niemelä 1984; Boidin *et al.* 1998; Binder & Hibbet 2002) e de alguns gêneros, como *Coltricia*, *Onnia* e *Phylloporia* (Wagner & Fischer 2001; Wagner & Ryvardeen 2002), mas outros, como *Hymenochaete*, *Inonotus* e *Phellinus*, parecem ser polifiléticos (Góes-Neto *et al.* 2001; 2002; Wagner & Fischer 2001; 2002a; 2002b).

Referências à Hymenochaetaceae no Brasil podem ser encontradas nos trabalhos de Torrend (1926 1940), Teixeira (1946a; 1946b; 1950), Fidalgo (1968), Bononi (1979; 1984; 1992), Sousa (1977; 1980), Job (1985; 1990), Bononi *et al.* (1981), Rajchenberg (1987), Capelar & Maziero (1988), Vinha (1988), Loguercio-Leite & Wright (1991; 1995), Silveira & Guerrero (1991), Azevedo & Guerrero (1993), Jesus (1993; 1996), Coelho (1994), Silva & Minter (1995), Coelho & Wright (1996), Gerber (1996), Gerber & Loguercio-Leite (1997), Soares & Gugliotta (1998), Campos & Cavalcanti (2000), Gibertoni & Cavalcanti (2000; 2003), Góes-Neto *et al.* (2000; 2003), Groposo & Loguercio-Leite (2002), Ryvardeen & Meijer (2002).

No presente trabalho, nove gêneros e 34 espécies de Hymenochaetaceae foram registradas nos estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Chave para identificação de gêneros

1. Superfície himenial poróide 2
- 1'. Superfície himenial lisa a hidnóide 7
2. Basidioma distintamente estipitado, sistema hifálico monomítico, basidiosporos lisos ou verruculosos, setas ausentes 3

- 2'. Basidioma sésil ou com estipe na forma de base atenuada, sistema hifálico mono ou dimítico, basidiosporos lisos, setas presentes ou ausentes 4
3. Basidioma coletado em solo, basidiosporos verruculosos *Coltriciella*
- 3'. Basidioma coletado em madeira em decomposição, basidiosporos lisos *Coltricia*
4. Sistema hifálico monomítico, basidiosporos hialinos a amarelo-pálidos 5
- 4'. Sistema hifálico dimítico, basidiosporos hialinos a marrom-ferrugíneos *Phellinus*
5. Setas ausentes, basidiosporos amarelados, até 5µm de comprimento *Phylloporia*
- 5'. Setas presentes ou ausentes, basidiosporos hialinos a amarelo-pálidos, maiores que 5µm de comprimento 6
6. Setas sempre presentes, linha preta presente no contexto *Cyclomyces*
- 6'. Setas presentes ou ausentes, linha preta ausente no contexto *Inonotus*
7. Dichifas presentes *Dichochaete*
- 7'. Dichohifas ausentes 8
8. Superfície himenial papilada a hidnóide *Hydnochaete*
- 8'. Superfície himenial lisa *Hymenochaete*

Coltricia cinnamomea (Jacq.) Murril,
Bull. Torr. Bot. Cl. 31: 343, 1904

Basiônimo: *Boletus cinnamomeus* Jacq., Collect. Bot. 1: 116, 1787.

(Fig 1, 34)

Sinônimos:

Polyporus cinnamomeus Pers., Mycol. Europ. 2: 41, 1825

Polyporus parvulus Kl., Linnaea, p. 483, 1833

Polyporus cladonia Berk., London J. Bot. 4: 51, 1845

Polyporus oblectans Berk., London J. Bot. 4: 51, 1845

Polyporus bulbipes Fr., Pl. Preiss 2: 135, 1847

Polyporus splendens Pk., N. Y. State Mus. Ann. Rept. 26: 68, 1874

Polyporus perdurans Kalch. & Cooke, Grevillea 9: 1, 1880

Polyporus subsericeus Pk., N. Y. State Mus. Ann. Rept. 33: 37, 1880

Basidioma anual, coriáceo, pileado, circular, centralmente estipitado, 1,5-2,0cm de diâmetro. Estipe 2,5-3,0cm de comprimento, expandido na base, MP15J11. Píleo circular, superfície abhimenial velutina, zonada, MP15J11. Margem inteira. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP15J11, 2-4 poros/mm, circulares a angulares, tubos concolor ao contexto. Sistema hifálico monomítico; hifas

generativas com septo simples, hialinas a ferrugíneas, parede fina a espessada, 2,0-8,0µm. Setas ausentes. Basídios clavados, 15,0-22,0 x 5,0-7,0µm. Basidiosporos hialinos a amarelados, elípticos, parede fina, lisos, 8,5-9,0 x 4,0-5,5µm, gutulados.

Material examinado: **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em solo: VII/2001 (URM77574); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, em solo: VII/2001 (URM77452); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em solo: VII/2001 (URM77453).

Distribuição: Cosmopolita (Núñez & Ryvardeen 2000).

Discussão: *C. cinnamomea* é caracterizada pela superfície abhiminal brilhante e pelos basidiosporos grandes. No Brasil, foi relatada para o estado do Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), tratando-se de uma nova ocorrência para a região Nordeste.

Coltriciella navispora Aime, Henkel & Ryvardeen,

Mycologia, no prelo, 2003

(Fig. 2, 35)

Basidioma anual, coriáceo, pileado, flabeliforme a reniforme, estipitado, 1,5-2,5 x 1,0-1,5cm. Estipe curto, lateral, 0,5-2,0cm de comprimento. Superfície abhiminal velutina, zonada, MP15A9 (Dark Beaver, Santos, Praliné, Nutmeg). Margem inteira. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP8A12 (Autumn), 1-2 poros/mm, circulares a angulares, tubos concolor ao contexto. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com septo simples, amareladas a ferrugíneas, parede fina a espessada, 2,5-8,0µm. Setas ausentes. Basídios clavados, 15,0-22,0 x 5,0-7,0µm. Basidiosporos hialinos a amarelados, naviculares, parede fina, verruculosos, 8,5-9,0 x 4,0-5,5µm.

Material examinado: **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77456); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77454), VI/2002 (URM77455).

Distribuição: Conhecida apenas da Venezuela (Ryvardeen, com. pes.).

Discussão: Segundo relato da espécie no mundo, *C. navispora* é caracterizada pelos basidiosporos naviculares e verruculosos.

Cyclomyces iodinus (Mont.) Pat.,

Essai Tax. p. 98, 1900.

Basiônimo: *Polyporus iodinus* Mont., Ann. Sci. Nat. Bot. 2, 16: 108, 1841.

(Fig. 3, 36)

Basidioma anual, coriáceo, pileado, dimidiado, flabeliforme a semicircular, 1,0-5,0 x 1,0-2,0cm. Superfície abhimenial velutina, zonada, MP15L12 (Raw Umber). Margem levemente lobada. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP16J12, 6 poros/mm, circulares a angulares, tubos concolor ao contexto. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com septo simples, hialinas a ferrugíneas, parede fina a espessada, 3,0-7,0µm. Setas himeniais agudas, 25,0-60,0 x 4,0-7,0µm. Basídios cilíndricos, 12,0-18,0 x 3,0-4,0µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, parede fina, lisos, 3,5-4,0 x 2,0-2,5µm.

Material examinado: Pernambuco: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77458); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM77457); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Henrietta* sp. (manipueira) em decomposição: III/2002 (URM77460).

Distribuição: Neotropical (Gilbertson & Ryvardeen 1987).

Discussão: *C. iodinus* pode ser caracterizada pelo basidioma flexível e pela presença de setas. No Brasil, foi relatada para o estado da Bahia (Torrend 1940; Góes-Neto 1999), Espírito Santo (Vinha 1988), Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), Roraima (Jesus 1996), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Gerber 1996) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Soares & Gugliotta 1998) tratando-se de nova ocorrência para Pernambuco.

Chave para identificação das espécies de *Dichochaete*

1. Basidioma pileado, superfície himenial granulada a tuberculada, dendrohidídios ausentes *D. setosa*
- 1'. Basidioma ressupinado, superfície himenial lisa, dendrohidídios presentes *D. ceratophora*

Dichochaete ceratophora (Job) Parmasto,

Folia Cryptog. Estonica 37: 56, 2001

Basiônimo: *Hymenochaete ceratophora* Job, Rev. Invest. Agrop. INTA 20 (1): 146, 1985.

(Fig. 4, 37)

Sinônimo:

Hymenochaete alabastrina, Escobar: Léger, Cryptogamie, Mycol. 11 (4): 146, 1990

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial lisa a granulada, MP13A4 (Gravel, Meerschaum+), MP13E8. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amareladas, parede fina, com septos simples, 2,5-4,0µm, dicohifas marrons, com parede espessa, 2,5-4,0µm de diâmetro. Setas 50,0-70,0 x 5,0-10,0µm, projetando-se 17,5-27,5µm além do nível dos basídios. Basídios estreitamente

clavados, 20,0 x 2,5µm. Basidiosporos não observados, mas “elípticos, alongados, 4,5 –7,0 x 2,0-2,8µm” (Parmasto 2001b).

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77234), I/2002 (URM77235).

Distribuição: Costa Rica, Argentina e Brasil (Parmasto 2001b).

Discussão: O gênero apresenta duas espécies e é caracterizada pela presença de dicohifas semelhantes às encontradas em *Clavariachaete* (Parmasto 2001b). Esta espécie foi anteriormente relatada para o Rio Grande do Sul e São Paulo (Job 1990; Léger 1990; Azevedo & Guerrero 1993; Soares & Gugliotta 1998), sendo encontrada pela primeira vez no Nordeste.

Dichochaete setosa (Sw.: Fr.) Parmasto,

Folia Cryptog. Estonica 37: 57, 2001

Basíônimo: *Thelephora setosa* Sw.: Fr, Fl. Ind. Occid. 3: 1929, 1806.

(Fig. 5, 38)

Sinônimo:

Hymenochaete aspera Berk. & M. A. Curt., Linn. Soc. Bot. J. 10: 334, 1868

Basidioma papiráceo a coriáceo, fino, amplamente reflexo com uma base efusa estreita, dimidiado, imbricado, 2,2-6,5cm de comprimento, 1,0-3,0cm de largura. Superfície abhimenial concentricamente sulcada e zonada, estrigosa, MP16A4 (Eagle). Contexto reduzido. Margem inteira a levemente recortada, MP13E9. Superfície himenial granulada a tuberculada, MP14E8 (Dogwood/Pigskin+). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amareladas, parede fina, com septos simples, 2,5µm; dicohifas marrons, com parede espessa, 2,5-5,0µm de diâmetro. Setas 50,0-70,0 x 5,0-10,0µm, projetando-se 17,5-27,5µm além do nível dos basídios. Basídios estreitamente clavados a cilíndricos, 20,0 x 2,5µm. Basidiosporos não observados, mas “cilíndricos, curvados, 4,5 –7,2 x 1,5-2,5µm” (Parmasto 2001a).

Material examinado: Pernambuco: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77236); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Pterodon* sp. (sucupira) viva: I/2002 (URM77237), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2002 (URM77238).

Distribuição: México, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Jamaica, Trinidad, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Venezuela, Índia e Nepal (Parmasto 2001b).

Discussão: *D. setosa* difere de *D. ceratophora* pelo basidioma efuso-reflexo a sésstil, frequentemente imbricado e pelos basidiosporos elípticos. Foi relatada recentemente para Pernambuco por Gibertoni & Cavalcanti (2003).

Hydnochaete peroxydata (Berk. & M. A. Curtis) Dennis,
Kew Bull. Add. Ser. 3: 105, 1970.

Basiônimo: *Hydnum peroxydatum* Berk. & M. A. Curtis, Grevillea 20: 1, 1881.

(Fig. 6, 39)

Sinônimos:

Hydnochaete badia Bres., Hedwigia 35: 287, 1881

Hydnochaete ferruginea Rick, Ann. Mycol. 3: 235, 1905.

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido, córtex presente. Margem irregular. Superfície himenial papilada a odontióide, 2-3 dentes/mm, MP14J8 (Maple Sugar). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amareladas, parede fina, com septos simples, 2,5-4,0 μ m; hifas esqueléteas marrons, com parede espessa, 2,5-5,0 μ m de diâmetro. Setas 30,0-70,0 x 8,0-15,0 μ m, projetando-se 17,5-27,5 μ m além do nível dos basídios. Basídios estreitamente clavados a cilíndricos, 20,0 x 2,5 μ m. Basidiosporos não observados, mas “cilíndricos, hialinos, parede fina, 1,5-2,0 x 3,0-4,0 μ m” (Ryvarden 1982).

Material examinado: Pernambuco: Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77239).

Distribuição: Brasil e Venezuela (Ryvarden 1982).

Discussão: A superfície himenial papilada a odontióide e o tamanho dos basidiosporos diferenciam *H. peroxydata* das demais espécies. Relatada anteriormente para o Sul e Sudeste do país (Ryvarden 1982; Soares & Gugliotta 1998), constitui a primeira ocorrência para o Nordeste.

Chave para identificação das espécies de *Hymenochaete*

1. Basidioma estipitado *Hymenochaete damicornis*
- 1'. Basidioma séssil a ressupinado 2
2. Basidioma séssil a efuso-reflexo 3
- 2'. Basidioma ressupinado 4
3. Córtex presente, hifas incrustadas com cristais *H. luteobadia*
- 3'. Córtex ausente, hifas não incrustadas *H. rheicolor*
4. Estrato de setas disposto diretamente sobre o substrato *H. aff. pratensis*
- 4'. Estrato de setas disposto sobre córtex 5
5. Dendrohidídeos presentes *H. pinnatifida*
- 5'. Dendrohidídeos ausentes *H. leonina*

Hymenochaete damicornis (Link) Lév.,

Ann. Sci. Nat. Bot. III 5: 151, 1846

Basiônimo: *Stereum damicorne* Link, Mag. Ges. Naturforsch. Freunde Berlin 3: 40, 1809.

(Fig. 7, 40)

Sinônimos:

Hymenochaete formosa Lév., 1846

Hymenochaete caxangaensis Bat. & A. F. Vital, 1960

Stiptochaete damicornis (Link) Ryvarden, Trans. Brit. Mycol. Soc. 85 (3): 537, 1985

Basidioma central a lateralmente estipitado, púleo papiráceo a coriáceo, fino, circular a flabeliforme, 2,0-4,0cm de comprimento, 1,5-3,0cm de largura, estipitado, estipe 1,0-4,0cm, concolor à superfície abhimenial. Superfície abhimenial concentricamente zonada, velutina, MP13G9, MP13H10, MP14B9 (Oak Wood, Mesa Car-, Touché+, Durango). Contexto reduzido. Margem inteira a lobada, concolor à superfície abhimenial. Superfície himenial lisa, MP13C5, MP13D7 (Oakbuff), MP14C5 (Sponge+). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amareladas, parede fina, com septos simples, 2,5-6,0µm, hifas esqueléteas marrons, com parede espessa, 2,5-6,0µm de diâmetro. Setas 100,0-150,0 x 8,0-15,0µm, projetando-se 150µm além do nível dos basídios. Basídios clavados, 12-20,0 x 5,0-8,0µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, com parede fina, 5,0-6,5 x 3,0-3,5µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em solo: V/2001 (URM77247); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em solo: III/2002 (URM77245); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, no solo: VII/2001 (URM77242); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, no solo: V/2001 (URM77241); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em solo: III/2002 (URM77243); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em solo: III/2002 (URM77246); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, no solo: V/2002 (URM77240); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em solo: I/2002 (URM77244).

Distribuição: México, Belize, Costa Rica, Guatemala, Honduras, República Dominicana, Jamaica, Porto Rico, Trinidad, Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela (Parmasto 2001a).

Discussão: O basidioma estipitado e encontrado geralmente no solo caracteriza a espécie. Foi relatada para o Sul e Sudeste do Brasil (Bononi 1979; 1984; Job 1985; Azevedo & Guerrero 1993; Léger 1998; Soares & Gugliotta 1998) e para Pernambuco por Batista & Vital (1960), constituindo esta a primeira referência para Sergipe, Alagoas e Paraíba.

Hymenochaete leonina Berk & M. A. Curtis,

J. Linn. Soc. Bot. 10 (46): 334, 1868

(Fig 8, 41)

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Margem inteira, MP11J9 (Inca Gold), MP13K9 (Sorrel). Superfície himenial lisa, MP13H11, MP13J11, MP14C7 (Trush, Shag-, Bark+), MP14D6, MP14G8. Córtex presente como linha escura no contexto, até 55µm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas a amareladas, parede fina, com septos simples, 2,5µm. Setas 50-90 x 5,0-14,0µm, projetando-se 27,5-60,0µm além do nível dos basídios. Basídios clavados, 20,0 x 5,0-6,0µm. Basidiosporos hialinos, elípticos a cilíndricos, 4,0 –5,0 x 1,8-2,4µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77260), V/2001 (URM77261), XI/2001 (URM77262), I/2002 (URM77296), III/2002 (URM77263); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77265); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77253), I/2002 (URM77254), III/2002 (URM77255); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2001 (URM77251), XI/2001 (URM77250), em *Thyrsodium schomburgkianum* (cabatã de leite) em decomposição: V/2002 (URM77252); **Pernambuco:** Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77266); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77248), III/2002 (URM77249); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77296), XI/2001 (URM77256), I/2002 (URM77257), III/2002 (URM77258), V/2002 (URM77259); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM77264).

Distribuição: México, Cuba, Jamaica, Guadalupe, Trinidad, Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Uruguai, Venezuela, Quênia, Índia, Sri Lanka (Parmasto 2001a).

Discussão: O basidioma ressupinado e a presença de córtex como uma linha escura no contexto são característicos da espécie. Anteriormente registrada para o Amazonas, Rio Grande do Sul e Rondônia (Job 1985; Léger 1998), constitui a primeira citação para o Nordeste do Brasil.

Hymenochaete luteobadia (Fr.) Höhn. & Litsch.,

K. Akad. Wiss. Wien Sitzungsber 116: 750, 1907

Basiônimo: *Thelephora luteo-badia* Fr., Linnaea 5: 526, 1830.

Sinônimos:

Thelephora kunzei Hook., Bot. Misc. 2; 163, 1831

Stereum luteo-badium (Fr.) Fr., Epicr. Syst. Mycol. 547, 1838

Stereum laetum Berk., Acad. Nat. Sci. Phila. Jour. 2: 279, 1853

Hymenochaete laeta Berk. in Cooke, Grevillea 8: 146, 1880

Stereum pulchrum (Schw.) Cooke in Sacc. Syll. Fung. 6: 561, 1888

Hymenochaete kunzei (Hook.) Mass., Linn. Soc. Bot. Jour. 27: 100, 1890

Hymenochaete reflexa Burt, Ann. Miss. Bot. Gard. 5: 336, 1918

Hymenochaete cubensis Burt, Ann. Miss. Bot. Gard. 5: 337, 1918

Basidioma papiráceo a coriáceo, fino, amplamente reflexo com uma base efusa estreita, dimidiado, 0,5-4,0cm x 0,5-4,0cm. Superfície abhimenial concentricamente sulcada e zonada, velutina, MP14L11 (Oak/Briar+), MP15L12 (Raw UMBER), MP16E12 (Bronze Lustre). Contexto reduzido, 0,1cm. MP13H11. Margem inteira a levemente recortada, MP13C5, MP15J12. Superfície himenial lisa, MP12C6 (Lariat), MP12I7 (Desert), MP14G7. Córtex presente como linha escura no contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amareladas, com septos simples, parede fina, 2,5µm; hifas esqueléteas marrons, com parede espessa, 2,5-5,0µm de diâmetro. Setas marrons, agudas, 39,0-45,0 x 8,5-9,0µm, projetando-se 17,5-27,5µm além do nível dos basídios. Basídios clavados, 6,0-12,0 x 2,5-5,0µm. Basidiosporos não observados, mas “oblongo-elípticos, achatados em um dos lados, 4,0-5,5 x 1,8-2,5µm” (Parmasto 2001a).

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77289); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77287); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77279), I/2002 (URM77280), III/2002 (URM77281); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77276), XI/2001 (URM77277); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: VII/2001 (URM77273), XI/2001 (URM77274), em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77275); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77278); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77288); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77267), V/2001 (URM77268), VII/2001 (URM 77269), IX/2001 (URM77270), III/2002 (URM77271), V/2002 (URM77272); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni,

em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM77282), em *Piptadenia moniliformis* (catanduva) em decomposição: XI/2001 (URM77283), em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77284), V/2002 (URM77285); **Sergipe**: Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2001 (URM77286).

Distribuição: EUA, México, El Salvador, Honduras, Cuba, Jamaica, República Dominicana, Granada, Guadalupe, Porto Rico, Santa Lúcia, Argentina, Brasil, Equador, Guiana, Suriname, Peru, Venezuela, República Central Africana, Gabão, Ilhas Reunião, África do Sul, China, Índia (Burt 1918; Reeves & Welden 1967; Parmasto 2001a).

Discussão: O basidioma efuso-reflexo a pileado, geralmente imbricado, e a presença de córtex e de hifídios incrustados são característicos da espécie. Anteriormente relatada no Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo (Bononi 1979; Job 1985; Léger 1998) e em Pernambuco (Gibertoni & Cavalcanti 2003), constituindo o primeiro registro em Sergipe, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Hymenochaete pinnatifida Burt.,

Ann. Missouri Bot. Gard 5: 355 1918

(Fig. 10, 43)

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial lisa, MP14H8, MP15C4 (Pelt+, Pampas), MP15J10. Córtex presente como linha escura no contexto, até 55µm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas a amareladas, parede fina, com septos simples, 2,5µm. Setas 25,0-50,0 x 5,0-7,5µm, projetando-se -27,5-60,0µm além do nível dos basídios. Dendrohidídios presentes, com parede espessa, 12,0-22,0 x 2,0-3,0µm, com ápice pinatífido. Basídios clavados, 14,0-20,0 x 5,0-6,0µm. Basidiosporos não observados, mas “elípticos, hialinos, parede fina, 5,0 x 2,8µm” (Parmasto 2001a).

Material examinado: Paraíba: RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77291); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77292); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77293); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77290).

Distribuição: México, El Salvador, Cuba, Jamaica, República Dominicana, Granada, Guadalupe, Porto Rico, Santa Lúcia, Argentina, Brasil, Equador, Guiana, Peru, Venezuela República Central Africana, Gabão, Ilhas Reunião, África do Sul, China, Índia (Parmasto 2001a).

Discussão: Os dendrohidídios são característicos da espécie. Relatada anteriormente para o Sul do Brasil (Job 1985; 1990; Azevedo & Guerrero 1993), esta espécie foi encontrada pela primeira vez no Nordeste.

Hymenochaete aff. *pratensis* Viégas,

Bragantia 5: 261, 1945

(Fig. 11, 44)

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial lisa, MP13L5 (Tawny Birch). Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas a amareladas, com parede fina, septos simples e ramificações, 1,8-2,7 μ m. Setas 50,0-65,0 x 6,0-8,0 μ m, dispostas diretamente sobre o substrato e formando 2-3 camadas. Basídios clavados, 18,0-24,0 x 5,0-7,0 μ m. Basidiosporos não observados.

Material examinado: Paraíba: RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Anisolobus* sp. (cipó-cururu) vivo: V/2001 (URM77295).

Distribuição: Brasil (Job 1990).

Discussão: A camada de setas dispostas diretamente sobre o substrato é um dos critérios utilizados para a determinação de *H. pratensis*. Entretanto, a ausência de basidiosporos dificulta a identificação da espécie. Relatada anteriormente para o Rio Grande do Sul e São Paulo (Job 1990). Se a identificação for confirmada, *H. pratensis* terá sido encontrada pela primeira vez no Nordeste.

Hymenochaete rheicolor (Mont.) Lév.,

Ann. Sci. Nat. III 5: 151, 1846

Basiônimo: *Stereum rheicolor* Mont., Ann. Sci. Nat. Bot. II 18: 23, 1842.

(Fig. 12, 45)

Sinônimo:

Hymenochaete sallei Berk. & M. A. Curtis, J. Linn. Soc. Bot. 10: 33, 1868

Basidioma papiráceo a coriáceo, fino, flabeliforme a dimidiado, 1,0-1,5cm x 0,5-1,5cm. Superfície abhimenial concentricamente sulcada e zonada, velutina, MP15C9 (Teakwood, Pinecone+), MP15L12 (Raw Umber). Contexto reduzido, 0,1cm. MP13H11. Margem inteira a levemente recortada, concolor à superfície abhimenial. Superfície himenial lisa, MP14A5 (Deauville, Sand, Stucco). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amareladas, com septos simples, parede fina, 2,5 μ m; hifas esqueléteas marrons, com parede espessa, 2,5-5,0 μ m de diâmetro. Setas marrons, agudas, 60,0-135,0 x 8,5-15,0 μ m, projetando-se 17,5-27,5 μ m além do nível dos basídios. Basídios clavados, 6,0-12,0 x 2,5-5,0 μ m. Basidiosporos não observados, mas “cilíndricos, curvados, 4,5-7,2 x 1,5-2,5 μ m” (Parmasto 2001a).

Material examinado: Pernambuco: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77294).

Distribuição: México, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Panamá, Cuba, República Dominicana, Granada, Guadalupe, Jamaica, Porto Rico, Santa Lúcia, Trinidad, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Venezuela, Ruanda, China, Japão, Taiwan, Índia, Indonésia, Malásia, Nepal, Paquistão, Filipinas, Sri Lanka, Tailândia, Vietnã, Nova Zelândia, Fidji, Tonga (Parmasto 2001a).

Discussão: *H. rheicolor* difere de *H. luteobadia* pela ausência de córtex e de hifídios incrustados. Anteriormente relatada para o Sul e Sudeste (Teixeira 1946; Bononi 1979; Job 1990; Azevedo & Guerrero 1993; Soares & Gugliotta 1998), trata-se da primeira citação para o Nordeste.

Inonotus venezuelicus Ryvar den,
Mycotaxon 28 (2): 529, 1987.

(Fig. 13, 46)

Basidioma ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP16J12, 3-4 poros/mm, circulares a angulares, tubos concolor ao contexto. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com septo simples, hialinas a ferrugíneas, parede fina a espessada, 2,0-6,0µm. Setas ausentes. Basídios clavados, 12,0-15,0 x 4,0-6,0µm. Basidiosporos marrom-ferrugíneos, subglobosos a elipsóides, parede fina e lisa, 3,6-4,5µm.

Material examinado: **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77461).

Distribuição: Conhecido apenas de sua localidade tipo, a Venezuela (Ryvar den 1987).

Discussão: *I. venezuelicus* pode ser diferenciada das demais espécies neotropicais de *Inonotus* pelo basidioma ressupinado, ausência de setas, pelos poros grandes e pela coloração e morfologia de basidiosporos. Trata-se do segundo relato mundial da espécie.

Chaves para identificação das espécies de *Phellinus*

1. Basidioma ressupinado 2
- 1'. Basidioma pileado 9
2. Setas himeniais e/ou tramais ausentes 3
- 2'. Setas himeniais ou tramais presentes 6
3. Basidiosporos hialinos em KOH, dextrinóides *P. maxonii*
- 3'. Basidiosporos hialinos ou pigmentados em KOH, não dextrinóides 4'
4. Basidiosporos marrom-ferrugíneos, globosos, subglobosos a elípticos, clamidosporos às vezes

presentes	<i>P. umbrinellus</i>
4'. Basidiosporos hialinos a marrom-claros, ovóides a elípticos, clamidiosporos ausentes	5
5. Basidiosporos hialinos a amarelo-pálidos, ovóides a elípticos, 4,0-5,0 x 3,0-3,5µm	<i>P. melleoporus</i>
5'. Basidiosporos hialinos a marrom-claros, elípticos, 3,0-4,0 x 2,5-3,0µm	<i>P. membranaceus</i>
6. Setas tramais e himeniais presentes, basidiosporos hialinos	<i>P. contiguus</i>
6'. Apenas setas himeniais presentes, basidiosporos hialinos a ferrugíneos	7
7. Setas subventricosas a acuminadas, geralmente com ápice curvado, basidiosporos hialinos, elípticos	<i>P. undulatus</i>
7'. Setas acuminadas, sem ápice curvado, basidiosporos hialinos a ferrugíneos, subglobosos a elípticos	8
8. Basidiosporos subglobosos a elípticos, hialinos a amarelo-pálidos, 2,5-3,6µm	<i>P. ferrugineo-velutinus</i>
8'. Basidiosporos subglobosos, amarelo-pálidos a ferrugíneos, 4,5-6,5µm	<i>P. shaferi</i>
9. Setas himeniais e tramais presentes	<i>P. portoricensis</i>
9'. Setas tramais ausentes, setas himeniais presentes ou ausentes	10
10. Setas himeniais presentes	11
10'. Setas himeniais ausentes	13
11. Setas ventricosas, basidiosporos marrons, subglobosos a globosos	<i>P. extensus</i>
11'. Setas acuminadas, basidiosporos hialinos, oblongos a elípticos	12
12. Basidioma ungulado a tríquetro, basidioporos elípticos, 3,6 x 2,7µm	<i>P. roseocinereus</i>
12'. Basidioma aplanado, dimidiado a flabeliforme, basidioporos oblongos a elípticos, 4,5 x 3,0µm	<i>P. gilvus</i>
13. Basidioma aplanado	14
13'. Basidioma tríquetro	15
14. Basidiosporo 3,5-4,5µm	<i>P. rhytiphloeus</i>
14'. Basidiosporo 4,5-5,0µm	<i>P. fastuosus</i>
15. Superfície abhimenial rimosa	<i>P. rimosus</i>
15'. Superfície abhimenial não rimosa	16
16. Superfície abhimenial zonada e sulcada, basidioporos subglobosos a globosos, 3,6µm	<i>P. baccharidis</i>
16'. Superfície abhimenial crustosa, basidioporos elípticos, 4,5 x 2,7µm	<i>P. grenadensis</i>

Phellinus baccharidis (Pat.) Pat.,

Essai Taxon. p. 91, 1900

Basiônimo: *Polyporus baccharidis* Pat., Bull. Soc. Mycol. France 9: 129, 1893

Sinônimo:

Fomes baccharidis (Pat.) Lloyd, Mycol. Writ. 4: 239, 1915

Basidioma perene, dimidiado, subungulado, 4,0-10,0 x 2,0-5,5 x 0,7-2,0cm. Superfície abhimental glabra a velutina, zonada, sulcada, MP15L9, MP15L12 (Raw Umber, Partridge). Margem obtusa, MP12I7 (Samovar). Contexto com linha preta abaixo do tomento, 0,3-1,0cm, MP13H9, MP14H11. Superfície himenial poróide, MP15E9, MP16H8, 6-7 poros/mm, circulares, tubos estratificados, concolor ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina a levemente espessa, 2,0-3,5 μ m; hifas esqueléteas marrons, com parede espessa, 3,0-4,0 μ m. Setas ausentes. Basídios clavados, 10,5-14,0 x 4,5-6,0 μ m. Basidiosporos hialinos a amarelo-pálidos, globosos, parede fina a levemente espessa, lisa, 3,6 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77593); **Pernambuco:** Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma (praíba) em decomposição: III/2002 (URM77592); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77590); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Piptadenia moniliformis* (catanduva) em decomposição: I/2002 (URM77591).

Distribuição: Conhecido apenas do Equador (Larsen & Cobb-Poule 1990).

Discussão: Esta espécie pode ser caracterizada pelo basidioma subungulado com linha preta no contexto, pela ausência de setas e pelos basidiosporos globosos, hialinos a amarelo-pálidos, constituindo primeira referência para o Brasil.

Phellinus contiguus (Pers.: Fr.) Pat.,

Essai Taxon. p. 97, 1900

Basiônimo: *Boletus contiguus* Pers., Synop. Meth. Fung. p. 544, 1801

Sinônimos:

Polyporus contiguus Pers.: Fr., Syst. Mycol. 1: 387, 1821

Poria contiguua (Pers.: Fr.) Karst., Rev. Mycol. 3 (9): 19, 1881

Ochroporus contiguus (Pers.: Fr.) Schroet. in Cohn, Krypt. Fl. Schles., p. 483, 1889

Fuscoporia contiguua (Pers.: Fr.) Cunn., New Zealand. Dept. Sci. Ind. Res. Plant Dis. Div. Bull. 73: 4, 1948

Polyporus racodioides Pers., Mycol. Europ. 2: 113, 1825

Poria racodioides (Pers.) Bres., *Atti. Acad. Agiati. Nov. (III)* 3: 80, 1897
Polyporus cribosus Pers., *Mycol. Europ.* 2: 96, 1825
Polyporus cellaris Desm., *Pl. Crypt. No. France et Pl. Crypt. France*, No. 72, 1826
Polyporus floccosus Fr., *Hym. Europ.* p. 1874
Poria floccosa (Fr.) Quél., *Flora Mycol.* 380, 1888
Phellinus floccosus (Fr.) Bond. & Sing., *Ann. Mycol.* 39: 56, 1941
Daedalea effusa Speg., *Ann. Mus. Nac. Buenos Aires* 19 (Ser. 3, v. 12): 274, 1909
Poria bicolor Bres., *Ann. Mycol.* 18: 37, 1920
Phellinus chaetoloma Pat., *Bull. Soc. Mycol. France* 38: 86, 1922
Phellinus holubyanus Vel., *Ceska Houby* p. 673, 1922
Phellinus contiguus f. *holubianus* Pilát in Kavina & Pilát, *Atlas Hub Evropskych* 3: 537, 1936-1942
Phellinus contiguus f. *myriadoporus* Bourd. & Galz., *Hym. France* p. 625, 1927
Hexagonia dubiosa Rick, *Iheringia Bot.* 7: 268, 1960

Basidioma perene, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, às vezes irpicóide, MP13B5 (Mavis, Grain-, Pecan+), 3 poros/mm, angulares a irregulares, tubos estratificados, concolor ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 2,5-3,5µm; hifas esqueléteas amareladas a marrons, com parede espessa, 3,5-5,0µm. Setas himeniais abundantes, subuladas, 35,0-45,0 x 8,0-10,0µm. Setas tramais agudas, 45,0-60,0 x 8,0-12,0µm. Basídios clavados, 10,5-14,0 x 4,5-6,0µm. Basidiosporos hialinos, oblongo-elípticos, parede fina e lisa, 4,5 x 2,7µm.

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77594).

Distribuição: Pantropical e em áreas temperadas quentes (Núñez & Ryvardeen 2000).

Discussão: Os poros grandes, os basidiosporos hialinos, oblongo-elípticos e as setas tramais são característicos de *P. contiguus*. Citada anteriormente para o Rio Grande do Sul (Rajchenberg 1987; Coelho 1994) e Bahia (Góes-Neto 1999), trata-se uma nova ocorrência para Alagoas.

Phellinus extensus (Lév.) Pat.,

Essai Taxon. p. 97, 1900

Basiônimo: *Polyporus extensus* Lév., *Ann. Sci. Nat. Bot.* 5: 129, 1848

(Fig. 16, 49)

Sinônimos:

Fomes extensus (Lév.) Cooke, *Grevillea* 14: 18, 1885

Pyropolyporus extensus (Lév.) Murr., *North Amer. Flora* 9: 110, 1908

Fomes velutinus Lév., Ann. Mycol. 10: 498, 1912

Basidioma perene, aplanado, dimidiado, 6,5-15,0 x 5,0-10,5 x 1,5-2,0cm. Superfície abhimenial glabra, concentricamente zonada, rimosa, MP16A12 (Biskra Date-), preta. Margem obtusa, MP15J9. Contexto 0,5-1,0cm, MP15H12. Superfície himenial poróide, MP16C12, MP16J10, 9-10 poros/mm, circulares, tubos estratificados, concolor ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas a amarelo-pálidas, parede fina, 2,5-4,0 μ m; hifas esqueléteas amareladas a marrons, com parede espessa, 3,5-5,0 μ m. Setas himeniais ventricosas, 10,0-12,0 x 5,0 μ m. Basídios clavados, 10,5-14,0 x 4,5-6,0 μ m. Basidiosporos marrom-claros a marrom-avermelhados, subglobosos, parede espessa e lisa, 3,0-3,2 μ m.

Material examinado: Pernambuco: Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77595), III/2001 (URM77596).

Distribuição: Tropical e subtropical (Núñez & Ryvarden 2000).

Discussão: As setas pequenas e ventricosas e os basidiosporos amarelados e pequenos são característicos de *P. extensus*. Encontrada anteriormente na Bahia (Góes-Neto *et al.* 2000), trata-se de uma nova ocorrência para Pernambuco.

Phellinus fastuosus (Lév.) Ryvarden,

Norw. J. Bot. 19 (3-4): 234, 1972

Basiônimo: *Polyporus fastuosus* Lév., Ann. Sci. Nat. Bot. 2: 190, 1844

(Fig. 17, 50)

Sinônimos:

Fomes fastuosus (Lév.) Cooke, Grevillea 14: 18, 1885

Xantochrous fastuosus (Lév.) Pat., Ann. Cryptog. Exot. 1: 15, 1928

Fulvifomes fastuosus (Lév.) Holmq., Diss. Abstr. Internat. B 33 (9): 4149-B

Cryptoderma fastuosus (Lév.) Imaz., Bull. Tokyo Sci. Mus. 6: 107, 1943

Polyporus spadiceus Berk., Ann. Nat. Hist. 3: 388, 1

Fomes spadiceus (Berk.) Cooke, Grevillea 14: 20, 1885

Phellinus spadiceus (Berk.) Cunn., Bull. New Zealand Dept. Sci. Ind. Res. 164: 235, 1965

Fulvifomes spadiceus (Berk.) Holmq., Diss. Abstr. Internat. B 33 (9): 4149-B

Basidioma perene, séssil, aplanado, dimidiado, até 40,0 x 25,0 x 4,0cm. Superfície abhimenial glabra a velutina, MP8A12 (Autum) a MP15L12 (Raw UMBER). Margem obtusa, MP13L6 a MP16D6. Contexto 0,2-2,0cm, MP11L8 (Nugget Bronze Y) a MP15J12. Superfície himenial poróide, MP15H10 a

MP16L10, 8 poros/mm, circulares, tubos estratificados, concolor ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amarelo-pálidas, parede fina a levemente espessa, 2,5-3,7 μ m, com septos simples; hifas esqueléteas amareladas a marrons, parede espessa, 3,0-7,5 μ m. Setas ausentes. Basídios clavados, 3,6-4,5 μ m. Basidiosporos marrom-dourados, globosos a subglobosos, com parede fina e lisa, 4,5-5,0 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77770), XI/2001 (URM77771); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77728), III/2001 (URM77729), V/2001 (URM77731), VII/2001 (URM77732), XI/2001 (URM77733), I/2002 (URM77734), III/2002 (URM77735, 77737), V/2002 (URM77738), em angiosperma viva: III/2002 (URM77736), V/2002 (URM77739), em solo: III/2001 (URM 77730); **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2001 (URM77769); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM77754), III/2001 (URM77755), XI/2001 (URM77756), V/2002 (URM77758); em raiz exposta de angiosperma viva: XI/2001 (URM77757); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma viva: VII/2001 (URM77773); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma viva: III/2002 (URM77761), V/2002 (URM77762), em *Piptadenia* sp. (angico branco) viva: IX/2001 (URM77759), I/2002 (URM77760); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77763), VII/2001 (URM77764), IX/2001 (URM77765), em angiosperma viva: IX/2001 (URM77766), I/2002 (URM77767), III/2002 (URM77768); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77772); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM77740), III/2001 (URM77741), em angiosperma viva: III/2002 (URM77751), em *Caesalpinia* sp. (pau ferro) em decomposição: XI/2001 (URM77744), V/2002 (URM77753), em *Guarea* sp. (pau d'arco) em decomposição: XI/2001 (URM77745), em Leguminosae (pau louro) em decomposição: XI/2002 (URM77746), em angiosperma (pau-bagaço) viva: VII/2001 (URM77743), em *Hymenaea* sp. (jatobá) viva: V/2001 (URM77742), XI/2002 (URM77747), I/2002 (URM77750), V/2002 (URM77752), em *Protium heptaphyllum* (amescla) viva: XI/2001 (URM77748), em *Caesalpinia echinata* (pau brasil) viva: I/2002 (URM77749).

Distribuição: Pantropical (Núñez & Ryvarden 2001).

Discussão: O basidioma grande e aplanado e os basidiosporos globosos e marrom-ferrugíneos caracterizam *P. fastuosus*. Citada anteriormente para o Rio Grande do Sul (Teixeira 1950; Sousa 1977; Coelho 1994), São Paulo (Teixeira 1950), Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia e Roraima (Sousa 1980), Paraíba (Silva 1987), Bahia (Góes-Neto 1999), Santa Catarina (Gerber & Loguercio-Leite 2000) e

Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), trata-se do primeiro relato para Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Phellinus ferrugineo-velutinus (Henn.) Ryvarden,
Norw. J. Bot. 19: 234, 1972

Basiônimo: *Poria ferrugineo-velutina* Henn., Hedwigia 44: 59, 1905

(Fig. 18, 51)

Sinônimos:

Fomitiporia flavomarginata Murr., North Am. Fl. 9: 1, 1907

Poria rickii Bres., Ann. Mycol. 18: 37, 1920

Phellinus rickii (Bres.) David & Rajchenb., Mycotaxon 22: 288, 1985

Basidioma perene, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP15C6 (Grey 31, Sparrow, Sakkar+, Boulevard-, Mouse+), MP16H11, 8 poros/mm, circulares, tubos estratificados, concolor à superfície himenial. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 2,5-4,5 μ m; hifas esqueléteas amareladas a marrons, com parede espessa a sólidas, 2,5-5,0 μ m. Setas himeniais subventricososas a acuminadas, 10,0-20,0 x 5,0-8,0 μ m. Basídios clavados, 10,5-14,0 x 4,5-6,0 μ m. Basidiosporos hialinos a amarelo-pálidos, subglobosos a elípticos, parede fina e lisa, 2,7-3,6 μ m.

Material examinado: **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: VII/2001 (URM77601), XI/2001 (URM77602); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77598), I/2002 (URM77599), V/2002 (URM77600); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM77610), XI/2001 (URM77611); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77604), V/2001 (URM77605), VII/2002 (URM77606), XI/2001 (URM77603, 77607, 77608); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em *Cecropia* sp. (capera) em decomposição: XI/2001 (URM77609).

Distribuição: América tropical (Ryvarden & Johansen 1980).

Discussão: As setas subventricososas a acuminadas e os basidiosporos pequenos e geralmente hialinos, caracterizam *P. ferrugineo-velutinus*. Citada anteriormente para Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1995) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981), trata-se do primeiro relato para a região Nordeste do Brasil.

Phellinus ferruginosus (Fr.) Pat.,

Essai Taxon. p. 97, 1900

Basiônimo: *Boletus ferruginosus* Schrad., Spi. Fl. Germ. p. 172, 1794

(Fig. 19, 52)

Sinônimos:

Polyporus ferruginosus Schrad.: Fr., Syst. Mycol. 1: 378, 1821

Boletus salicinus Pers. in Gmel., Syst. Nat. 2: 1437, 1791

Polyporus salicinus Pers. Fr., Syst. Mycol. 1: 376

Fomes salicinus (Pers. Fr.) Gill., Champ. France p. 684

Phellinus salicinus (Pers. Fr.) Quél., Ench. Fung. p. 173, 1886

Phellinus conchatus var. *salicinus* (Pers. Fr.) Quél., Flora Mycol. p. 395, 1888

Fomes conchatus f. *salicinus* (Pers. Fr.) Lloyd, Mycol. Writ. 4: 244, 1915

Placode salicinus (Pers. Fr.) Ricken, Vad. p. 225, 1918

Polyporus umbrinus Fr., Hym. Europ. p. 571, 1874

Phellinus ferruginosus sbsp. *umbrinus* Bourd. & Galz., Hym. France p. 627, 1928

Polyporus macounii Peck, Bot. Gaz. 4: 169, 1879

Poria maccounii (Peck) Overh., New York State Mus. Bull. 205: 86, 1919

Poria laevigata Rea, Brit. Basid. p. 606, 1922

Polyporus contiguus Vel., Ceske Houby p. 672, 1922

Ochroporus confusus Donk, Meded. Bot. Mus; Herb. Rijks Univ. Utrecht 9: 256, 1933

Polyporus confusus (Donk) Lund. in Lund. & Nannf., Fungi exs. Suec. Praes. Upsal. 61, 1934

Basidioma anual, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP14E7, 3-4 poros/mm, circulares, tubos concolor à superfície himenial. Margem MP13I8 (Aztec, Indian Tan). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 2,5-4,0 μ m; hifas esqueléteas amareladas a marrons, com parede espessa, 3,5-5,0 μ m. Setas himeniais acuminadas, 25,0-40,0 x 8,0-10,0 μ m. Setas tramais 60,0-160,0 x 8,0-15,0 μ m. Basídios clavados, 9,0-14,0 x 4,5-6,5 μ m. Basidiosporos hialinos, elípticos, parede fina e lisa, 4,5 x 1,8-2,7 μ m.

Material examinado: **Pernambuco:** Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77613); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Apuleia leiocarpa* var. *molaris* (pau mulato) em decomposição: I/2002 (URM77612).

Distribuição: Cosmopolita (Núñez & Ryvardeen 2000).

Discussão: Das espécies ressupinadas encontradas que apresentam setas tramais, *P. ferruginosus* pode ser diferenciada pelo tamanho dos poros e morfologia dos basidiosporos. Encontrada anteriormente no Rio Grande do Sul (Coelho 1994), está sendo relatada pela primeira vez para o Nordeste.

Phellinus gilvus (Schw.: Fr.) Pat.,

Essai Taxon., p. 97, 1900.

Basiônimo: *Polyporus gilvus* Schw.: Fr., Elench. Fung. 1: 104, 1828

(Fig. 20, 53)

Sinônimos:

Boletus gilvus Schw., Schr. Naturf. Ges. 1: 96, 1822

Polyporus gilvus Schw.: Fr., Elench. Fung. 1: 104, 1828

Polyporus gilvus var. *scabrorugosus* Berk., Ann. Nat. Hist. 3 (19): 389-390, 1839

Polyporus gilvus var. *scuposus* (Fr.) P. Henn., Bot. Jahrb. 17 (5): 495, 1893

Polyporus gilvus var. *congregatus* Bomm. & Rouss. in Durand & Pittier, Bull. Soc. Roy. Bot. Belg. 35 (1): 152, 1896

Polyporus gilvus var. *licnoides* (Mont.) Lloyd in Corner, Trans. Brit. Mycol. Soc. 17 (1-2): 79, 1932

Polyporus gilvus var. *sublicnoides* Rick, Broteria Ci. Nat. 4: 91, 1935

Polyporus gilvus f. *africana* Sacc. & Berl. in Roum., Rev. Mycol. 11 (44): 194, 1889

Polyporus gilvus f. *gilvoides* Mitter & Tandon, Jour. Indian Bot. Soc. 17 (2-3): 181, 1938

Polyporus gilvus f. *licnoides* (Mont.) Bose, Ann. Mycol. 33 (3-4): 201, 1935

Phellinus gilvus var. *scruposus* Ahmad, Monogr. Biol. Soc. Pakistan 6: 58, 1972

Mucronoporus gilvus (Schw.) Ell. & Ev., Jour. Mycol. 5 (1): 28, 1889

Hapalopilus gilvus (Mont.) Murr., Bull. Torrey Bot. Club 31: 417, 1904

Chaetoporus gilvus (Schw.) Rommel, K. Svensk. Vetensk. Akad. Handl. 3, 26 (16): 14-15, 1901

Polyporus scruposus Fr., Epicr. Syst. Mycol., p.473, 1838

Chaetoporus scruposus (Fr.) Rommel, K. Svensk. Vetensk. Akad. Handl. 3, 26 (16): 16-17, 1901

Phellinus scruposus (Fr.) Pat. in Duss, Enum. Meth. Champ. Guad. Martin., p. 32, 1903

Fomes scruposus (Fr.) Cunn., New Zealand Dept. Sci. Ind. Res. Pl. Dis. Div. Bull. 79: 11, 1948

Polyporus calvescens Berk., Ann. Nat. Hist. 3 (19): 390, 1839

Fomes calvescens (Berk.) Cooke, Grevillea 14 (69): 20, 1885

Microporus calvescens (Berk.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 495, 1898

Scindalma calvescens (Berk.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 518, 1898

Polyporus cupreus Berk. Ann. Nat. Hist. 3 (19): 393, 1839

Microporus cupreus (Berk.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 496, 1898

Polyporus licnoides Mont., Ann. Sci. Nat. Bot. 2, 13: 204, 1840
Polystictus licnoides (Mont.) Fr., Nova Acta Soc. Sci. Upsal. 3, 1: 92, 1851
Mucronoporus licnoides (Mont.) Ell. & Ev., Jour. Mycol. 5 (1): 29, 1889
Microporus licnoides (Mont.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 496, 1898
Hapalopilus licnoides (Mont.) Murr., Bull. Torrey Bot. Club 31: 417, 1904
Fomes licnoides (Mont.) Parks, Univ. Calif. Publ. Bot. 12: 57, 1926
Phellinus licnoides (Mont.) Pat., Essai Taxon. Hyménom. 97, 1900
Polyporus omalopilus Mont. in de la Sagra, Hist. Phys. Polit. Nat. Cuba, Pl. Cell., 423, 1842
Fomes omalopilus (Mont. in de la Sagra) Cooke, Grevillea 14 (69): 21, 1886
Polyporus inamoenus Mont., Ann. Sci. Nat. Bot. 2, 18: 22, 1842
Fomes inamoenus (Mont.) Cooke, Grevillea 14 (69): 19, 1885
Scindalma inamoenum (Mont.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 518, 1898
Polyporus isidioides Berk. Lond. Jour. Bot. 2: 515, 1843
Mucronoporus isidioides (Berk.) Ell. & Ev., Jour. Mycol. 5 (1): 29, 1889
Polyporus callimorphus Lév., Ann. Sci. Nat. Bot. 3, 5: 133, 1846
Polystictus callimorphus (Lév.) Cooke, Grevillea 14 (71): 85, 1886
Microporus callimorphus (Lév.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 495, 1898
Polyporus spurcus Lév., Ann. Sci. Nat. Bot. 3, 5: 135, 1846
Polystictus spurcus (Lév.) Cooke, Grevillea 14 (71): 86, 1886
Microporus spurcus (Lév.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 397, 1898
Polyporus discipes Berk., Lond. Jour. Bot. 6: 499, 1847
Polystictus discipes (Berk.) Cooke, Grevillea 14 (71): 79, 1886
Microporus discipes (Berk.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 496, 1898
Polyporus crocatus Kl. in Fr., Nova Acta Soc. Sci. Upsal. 3, 1: 54, 1851
Polyporus endozonus Fr., Nova Acta Soc. Sci. Upsal. 3, 1: 54, 1851
Polyporus carneofulvus Berk. in Fr., Nova Acta Soc. Sci. Upsal. 3, 1: 68, 1851
Polyporus holosclerus Berk., Jour. Bot. & Kew Misc. 8: 200, 1856
Scindalma holosclerus (Berk.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 518, 1898
Polyporus ilincicola Berk. & Curt., Grevillea 1 (4): 52, 1872
Polystictus ilincicola (Berk. & Curt.) Cooke, Grevillea 14 (71): 80, 1886
Microporus ilincicola (Berk. & Curt.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 496, 1898
Polyporus caesiellus Ces., Atti. R. Accad. Sci. Fis. Mat. 8 (3): 6, 1879
Polystictus caesiellus (Ces.) Cooke, Grevillea 15 (4): 51, 1886
Microporus caesiellus (Ces.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 495, 1898

Polyporus breviporus Cooke, Grevillea 12 (61): 17, 1883
Polystictus breviporus (Cooke) Cooke, Grevillea 14 (71): 87, 1886
Microporus breviporus (Cooke) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 495, 1898
Polyporus balansae Speg., Anal. Soc. Ci. Argent. 17: 43, 1884
Polystictus balansae (Speg.) Sacc., Syll. Fung. 6: 277-278, 1888
Polyporus subtropicalis Speg., Anal. Soc. Ci. Argent. 17: 45, 1884
Polystictus subtropicalis (Speg.) Sacc., Syll. Fung. 6: 272, 1888
Microporus subtropicalis (Speg.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 497, 1898
Polystictus purpureofuscus Cooke, Grevillea 15 (73): 24, 1886
Microporus purpureofuscus (Cooke) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 497, 1898
Placodes fucatus Quél., Ass. Fr. 4, 1886
Fomes fucatus (Quél.) Sacc., Syll. Fung. 9: 180, 1891
Polyporus fucatus (Quél.) Lloyd, Mycol. Writ. 4: 379, 1915
Scindalma fucatum (Quél.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3 (3): 518, 1898
Polyporus bambusinum Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 7: 101-103, 1891
Fomes bambusinum (Pat.) Sacc., Syll. Fung. 11: 88, 1895
Polyporus pseudoradiatus Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 11: 207, 1895
Polyporus aureomarginatus P. Henn., Bot. Jahrb. 22: 72, 1895
Polystictus subglaber Ell. & Macbr., Iowa Univ. Bull. Nat. Hist. 3 (3): 92, 1896
Polyporus gilvoides P. Henn., Hedwigia 36 (4): 201, 1897
Phellinus stabulorum Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 23 (2): 74, 1907
Fomes stabulorum (Pat.) Sacc. & Trott. in Sacc., Syll. Fung. 21: 286, 1912
Polyporus hookerii Lloyd, Mycol. Writ. 4: 348, 1915
Polyporus marcuccianus Lloyd, Mycol. Writ. 4: 348, 1915
Polyporus intactilis Lloyd, Mycol. Writ. 6 (Mycol. Not. 61): 887, 1919
Polyporus biogilvus Lloyd, Mycol. Writ. 6 (Mycol. Not. 62): 943, 1920
Polyporus pseudogilvus Lloyd, Mycol. Writ. 6 (Mycol. Not. 62): 940-941, 1920
Polyporus rigidus Lloyd, Mycol. Writ. 7 (Mycol. Not. 73): 1319, 1924
Polyporus gilvorigidus Lloyd, Mycol. Writ. 7 (Mycol. Not. 74): 1334, 1925
Fomes rubiginosus Berk. ex. Cooke, Grevillea 14: 20, 1885
Polyporus trachodes Lév., Ann. Sci. Nat. 2: 415, 1844
Polyporus connexus Lév., Ann. Sci. Nat. 5: 135, 1846
Trametes pertusa Fr., Kongl. Vetensk. Akad. Handl., p. 130, 1848

Polyporus laurencii Berk., Fl. Tas. - Fungi, Hooker's Botany of the Antarctic Voyage 2 (3): 254, 1859 (1860)

Phellinus laurencii (Berk.) Aoshima, Trans. Mycol. Soc. Japan 7: 88, 1966

Trametes petersii Berk. & Curt., Grevillea 1: 66, 1872

Polyporus ilicincola Berk. & Curt., Grevillea 2: 35, 1873

Polystictus ilicincola (Berk. & Curt.) Sacc., Syll. Fung. 4: 232, 1888

Mucronoporus sublilacinus Ell. & Ev., Bull. Torrey Bot. Club 27: 50, 1900

Hapalopilus sublilacinus (Ell. & Ev.) Murr., Bull. Torrey Bot. Club 31: 418, 1904

Polyporus illicicola P. Henn., Bot. Jahrb. Syst. 32: 39, 1902

Fomitiporella demetrionia Murr., North Amer. Flora 9: 12, 1907

Poria demetrionia (Murr.) Sacc. & Trott., Syll. Fung. 21: 330, 1912

Pyropolyporus tenuissimus Murr., Bull. Torrey Bot. Club 35: 413, 1908

Fomes tenuissimus (Murr.) Lloyd, Mycol. Writ. 4: 239, 1915

Polyporus ramosii Murr. in Lloyd, Mycol. Writ. 4: 348, 1915

Polyporus chrysellus Bres., Ann. Mycol. 18: 33, 1920

Phellinus bolaris Pat. in Heim, Bull. Soc. Mycol. Fr. 43: 29, 1927

Basidioma anual, séssil a efuso-reflexo, 0,5-8,0 x 0,4-4,5 x 0,1-0,5cm. Píleo dimidiado a flabeliforme, às vezes imbricado. Superfície abhimental glabra a velutina, zonada ou não, sulcada ou não, MP6A10 (Army Br/Rosario+), MP8E11 (Piccaninny), MP8H9 (Rembrandt), MP13D8, MP13D9, MP14A6 (Buckskin), MP14B7 (Blondine Wood-/Bark+), MP14D9, MP14D10 (Mustard Br+), MP14E9, MP14F9 (Butter Scotch+), MP15A12 (Burnt Umber), MP15C8 (Chucker Brown/Tamarack+), MP15H12, MP15J11, MP16A12 (Biskra Date-). Margem aguda, inteira ou levemente recortada, MP4A8, MP8C11 (Piccaninny), MP11C6 (Dorado), MP11E6, MP11J6 (Honey Seveet), MP12C11, MP13E7, MP13E8, MP13I9, MP13J8 (Clay), MP14G8, MP16A3 (Phantom). Contexto homogêneo, 0,3-1,0cm, MP7A12 (Cochin/Moccassin+/Angus Brown), MP10B2 (Ivory), MP11J7 (Inca Gold), MP12D8, MP12I10, MP12J10 (Burma), MP12L10 (Mast Colour), MP12K8 (Spruce Y), MP12K9, MP12K12, MP13J11 (Sorrel), MP13K11 (Martinique), MP14D9, MP14I9, MP14I10, MP14K11 (Cigarrete Antique), MP15E8 (Sphinx/Mustang). Superfície himental poróide, MP4A8, MP7A11 (Vandyke Brown), MP8A11 (Wren), MP8A12 (Autum), MP13D6 (Cracker), MP13F7, MP13I5, MP15C8 (Chucker Brown), MP15E8 (Sphinx/Mustang), MP15E12, MP15J10, MP16A12 (Biskra Date-), 6-10 poros/mm, circulares a angulares, tubos MP14J10, MP15E8 (Sphinx/Mustang+). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas a levemente amareladas, parede fina, 1,5-4,0µm; hifas esqueléteas marrons, não ramificadas, parede espessa, 3,5-7,0µm. Cistídios presentes ou ausentes, incrustados ou não. Setas

himeniais acuminadas, 14,0-36,0 x 4,5-10,0. Basídios clavados, 10,5-14,0 x 4,5-6,0µm. Basidiosporos hialinos, oblongos a elípticos, parede fina, lisa, 4,5 x 3,0µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77708), III/2001 (URM77709), V/2001 (URM77710), VII/2001 (URM77711), XI/2001 (URM77712), I/2002 (URM77713), III/2002 (URM77714), V/2002 (URM77715); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77706), III/2002 (URM77707); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77701), XI/2001 (URM77702), I/2002 (URM77703), III/2002 (URM77704), V/2002 (URM77705); RPPN Engenho Gargáú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM77716), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2001 (URM77717), V/2001 (URM77718), VII/2001 (URM77719), XI/2001 (URM77720), I/2002 (URM77722), III/2002 (URM77724), V/2002 (URM), em *Tapirira guianensis* (copiúba) viva: I/2002 (URM77723), em *Byrsonima* sp. (murici) em decomposição: XI/2001 (URM77721), em Apocynaceae (pau pereira) em decomposição: V/2002 (URM77725), em *Inga* sp. (ingá) em decomposição: V/2002 (URM77726); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77626), V/2002 (URM77627); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77636), V/2001 (URM77637), VII/2001 (URM77638), IX/2001 (URM77639), XI/2001 (URM77640), III/2002 (URM77641), V/2002 (URM77642); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM77686), XI/2001 (URM77688), I/2002 (URM77689), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: IX/2001 (URM77685), em *Henrietta* sp. (manipueira) em decomposição: IX/2001 (URM77687), III/2002 (URM77690); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, em angiosperma em decomposição, col. Gibertoni: III/2001 (URM77629), V/2001 (URM77630), IX/2001 (URM77631), XI/2001 (URM77628, 77632), I/2002 (URM77633), III/2002 (URM77634), V/2002 (URM77635); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77692), III/2001 (URM77693), VII/2001 (URM77694), IX/2001 (URM77695), XI/2001 (URM77696), I/2002 (URM77697), III/2002 (URM77698), V/2002 (URM77699); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Terminalia* sp (mirindiba) em decomposição: XI/2001 (URM77643), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: I/2002 (URM77645), em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77644); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77622), III/2001 (URM77624), em *Eschweilera* sp. (embiriba) em decomposição: III/2001 (URM77623), em angiosperma (pau branco) em decomposição: V/2001 (URM77625); **Sergipe:** Estação

Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77646), I/2002 (URM77647), III/2002 (URM77648).

Distribuição: Pantropical e nas regiões temperadas mais quentes (Núñez & Ryvar den 2001).

Discussão: Nos espécimes examinados, foram encontrados cistídios que se apresentaram incrustados ou não, conforme a descrição de *Polyporus gilvus* Schw.: Fr. de Teixeira (1946). Citada para o Acre (Sousa 1980; Bononi 1992), Amapá (Sotão *et al.* 1991), Amazonas (Sousa 1980; Silva & Minter 1995), Bahia (Góes-Neto 1999; Góes-Neto *et al.* 2000), Mato Grosso (Fidalgo 1968; Sousa 1980), Paraná (Ryvar den & Meijer 2002), Pará, Rondônia (Sousa 1980), Roraima (Sousa 1980; Jesus 1996), Rio Grande do Sul (Sousa 1977; Rajchenberg 1987; Silveira & Guerrero 1991; Coelho 1994; Groposo & Loguercio-Leite 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976, Gibertoni & Cavalcanti 2003), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; 1995; Silva & Minter 1995; Gerber 1996) e São Paulo (Bononi 1979 1984; Bononi *et al.* 1981; Jesus 1993; Soares & Gugliotta 1998). Trata-se da primeira ocorrência para os estados de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Phellinus grenadensis (Murr.) Ryvar den,

Norw. J. Bot. 18 (3-4): 234, 1972

Basiônimo: *Pyropolyporus grenadensis* Murr., North Amer. Flora 9: 107, 1908

(Fig. 21, 54)

Basidioma perene, séssil, aplanado, dimidiado, 15,0 x 10,0 x 3,5cm. Superfície abhimenial glabra, MP8A12 (Autum). Margem obtusa, concolor à superfície abhimenial. Contexto 1,5cm, MP14J11 (Cognac). Superfície himenial poróide, MP15L12 (Raw UMBER), 5 poros/mm, circulares, tubos estratificados, concolor ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amarelo-pálidas, parede fina, 2,5-5,0µm, com septos simples; hifas esqueléteas marrons, parede espessa, 3,0-9,5µm. Setas ausentes. Basídios clavados, 11,0-14,0 x 6,0-7,0µm. Basidiosporos marrons, ovóides a elípticos, com parede fina e lisa, 4,5 x 2,7-3,0µm.

Material examinado: Rio Grande do Norte: Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77614).

Distribuição: Região do Golfo do México, América Central e Sul e África (Gilbertson & Ryvar den 1987).

Discussão: *P. grenadensis* pertence a um grupo de *Phellinus* sem setas e com esporos elípticos. É extremamente semelhante a *P. allardii*, que, no entanto, é restrito à África. Citada anteriormente para Santa Catarina (Gerber & Loguercio-Leite 2000), Bahia (Góes-Neto *et al.* 2000), Paraná (Ryvar den & Meijer 2002) e Rio Grande do Sul (Sousa 1977), trata-se do primeiro relato para o Rio Grande do Norte.

Phellinus maxonii (Murr.) Reid,

Kew Bull. 35: 867, 1981

Basiônimo: *Fomitiporia maxonii* Murr., North Amer. Flora 9: 11, 1907

(Fig. 22, 55)

Basidioma anual, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP16A12 (Biskra Date-), 5-9 poros/mm, circulares, tubos concolor à superfície himenial. Margem MP15E8 (Sphinx, Mustang+). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina a levemente espessas, 1,5-3,0µm; hifas esqueléteas amareladas a marrons, com parede espessa a sólidas, 1,5-3,5µm. Setas ausentes. Basídios ovais a clavados, 13,0-20,0 x 7,5-8,5µm. Basidiosporos hialinos, subglobosos, parede fina e lisa, 4,5-5,4µm, dextrinóides (IKI+).

Material examinado: **Pernambuco:** Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77788); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM77787).

Distribuição: Brasil (Ryvarden & Meijer 2002), Costa Rica, Ilhas Galápagos (Larsen & Cobb-Poule, 1990), Venezuela (Ryvarden & Iturriaga 2001).

Discussão: *P. maxonii* distingue-se das demais espécies encontradas pelos basidiosporos dextrinóides. Anteriormente citada para o Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), está sendo relatada pela segunda vez para o Brasil, representando um novo registro para o Nordeste.

Phellinus melleoporus (Murr.) Ryvarden,

Mycotaxon 23: 177, 1985

Basiônimo: *Fomitiporella melleopora* Murr., North Amer. Flora 9: 13, 1907

(Fig. 23, 56)

Sinônimos:

Poria melleopora (Murr.) Sacc. & Trott., Syll. Fung. 21: 330, 1912

Fomitiporella langloisiana Murr., North Amer. Flora 9: 13, 1907

Basidioma perene, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP15E10 (Olive Wood, Collie), 6 poros/mm, circulares, tubos e margem concolor à superfície himenial. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas a amarelo-pálidas, parede fina a levemente

espessas, 2,5-3,5 μ m; hifas esqueléteas marrons, com parede espessa a sólidas, 3,5-7,0 μ m. Setas ausentes. Basídios clavados, 10,0-12,0 x 6,5-7,5 μ m. Basidiosporos hialinos a amarelo-pálidos, ovóides a elípticos, parede fina e lisa, 4,5-5,4 x 2,7-3,6 μ m.

Material examinado: Rio Grande do Norte: RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma viva: VII/2001 (URM77789).

Distribuição: Região do Golfo do México até América do Sul (Gilbertson & Ryvardeen 1987).

Discussão: *P. melleoporus* é semelhante a *P. umbrinellus*, mas pode ser diferenciada pelos basidiosporos elípticos, hialinos a amarelo-pálidos. Encontrada anteriormente na Bahia (Góes-Neto *et al.* 2000), trata-se da primeira ocorrência da espécie no Rio Grande do Norte.

Phellinus membranaceus Wright & Blumenf.,

Mycotaxon, 21: 422, 1984

(Fig. 24, 57)

Basidioma anual, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP15E7 (Acorn, Meadowlark+), 8 poros/mm, circulares, tubos e margem concolor à superfície himenial. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 2,5-4,5 μ m; hifas esqueléteas marrons, com parede espessa a sólidas, 3,5-6,0 μ m. Setas ausentes. Basídios clavados a subglobosos, 4,0-7,0 x 4,5-5,5 μ m. Basidiosporos hialinos a marrom-claros, subglobosos a elípticos, parede levemente espessa e lisa, 2,7-3,0 μ m.

Material examinado: Pernambuco: Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77790); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77791), III/2002 (URM77792).

Distribuição: Conhecido na Argentina (Larsen & Cobb-Poule 1990) e Panamá (Núñez & Ryvardeen 1999).

Discussão: *P. membranaceus* é semelhante a *P. melleoporus*, mas pode ser diferenciada pelos basidiosporos menores. Relatada anteriormente para a Bahia (Góes-Neto *et al.* 2000), trata-se da primeira ocorrência da espécie em Pernambuco.

Phellinus portoricensis (Overh. in Seav. & Chard.) O. Fidalgo,

Mem. New. York Bot. Gard. 17: 111, 1968

Basiônimo: *Fomes portoricensis* Overh. in Seav. & Chard., Sci. Surv. Puerto Rico e Virgin Is. 8 (1): 158, 1926

Basidioma perene, pileado, séssil, aplanado, dimidiado, 7,5-8,5 x 4,0 x 1,0-1,2cm. Superfície abhimenial velutina, MP15L12 (Raw Umber). Margem obtusa, concolor à superfície abhimenial. Contexto 0,5-0,6cm, MP14H8 (Cognac). Superfície himenial poróide, MP15L12 (Raw Umber), 5-10 poros/mm, circulares, tubos estratificados, concolor ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amarelo-pálidas, parede fina a levemente espessa, 2,5-6,0 μ m, com septos simples; hifas esqueléteas amarelas a marrons, parede espessa, 3,5-6,0 μ m. Setas tramais 70,0-140,0 x 12,0-15,0 μ m. Setas himeniais subventricosas a agudas, 25,0-40,0 x 10,-15,0 μ m. Basídios clavados, 7,0-11,0 x 4,5-6,0 μ m. Basidiosporos marrons, ovóides, globosos a subglobosos, com parede fina a levemente espessada e lisa, 3,5-4,5 μ m.

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77793).

Distribuição: América tropical e subtropical (Ryvarden & Johansen 1980).

Discussão: Dentre as espécies pileadas encontradas, *P. portoricensis* é a única que possui setas tramais e himeniais. Encontrada anteriormente na Bahia (Góes-Neto *et al.* 2003) e Rio Grande do Sul (Sousa 1977), está sendo relatada pela primeira vez para Alagoas.

Phellinus rhytiphloeus (Mont.) Ryvarden,

Prel. Polyp. Flora E. Africa: 206, 1980

Basiônimo: *Polyporus rhytiphloeus* Mont., Ann. Sci. Nat. Bot. 5: 369, 1857

Sinônimos:

Pyropolyporus jamaicensis Murr., Bull. Torrey Bot. Club 30: 120, 1903

Xanthochrous noackii Pat., Ann. Mycol. 5: 366, 1907

Fomes surinamensis Bres., Ann. Mycol. 8: 588, 1910

Basidioma perene, pileado, efuso-reflexo a séssil, aplanado, dimidiado, 3,0-4,0 x 1,0-1,5 x 0,7cm. Superfície abhimenial glabra, sulcada, MP14L12 (Sudan Br). Margem obtusa, concolor à superfície abhimenial. Contexto 0,3cm, MP12L7 (Burnished Gold). Superfície himenial poróide, MP16L12, 7-9 poros/mm, circulares, tubos estratificados, concolor ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amarelo-pálidas, parede fina a levemente espessa, 2,5-3,0 μ m, com septos simples; hifas esqueléteas ferrugíneas a marrons, parede espessa, 3,5-6,0 μ m. Setas ausentes. Basídios clavados,

7,0-11,0 x 4,5-6,0µm. Basidiosporos dourados a marrom-ferrugíneos, globosos, com parede espessa e lisa, 3,5-4,5µm.

Material examinado: **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em *Ficus* sp. (gameleira) viva: V/2002 (URM77794).

Distribuição: Brasil, Jamaica e Suriname (Larsen & Cobb-Poule 1990), México (Ryvarden & Guzmán 1993) e Venezuela (Ryvarden & Iturriaga 2001).

Discussão: Dentre as espécies pileadas sem setas encontradas, *P. rhytiphloeus* pode ser diferenciada pelo tamanho e coloração dos basidiosporos e morfologia do basidioma. Constitui nova ocorrência para o Rio Grande do Norte e segundo relato para o Brasil.

Phellinus rimosus (Berk.) Pilát,

Ann. Mycol. 38: 80, 1940

Basiônimo: *Polyporus rimosus* Berk., London J. Bot. 4: 54, 1845

(Fig 27, 60)

Sinônimos:

Polyporus ignarius var. *scaber* Berk., Ann. Mag. Nat. Hist. 3: 324, 1839

Fomes dialeri Bres. & Torr., Brotéria 4: 218, 1905

Polyporus pappianus Bres., A. Roy. Inst. Bot. Roma 6: 178, 1896

Fomes aulaxinus Bres., Ann. Mycol. 10: 497, 1912

Basidioma perene, pileado, séssil, unglado a tríquetro, dimidiado, até 40,0 x 20,0 x 10,0cm. Superfície abhimental glabra, sulcada, rimoso, preta. Margem obtusa, concolor à superfície abhimental. Contexto até 5,0cm, MP12L7 (Burnished Gold). Superfície himental poróide, MP16L12, 7-9 poros/mm, circulares, tubos estratificados, concolor ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a marrom-pálidas, parede fina a levemente espessa, 2,5-7,0µm, com septos simples; hifas esqueléteas ferrugíneas a marrons, com parede espessa a sólidas, 3,5-5,0µm. Setas ausentes. Basídios clavados, 7,0-11,0 x 4,5-6,0µm. Basidiosporos marrom-ferrugíneos, subglobosos, com parede espessa e lisa, 4,5µm.

Material examinado: **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77774); **Pernambuco:** Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, em angiosperma em decomposição, col. Gibertoni: III/2001 (URM77775); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77776), III/2001 (URM77777), III/2002 (URM77784), em *Caesalpinia* sp. (pau ferro) viva: V/2001 (URM77778), em *Caesalpinia echinata* (pau brasil) viva: XI/2001 (URM77779), I/2002 (URM77782), III/2002 (URM77783), V/2002 (URM77785), em *Protium heptaphyllum* (amescla)

viva: XXI/2001 (URM77786), em angiosperma viva: XI/2001 (URM77780), em *Hymenaea* sp. (jatobá) em decomposição: I/2002 (URM77781).

Distribuição: Regiões tropicais e temperadas do mundo (Ryvarden & Guzmán 1993).

Discussão: Dentre as espécies pileadas sem setas encontradas neste trabalho, *P. rimosus* pode ser diferenciada pelo tamanho e coloração dos basidiosporos e pela superfície abhimenial preta e rimosa. Citada anteriormente para o Maranhão (Torrend 1940), Rio Grande do Sul (Teixeira 1950; Sousa 1977), Pernambuco (Cavalcanti 1976), São Paulo (Teixeira 1950; Bononi 1984), Espírito Santo (Vinha 1988) e Bahia (Góes-Neto 1999; Góes-Neto *et al.* 2000), trata-se da primeira referência na Paraíba e no Rio Grande do Norte.

Phellinus roseocinereus (Murr.) D. A. Reid,

Mem. New. York Bot. Gard. 28: 194, 1976

Basiônimo: *Pyropolyporus roseocinereus* Murr., North Amer. Flora 9: 104, 1908

(Fig. 28, 61)

Sinônimo:

Fomes roseocinereus (Murr.) Sacc. & Trott., Syll. Fung. 21: 291 1912

Basidioma perene, pileado, séssil, unglado a tríquetro, dimidiado, 5,0 x 8,0 x 2,0cm. Superfície abhimenial glabra, zonata, MP16A7 (Eagle, Clove Brown). Margem obtusa, MP16A9 (Owl). Contexto até 5,0cm, MP16A11, com linha preta. Superfície himenial poróide, MP16A11, 8-9 poros/mm, circulares, tubos estratificados, MPJ10. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a amarelo-pálidas, parede fina, 3,0-5,0 μ m, com septos simples; hifas esqueléteas ferrugíneas a marrons, com parede espessa, 3,0-5,0 μ m. Setas himeniais acuminadas, 15,0-40,0 μ m. Basídios clavados, 8,0 x 6,0-8,0 μ m. Basidiosporos hialinos a amarelo-pálidos, elípticos, com parede fina e lisa, 3,6 x 2,7 μ m.

Material examinado: Pernambuco: Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, em angiosperma em decomposição, col. Gibertoni: III/2001 (URM77795).

Distribuição: Cuba, Costa Rica (Larsen & Cobb-Poule 1990), Jamaica (Ryvarden 2000), Venezuela (Ryvarden & Iturriaga 2001) e México (Ryvarden & Guzmán 2001).

Discussão: *P. roseocinereus* é caracterizada pelos basidiosporos de tamanho reduzido e de coloração pálida. Constitui primeira ocorrência para o Brasil.

Phellinus shaferei (Murr.) Ryvarden,

Norw. J. Bot. 19: 235, 1972

Basiônimo: *Fuscoporella shaferei* Murr., North Amer. Flora 9: 7, 1907

Sinônimo:

Poria shaferi (Murr.) Sacc. & Trott., Syll. Fung. 21: 338, 1912

Basidioma perene, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP16A11 (Elk, Lama-), 8-9 poros/mm, circulares, tubos MP15J10. Margem concolor à superfície himenial. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 2,0-4,0µm; hifas esqueléteas marrom-douradas, com parede espessa, 2,5-5,0µm. Setas himeniais subventricosas a acuminadas, 20,0-30,0 x 6,0-8,0µm. Basídios clavados, 10,0-13,0 x 5,5-6,5µm. Basidiosporos amarelo-pálidos a ferrugíneos, subglobosos a elípticos, parede fina e lisa, 4,5-6,0µm.

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma viva caída: I/2002 (URM77796).

Distribuição: Índias Ocidentais (Larsen & Cobb-Poule 1990), Jamaica (Ryvarden 2000) e Venezuela (Ryvarden & Iturriaga 2001).

Discussão: Dentre as espécies ressupinadas com setas encontradas neste trabalho, *P. shaferi* pode ser diferenciada pelos basidiosporos amarelo-pálidos a ferrugíneos, subglobosos a elípticos, 4,5-6,0µm. Constitui primeira ocorrência para o Brasil.

Phellinus umbrinellus (Bres.) Herr. & Bond. in Bond. & Herr.,
Mycol. Fitopatol. 14: 8, 1980

Basiônimo: *Poria umbrinella* Bres., Hedwigia 35: 282, 1896

Sinônimos:

Fomitiporella umbrinella (Bres.) Murr., North Amer. Flora 9: 13, 1907

Fuscoporia umbrinella (Bres.) Cunn., New Zealand Dept. Sci. Ind. Res. Bull. 164: 217, 1965

Fuscoporella coruscans Murr., North Amer. Flora 9: 7, 1907

Fuscoporella mexicana Murr., North Amer. Flora 9: 13, 1907

Fomitiporella floridana Murr., North Amer. Flora 9: 14, 1907

Poria torrendii Bres., Ann. Mycol. 18: 37, 1920

Basidioma perene, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP15L12 (Raw UMBER), 5-10 poros/mm, circulares, tubos concolor à superfície himenial. Margem MP14I11. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 2,5-3,5µm; hifas esqueléteas marrom-douradas a ferrugíneas, com parede espessa, 2,5-5,0µm. Setas ausentes. Basídios clavados, 10,0-

12,0 x 5,0-6,0µm. Basidiosporos marrom-ferrugíneos, globosos, subglobosos a elípticos, parede espessa e lisa, às vezes gutulados, 4,5-5,0 (-6,5) x 2,7-4,5µm. Clamidosporos às vezes presentes, globosos, 10µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77800); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77803), III/2002 (URM77804), V/2002 (URM77805); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Hymenaea* sp. (jatobá) em decomposição: V/2002 (URM77806); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, em angiosperma em decomposição, col. Gibertoni: III/2001 (URM77801), I/2002 (URM77802); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77797), I/2002 (URM77798); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77807), XI/2001 (URM77815), III/2002 (URM77812), V/2002 (URM77814), em *Anacardium occidentale* (cajueiro) em decomposição: XI/2000 (URM77809), em *Hymenaea* sp. (jatobá) viva: V/2001 (URM77816), em *Psidium* sp. (araçá) em decomposição: XI/2000 (URM77810), em *Spondias dulcilis* (cajarana) em decomposição: XI/2000 (URM77811), em *Spondias dulcilis* (cajarana) viva: V/2002 (URM77813), em *Eschweilera* sp. (embiriba) viva: XI/2000 (URM77808); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77799).

Distribuição: América tropical e subtropical, recentemente encontrada no Japão (Núñez & Ryvardeen 2000).

Discussão: *P. umbrinellus* é caracterizada pelos poros pequenos e basidiosporos marrom-ferrugíneos. Citada anteriormente para Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; 1995), Rio Grande do Sul (Coelho 1994), São Paulo (Soares & Gugliotta 1998), Bahia (Góes-Neto 1999) e Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), trata-se de uma nova ocorrência para Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Phellinus undulatus (Murr.) Ryvardeen,
Norw. J. Bot. 19 (3-4): 235, 1972

(Fig. 31, 64)

Sinônimo:

Poria undulata (Murr.) Sacc. & Trott., Syll. Fung. 21: 336, 1912

Basiônimo: *Fomitiporia undulata* Murr., North Amer. Flora 9: 10, 1907

Basidioma anual, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP15L12 (Raw UMBER), 4-6 poros/mm, circulares, tubos concolor à superfície himenial. Margem MP14I11. Sistema

hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 2,0-4,0µm; hifas esqueléteas douradas a ferrugíneas, com parede espessa, 2,5-5,0µm. Setas subventricosas a acuminadas, geralmente com ápice curvado, 18,0-30,0 x 5,0-8,0µm. Basídios clavados, 10,0-12,0 x 8,0-9,0µm. Basidiosporos não observados, mas “hialinos, elípticos, parede fina e lisa, 3,0-5,0 x 2,0-3,5µm” (Larsen & Cobb-Pouille 1990).

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77817).

Distribuição: Honduras (Larsen & Cobb-Poule 1990), Brasil (Loguercio-Leite & Wright 1995), Jamaica (Ryvarden 2000) e Venezuela (Ryvarden & Iturriaga 2001).

Discussão: *P. undulatus* é caracterizada pelas setas com ápice curvado e pelos basidiosporos hialinos e de tamanho mediano. Citada anteriormente para Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; 1995), trata-se de uma nova ocorrência para o Nordeste e do segundo relato para o Brasil.

Chaves para identificação das espécies de *Phylloporia*

1. Basidioma rígido, basidiosporos globosos a subglobosos, 3,6-4,5µm *P. pectinata*
1'. Basidioma flexível, basidiosporos subglobosos, 2,5-3,6µm *P. chrysitae*

Phylloporia chrysitae (Berk.) Ryvarden,
Norw. J. Bot. 19: 235, 1972

Basiônimo: *Polyporus chrisites* Berk., Hook. J. Bot. 8: 233, 1856.

(Fig. 32, 65)

Sinônimo:

Inonotus corrosus Murril, Bull. Torrey Bot. Cl. 31: 598, 1904

Basidioma perene, estipitado, reniforme, coriáceo, 8,0 x 5,5cm, estipe glabra, 1,5cm, MP15H10. Superfície abhimenial velutina, discretamente zonada, MP16H10. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP16H12 (Bronze Sheen), 7-8 poros/mm, circulares, tubos concolor ao contexto. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas a marrons, com septos simples, parede fina, 3,5-8,0µm. Setas ausentes. Basídios clavados, 7,0-10,0 x 3,0-4,0µm. Basidiosporos amarelo-pálidos, subglobosos, parede fina, 2,5-3,6µm.

Material examinado: **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77462).

Distribuição: América e Ásia tropical e subtropical (Núñez & Ryvar den 2000).

Discussão: *P. chry sita* pode ser caracterizada pelo basidioma estipitado, reniforme e coriáceo e pelos basidiosporos amarelo-pálidos. Para o Brasil, foi relatada para o Acre (Bononi 1992), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Maia & Gibertoni 2002), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991) e Rio Grande do Sul (Coelho 1994), tratando-se da primeira ocorrência para o Rio Grande do Norte.

Phylloporia pectinata (Klotzsch) Ryvar den,

Synopsis Fung. 5: 196, 1991

Basiônimo: *Polyporus pectinatus* Klotzsch, Linnaea 8: 485, 1833.

(Fig. 33, 66)

Sinônimos:

Fomes pectinatus (Klotzsch) Gill., Champ. France 1: 686, 1878

Phellinus pectinatus (Klotzsch) Quél., Ench. Fung., p.173, 1886

Xanthochrous pectinatus (Klotzsch) Pat., Essai Taxon. P. 101, 1900

Pyropolyporus pectinatus (Klotzsch) Murr., Bull. Torrey Bot. Club 34: 479, 1907

Fulvifomes pectinatus (Klotzsch) Holmq., Diss. Abstr. Internat. 33 (9): 4149, 1973

Polyporus haskarlii Lév., Ann. Sci. Nat. Bot. 2: 190, 1844

Polystictus haskarlii (Lév.) Cooke, Grevillea 14: 86, 1886

Coltricia haskarlii (Lév.) Cunn., Proc. Linn. Soc. New South Wales 75: 228, 1950

Polyporus capucinus Mont., Ann. Sci. Nat. Bot. 4 (5): 396, 1856

Polyporus xerampelinus Kalchbr.: Thuem., Grevillea 4: 72, 1875

Polystictus xerampelinus (Kalchbr.: Thuem.) Cooke, Grevillea 14: 86, 1886

Polystictus substygius Berk. & Br.: Cooke, Nuovo Giorn. Bot. Ital. 10: 17, 1878

Fomes substygius (Berk. & Br.: Cooke) Sacc., Syll. Fung. 6:195, 1888

Polyporus substygius (Berk. & Br.: Cooke) Lloyd, Mycol. Writ. 4: 364, 1915

Cryptoderma substygius (Berk. & Br.: Cooke) Imaz., Bull. Tokyo Sci. Mus. 6: 107, 1943

Trametes lilliputiana Speg., Acad. Nac. Cienc. Bol. 11: 440, 1889

Polyporus bonianus Pat., J. Bot. 5: 311, 1891

Fomes weberianus Bres. & Henn.: Sacc., Syll. Fung. 9: 174, 1891

Pyropolyporus subpectinatus Murr., North Amer. Flora 9: 109, 1908

Basidioma perene, séssil, dimidiado, 1,5-6,0 x 1,2-4,0 x 0,1-1,7cm. Superfície abhimental tomentosa e zonada quando jovem, glabra e concentricamente sulcada, rimosa quando antigo, MP14L11 (Oak, Briar+), MP16A12 (Biskra Date+). Margem inteira, aguda a obtusa, MP13L9 (Chipmunk), MP11J6

(Honey Seveet). Contexto homogêneo, 0,1-1,0cm, MP14D9, MP14F8 (Mosul), MP16L10. Superfície himenial poróide, MP13D7 (Oak Buff), MP13I5, MP16L9 (Ivy Green), 8-11 poros/mm, circulares, tubos indistintamente estratificados, MP14J10, às vezes concolor ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a levemente douradas, com septos simples, parede fina, 1,8-2,5 μ m; hifas esqueléteas amareladas a marrons, parede espessa, 2,7-3,6 μ m. Setas ausentes. Basídios clavados, 3,6-4,5 μ m. Basidiosporos marrom-dourados, globosos a subglobosos, parede fina, 3,0-4,5 μ m.

Material examinado: **Pernambuco:** Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma viva: III/2002 (URM77463), V/2002 (URM77464); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em solo: V/2002 (URM77466); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77465).

Distribuição: Pantropical e espalhada pelo leste da África, da Etiópia até Malavi, Java, Vietnã (Larsen & Cobb-Pouille 1990).

Discussão: *P. pectinata* pode ser caracterizada pelo basidioma espesso e tomentoso quando jovem e glabro e rimoso quando mais velho, além de basidiosporos marrom-dourados. Para o Brasil, foi relatada para o Amazonas, Pará e Roraima (Sousa 1980), Rio Grande do Sul (Coelho 1994), Bahia (Góes-Neto 1999; Góes-Neto *et al.* 2000), Pernambuco (Gibertoni & Cavalcanti 2003) e Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), tratando-se da primeira ocorrência para o Rio Grande do Norte.

4.2.4.1. Referências Bibliográficas

- Azevedo, C. P. L. & Guerrero, R. T. 1993. Estudo biosistemático de espécies do gênero *Hymenochaete* (Basidiomycetes) no Rio Grande do Sul. **Insula** 22: 143-176.
- Batista, A. C. & Vital, A. F. 1960. Estudo analítico de alguns Basidiomicetos. **Atas do Instituto de Micologia** 1: 359-364.
- Binder, M. & Hibbet, D. S. 2002. Higher-level phylogenetic relationships of Homobasidiomycetes (mushroom-forming fungi) inferred from four rDNA regions. **Molecular Phylogenetics and Evolution** 22(1): 76-90.
- Boidin, J.; Mugnier, J. & Canales, R. 1998. Taxonomie moleculaire des Aphyllophorales. **Mycotaxon** 66: 445-491.
- Bononi, V. L. R. 1979. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso II. Hymenochaetaceae. **Rickia** 8: 85-99.
- Bononi, V. L. R. 1984. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: IV. Adições às famílias Hymenochaetaceae, Stereaceae e Thelephoraceae. **Rickia** 11: 43-52.

- Bononi, V. L. R. 1992. Fungos macroscópicos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Hoehnea** **19**(1/2): 31-37.
- Bononi, V. L. R.; Trufem, S. F. B & Grandi, R. A. P. 1981. Fungos macroscópicos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil, depositados no herbário do Instituto de Botânica. **Rickia** **9**: 37-53.
- Burt, E. A. 1918. The Thelephoraceae of North America X. *Hymenochaete*. **Annals of the Missouri Botanical Garden** **5**: 301-373.
- Campos, E. L. & Cavalcanti, M. A. Q. 2000. Primeira ocorrência de *Phellinus mangovicus* (Imaz.) Imaz. para o Brasil. **Acta Botanica Brasilica** **14**(3): 263-265.
- Capelari, M. & Maziero, R. 1988. Fungos macroscópicos do estado de Rondônia, região dos rios Jaru e Ji-Paraná. **Hoehnea** **15**: 28-36.
- Cavalcanti, M. A. Q. 1976. **Introdução ao conhecimento dos basidiomicetos poliporóides da Zona da Mata de Pernambuco**. Tese de Livre-Docência, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 200p.
- Coelho, G. 1994. **Himenoquetáceas com poros (Basidiomycetes) do limite sul da Serra Geral em Santa Maria, RS**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Coelho, G. & Wright, J. E. 1996. *Phellinus spinescens* sp. nov. on bamboo from South America. **Mycotaxon** **59**: 383-387.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllophorales. **Persoonia** **3**: 199-324.
- Fiasson, J. L. & Niemelä, T. 1984. The Hymenochaetales: a revision of the European poroid taxa. **Karstenia** **24**: 14-28.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1968. Contribution to the fungi of Mato Grosso, Brazil. **Rickia** **3**: 171-219.
- Gerber, A. L. 1996. Fungos xilófilos poróides (Aphyllophorales) no Morro da Lagoa da Conceição, Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. **Insula** **25**: 3-68.
- Gerber, A. L. & Loguercio-Leite, C. 1997. New records of polypores (Aphyllophorales) from southern Brazil. **Mycotaxon** **62**: 305-318.
- Gerber, A. L. & Loguercio-Leite, C. 2000. Polyporoid wood-rotting fungi (Basidiomycetes) II - New records from Southern Brazil. **Mycotaxon** **76**: 175-185.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2000. Novos registros de Aphyllophorales para o Brasil. **Acta Botanica Brasilica** **14**(3): 267-271.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. A mycological survey of the Aphyllophorales (Basidiomycotina) of the Atlantic Rain Forest in the State of Pernambuco, Brazil. **Mycotaxon** **89**: 200-210.
- Gilbertson, R. L. & Ryvardeen, L. 1987. **North American Polypores**. Vol. 2. Fungiflora, Oslo, 452p.

- Góes-Neto, A.; Loguercio-Leite, C. & Guerrero, R. T. 2000. Poroid Hymenochaetales in a seasonal tropical forest fragment in the State of Bahia, Brazil: taxonomy and qualitative ecological aspects. **Mycotaxon** **76**: 197-211.
- Góes-Neto, A., Loguercio-Leite, C., Guerrero, R. T. 2001. Morphological cladistic analysis of tropical Hymenochaetales (Basidiomycota). **Mycotaxon** **79**: 467-479.
- Góes-Neto, A., Loguercio-Leite, C., Guerrero, R. T. 2002. Molecular phylogeny of tropical Hymenochaetales (Basidiomycota). **Mycotaxon** **84**: 337-354.
- Góes-Neto, A.; Marques, M. F. O.; Andrade, J. D. & Santos, D. S. 2003. Lignicolous aphyllorphoid Basidiomycota in an Atlantic Forest fragment in the semi-arid caatinga region of Brazil. **Mycotaxon** **88**:
- Groposo, C. & Loguercio-Leite, C. 2002. Fungos poliporóides xilófilos (Basidiomycetes) da Reserva Biológica Tancredo Neves, Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia, sér. bot.**, **57**(1): 39-59.
- Jesus, M. A. 1993. Basidiomicetos lignocelulolíticos de floresta nativa e de *Pinus eliottii* Engelm. do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. **Hoehnea** **20**(1/2): 119-126.
- Jesus, M. A. 1996. Contribution to the knowledge of wood-rotting fungi in Brazil. II. Check-list of fungi from Maracá Island, Roraima State. **Mycotaxon** **57**: 323-328.
- Job, D. J. 1985. The South American collections of *Hymenochaete* Lév. (Aphyllorphales) in J. Rick's Herbarium. **Mycotaxon** **24**: 227-235.
- Job, D. J. 1990. Le genre *Hymenochaete* dans les zones tempérées de l'hémisphère sud. **Mycologia Helvetica** **4**: 1-51.
- Larsen, M. & Cobb-Poule, L. A. 1990. ***Phellinus* (Hymenochaetaceae) - A survey of the world taxa**. Synopsis Fungorum 3, Fungiflora, Oslo, 206 p.
- Léger, J. C. 1990. Étude critique et validation des espèces nouvelles d'*Hymenochaete* décrites par G.A. Escobar. **Cryptogamie, Mycologie** **11**(4): 289-312.
- Léger, J. C. 1998. Le genre *Hymenochaete* Lév. **Bibliotheca Mycologica** **171**: 1-319.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1991. Contribution to a biogeographical study of the Austro-American xylophilous polypores (Aphyllorphales) from Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** **41**: 161-166.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1995. The genus *Phellinus* (Hymenochaetaceae) of the Island of Santa Catarina, Brazil. **Mycotaxon** **54**: 361-388.
- Maia, L. C. & Gibertoni, T. B. 2002. Fungos registrados no semi-árido. Pp. 163-176. In: Sampaio, E. V. S. B.; Giulietti, A. M.; Virgínio, J. & Gamarra-Rojas, C. F. L. **Vegetação e flora da Caatinga**. Associação Plantas do Nordeste & Centro Nordestino de Informação sobre Plantas, Recife.

- Núñez, M. & Ryvardeen, L. 1999. Studies in neotropical polypores 4. New and noteworthy species from Coiba National Park, Panama. **Mycotaxon** **71**: 361-367.
- Oberwinkler, F. 1977. Das neue System der Basidiomyceten. Pp. 59-105. In: Frey, W.; Hurka, H. & Oberwinkler, F. (eds.). **Beiträge zur Biologie der niederen Pflanzen**.
- Parmasto, E. 2001a. Hymenochaetoid fungi (Basidiomycota) of North America. **Mycotaxon** **79**: 107-176.
- Parmasto, E. 2001b. New taxa and new combinations in hymenochaetoid fungi (Hymenomycetes). **Folia Cryptogamica Estonica** **37**: 55-66.
- Rajchenberg, M. 1987. Type studies of Polyporaceae (Aphyllophorales) described by J. Rick. **Nordic Journal of Botany** **7**: 553-568.
- Reeves, F. & Welden, A. L. 1967. West Indian species of *Hymenochaete*. **Mycologia** **59**: 1034-1049.
- Ryvardeen, L. 1982. The genus *Hydnochaete* Bres. (Hymenochaeteaceae). **Mycotaxon** **15**: 425-447.
- Ryvardeen, L. 1987. New and noteworthy polypores from tropical America. **Mycotaxon** **28**: 525-541.
- Ryvardeen, L. 2000. Studies in neotropical polypores 8. Poroid fungi from Jamaica – a preliminary check list. **Mycotaxon** **76**: 349-360.
- Ryvardeen, L. & Gilbertson, R. L. 1994. **European Polypores**. Vol. 2. Synopsis Fungorum 6, Fungiflora, Oslo, 355p.
- Ryvardeen, L. & Guzmán, G. 1993. New and interesting polypores from Mexico. **Mycotaxon** **47**: 1-23.
- Ryvardeen, L. & Guzmán, G. 2001. Studies in neotropical polypores 12. New and noteworthy polypores from Mexico. **Mycotaxon** **78**: 245-256.
- Ryvardeen, L. & Iturriaga, T. 2001. Studies in neotropical polypores 9. A critical checklist of poroid fungi from Venezuela. **Mycotaxon** **78**: 393-405.
- Ryvardeen, L. & Joahnsen, I. 1980. **A preliminary polypore flora of East Africa**. Fungiflora, Oslo, 636p.
- Ryvardeen, L. & Meijer, A. A. R. 2002. Studies in neotropical polypores 14. New species from the state of Paraná, Brazil. **Synopsis Fungorum** **15**: 34-69.
- Ryvardeen, L. & Núñez, M. 2000. **East Asian Polypores**. Vol. 1. Fungiflora, Oslo, 168p.
- Silva, J. V. B. 1987. **Contribuição ao conhecimento dos fungos poliporáceos na arborização da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 105p.
- Silva, M. & Minter, D. W. 1995. Fungi from Brasil - Recorded by Batista and co-workers. **Mycological Papers** **169**: 1-585.
- Silveira, R. M. B. & Guerrero, R. T. 1991. Aphyllophorales poliporóides (Basidiomycetes) do Parque Nacional de Aparados da Serra, Rio Grande do Sul. **Boletim do Instituto de Biociências** **48**: 1-127.
- Soares, S. C. S. & Gugliotta, A. M. 1998. Criptógamos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. Fungos, 7: Aphyllophorales (Hymenochaetaceae). **Hoehnea** **25**(1): 11-31.

- Sousa, M. A. 1977. **Contribuição ao estudo do gênero *Phellinus* Quélet (Hymenochaetaceae) da Reserva Florestal do Parque Estadual do Turvo, Tenente Portela, Rio Grande do Sul.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 102p.
- Sousa, M. A. 1980. **O gênero *Phellinus* Quélet (Hymenochaetaceae) na Amazônia brasileira.** Tese de Doutorado, Instituto de Pesquisas Amazônicas/Fundação Universidade do Amazonas, Manaus, 190p.
- Teixeira, A.R. 1946a. Mais um himenomiceto destruidor da Madeira. **Bragantia** **6**: 143-145.
- Teixeira, A. R. 1946b. Ensaio para a taxonomia das poliporáceas. **Bragantia** **6**: 299-352.
- Teixeira, A. R. 1950. Himenomicetos brasileiros V. Polyporaceae. **Bragantia** **10**: 113-122.
- Teixeira, A. R. 1950. Himenomicetos brasileiros V. Polyporaceae. **Bragantia** **10**: 113-122.
- Torrend, C. 1926. Les polyporacées stipitées du Brésil IV. **Brotéria, sér. bot.** **22**: 5-19.
- Torrend, C. 1940. As poliporáceas da Bahia e estados limítrofes. **Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica -1938**, **2**: 326-341.
- Vinha, P. C. 1988. Fungos macroscópicos do estado do Espírito Santo depositados no Herbário Central da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. **Hoehnea** **15**: 57-64.
- Wagner, T. & Fischer, M. 2001. Natural groups and revised system for the European poroid Hymenochaetales (Basidiomycota) supported by nLSU rDNA sequence data. **Mycological Research** **105**(7): 773-782.
- Wagner, T. & Fischer, M. 2002a. Classification and phylogenetic relationships of *Hymenochaete* and allied genera of the Hymenochaetales, inferred from rDNA sequence data and nuclear behaviour of vegetative mycelium. **Mycological Progress** **1**(1): 93-104.
- Wagner, T. & Fischer, M. 2002b. Proceedings towards a natural classification of the worldwide taxa *Phellinus* s. l. and *Inonotus* s. l., and phylogenetic relationships of allied genera. **Mycology** **94**(6): 998-1016.
- Wagner, T. & Ryvardeen, R. 2002. Phylogeny and taxonomy of the genus *Phylloporia* (Hymenochaetales). **Mycological Progress** **1**(1): 105-116.

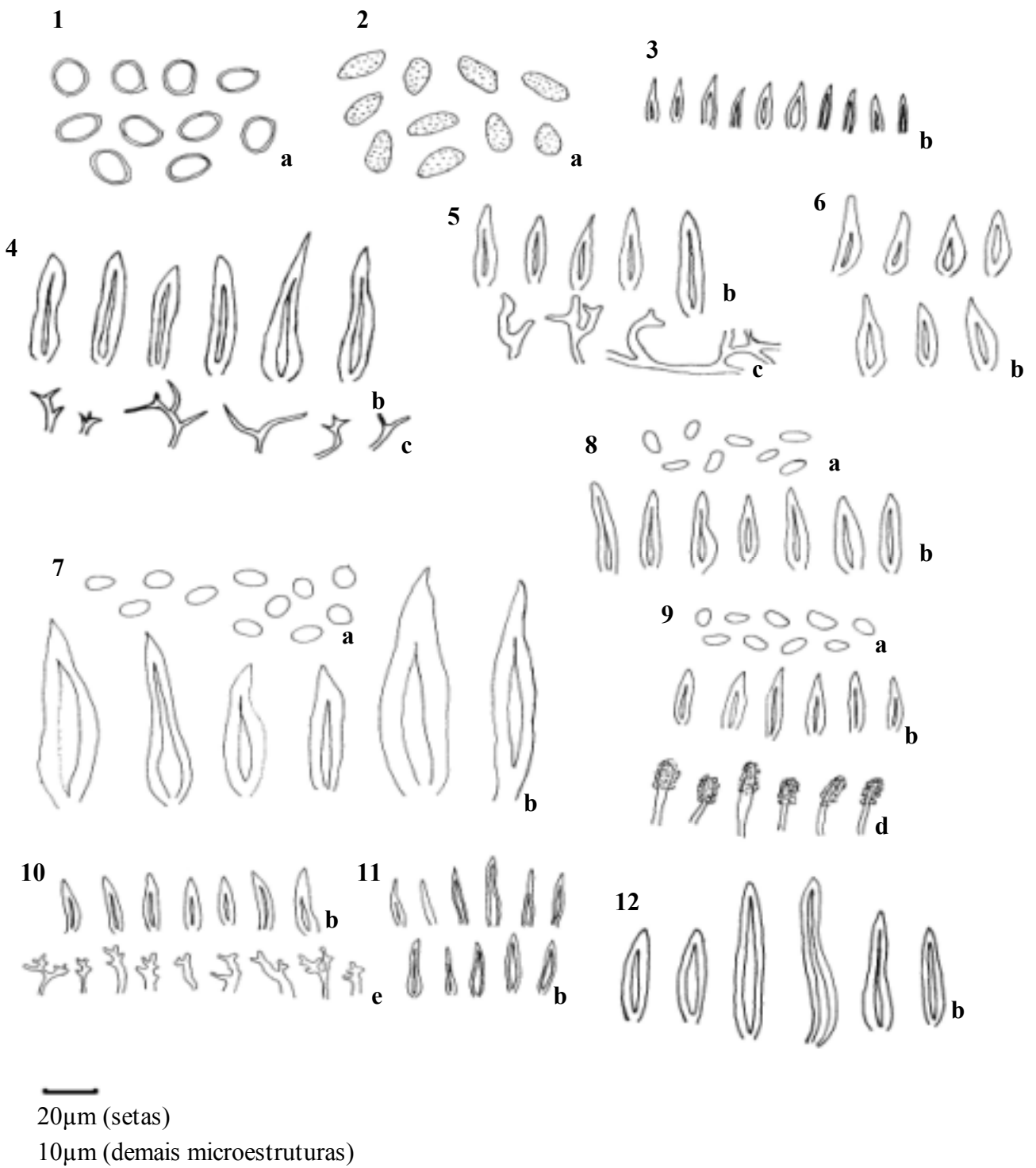
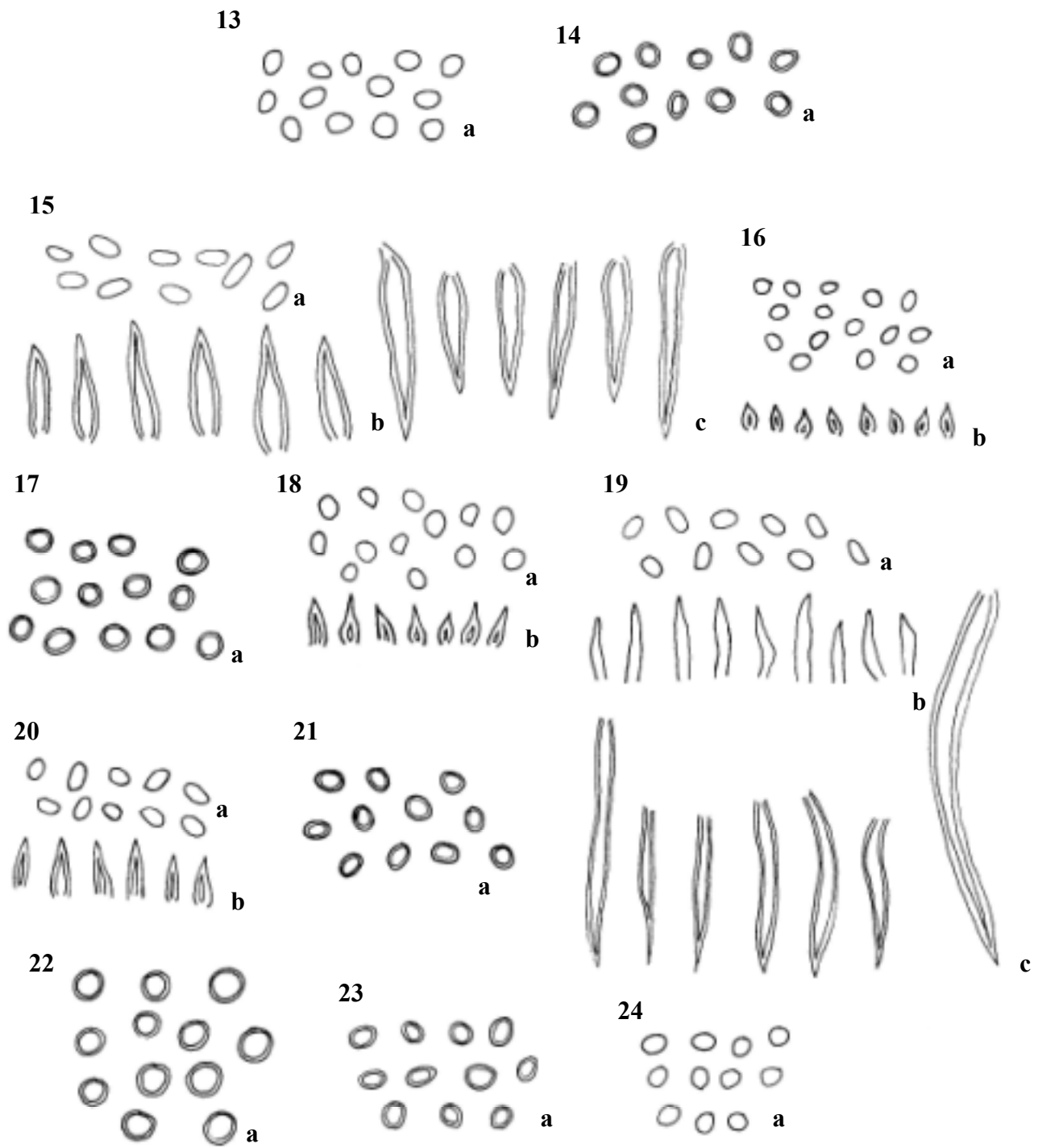


Figura 1. *Coltricia cinnamomea*; *2. Coltriciella navispora*; *3. Cyclomyces iodinus*; *4. Dichochaete ceratophora*; *5. D. setosa*; *6. Hydnochaete peroxydata*; *7. Hymenochaete damicornis*; *8. H. leonina*; *9. H. luteobadia*; *10. H. pinnatifida*; *11. H. aff. pratensis*; *12. H. rheicolor*. Basidiosporos (a), setas (b), dichohifas (c), hifidios (d), dendrohifidios (e).



20µm (setas)
10µm (basidiosporos)

Figura. 13. *Inonotus venezuelicus*; **14.** *Phellinus baccharidis*; **15.** *P. contiguus*; **16.** *P. extensus*; **17.** *P. fastuosus*; **18.** *P. ferrugineo-velutinus*; **19.** *P. ferriginosus*; **20.** *P. gilvus*; **21.** *P. grenadensis*; **22.** *P. maxonii*; **23.** *P. melleoporus*; **24.** *P. membranaceus*. Basidiosporos (a), setas himeniais (b), setas tramais (c).

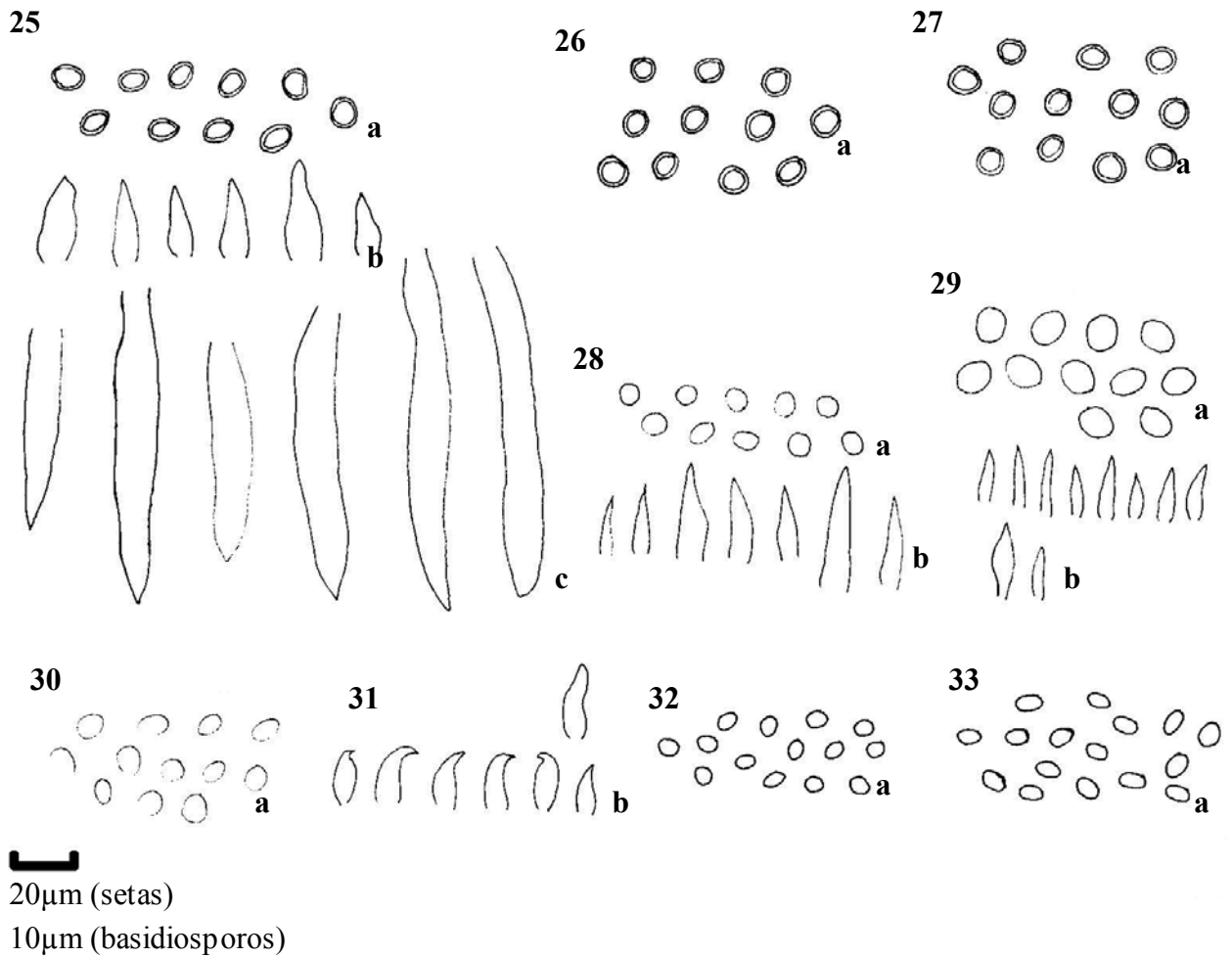


Figura. 25. *Phellinus portoricensis*; **26.** *P. rhytiphloeus*; **27.** *P. rimosus*; **28.** *P. roseocinereus*; **29.** *P. shaferi*; **30.** *P. umbrinellus*; **31.** *P. undulatus*; **32.** *Phylloporia chrysitae*; **33.** *P. pectinata*. Basidiosporos (a), setas himeniais (b), setas tramais (c).



Figura 34. *Coltricia cinnamomea*; **35.** *Coltriciella navispora*; **36.** *Cyclomyces iodinus*; **37.** *Dichochaete ceratophora*; **38.** *D. setosa*; **39.** *Hydnochaete peroxydata*; **40.** *Hymenochaete damicornis*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c).

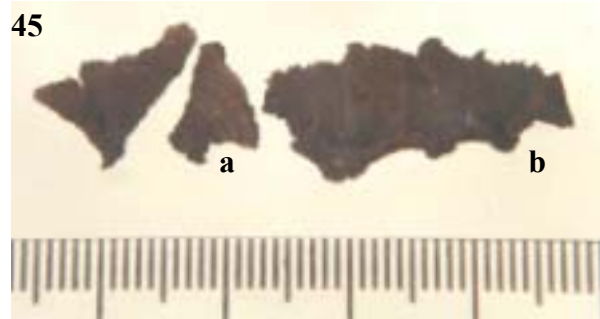
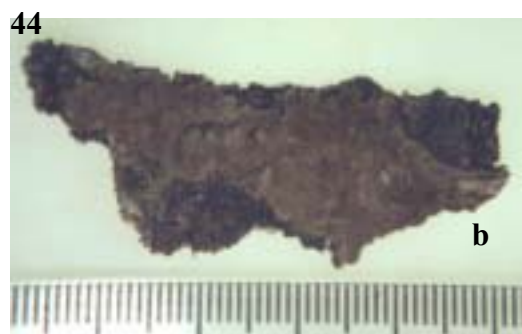
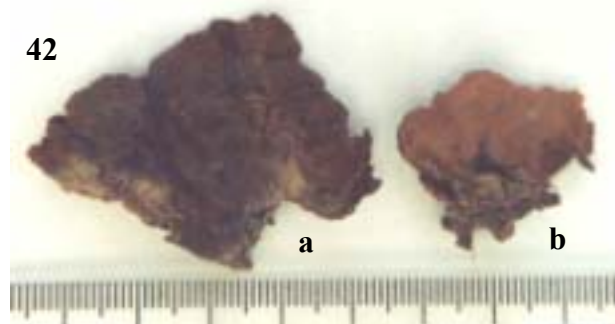


Figura 41. *Hymenochaete leonina*; 42. *H. luteobadia*; 43. *H. pinnatifida*; 44. *H. aff. pratensis*; 45. *H. rheicolor*; 46. *Inonotus venezuelicus*; 47. *Phellinus baccharidis*; 48. *P. contiguus*. Superficie abhimenial (a), superficie himenial (b).

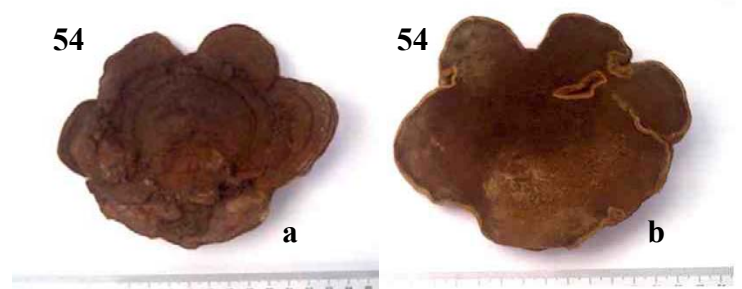
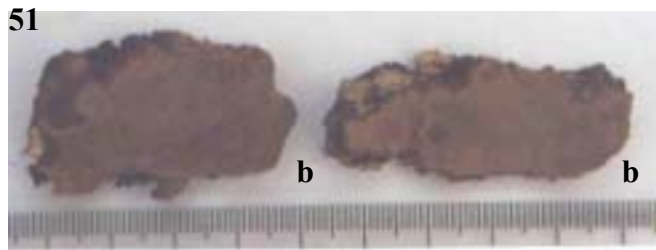


Figura 49. *Phellinus extensus*; **50.** *P. fastuosus*; **51.** *P. ferrugineo-velutinus*; **52.** *P. ferruginosus*; **53.** *P. gilvus*; **54.** *P. grenadensis*; **55.** *P. maxonii*; **56.** *P. melleoporus*. Superfície abhymenial (a), superfície himenial (b).

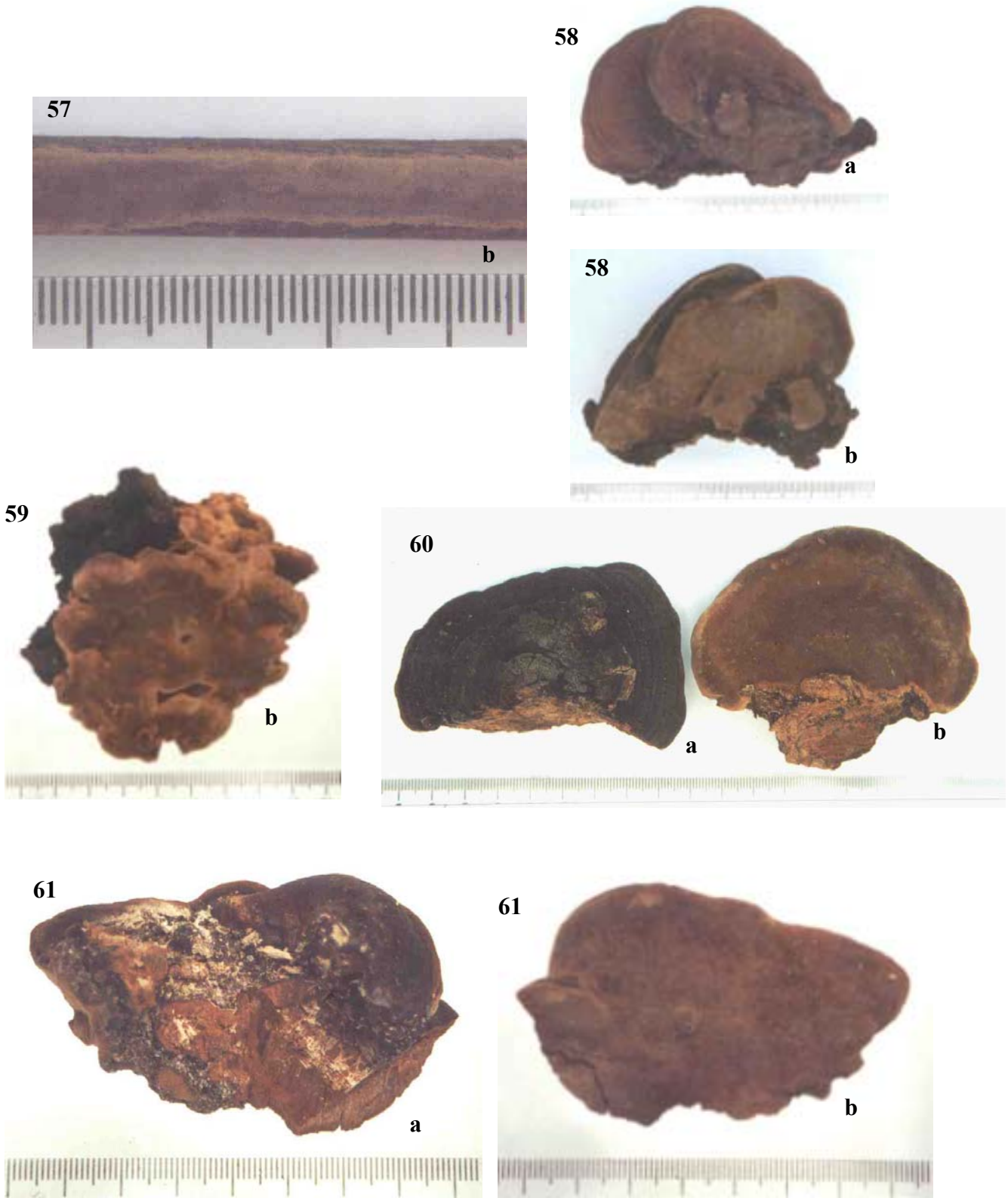


Figura 57. *Phellinus melleoporus*; **58.** *P. portoricensis*; **59.** *P. rhytiploeus*; **60.** *P. rimosus*; **61.** *P. roseocinereus*. Superficie abhimental (a), superficie himental (b).

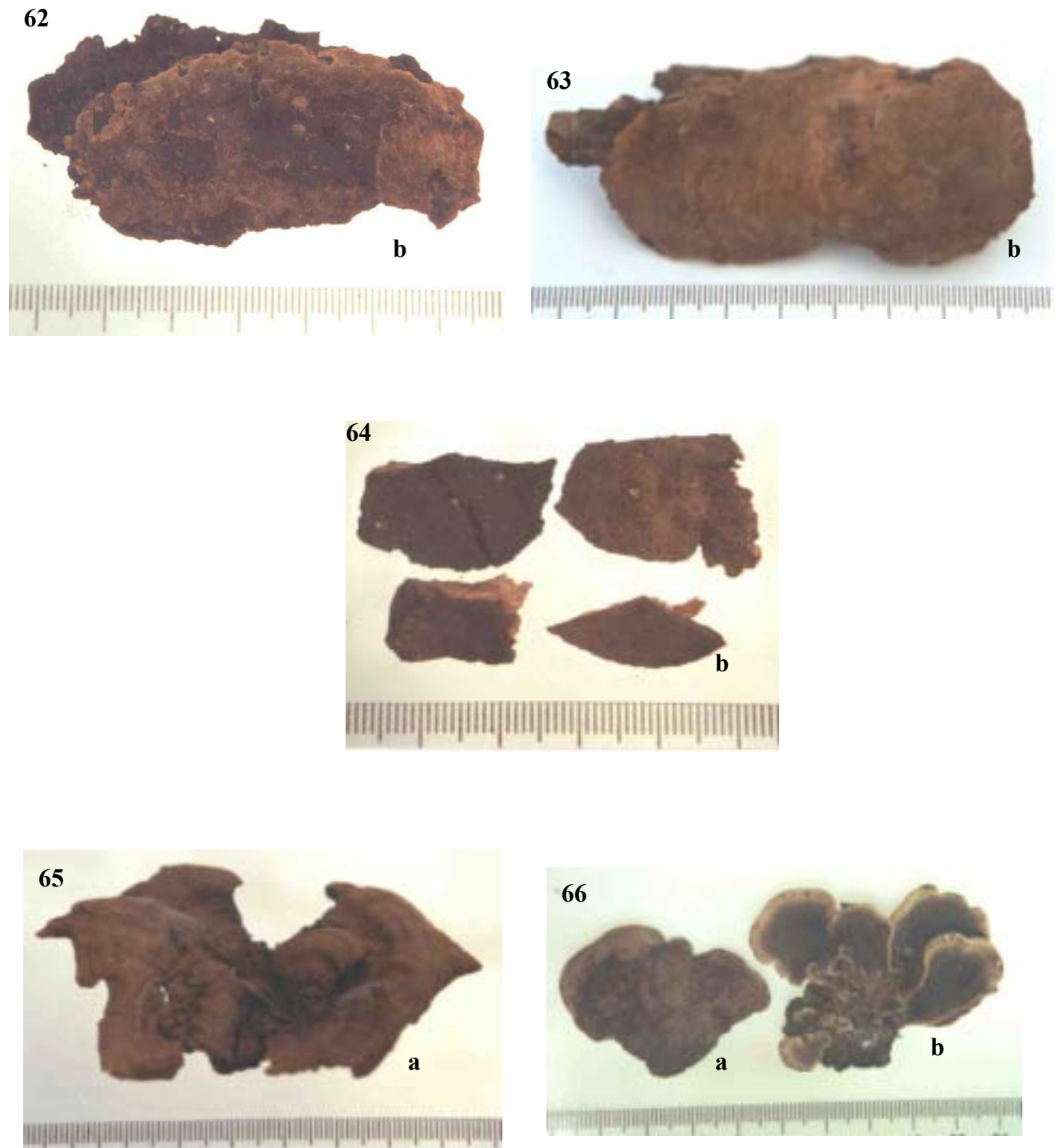


Figura 62. *Phellinus shaferi*; **63.** *P. umbrinellus*; **64.** *P. undulatus*; **65.** *Phylloporia chrysitae*; **66.** *P. pectinata*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b).

4.2.5. Lachnocladiaceae D. A. Reid

Em seu trabalho de reorganização das famílias de Aphyllophorales, Donk (1964) não estabelece um grupo para abrigar espécies com características da atual família Lachnocladiaceae e distribuiu seus representantes por Hymenochaetaceae e Corticiaceae. Posteriormente, Reid (1965) descreve a família Lachnocladiaceae para abrigar espécies dos gêneros *Asterostroma*, *Dichopleuropus*, *Lachnocladium*, *Scytinostroma* e *Vararia*, caracterizadas pelo basidioma ressupinado, clavarióide ou espatulado, tipicamente ocráceo a marrom, com hifas ramificadas e/ou dicohifas dextrinóides, com cystídios e/ou gloecistídios, basidiosporos lisos, verrugosos ou equinulados, hialinos, amilóides ou inamilóides. Hawksworth *et al.* (1995) consideram essa família uma ordem (Lachnocladiales) com duas famílias: Lachnocladiaceae (*Dichantharellus*, *Dichopleuropus*, *Lachnocladium*, *Scytinostroma*, *Stereofomes*, *Vararia*) e Dichostereaceae (*Dichostereum*), enquanto Stalpers (1996) admite Lachnocladiaceae (*Asterostroma*, *Dichantharellus*, *Dichopleuropus*, *Dichostereum*, *Lachnocladium*, *Vararia*, *Scytinostroma*, *Stereofomes*) como representante de Hericiales. Kirk *et al.* (2001) consideram Lachnocladiaceae (*Asterostroma*, *Dichantharellus*, *Dichopleuropus*, *Dichostereum*, *Lachnocladium*, *Scytinostroma*, *Stereofomes*, *Vararia*) representante da ordem Russulales.

Referências à Lachnocladiaceae no Brasil podem ser encontradas nos trabalhos de Burt (1919), Corner (1950), Talbot (1951), Bononi *et al.* (1981), Bononi (1984), Hjoststam & Bononi (1986), Sotão *et al.* (1991), Jesus (1993, 1996), Silva & Minter (1995) e Gibertoni & Cavalcanti (2003).

Neste trabalho, dois gêneros e duas espécies de Lachnocladiaceae foram registrados nos estados de Sergipe, Alagoas Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Chave para identificação das espécies

1. Basidioma clavarióide, dicohifas esteladas, basidiosporos inamilóides
..... *Lachnocladium schweinfurthianum*
- 1'. Basidioma ressupinado, dicohifas ramificadas dicotomicamente, basidiosporos amilóides
..... *Scytinostroma duriusculum*

Lachnocladium schweinfurthianum P. Henn.,
Bot. Jb. 17: 21, 1893.

(Fig 1, 3)

Sinônimos:

Lachnocladium asterosetosum P. Henn., Hedwigia 36: 196, 1897

Lachnocladium cristatum Lloyd, Mycol. Writ. 6: 890, 1919

Lachnocladium subochraceum Sacc., Annals Mycol. 4: 73, 1906

Lachnocladium molle Corner, Monograph of *Clavaria* and allied genera: 696, 1950

Lachnocladium denudatum Corner, Beih. Nova Hedwigia 33: 180, 1970

Basidioma solitário a cespitoso, clavarióide, 2,0-4,2cm, muito ramificado, arbuscular, coriáceo. Estipe cilíndrico, curto, 0,5-2,0 x 0,2cm, MP10G4, dividido em 2-5 ramificações principais, achatadas, eretas, 1,0-2,5cm de comprimento, MP10G5 (Maise), subdividindo-se 2-4 vezes. Superfície himenial lisa. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com septo simples, parede fina, 2,5-3,0 μ m; hifas esqueléteas modificadas em dicohifas esteladas marrom-pálidas, asseptadas, raios 45,0 x 2,0-3,0 μ m. Basídios estreitamente clavados, 11,0-15,0 x 2,5-3,0 μ m. Gleocistídios hialinos a esverdeados, fusiformes, às vezes clavados, 40,0 x 9,0-14,0 μ m. Basidiosporos hialinos, ovóides, com apículos, unigutulados, lisos, 5,5 x 3,0 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77342); **Pernambuco:** Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em solo: V/2002 (URM77700); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77338); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, solo: VII/2001 (URM77339).

Distribuição: De Cuba ao Brasil (Burt 1919), Brasil e EUA (Corner 1950).

Discussão: De acordo com Stalpers (1996), muitos espécimes identificados como *L. brasiliense* (Lév.) Pat. são na verdade *L. schweinfurthinanum*, que seria o nome correto para o táxon. No Brasil, *L. brasiliense* foi citada para a Bahia (Burt 1919; Corner 1950) e Acre (Silva & Minter 1995), enquanto *L. schweinfurthinanum* foi relatada para Pernambuco (Gibertoni & Cavalcanti 2003), tratando-se de nova ocorrência para Alagoas e Sergipe.

Scytinostroma duriusculum (Berk. & Broome) Donk,

Fungus 26: 20, 1956

Basíônimo: *Stereum duriusculum* Berk. & Broome, Journal Linn. Soc. Bot. 14: 66, 1873.

(Fig. 2, 4)

Sinônimo:

Asterostromella duriuscula (Berk. & Broome) Talbot, Bothalia 6: 51, 1951

Basidioma ressupinado, 500 μ m de espessura. Contexto 300-375 μ m, MP9B2 (Polar Bear), MP10D4. Superfície himenial lisa, MP12B2 (Flax Pebble-, Peanut+), MP13A2 (Diping Rock), MP14A3 (Beige).

Sistema hifálico dimítico, hifas generativas com septos simples, hialinas, com parede fina, 1,0-2,5µm, não dextrinóides e não cianófilas; hifas esqueléteas ramificadas dicotomicamente (dicohifas), hialinas a amareladas, com parede espessa, 1,0-2,0µm, dextrinóides e cianófilas. Gleocistídios clavados, cilíndricos a subfusiformes, hialinos com conteúdo granular, 50,0-100,0 x 6,0-9,0µm. Basídios utriformes, 25,0-40,0 x 4,0-5,5µm. Basidiosporos hialinos, lisos, globosos, apiculados, amilóides, 4,6-6,0µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77366), I/2002 (URM77341); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77360), III/2001 (URM77472), V/2001 (URM77361), XI/2001 (URM77362), III/2002 (URM77363); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77352); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77468), XI/2001 (URM77347, 77469), I/2002 (URM77348), III/2002 (URM77470); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Pterodon* sp (sucupira) em decomposição: III/2001 (URM77346), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM77467); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77473), III/2001 (URM77474); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77349), III/2002 (URM77350); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM77364), em *Eugenia* sp. (jamelão) em decomposição: XI/2001 (URM77365); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM77343), I/2002 (URM77344), em angiosperma viva: V/2002 (URM77345); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM77358), em *Terminalia* sp. (mirindiba) viva: I/2002 (URM77359); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM77353), III/2002 (URM77355), em angiosperma (gororoba) em decomposição: VII/2001 (URM77471), em angiosperma (pau-branco) em decomposição: III/2002 (URM77354), em *Caesalpinia* sp. (pau ferro) em decomposição: V/2002 (URM77357), em angiosperma (curtis) em decomposição: V/2002 (URM77356); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77351), V/2002 (URM77340).

Distribuição: Pantropical (Talbot 1951).

Discussão: De acordo com Rattan (1974), *S. duriusculum* difere das demais espécies do gênero pelos basidiosporos lisos e amilóides, pela presença de gleocistídios e pela ausência de cistídios incrustados. Citada anteriormente nos estados de Roraima (Jesus 1996) e do Rio de Janeiro (Talbot 1951), trata-se da primeira ocorrência no Nordeste do Brasil.

4.2.5.1. Referências Bibliográficas

- Bononi, V. L. R.; Trufem, S. F. B. & Grandi, R. A. P. 1981. Fungos macroscópicos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil, depositados no Herbário do Instituto de Botânica. **Rickia** **9**: 37-53.
- Bononi, V. L. R. 1984. Basidiomicetos do cerrado da Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP. **Rickia** **11**: 1-25.
- Burt, E. A. 1919. The Thelephoraceae of North America XIII. *Tulasnella*, *Veluticeps*, *Mycobonia*, *Epithele* and *Lachnocladium*. **Annals of the Missouri Botanical Garden** **6**(4): 253-281.
- Corner, E. J. H. 1950. A monograph of Clavaria and allied genera. **Annals of Botany Memoirs** **1**: 1-740.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. A mycological survey of the Aphyllophorales (Basidiomycotina) of the Atlantic Rain Forest in the state of Pernambuco, Brazil. **Mycotaxon** **89**: 200-210.
- Hawksworth, D. L., Kirk, D. M., Sutton, B. C. & Pegler, D. N. 1995. **Ainsworth & Bisby's dictionary of the fungi**. Cambridge University Press, Cambridge, 616p.
- Hjortstam, K. & Bononi, V. L. 1986. Fungos corticióides do Brasil (Aphyllophorales). **Rickia** **13**: 113-125.
- Kirk, P. M.; Cannon, P. F.; David, J. C. & Stalpers, J. A. 2001. **Dictionary of Fungi**. 9ed. CABI Publishing Surrey, 655p.
- Jesus, M. A. 1993. Basidiomicetos lignocelulolíticos de floresta nativa e de *Pinus elliottii* Engelm. do Parque das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. **Hoehnea** **20**(1/2): 119-126.
- Jesus, M. A. 1996. Contribution to the knowledge of wood-rotting fungi in Brazil. II. Checklist of fungi from Maraca Island, Roraima State. **Mycotaxon** **57**: 323-328.
- Rattan, S. S. 1974. *Scytinostroma* in India with notes on extralimital species. **Transactions of the British Mycological Society** **63**(1): 1-12.
- Reid, D.A. 1965. A monograph of the stipitate stereoid fungi. **Beihefte zur Nova Hedwigia** **18**: 1-388.
- Silva, M. & Minter, D. W. 1995. Fungi from Brasil - Recorded by Batista and co-workers. **Mycological Papers** **169**: 1-585.
- Sotão, H. M. P.; Bononi, V. L. R. & Figueiredo, T. S. 1991. Basidiomycetes de manguezais da Ilha de Maracá, Amapá, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, sér. Bot.** **7**(1): 109-114.
- Stalpers, J. A. 1996. The aphyllophoraceous fungi II. Keys to the species of the Hericiales. **Studies in Mycology** **40**: 1-185.
- Talbot, P. H. B. 1951. Studies of some South African resupinate Hymenocmycetes. **Bothalia** **6**: 1-116.

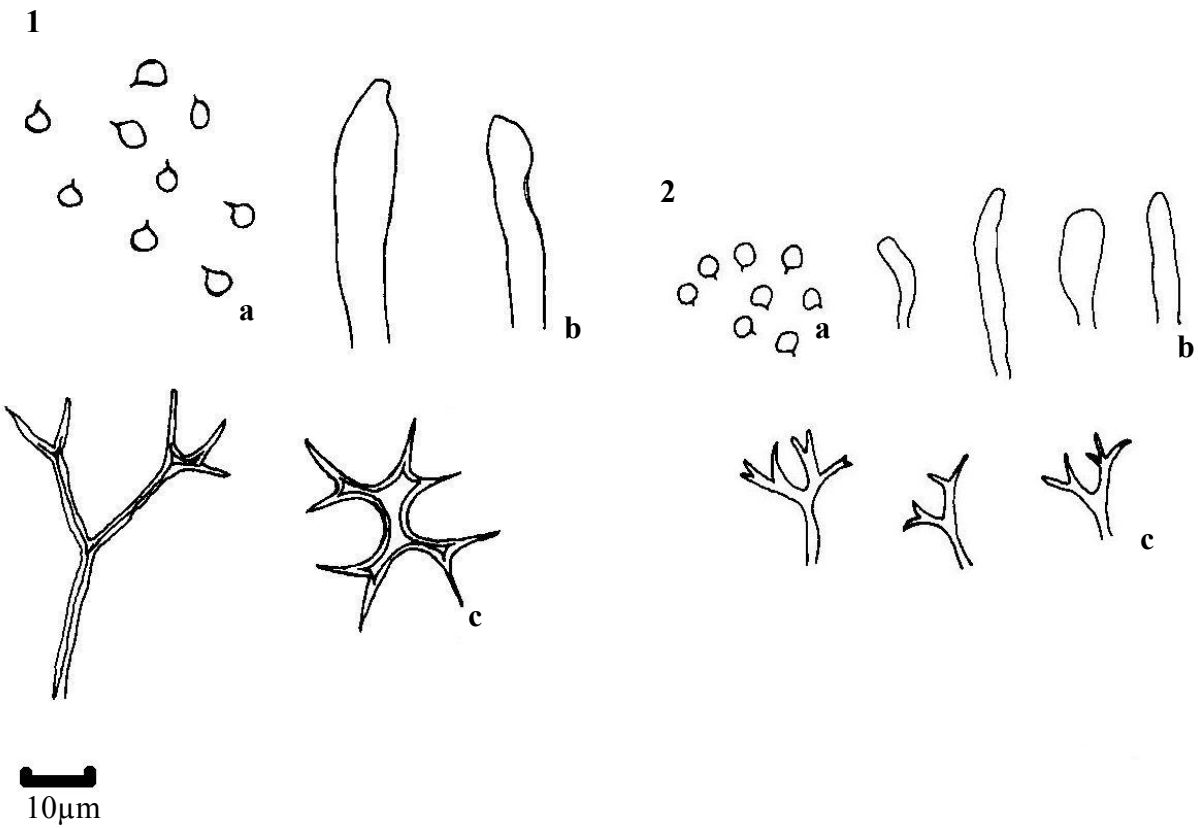


Figura 1. *Lachnocladium schweinfurthianum*; 2. *Scytinostroma duriusculum*. Basidiosporos (a), gleocistidios (b), dichohifas (c).



Figura 3. *Lachnocladium schweinfurthianum*; 4. *Scytinostroma duriusculum*.

4.2.6. Podoscyphaceae D. A. Reid

Em seu trabalho de reorganização das famílias de Aphyllophorales, Donk (1964) não estabeleceu um grupo para abrigar espécies com características da atual família Podoscyphaceae e seus representantes estavam inclusos em Stereaceae. Em 1965, Reid segrega alguns gêneros e espécies de Stereaceae e cria a família Podoscyphaceae, com basidiomas espatulados, infundibuliformes, pseudoinfundibuliformes ou merismatóides e estipe distinto. A superfície himenial é lisa, radialmente plicada ou verrugosa e cystídios e gleocistídios estão geralmente presentes. O sistema hifálico pode ser mono, di ou trimítico e os basidiosporos são lisos, globosos, a elípticos, amilóides ou inamilóides. Hawksworth *et al.* (1995) consideram essa família representante da ordem Stereales, enquanto Kirk *et al.* (2001) consideram Podoscyphaceae representante de Poriales.

Aparentemente, Podoscyphaceae não foi alvo de estudos no Brasil, mas citações sobre espécies desta família podem ser encontradas em alguns trabalhos que abrangem diversos grupos taxonômicos (Burt 1920; Teixeira 1945; Rick 1959; Reid 1965; Bononi *et al.* 1981; Bononi 1979; 1984; 1992; Sótão *et al.* 1991; Jesus 1993; 1996; Silva & Minter 1995; Gibertoni & Cavalcanti 2003).

No presente trabalho, três gêneros e sete espécies de Podoscyphaceae foram identificados.

Chave para identificação de gêneros

1. Basidioma turbinado, com pêlos decíduos na margem, sistema hifálico monomítico *Caripia*
- 1'. Basidioma flabeliforme a infundibuliforme, pêlos, quando presentes, não decíduos, sistema hifálico dimítico a trimítico 2
2. Superfície abhimenial hirsuta, superfície himenial plicada *Cymatoderma*
- 2'. Superfície abhimenial glabra a pruinosa, superfície himenial lisa *Podoscypha*

Caripia montagnei (Berk.) Kuntze,

Rev. Gen. Pl. 3: 451, 1898.

Basiônimo: *Hypolyssus montagnei* Berk., Hook. J. Bot. 1: 139, 1842.

(Fig 1, 8)

Sinônimos:

Perona montagnei (Berk.) Fr., Summ. Veg. Scand., p. 333, 1849

Hypolyssus sprucei Mass., Grevillea 20: 33, 1891

Hypolyssus foetidus Mass., J. Bot. 30: 197, 1892

Basidioma gregário, turbinado, coriáceo, 0,3-0,6cm de altura x 0,3-0,7cm de diâmetro, MP10A1; estipe central, 0,3-0,6cm de altura, MP9B2 (Polar Bear). Superfície abhimental tomentosa, MP10A1. Margem concolor à superfície abhimental, inteira, com pêlos concolores à margem, decíduos, 0,2-0,3cm. Contexto cartilaginoso quando fresco, rígido quando seco, 0,3-0,7cm, MP10A1. Superfície himental plicada a sublamelada, MP10A1. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas, ramificadas ou não, com grampo de conexão, parede fina a espessada, 2,5-6,2 μ m. Basídios estreitamente clavados a cilíndricos, bi a tetraesporados, 30,0 x 6,0 μ m. Gleocistídios hialinos fusiformes 23,0 x 5,0 μ m. Basidiosporos hialinos, ovóides a amigdaliformes, lisos, 4,5-8,5 μ m x 2,7-5,0 μ m.

Material examinado: **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77145), III/2002 (URM77146); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77120), V/2001 (URM77122), XI/2001 (URM77121), I/2002 (URM77125), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: VII/2001 (URM77123), I/2002 (URM77126), em angiosperma (pororoca) em decomposição: V/2001 (URM77124); em angiosperma (marfim) em decomposição: III/2002 (URM77127); em *Anisolobus* sp. (cipó cururu) e *Coccoloba* sp. (coaçu) em decomposição: III/2002 (URM77128); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77130), VII/2001 (URM77131), I/2002 (URM77132, 77129), V/2002 (URM77133); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77134), III/2001 (URM77135), V/2001 (URM77136), VII/2001 (URM77137), I/2002 (URM77138), III/2002 (URM77139), V/2002 (URM77140); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77150), XI/2001 (URM77151), I/2002 (URM77152), V/2002 (URM77153), em *Henrietta* sp. (manipueira) em decomposição: III/2002 (URM77412); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, em angiosperma em decomposição, col. Gibertoni: IX/2001 (URM77116), XI/2001 (URM77154), I/2002 (URM77117), III/2002 (URM77118), V/2002 (URM77119); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77147), XI/2001 (URM77148), III/2002 (URM77149); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em galhos e folhiço de angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77141), em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77142), III/2002 (URM77143), V/2002 (URM77144).

Distribuição: América tropical (Burt 1924; Martin 1938; Corner 1950; Courtecuisse *et al.* 1996).

Discussão: O gênero *Caripia* é monoespecífico e caracterizado macroscopicamente pelos basidiomas pequenos, brancos e turbinados. Foi citada para Pernambuco e Paraíba por Singer (1961) e Gibertoni & Cavalcanti (2003) e, apesar de ser considerada muito comum em sua área de ocorrência, não foram

encontrados registros desta espécie em outros estados do Brasil, tratando-se, então, do primeiro registro para os estados de Sergipe e Rio Grande do Norte.

Cymatoderma dendriticum (Pers.) D. A. Reid,
Kew Bull. 13: 523, 1958 (1959).

Basiônimo: *Thelephora dendritica* Pers. in Gaud., Voy. Uranie. Bot. 176, 1826.

(Fig. 2, 9)

Sinônimos:

Cladoderris dendritica Pers. in Gaud., Voy. Uranie. Bot. 176, 1826

Actinostroma crassum Klotzsch, Nova Acta Acad. Leop. Carol. 19 (suppl.1): 237, 1843

Caldoderris crassa (Kl.) Fr., K. Svenska Vetensk Akad. Handl. 69: 142, 1842

Cladoderris candolleana Lév., Ann. Sci. Nat. ser. 3, 5: 153-154, 1846

Beccariella trailii Cooke, Grevillea 20: 33, 1891

Cladoderris trailii (Cooke) Lloyd, Mycol. Writ. 4: 5, 1913

Cladoderris imbricata Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 38: 86-87, 1922

Stereum fenixii Lloyd, Mycol. Writ. 7: 1115, 1922

Basidioma anual, pileado, séssil a estipitado, frequentemente flabeliforme, raramente pseudo-infundibuliforme, coriáceo, 2,0-6,3 x 1,6-3,5 x 0,1-0,5cm; estipe distinto, 0,5-1,3cm de comprimento, MP12B6 (Tansan+), MP16A12 (Biskra Date). Superfície abhimenial hirsuta, MP1A7, MP3A9 (Sandust), MP9A1, MP10B2 (Ivory). Margem MP12G7 (Pablo). Contexto reduzido, MP9B2 (Polar Bear), MP11D7 (Golden Wheat). Superfície himenial lisa a radialmente enrugada, MP9D2 (Cream), MP10A1, MP10F4, MP11C4 (Beige Soirée). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5µm; hifas esqueléteas hialinas a amarronzadas quando próximas à superfície abhimenial, 2,5-5,4µm. Basídios clavados, 20,0-25,0 x 2,7-4,5µm. Gleocistídios hialinos, com parede fina, 75,0-137,5 x 7,5-12,5µm. Basidiosporos hialinos, globosos a subglobosos, lisos, com parede fina, com ou sem gútula, 2,5-3,6 x 2,6-3,6µm.

Material examinado: **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2001 (URM77113), I/2002 (URM77114), III/2002 (URM77115); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77106), VII/2001 (URM77107), I/2001 (URM77108), III/2002 (URM77109), V/2002 (URM77110); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77111), V/2002 (URM77112).

Distribuição: Pantropical (Burt 1924; Boidin 1959; Reid 1965).

Discussão: *C. dendriticum* pode ser caracterizada pela superfície abhimenial hirsuta e superfície himenial plicada. Apesar de ser considerada de ocorrência freqüente na América do Sul (Reid 1965), foi encontrada poucas vezes ao longo das coletas e em apenas três das 13 áreas visitadas. Encontrada anteriormente em Santa Catarina (Theissen 1912), na região amazônica e na Bahia, Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul (Reid 1965), São Paulo (Bononi 1979; 1984; Bononi *et al.* 1981), Amapá (Sotão *et al.* 1991), Roraima (Jesus 1993; 1996) e Pernambuco (Gibertoni & Cavalcanti 2003), este é o primeiro relato da espécie para os estados da Paraíba e Sergipe.

Chave de identificação para espécies de *Podocypha*

- | | |
|---|---------------------------|
| 1. Metulóides presentes no himênio | <i>Podocypha mellisii</i> |
| 1'. Metulóides ausentes | 2 |
| 2. Superfície abhimenial com pêlos (pilocistídios) | <i>P. ovalispora</i> |
| 2'. Superfície abhimenial sem pêlos (pilocistídios) | 3 |
| 3. Basidiosporos maiores que 3,2µm | <i>P. nitidula</i> |
| 3'. Basidiosporos menores que 3,2µm | 4 |
| 4. Estipe com pêlos (caulocistídios) | <i>P. bubalina</i> |
| 4'. Estipe sem pêlos (caulocistídios) | <i>P. fulvo-nitens</i> |

Podocypha bubalina D. A. Reid,

Beih. Nova Hedw. 18: 171, 1965.

(Fig 3, 10)

Basidioma infundibuliforme, semi-translúcido, papiráceo, 0,9-1,5cm de altura, 0,4-1,2cm de diâmetro; estipe distinto, 0,1-0,5cm de altura. Superfície abhimenial glabra, MP8J11 (Montella). Contexto reduzido. Superfície himenial lisa, MP8J11 (Montella). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, parede fina, com grampo de conexão, 2,5-5,0µm; hifas esqueléteas hialinas a amarronzadas quando próximas à superfície abhimenial, 2,5-5,0µm. Basídios clavados, 20,0-25,0 x 2,7-4,5µm. Gleocistídios hialinos, com parede fina, 50,0 x 2,5-3,5µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, lisos, parede fina, 3,6-4,5 x 2,7µm.

Material examinado: Pernambuco: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77224).

Distribuição: Conhecida apenas de sua localidade tipo, Lago Cerrado, rio Juruá, Amazonas, Brasil (Reid 1965).

Discussão: O estipe com pêlos e os basidiosporos pequenos são característicos da espécie. Este representa o segundo registro da espécie para o mundo.

Podoscypha fulvo-nitens (Berk.) D. A. Reid,
Beih. Nova Hedw. 18: 169, 1965.

Basiônimo: *Stereum fulvo-nitens* Berk., Ann. Mag. Nat. Hist., series II, 9: 198, 1852.

(Fig. 4, 11)

Basidioma gregário, infundibuliforme, raramente flabeliforme, semi-translúcido, papiráceo, 0,4-1,4cm de altura, 0,5-2,0cm de diâmetro; estipe distinto, 0,1-1,0cm de altura. Superfície abhimenial glabra, MP7A12 (Angus Brown), MP15A12 (Burnt UMBER). Contexto reduzido. Superfície himenial lisa, MP8J11 (Montella), MP11A1. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, parede fina, com grampo de conexão, 2,5-3,6 μ m; hifas esqueléteas hialinas a amarronzadas quando próximas à superfície abhimenial, com parede espessa a quase sólidas, 2,5-5,0 μ m. Basídios clavados, 20,0-25,0 x 2,7-4,5 μ m. Gleocistídios hialinos, com parede fina, 20,0-30,0 x 7,5-12,5 μ m. Basidiosporos hialinos, elípticos, lisos, com parede fina, 2,5-3,0 x 1,2-2,0 μ m.

Material examinado: Pernambuco: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77476).

Distribuição: América do Sul e Central (Reid 1965).

Discussão: Espécie pouco comum, difere de *P. bubalina* pela ausência de pêlos no estipe e pelos basidiosporos menores. Foi citada anteriormente para o Amazonas por Reid (1965) e Pernambuco por Gibertoni & Cavalcanti (2003).

Podoscypha mellisii (Berk.: Sacc.) Pat.,
Mém. Acad. Malgache 6: 11, 1928.

Basiônimo: *Stereum mellisii* Berk.: Sacc., Syll. Fung. 6: 553, 1888.

(Fig. 5, 12)

Sinônimos:

Lloydiella mellisii Berk.: Sacc., Hedwigia 56: 300, 1888.

Stereum nigroporum Stevenson, Bull. Lloyd Libr. n° 32, 1933.

Basidioma infundibuliforme, semi-translúcido, papiráceo, 1,8cm de altura, 3,5-4,1cm de diâmetro; estipe velutino, 0,9cm de altura. Superfície abhimenial glabra, MP7A12 (Angus Brown). Contexto reduzido. Superfície himenial lisa, MP8J11 (Montella). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas

hialinas, com parede fina e grampo de conexão, 2,5-3,6 μ m; hifas esqueléteas hialinas a amarronzadas quando próximas à superfície abhimental, com parede espessa a quase sólidas, 2,5-5,0 μ m. Basídios clavados, 20,0-25,0 x 2,7-4,5 μ m. Gleocistídios hialinos, com parede fina, 50,0 x 3,5 μ m. Metulóides hialinos, com parede espessa, clavados. Basidiosporos hialinos, elípticos, lisos, com parede fina, 2,0-2,5 x 1,2-2,0 μ m.

Material examinado: Pernambuco: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77477).

Distribuição: África e Ásia tropical (Reid 1965).

Discussão: Dentre as espécies encontradas do gênero, *P. melisii* pode ser diferenciada pela presença de metulóides no himênio. Primeiro registro para o Brasil.

Podoscypha nitidula (Berk.) Pat. in Duss,

Énumération méthodique des champignons recueillis à la Guadeloupe et à la Martinique 21, 1903.

Basiônimo: *Stereum nitidulum* Berk., Hook. J. Bot. 2: 638, 1843.

(Fig 6, 13)

Sinônimos:

Stereum surinamensis Lév., Ann. Sci. Nat. Series III 2: 209, 1844.

Podoscypha surinamensis (Lév.) Pat., Essai Taxonomique sur les familles et les genres des Hyménomycètes p. 71, 1900.

Basidioma infundibuliforme, papiráceo, 0,8-2,4 de altura, 0,7-1,6cm de diâmetro; estipe 0,3-1,0cm. Superfície abhimental glabra, MP7C12 (India Tan-), MP8C12 (Mandalay). Contexto reduzido. Superfícies himenial lisa, MP6A9 (Manon), MP6A11 (Vassar Tan). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com parede fina, com grampo de conexão, 2,5-3,60 μ m; hifas esqueléteas com parede espessa a quase sólidas, 2,5-5,0 μ m. Basídios clavados, 20,0-25,0 x 2,7-4,5 μ m. Gleocistídios hialinos, com parede fina, 50,0 x 2,5-3,5 μ m. Basidiosporos hialinos, elípticos, lisos, com parede fina, 3,5-5,0 x 2,5-4,0 μ m.

Material examinado: Paraíba: RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2002 (URM77472); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Faria – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em *Pterodon* sp. (sucupira) em decomposição: VII/2001 (URM77086).

Distribuição: África e Ásia tropical e América do Sul (Reid 1965).

Discussão: Espécie pouco comum, pode ser caracterizada pela ausência de pêlos na superfície abhimental e pelos basidiosporos relativamente grandes. Foi citada para o Amazonas e Rio Grande do Sul (Reid 1965), constituindo primeiro relato para o Nordeste.

Podoscypha ovalispora D. A. Reid,

Beih. Nova Hedw. 18: 218, 1965.

(Fig. 7, 14)

Basidioma infundibuliforme a flabelado, rígido quando seco, 0,7-5,4 de altura, 1,2-2,5cm de largura quando flabelado, 2,4-3,4 de diâmetro quando infundibuliforme; estipe 0,5-2,30cm. Superfícies himenial pilosa, MP8112 (Mandalay), MP13D5, MP13J8 (Clay). Contexto reduzido. Superfícies himenial lisa, MP12B6 (Tansan +), MP14A2 (Beige Oriental), MP15H12. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com parede fina e grampo de conexão, 2,5-3,0 μ m; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa a quase sólidas, 2,5-5,0 μ m. Basídios clavados, 20,0-25,0 x 7,5-10,0 μ m. Gleocistídios hialinos, com parede fina, 20,0-45,0 x 3,0-7,0 μ m. Basidiosporos hialinos, elípticos, lisos, com parede fina, 6,0-7,5 x 4,5-5,5 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77088); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em solo: VII/2001 (URM77094), IX/2001 (URM77095), III/2002 (URM77096), V/2002 (URM77097), VI/2002 (URM77098); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em solo: VII/2001 (URM77099), I/2002 (URM77104), III/2002 (URM77105), V/2002 (URM77103), em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77102), III/2002 (URM77101), V/2002 (URM77100); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em solo: VII/2001 (URM77089), III/2002 (URM77092), V/2002 (URM77093), em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77090), III/2002 (URM77091); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em solo: VII/2001 (URM77475), V/2002 (URM77084, 77085); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Faria – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77087).

Distribuição: Conhecida apenas de sua localidade-tipo (Manaus, Amazonas, Brasil) (Reid 1965).

Discussão: Os basidiosporos de *P. ovalispora* são os maiores das espécies de *Podoscypha* encontradas nos neotrópicos, diferenciando-a das demais. Representa o primeiro registro para o Nordeste.

4.2.6.1. Referências Bibliográficas

Boidin, J. 1959. Hétérobasidiomycetes saprophytes et Homobasidiomycetes résupinés VI. Essai sur le genre *Stereum* sensu latu. **Revue de Mycologie** 24: 197-225.

Bononi, V. L. R. 1979. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: III. Espécies clavarióides, teleforóides e estereóides. **Rickia** 8: 105-121.

Bononi, V. L. R. 1984. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: IV. Adições às famílias Hymenochaetaceae, Stereaceae e Thelephoraceae. **Rickia** 11: 43-52.

- Bononi, V. L. R. 1992. Fungos macroscópicos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Hoehnea** **19**(1/2): 31-37.
- Bononi, V. L. R.; Trufem, S. F. B. & Grandi, R. A. P. 1981. Fungos macroscópicos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil, depositados no Herbário do Instituto de Botânica. **Rickia** **9**: 37-53.
- Burt, E. A. 1920. The Thelephoraceae of North America XII. *Stereum*.. **Annals of the Missouri Botanical Garden** **7**(2/3): 81-248.
- Burt, E. A. 1924. The Thelephoraceae of North America XIII. *Cladoderris*, *Hypolyssus*, *Cymatella*, *Skepperia*, *Cytidia*, *Solenia*, *Matruchotia*, *Protocoronospora* and *Asterostroma*. **Annals of the Missouri Botanical Garden** **11**(1): 1-37.
- Corner, E. J. H. 1950. A monograph of *Clavaria* and allied genera. **Annals of Botany Memoirs** **1**: 1-740.
- Cortecuisse, R.; Samuels, G. J., Hoff, M.; Rossman, A. Y.; Cremers, G.; Huhndorf, S. M. & Stephenson, L. S. 1996. Check-list of fungi from French Guyana. **Mycotaxon** **57**: 1-85.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllophorales. **Persoonia** **3**: 199-324.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. A mycological survey of the Aphyllophorales (Basidiomycotina) of the Atlantic Rain Forest in the state of Pernambuco, Brazil. **Mycotaxon** **89**: 203-211.
- Hawksworth, D. L., Kirk, D. M., Sutton, B. C. & Pegler, D. N. 1995. **Dictionary of the fungi** CABI Publishing, Surrey, 616p.
- Jesus, M. A. 1993. Basidiomicetos lignocelulolíticos de floresta nativa e de *Pinus eliottii* Engelm. do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. **Hoehnea** **20**(1/2): 119-126.
- Jesus, M. A. 1996. Contribution to the knowledge of wood-rotting fungi in Brazil. II. Checklist of fungi from Maraca Island, Roraima State. **Mycotaxon** **57**: 323-328.
- Kirk, P. M.; Cannon, P. F.; David, J. C. & Stalpers, J. A. 2001. **Dictionary of Fungi**. 9ed. CABI Publishing, Surrey, 655p.
- Martin, G. W. 1938. New and noteworthy fungi from Panama and Colombia II. **Mycologia** **30**: 431-441.
- Reid, D. A. 1965. A monograph of the stipitate stereoid fungi. **Beihefte zur Nova Hedwigia** **18**: 1-184.
- Rick, J. 1959. Basidiomycetes Eubasidii in Rio Grande do Sul. **Iheringia, sér. bot.** **5**: 142-192
- Silva, M. & Minter, D. W. 1995. Fungi from Brasil - Recorded by Batista and co-workers. **Mycological Papers** **169**: 1-585.
- Singer, R. 1961. Fungi of northern Brazil **Publicações do Instituto de Micologia da Universidade de Recife** **304**: 1-26.
- Sotão, H. M. P.; Bononi, V. L. R. & Figueiredo, T. S. 1991. Basidiomycetes de manguezais da Ilha de Maracá, Amapá, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, sér. bot.** **7**(1): 109-114.
- Teixeira, A. R. 1945. Himenomicetos brasileiros: Himeniales - Thelephoraceae. **Bragantia** **5**(7): 397-434.

Theissen, F. 1912. Hymenomyces Riograndenses. **Brotéria, sér. bot. 10**: 5-28.

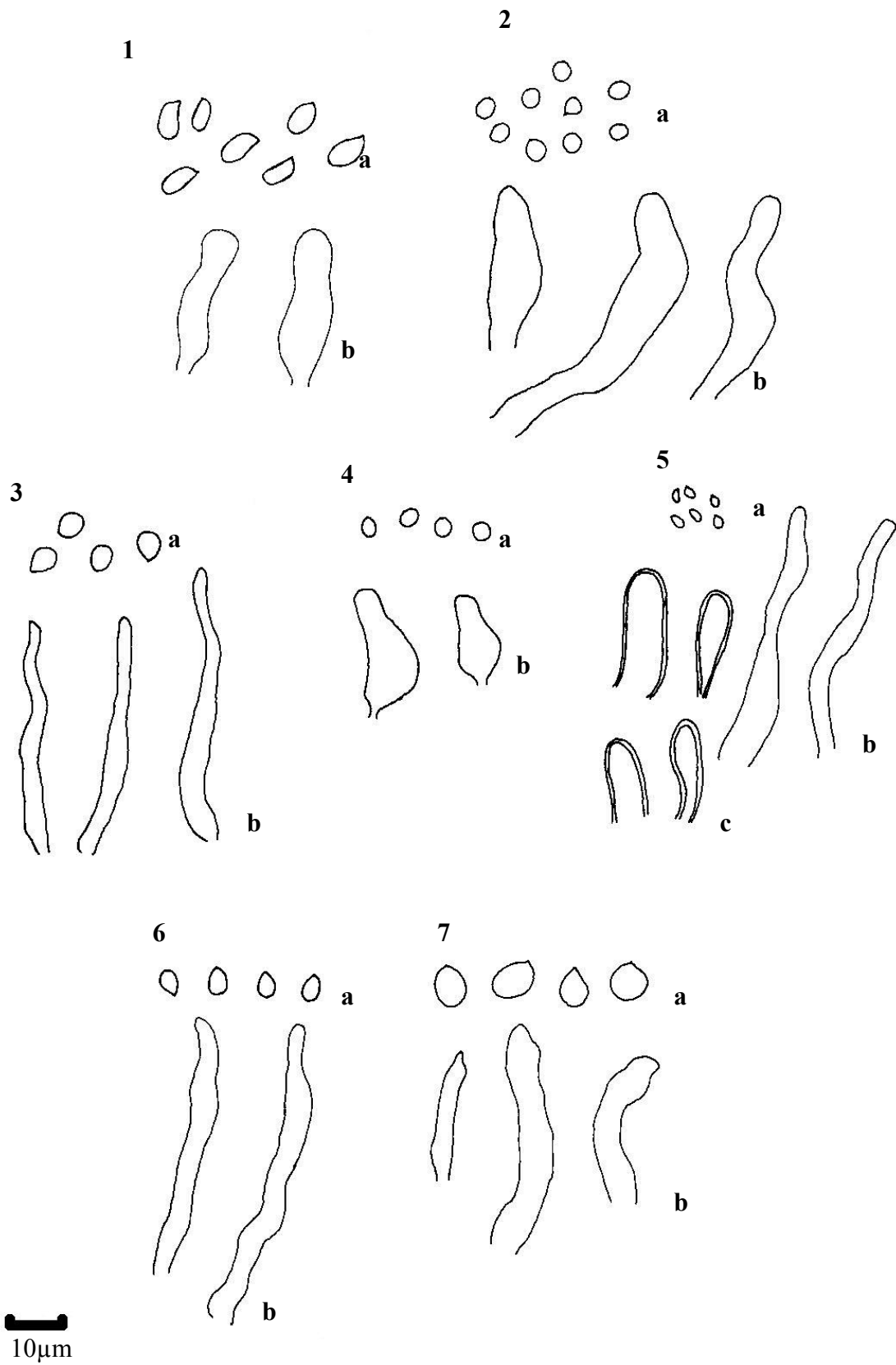


Figura 1. *Caripia montagnei*; *2. Cymatoderma dendriticum*; *3. Podocarpa bubalina*; *4. P. fulvomitens*; *5. P. mellisii*; *6. P. nitidula*; *7. P. ovalispora*. Basidiosporos (a), gleocistidios (b), metulóides (c).

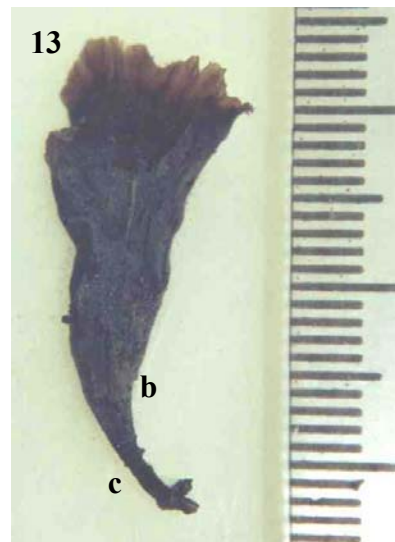
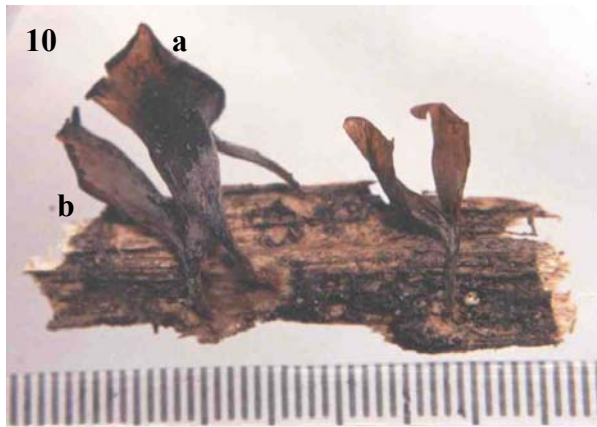
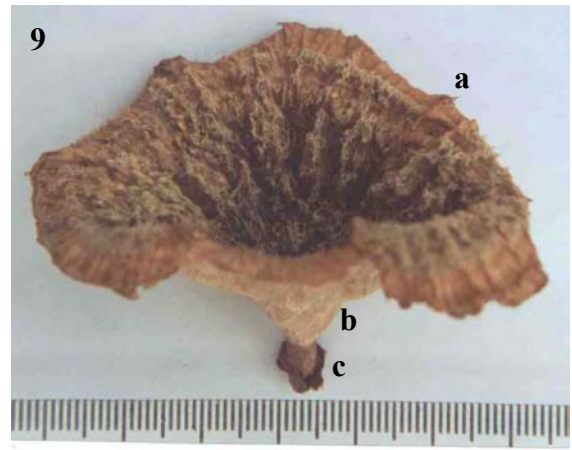
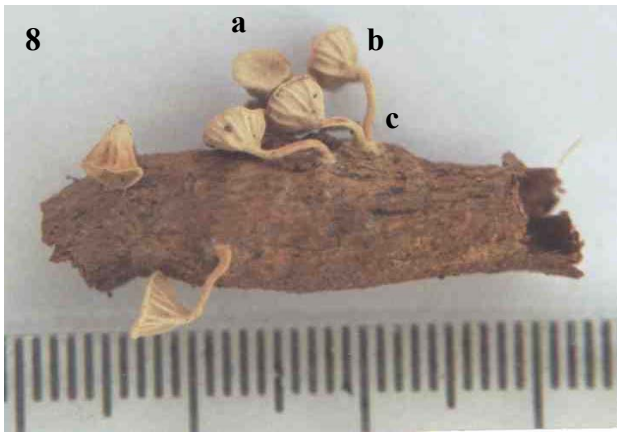


Figura 8. *Caripia montagnei*; **9.** *Cymatoderma dendriticum*; **10.** *Podoscypha bubalina*; **11.** *P. fulvonitens*; **12.** *P. mellisii*; **13.** *P. nitidula*; **14.** *P. ovalispora*. Superfície abhimental (a), superfície himental (b), estipe (c).

4.2.7. Polyporaceae Corda

Desde os primórdios das várias classificações dos fungos, o himênio tubular com superfície himenial poróide foi usado como critério determinante para definição dos fungos poliporóides (Ainsworth 1976), o que fica evidenciado nos sistemas de Fries (1874) e Patouillard (1900). Em seu trabalho de reorganização das famílias de Aphyllophorales, Donk (1964) caracteriza a família Polyporaceae com basidiomas extremamente diversos em forma, consistência, cor, com superfície himenial tipicamente poróide, mas também radial ou concentricamente lamelada ou irpicóide, com tubos estratificados ou não, com dissepimento estéril nas bordas. O contexto pode ser mono, di ou trimítico, com ou sem grampo de conexão e, no himênio, as setas estão sempre ausentes, mas cistídios podem estar presentes e os basidiosporos são geralmente lisos, inamilóides e não dextrinóides, raramente ornamentados, amilóides ou dextrinóides. Apesar de excluir vários gêneros e encaixá-los em outras famílias (Boletaceae, Bondarzewiaceae, Coniophoraceae, Corticiaceae, Echinodontiaceae, Fistulinaceae, Ganodermataceae, Hericiaceae, Hymenochaetaceae, Thelephoraceae), Donk descreve Polyporaceae como um mero depósito de fungos poliporóides. Corner (1953 *in* Donk 1964) admite que a família é um grupo artificial de fungos de diversas afinidades que possui como única característica em comum o desenvolvimento de tubos na parte inferior do basidioma e que a classificação natural dos fungos poliporóides é o maior desafio na sistemática dos Basidiomycetes.

Em 1991, Ryvarden revisa o histórico, a nomenclatura e a taxonomia dos gêneros de fungos poliporóides, e discute sobre morfologia do basidioma e do basidioporo, sistema hifálico e cistídios, características químicas, tipo de podridão, sexualidade e estágios anamórficos, micogeografia e filogenia. O autor caracteriza os gêneros e fornece uma chave para identificação e lista de espécies-tipo. Ryvarden (1991) aceita Polyporaceae Corda como uma família de fungos poliporóides “verdadeiros” e, através de análise fenética, reconhece 11 grupos de gêneros relacionados e mais um grupo de afinidade incerta: o grupo de *Polyporus* (*Austrolentinus*, *Dichomitus*, *Echinochaete*, *Jahnoporus*, *Lentinus*, *Pleurotus*, *Xerotus*), de *Trametes* (*Cerrena*, *Corioloopsis*, *Cryptoporus*, *Daedaleopsis*, *Datronia*, *Earliella*, *Elmerina*, *Fomitella*, *Hexagona*, *Lenzites*, *Megasporoporia*, *Microporus*, *Mollicarpus*, *Pycnoporus*, *Trametes*, *Trichaptum*), de *Daedalea* (*Amylocystis*, *Antrodia*, *Daedalea*, *Auriporia*, *Fomitopsis*, *Gloeophyllum*, *Oligoporus*, *Piptoporus*, *Stiptophyllum*), de *Laetiporus* (*Laetiporus*, *Leptoporus*, *Melanoporus*, *Phaeolus*, *Pycnoporellus*, *Wolfiporia*), de *Rigidoporus* (*Ceriporis*, *Flabellophora*, *Heterobasidion*, *Hydnopolyporus*, *Henningsia*, *Leucophellinus*, *Macrohyporia*, *Meripilus*, *Oxyporus*, *Rigidoporus*, *Physisporinus*), de *Tyromyces* (*Abortiporus*, *Bjerkandera*, *Ceriporiopsis*, *Climacocystis*, *Grifola*, *Hapalopilus*, *Ischnoderma*, *Microporellus*, *Podofomes*, *Spongipellis*, *Tyromyces*), de *Junghunia* (*Antrodiella*, *Diplomitoporus*, *Flaviporus*, *Flavodon*, *Irpex*, *Junghunia*, *Lamelloporus*, *Piloporia*, *Skeletocutis*, *Stecchericum*,

Tinctoporellus), de *Perenniporia* (*Haploporua*, *Perenniporia*, *Phaeotrametes*, *Pyrofomes*), de *Fomes* (*Fomes*, *Globifomes*), de *Nigroporus* (*Fuscocerrena*, *Melanoporella*, *Melanoporia*, *Nigrofomes*, *Nigrohydnum*, *Nigroporus*), de *Grammothele* (*Grammothele*, *Grammothelopsis*, *Hymenogramme*, *Porogramme*, *Theleporus*). No grupo cujas afinidades são desconhecidas estão *Australoporus*, *Diacanthodes*, *Echinoporia*, *Lenzitella*, *Murrilloporus*, *Navisporus*, *Pachykytospora*, *Paratrichaptum*, *Pseudopiptoporus*, *Polyporoletus*.

Posteriormente, seqüências de DNA ribossomal mitocondrial de representantes de Polyporaceae foram analisadas, sendo evidenciados sete grupos que abrangiam fungos poliporóides de diversas famílias (Hibbet & Donoghue 1995). Os autores sugerem que a macromorfologia é evolutivamente flexível, mas certas características anatômicas e fisiológicas podem evidenciar indícios de relações filogenéticas de Polyporaceae. Atualmente, Hawksworth *et al.* (1995) e Kirk *et al.* (2001) aceitam Polyporaceae como uma família de Poriales e Polyporales, respectivamente, mas vários gêneros se encontram distribuídos por outras famílias.

No Brasil, vários trabalhos foram publicados sobre Polyporaceae, seus gêneros e espécies: Rick (1904; 1906; 1924; 1925; 1934; 1935; 1936a; 1936b; 1937a; 1937b; 1937c; 1938; 1940a; 1940b; 1959), Torrend (1920a; 1920b; 1924; 1926; 1935; 1940), Melo (1939), Tavares (1939), Teixeira (1945; 1946; 1948; 1950; 1958; 1962; 1983; 1992; 1993; 1994; 1995; 1945; 1946a; 1946b; 1946c; 1948; 1950; 1958; 1962a; 1962b; 1945; 1946a; 1946b; 1946c; 1948; 1950; 1958; 1962a; 1962b), Fidalgo (1958a; 1958b; 1959a; 1959b; 1962a; 1962b; 1963; 1965; 1968a; 1968b; 1969), K. Fidalgo (1958; 1959; 1962; 1965; 1968a; 1968b; 1968c), Cavalcanti (1983; 1987), Fidalgo & Capelari (1983), Teixeira & Fidalgo (1983), Vinha (1988), Silveira & Guerrero (1991), Loguercio-Leite (1993; 1994), Gugliotta & Capelari (1995), Gerber (1996), Gugliotta *et al.* (1996), Gerber & Loguercio-Leite (1997), Gugliotta (1997), Loguercio-Leite & Gerber (1997, 2000), Loguercio-Leite & Wright (1991a; 1991b; 1998); Gerber *et al.* (1999), Loguercio-Leite *et al.* (1998; 2001; 2002), Góes-Neto (1999), Góes-Neto *et al.* (2003), Gugliotta & Bononi (1999), Groposo & Loguercio-Leite (2002), Ryvardeen & Meijer (2002), entre outros.

Neste trabalho, trinta gêneros e 55 espécies de Polyporaceae foram coletados nos estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Chave para identificação dos gêneros

- | | |
|--|---|
| 1. Basidioma ressupinado | 2 |
| 1'. Basidioma séssil a efuso-reflexo | 9 |
| 2. Cistídios ausentes (ou terminais de hifas projetando-se no himênio)..... | 3 |
| 2'. Cistídios presentes (ou terminais de hifas projetando-se no himênio) | 5 |

3. Sistema hifálico monomítico, hifas não dextrinóides, basidiosporos subglobosos	<i>Ceriporiopsis</i>
3'. Sistema hifálico trimítico, hifas variavelmente dextrinóides, basidiosporos elípticos ou cilíndricos	4
4. Basidiosporos elípticos, truncados, com parede espessa	<i>Perenniporia</i>
4'. Basidiosporos cilíndricos, não truncados, parede fina	<i>Dichomitus</i>
5. Superfície himenial irpicóide	<i>Irpex</i>
5'. Superfície himenial poróide	6
6. Cistídios capitados não incrustados no himênio	<i>Schizopora</i>
6'. Cistídios (ou terminais de hifas projetando-se no himênio) clavados e/ou lanceolados, incrustados ou não, no himênio ou no trama	7
7. Presença decristais estelados e terminais incrustados de hifas projetando-se no himênio	<i>Skeletocutis</i>
7'. Ausência de cristais estelados e terminais incrustados de hifas projetando-se no himênio	8
8. Basidiosporos elípticos, cistídios clavados incrustados no himênio	<i>Junghuhnia</i>
8'. Basidiosporos globosos, cistídios clavados e lanceolados, incrustados ou não, no himênio e no trama	<i>Rigidoporus</i>
9. Cistídios ou terminais de hifas projetando-se no himênio presentes	10
9'. Cistídios ou terminais de hifas projetando-se no himênio ausentes	14
10. Superfície himenial lamelada, cistídios lanceolados incrustados apicalmente ou não	<i>Gloeophyllum</i>
10'. Superfície himenial poróide, cistídios apicalmente incrustado ausentes	11
11. Cistídios clavados e equinulados no himênio, sistema hifálico dimítico com hifas conectivas	<i>Echinochaete</i>
11'. Cistídios equinulados ausentes, sistema hifálico, quando dimítico, com hifas esqueléteas	12
12. Poros labirintiformes, terminais de hifas projetando-se no himênio	<i>Lenzites</i>
12. Poros circulares, terminais de hifas ausentes no himênio	13
13. Superfície abhimenial glabra, cistídios clavados e lanceolados no trama, totalmente incrustados ou não	<i>Rigidoporus</i>
13'. Superfície abhimenial velutina a estrigosa, cistídios lanceolados no himênio, apicalmente incrustados	<i>Trichaptum</i>
14. Basidioma de coloração avermelhada, rosácea ou vinácea	15
14'. Basidioma de coloração pardacenta a marrom	18
15. Basidiosporos cilíndricos, basidioma de coloração avermelhada	<i>Pycnoporus</i>
15'. Basidiosporos elípticos ou alantóides, basidioma de coloração rosácea ou vinácea	16
16. Basidioma de coloração rosácea, basidiosporos elípticos, 5,4-6,3 x 2,7µm	<i>Fomitopsis</i>
16'. Basidioma de coloração vinácea, basidiosporos elípticos ou alantóides, 3,6-4,5 x 1,0-3,6µm	17
17. Hifas generativas sem grampo de conexão, basidiosporos elípticos 3,6-4,5 x 2,7-3,6µm	<i>Nigrofomes</i>

17'. Hifas generativas com grampo de conexão, basidiosporos alantóides 3,6-4,5 x 1,0µm ..	<i>Nigroporus</i>
18. Superfície himenial lamelada	19
18'. Superfície himenial poróide	20
19. Basidioma centralmente estipitado, infundibuliforme, superfície abhimenial velutina a estrigosa	<i>Lentinus</i>
19'. Basidioma lateralmente estipitado, flabeliforme, superfície abhimenial glabra	<i>Stiptophyllum</i>
20. Poros labirintiformes	21
20'. Poros circulares a angulares	22
21. Superfície abhimenial com cutícula avermelhada junto à base, superfície himenial branca, contexto sem linha preta	<i>Earliella</i>
21'. Superfície abhimenial sem cutícula avermelhada, superfície himenial ocrácea, contexto freqüentemente com linha preta	<i>Cerrena</i>
22. Hifas e basidiosporos variavelmente dextrinóides, basidiosporos com parede espessa e truncados	<i>Perenniporia</i>
22'. Hifas e basidiosporos não dextrinóides, basidiosporos com parede fina e não truncados	23
23. Sistema hifálico monomítico quando fresco, aparentemente dimítico quando seco	<i>Rigidoporus</i>
23'. Sistema hifálico di ou trimítico	24
24. Sistema hifálico dimítico com hifas conectivas	<i>Polyporus</i>
24'. Sistema hifálico, quando dimítico, com hifas esqueléteas	25
25. Sistema hifálico dimítico	26
25'. Sistema hifálico trimítico (ou com hifas esqueléteas ramificadas)	27
26. Basidioma lateralmente estipitado, superfície abhimenial concentricamente zonada, cinérea	<i>Flabellophora</i>
26'. Basidioma lateralmente estipitado a efuso-reflexo, superfície abhimenial azonada ou radialmente sulcada, ocrácea a castanha	<i>Antrodiella</i>
27. Superfície abhimenial com cutícula preta junto à base	<i>Fomitella</i>
27'. Superfície abhimenial sem cutícula preta junto à base	28
28. Basidiosporos elípticos 2,7-3,6µm de comprimento	<i>Antrodiella</i>
28'. Basidiosporos elípticos a cilíndricos, maiores que 4,5µm de comprimento	29
29. Contexto marrom	30
29'. Contexto ocráceo a creme	32
30. Basidioma séssil, tríquetra a ungulado, lenhoso, superfície abhimenial do tipo crusta	<i>Fomes</i>
30'. Basidioma séssil a efuso-reflexo, aplanado, superfície abhimenial do tipo derma	31
31. Superfície abhimenial velutina ou estrigosa, 1-4 poros/mm	<i>Hexagonia</i>

31'. Superfície abhimental tomentosa ou glabra, 4-5 poros/mm	<i>Datronia</i>
32. Basidiosporos maiores que 7,0µm de comprimento	<i>Corioloopsis</i>
32'. Basidiosporos até 6,3µm de comprimento	33
33. Basidioma espesso, superfície abhimental escruposa, 1 poro/mm	<i>Daedalea</i>
33'. Basidioma fino, superfície abhimental lisa, 4-5 poros/mm	<i>Trametes</i>

Chave para identificação das espécies de *Antrodiella*

1. Basidioma séssil, flabeliforme, sistema hifálico trimítico	<i>A. semisupina</i>
1'. Basidioma estipitado a efuso-reflexo, sistema hifálico dimítico	2
2. Basidiosporos alantóides	<i>A. versicutis</i>
2'. Basiosporos subglobosos a elípticos	3
3. Superfície abhimental lisa, poros angulares, 1-5/mm	<i>A. angulatopora</i>
3'. Superfície abhimental radialmente sulcada, poros circulares, 8-9/mm	<i>A. hydrophila</i>

Antrodiella angulatopora Ryvardeen,

Mycotaxon 28: 525, 1987

(Fig. 1, 53)

Basidioma anual, pileado, estipitado. Píleo flabeliforme a espatulado, cartilaginoso quando fresco, rígido quando seco, 2,0 x 1,5 x 0,2cm. Estipe 3,0 x 0,4cm. Superfície abhimental glabra, MP9C2 (Polar Bear), MP14H12 (Bombay). Margem inteira, MP12D6 (Honeysuckle). Contexto 0,1cm, MP12C7 (Papyrus). Superfície himental poróide, MP14J10, poros angulares, 1-5/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5µm; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa a sólida, 2,5µm. Basídios clavados, 6,0-9,0 x 3,0-5,0µm. Basidiosporos subglobosos a elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 2,7-3,6 x 2,0-2,7µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77820).

Distribuição: Venezuela, México (Ryvardeen & Guzmán 1993), Brasil (Ryvardeen & Meijer 2002).

Discussão: Como o nome indica, *A. angulatopora* pode ser caracterizada pelos poros angulares. Relatada anteriormente no Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), representa a primeira ocorrência para o Nordeste do Brasil.

Antrodiella hydrophila (Berk. & M.A. Curtis) Ryvardeen,

Mycotaxon, 20 (2): 342, 1984

Basiônimo: *Polyporus hydrophilus* Berk. & M. A. Curtis, J. Linn. Soc. Bot. 10: 306, 1868

(Fig 2, 54)

Sinônimos:

Flaviporus hydrophilus (Berk. & M. A. Curtis) Ginns, Can. J. Bot. 58 (14): 1583, 1980

Microporus hydrophilus (Berk. & M. A. Curtis) Kuntze, 1898

Polystictus hydrophilus (Berk. & M. A. Curtis) Cooke, 1886

Spongipellis hydrophilus (Berk. & M.A. Curtis) Murrill, 1907

Tyromyces hydrophilus (Berk. & M. A. Curtis) J. Lowe, Mycotaxon 2: 46, 1975

Basidioma anual, pileado, estipitado. Píleo espatulado a flabeliforme, cartilaginoso quando fresco, rígido quando seco, 2,0-4,5 x 1,5-4,0 x 0,1-0,2cm. Estipe 0,5 x 0,4cm. Superfície abhimenial glabra, radialmente estriada a sulcada, MP10E5, MP15A7 (Soapstone, Beechnut-, Poney Brown-, Brushwood+). Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP12F6, poros circulares, 8-9/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5µm; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa a sólida, 2,5µm. Basídios clavados, 6,0-9,0 x 4,5-5,4µm. Basidiosporos elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 2,7-3,6 x 1,8-2,7µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77818), VII/2001 (URM77819), V/2002 (URM77821).

Distribuição: Neotropical (Ryvardeen & Meijer 2002).

Discussão: Os poros e basidiosporos de tamanho reduzido caracterizam a espécie. Registrada anteriormente no Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), representa a primeira ocorrência para o Nordeste do Brasil.

Antrodiella semisupina (Berk. & M. A. Curtis) Ryvardeen,

Prelim. Polyp. Fl. East Africa: 261, 1980

Basiônimo: *Polyporus semisupinus* Berk. & M. A. Curtis, Grevillea 1: 50, 1872

(Fig 3, 55)

Sinônimo:

Poria romellii Donk, Persoonia 5: 84, 1967

Basidioma anual, pileado. Píleo flabeliforme, base atenuada, cartilaginoso quando fresco, papiráceo quando seco, 0,5-1,0 x 0,5-1,0cm. Superfície abhimenial glabra, azonada, MP15A11 (Coffee), MP16A11

(Elk, Lama-). Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP15A9 (Santos, Praline-, Nutmeg, Dark Beaver+), poros circulares, 7-8/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina a levemente espessa, 2,5-5,0 μ m; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa a sólida, 5,0-7,5 μ m; hifas conectivas hialinas, sólida, 2,0-2,5 μ m. Basídios clavados, 6,0-9,0 x 4,5-5,4 μ m. Basidiosporos elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 2,7-3,6 x 2,0-2,7 μ m.

Material examinado: Pernambuco: Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77822).

Distribuição: Cosmopolita (Núñez & Ryvar den 2001).

Discussão: O basidioma papiráceo e o sistema hifálico trimítico diferenciam *A. semisupina* das demais espécies de *Antrodiella*. Encontrada anteriormente em Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991), Paraná (Ryvar den & Meijer 2002) e Rio Grande do Sul (Groposo & Loguercio-Leite 2002), trata-se da primeira ocorrência para o Nordeste.

Antrodiella versicutis (Berk. & M. A. Curtis) Gilbn. & Ryvar den,
North Am. Polyp.: 158, 1986

Basiônimo: *Polyporus versicutis* Berk. & M. A. Curtis, J. Linn. Soc. Bot. 10: 308, 1868

(Fig 4, 56)

Sinônimos:

Leptoporus duracinus Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 18: 174, 1902

Coriolus ochrotinctellus Murr., N. Am. Fl. 9: 22, 1907

Basidioma anual, pileado, estipitado, séssil a efuso-reflexo. Píleo flabeliforme, cartilaginoso quando fresco, rígido quando seco, 1,5-3,5 x 0,5-2,0 x 0,2cm. Estipe 0,5-1,5 x 0,2-0,4cm. Superfície abhimenial glabra, azonada, MP9F4, MP15A12 (Burnt Umber). Contexto 0,1cm, MP9B3, MP11C5 (Sweetmeat). Superfície himenial poróide, MP12D8, MP12E6 (Walnut Taffy), poros circulares, 6-8/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina a levemente espessa, 2,0-2,5 μ m; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa a sólida, 2,5-5,0 μ m. Medas subglobosas a cilíndricas, 25,0 x 7,5-15,0 μ m. Basídios clavados, 9,0-12,5 x 2,7-5,0 μ m. Basidiosporos cilíndricos a alantóides, hialinos, parede fina e lisa, 3,6 x 1,8 μ m, gutulados ou não.

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77840); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77838); **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM77827), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2001 (URM77825), III/2002 (URM77829), em *Guapira* sp. (joão mole) em

decomposição: VII/2001 (URM77826), em *Anacardium occidentale* (cajuero) em decomposição: XI/2001 (URM77828); **Pernambuco**: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77830); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77831), IX/2001 (URM77832); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77839); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM), IX/2001 (URM77823), V/2002 (URM77824); **Rio Grande do Norte**: Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Lecythis* sp. (sapucaia) em decomposição: I/2002 (URM77836), em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77837); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77835); **Sergipe**: Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77833), V/2002 (URM77834).

Distribuição: América (Gilbertson & Ryvardeen 1986).

Discussão: Os basidiosporos alantóides caracterizam *A. versicutis*. Encontrada anteriormente em São Paulo (Jesus 1993), trata-se de nova ocorrência para o Nordeste.

Ceriporiopsis flavilutea (Murr.) Ryvardeen,
Mycotaxon, 23: 185, 1985

Basiônimo: *Poria flavilutea* Murr., Mycologia: 13: 176, 1921.

(Fig. 5, 57)

Basidioma anual, ressupinado. Margem MP9C2. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP10H6, MP12H8, poros circulares a angulares, 0,5-1/mm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-5,0 μ m. Basídios clavados, 6,0-7,5 x 3,6-4,5 μ m. Basidiosporos subglobosos, hialinos, parede fina e lisa, 1,8-2,7 μ m.

Material examinado: **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em *Pterodon* sp. (sucupira) em decomposição: VII/2001 (URM77841), em angiosperma (curtis) em decomposição: V/2002 (URM77842).

Distribuição: Porto Rico (Ryvardeen 1985).

Discussão: O sistema hifálico monomítico com grampo de conexão e os basidiosporos de tamanho reduzido diferem *C. flavilutea* das demais espécies de Polyporaceae encontradas neste trabalho. Trata-se da primeira ocorrência para o Brasil.

Cerrena sclerodepsis (Berk.) Ryvardeen,

Mem. N. Y. Bot. Gdn. 28: 204, 1976

Basiônimo: *Trametes sclerodepsis* Berk., Hook. J. Bot. Kew Gdn. Misc. 8: 236, 1856

(Fig 6, 58)

Basidioma anual, pileado. Píleo séssil, às vezes com base levemente efuso-reflexa, rígido quando seco, 5,0-15,5 x 5,5-9,0 x 0,5-1,0cm. Superfície abhimental glabra, zonada, sulcada, MP12D8. Contexto freqüentemente com linha preta, 0,2-0,5cm, MP10D3 (Leghorn). Superfície himenial poróide, MP14D10 (Mustard Br+), poros labirintiformes, 1-2/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-3,0µm; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa a sólida, 5,0-7,5µm; hifas conectivas hialinas a amareladas, com parede espessa a sólida, 2,0µm. Medas cônicas a cilíndricas, 50,0 x 15,0µm. Basídios clavados, 15,0 x 7,0µm. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 8,0-9,0 x 2,7-3,6µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em Mimosaceae (bordão de velho) em decomposição: V/2001 (URM77844), em angiosperma viva: VII/2001 (URM77845), em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77846), I/2002 (URM77847), III/2002 (URM77848); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77843).

Distribuição: Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia e Peru (Ryvarden 1984).

Discussão: A linha preta no contexto e os poros labirintiformes caracterizam *C. sclerodepsis*. Descrita originalmente da região amazônica, foi encontrada posteriormente no Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), tratando-se da primeira citação para o Nordeste.

Chave para identificação das espécies de *Coriopsis*

1. Basidioma com 0,5-1,0cm de espessura, poros 6-8/mm *C. badia*
1'. Basidioma com 0,2cm de espessura, 4-5 poros/mm *C. rigida*

Coriopsis badia (Berk.) Murrill,

Bull. Torrey bot. Club 34: 466, 1907

Basiônimo: *Trametes badia* Berk., Essai taxonomique: 93, 1900

(Fig 59)

Basidioma anual, pileado. Píleo séssil, aplanado, rígido quando seco, 4,0-9,0 x 3,0-5,0 x 0,5-1,0cm. Superfície abhimental velutina com protuberâncias, MP12D7 (Bran), MP15C9 (Teakwood, Pinecone+).

Contexto 0,2-0,5cm, MP10F6. Superfície himenial poróide, MP13D7 (Oakbuff), poros circulares, 6-8 /mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-5,0 μ m; hifas esqueléteas hialinas a amareladas, com parede espessa a sólida, 2,5-5,0 μ m; hifas conectivas hialinas a amareladas, com parede espessa a sólida, 1,8-2,0 μ m. Basídios não observados, mas “clavados, 15,0 x 7,0 μ m” (Ryvarden & Johansen 1980). Basidiosporos não observados, mas “cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 8,0-9,0 x 2,7-3,6 μ m”

Material examinado: Pernambuco: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77849).

Distribuição: Paleotropical (Ryvarden & Johansen 1980).

Discussão: De acordo com Ryvarden (com. pes.), os espécimes de *C. badia* encontrados em região neotropical tratam-se provavelmente de *C. hostmannii* (Berk.) Ryvarden comb. nov. Pode ser diferenciada de *C. rigida* pela espessura do basidioma e pelo tamanho dos poros. Representa primeira referência para o Brasil.

Corioloopsis rigida (Berk. & Mont.) Murr.,

North Amer. Flora 9: 75, 1908.

Basônimo: *Trametes rigida* Berk. & Mont., Ann. Sci. Nat. ser. 2, 11: 240, 1849

(Fig. 7, 60)

Basidioma anual, séssil, efuso-reflexo a ressupinado. Pileo aplanado, rígido quando seco, 0,5 x 1,0 x 0,2cm. Superfície abhimenial velutina, zonada ou não, MP9F3, MP9H4, MP12B5 (Fallow), MP12G7 (Pablo). Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP9H3, MP11C5 (Sweatmeat), MP11F5, MP13H7 (Yellow Beige), poros circulares, 4-5 /mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-5,0 μ m; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa a sólida, 2,5-5,0 μ m; hifas conectivas hialinas a amareladas, com parede espessa a sólida, 1,8-3,0 μ m. Medas globosas a cilíndricas, 20,0-50,0 x 17,0-25,0 μ m. Basídios clavados, 12,5-15,0 x 5,0 μ m. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 7,0-9,0 x 2,0-3,0 μ m.

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77865), V/2001 (URM77866), VII/2001 (URM77867), XI/2001 (URM77868), I/2002 (URM77869), V/2002 (URM77870); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77859), V/2001 (URM77860), III/2002 (URM77861); **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77851), *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2001

(URM77852), XI/2001 (URM77853), I/2002 (URM77854), em *Protium heptaphyllum* (amescla) em decomposição: I/2002 (URM77855), *Apeiba tibourou* (pau de jangada) em decomposição: III/2002 (URM77856); **Pernambuco**: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77857); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM77862), XI/2001 (URM77863), III/2002 (URM77864); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77850); **Sergipe**: Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77858).

Distribuição: Neotropical (Ryvarden & Johansen 1980).

Discussão: Anteriormente considerada sinônimo de *C. floccosa* (Jungh.) Ryvarden, espécie pantropical, atualmente é considerada espécie distinta, com distribuição neotropical (Ryvarden, com. pes.). No Brasil, Bononi *et al.* (1981), Bononi (1984), Almeida Filho *et al.* (1993), Jesus (1993) e Gugliotta (1997) citam a espécie para São Paulo, Silveira & Guerrero (1991) para o Rio Grande do Sul, Loguercio-Leite & Wright (1991) e Gerber (1996) para Santa Catarina, Jesus (1996) para Roraima, Ryvarden & Meijer (2002) para o Paraná e Gibertoni & Cavalcanti (2003) para Pernambuco, tratando-se da primeira citação para Alagoas, Paraíba e Sergipe.

Daedalea aethalodes (Mont.) Rajchenberg,

Can. J. Bot. 64: 2130, 1986

Basiônimo: *Trametes aethalodes* Mont., Ann. Sci. Nat. sér. 4 (5): 370, 1857

(Fig. 8, 61)

Sinônimos:

Trametes argyropotamica Speg., An. Mus. Nac. Buenos Aires 6: 172, 1898

Trametes argentina Speg., An. Mus. Nac. Buenos Aires 6: 173, 1898

Chaetoporus melleofulvus Romell, K. Sven. Vetenskapsakad. Handl. vol. 26, ser. 3 (16), 1901

Basidioma anual, séssil. Píleo dimidiado, rígido, 2,5-17,0 x 1,5-12,5 x 1,5-3,5cm. Superfície abhimental velutina, escruposa, MP14F11 Margem inteira, obtusa, MP8A11 (Sepia). Contexto homogêneo, 0,7-1,5cm, MP13I9. Superfície himenial poróide, MP15E10 (Olive Wood, Collie), poros circulares, 1/mm, tubos concoloreses ao contexto. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,8-2,5µm; hifas esqueléteas hialinas, amareladas a marrons, com parede espessa a sólida, 2,5-5,0µm; hifas conectivas amareladas, com parede espessa a sólida, 1,8-2,5µm. Basídios clavados, 10,0 x 3,6-4,5µm. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 5,4-6,3 x 2,7-3,6µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77973); **Pernambuco:** Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77971); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77972).

Distribuição: Neotropical (Rajchenberg 1986).

Discussão: As espécies do gênero *Daedalea* são associadas à podridão marrom e *D. aethalodes* é caracterizada pela superfície abhimenial escruposa e pelos poros grandes. No Brasil, foi citada para Mato Grosso e Pernambuco (Cavalcanti 1976; Rajchenberg 1986), tratando-se de nova referência para Alagoas e Sergipe.

Chave para identificação das espécies de *Datronia*

1. Basidioma mais que 0,1cm de espessura, superfície abhimenial com zonas coloridas *D. caperata*
- 1'. Basidioma menos que 0,1cm de espessura, superfície abhimenial, quando presente, sem zonas coloridas 2
2. Basidiosporos 6,3-9,0µm *D. scutellata*
- 2'. Basidiosporos 9,0-12,0µm *D. stereoides*

Datronia caperata (Berk.) Ryvarden,
Mycotaxon 23: 172, 1985

Basiônimo: *Polyporus caperatus* Berk., Ann. Mag. Nat. Hist. I, 3: 391, 1839

(Fig 9, 62)

Sinônimos:

Trametes caperata (Berk.) Rick. Broteria, Ci. Nat. 6: 154, 1937.

Polystictus capertus (Berk.) Fr., Nova Acta Soc. Sci. Upsal. 3, 1: 92, 1851

Coriolus caperatus (Berk.) Pat., Essai. Taxon. Hyménom. 94, 1900

Coriolopsis caperata (Berk.) Murr., North. Amer. Flora 9 (2): 77, 1908

Basidioma anual, séssil, efuso-reflexo a ressupinado. Píleo semicircular, lateralmente conato, coriáceo a rígido, 2,5-22,0 x 1,5-13,5 x 0,1-3,0cm. Superfície abhimenial tomentosa, quando jovem, a glabra quando velho, zonada, às vezes sulcada, MP8A12 (Autumn), MP9C2, MP12D6 (Hohey Suckle), MP13C8 (Tucsan/Tan/Sauterne), MP14E6, MP15H8 (Rubber+), MP16A12 (Biskra Date). Margem inteira, ondulada a lobada, aguda, MP2A7, MP9B2 (Polar Bear), MP10A1, MP11C5 (Sweetmeat), MP12B5 (Fallow), MP14I9, MP15L12 (Raw Umber/Darling), MP16C12, MP18A1. Contexto homogêneo

a pseudo-homogêneo, 0,1-0,2cm, MP4A9 (Flesh Blond), MP8A10 (Sepia), MP10B3 (Caen Stone/Freestone+/Bathstone), MP11B7 (Toltec), MP12B7 (Cork), MP13D8, MP14E7 (Stag), MP15C6 (Grey 31), MP16A10 (Bison). Superfície himenial poróide, MP9B2 (Polar Bear), MP11B2 (Putty), MP11B4 (Beige Soirée/Mirage+), MP12D4 (Tanaura), MP13E6 (Arizona), MP14C6 (Caucasia+), MP15C6 (Grey 31), poros circulares, 4-5/mm, tubos MP12D7 (Bran), MP14D6, MP15E8 (Sphinx/Mustang+). Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,8-2,5 μ m; hifas esqueléteas amareladas a marrons, com parede espessa, 1,8-4,5 μ m; hifas conectivas amareladas, com parede espessa, 1,8 μ m. Basídios clavados, 15,0 x 5,4-6,0 μ m. Medas cilíndricas e cônicas, 38,0-74,0 x 21,0-28,0 μ m. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 8,0-9,0 x 2,7 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78037), V/2001 (URM78038), XI/2001 (URM78039), I/2002 (URM78040), III/2002 (URM78041); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78029); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78023), III/2002 (URM78024); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78003), XI/2001 (URM78004), I/2002 (URM78005), V/2002 (URM78006); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Eschweilera* sp. (embira) em decomposição: III/2001 (URM77985), V/2001 (URM77989), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2001 (URM77986), V/2001 (URM77988), XI/2001 (URM77990), I/2002 (URM77992), III/2002 (URM77995), em angiosperma (praíba) em decomposição: I/2002 (URM77993), em Apocynaceae (pau pereira) em decomposição: III/2002 (URM77996), em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77987), XI/2001 (URM77991), III/2002 (URM77994); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78028); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77997), V/2001 (URM77998), VII/2001 (URM77999), I/2002 (URM78000), III/2002 (URM78001), V/2002 (URM78002); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78030), IX/2001 (URM78031), III/2002 (URM78036), em *Psidium guajava* (goiabeira) em decomposição: IX/2001 (URM78032), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM78033), I/2002 (URM78034), em angiosperma (praíba) em decomposição: III/2002 (URM78035); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77978), V/2001 (URM77979), IX/2002 (URM77980), XI/2001 (URM77981), I/2002 (URM77982), III/2002 (URM77983), V/2002 (URM77984); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78025), em *Chorisia racemosa* (oiticica) em decomposição: I/2002 (URM78026), em *Lecythis* sp. (sapucaia) em

decomposição: I/2002 (URM78027); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM78010), III/2001 (URM78011), XI/2001 (URM78018), III/2002 (URM78021), em angiosperma (pau branco) em decomposição: V/2001 (URM78013), III/2002 (URM78022), em *Caesalpinia* sp. (pau ferro) em decomposição: V/2001 (URM78012), em *Pterodon* sp. (sucupira) em decomposição: VII/2001 (URM78014), em *Spondias dulcilis* (cajarana) em decomposição: XI/2001 (URM78015), em Leguminosae em decomposição (pau louro): XI/2001 (URM78016), em *Caesalpinia echinata* (pau brasil) em decomposição: XI/2001 (URM78017, 78019), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: I/2002 (URM78020); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78007), I/2002 (URM78008), III/2002 (URM78009).

Distribuição: África tropical e América (Ryvarden & Johansen 1980).

Discussão: Anteriormente considerada um representante de *Corioloopsis* (Ryvarden & Johansen 1980), com sistema hifálico trimítico, Ryvarden (1985) propõe a nova combinação devido à presença de uma zona escura abaixo do tomento e à morfologia do basidiosporo. Entretanto, em descrições posteriores do gênero (Gilbertson & Ryvarden 1986; Ryvarden 1991), o sistema hifálico é descrito como dimítico, com hifas esqueléteas ocasionalmente ramificadas. No material estudado, foram observadas hifas conectivas, mas optou-se por manter a atual classificação da espécie. No Brasil, foi registrada no Acre (Bononi 1992), Amapá (Silva & Minter 1995), Bahia (Góes-Neto 1999), Espírito Santo (Vinha 1988), Pará (Silva & Minter 1995), Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Silva & Minter 1995; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rondônia (Capelari & Maziero 1988) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta 1997; Gugliotta & Bononi 1999), tratando-se de nova referência para Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Datronia scutellata (Schwein.) Gilbn. & Ryvarden,
Mycotaxon 22: 326, 1985

Basiônimo: *Polyporus scutellatus* Schwein., Trans. Am. Phil. Soc. II 4: 157, 1832

(Fig. 10, 63)

Sinônimos:

Fomitella scutellata (Schwein.) Bond. & Sing., Ann. Mycol. 39: 55, 1941

Fomes atroalbus P. Henn. & E. Nym., Monsonia 1: 144, 1899

Basidioma anual, efuso-reflexo a ressupinado. Píleo, quando presente semicircular, coriáceo, 1,0 x 0,3 x 0,1cm. Superfície abhimental glabra, MP12C5 (Manila). Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP12B3 (Lark, Parchment+), poros circulares, 4-5/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas

generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-4,5 μ m; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa a sólida, 2,5-5,0 μ m; hifas conectivas amareladas, com parede espessa a sólida, 2,0-5,0 μ m. Basídios clavados, 15,0 x 4,5-5,4 μ m. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 6,3-9,0 x 2,7 μ m.

Material examinado: **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77974).

Distribuição: Pantropical (Núñez & Ryvar den 2001).

Discussão: Assim como em *D. caperata*, as descrições de *D. scutellata* relatam sistema hifálico dimítico com hifas esqueléteas ramificadas (Ryvarden & Johansen 1980; Gilbertson & Ryvarden 1986; Ryvarden & Gilbertson 1993; Núñez & Ryvarden 2001). Neste trabalho, optou-se por denominá-las hifas conectivas. O espécime encontrada representa uma forma com píleo pouco desenvolvido, condição esta muito incomum. Encontrada anteriormente em Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991), trata-se da primeira ocorrência para o Nordeste do Brasil.

Datronia stereoides (Fr.: Fr.) Ryvarden,
Flora over Kjuker: 42, 1968

Basônimo: *Polyporus stereoides* Fr.: Fr., Syst. Mycol 1: 369, 1821.

(Fig. 11, 64)

Sinônimos:

Coriolus planellus Murr., Bull. Torrey Bot. Club 32: 649, 1905

Trametes sendaiensis Yasuda, Bot. Mag. Tokyo 36: 21, 1922

Basidioma anual, efuso-reflexo. Píleo semicircular, coriáceo, 0,5-1,0 x 0,2cm. Superfície abhimental tomentosa, MP8A12 (Autumn), MP16A1. Margem lobada, aguda. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP15E6, poros circulares, 5/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5 μ m; hifas esqueléteas amareladas a marrons, com parede espessa, 2,5-5,0 μ m; hifas conectivas amareladas, com parede espessa, 1,8 μ m. Medas cilíndricas, 50,0-75,0 x 25,0 μ m. Basídios clavados, 15,0-18,0 x 7,0 μ m. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 9,0-12,0 x 2,7-3,6 μ m.

Material examinado: **Pernambuco:** Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77976); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM77975).

Distribuição: América do Norte, Europa e leste asiático (Núñez & Ryvarden 2001).

Discussão: A superfície himenial de aparência pulverulenta ocorre devido à presença de dendrohidídios no dissepimento. Apesar de no espécime examinado a superfície himenial apresentar essa característica, os dendrohidídios não foram observados. Encontrada anteriormente em Rondônia (Capelari & Maziero 1988) e São Paulo (Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), trata-se de nova referência para o Nordeste.

Dichomitus cavernulosus (Berk.) Masuka & Ryvardeen,
Mycol. Research 103: 1127, 1999

Basiônimo: *Polyporus cavernulosus* Berk., Hook. J. Bot. 8: 235, 1856

(Fig. 12, 65)

Sinônimos:

Megasporoporia cavernulosa (Berk.) Ryvardeen, Mycotaxon 16: 174, 1982

Hexagonia heteropora Pat., J. Bot. (Morot) 3: 166, 1889

Poria delicatula Henn., Engl. Bot. Jahrb. 34: 44, 1904

Hexagonia bartlettii Mass., Bull. Misc. Infom. Kew 1908: 216, 1908

Poria linearis Murr., Mycologia 12: 303, 1920

Basidioma anual, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP10D4, MP12G6, poros regulares, circulares a angulares, 5-7/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,0-2,8µm; hifas esqueléteas com parede espessa, dextrinóides, 2,0-3,0µm; hifas conectivas com parede espessa, dextrinóides, 2,0-4,0µm. Dendrohidídios presentes. Basídios clavados, 20,0-25,0 x 4,0-5,0µm. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 10,0-15,5 x 3,6-4,4µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78058), III/2001 (URM78059); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78063); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78062), I/2002 (URM78060), III/2002 (URM78061); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78050), III/2002 (URM78053), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: I/2002 (URM78051), em *Protium heptaphyllum* (amescla) em decomposição: I/2002 (URM78052), em *Solanum* sp. (jurubeba vermelha) em decomposição: V/2002 (URM78054); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM78072); **Pernambuco:** Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78042), XI/2001 (URM78043), I/2001 (URM78044),

III/2002 (URM78046), V/2002 (URM78045); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78064); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78055), V/2001 (URM78056), I/2002 (URM78057); **Rio Grande do Norte**: Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Hymenaea* sp. (jatobá) em decomposição: XI/2001 (URM78071), em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78066), III/2002 (URM78069), V/2002 (URM78070), em *Piptadenia moniliformis* (catanduva) em decomposição: XI/2001 (URM78067), em *Terminalia* sp. (mirindiba) em decomposição: XI/2001 (URM78065), em *Chorisia racemosa* (oiticica) em decomposição: I/2002 (URM78068); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM78073), VII/2001 (URM78077), XI/2001 (URM78078), III/2002 (URM78080), V/2002 (URM78081), *Ptereodon* sp. (sucupira) em decomposição: VII/2001 (URM78076), em *Psidium* sp. (araçá) em decomposição: V/2001 (URM78074), em *Guarea* sp. (pau d’arco) em decomposição: V/2001 (URM78075), I/2002 (URM78079); **Sergipe**: Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78047), I/2002 (URM78048), III/2002 (URM78049).

Distribuição: Pantropical (Núñez & Ryvardeen 2001).

Discussão: Os tamanho dos basidiosporos e a reação dextrinóide das hifas esqueléteas e conectivas caracterizam *D. cavernulosus*. Encontrada anteriormente no Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), em Pernambuco (Gibertoni & Cavalcanti 2003), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Gerber 1996; Loguercio-Leite & Gerber 1997) e São Paulo (Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), trata-se de novo registro para os estados de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Earliella scabrosa (Pers. in Gaud.) Gilbn. & Ryvardeen,

Mycotaxon 22: 364, 1985.

Basiônimo: *Polyporus scabrosus* Pers. in Gaud., Voy aut. Monde p. 172, 1827

(Fig. 13, 66)

Sinônimos:

Polyporus corrugatus Pers. in Gaud., Voy. aut. Monde p. 172, 1827

Earliella corrugata (Pers. in Gaud.) Murr., Bull. Torrey Bot. Club 34(9): 468, 1907

Trametes corrugata (Pers. in Gaud.) Bres., Hedwigia 51(4): 316-317, 1912

Fomitopsis corrugata (Pers. in Gaud.) Imaz., Bull. Tokyo Sci. Mus. 6: 92, 1943

Coriolus corrugatus (Pers. in Gaud.) Cunn., Proc. Linn. Soc. New South Wales 75(3-4): 222, 1950

Polyporus fusco-badius Pers. in Gaud., Voy aut. Monde p. 172, 1827

Daedalea sanguinea Kl., Linneaea 8: 481, 1833

Daedalea microsiniulosa Kl. & Berk., Ann. Sci. Nat. Hist. 3: 382, 1839
Daedalea emodensis Berk., Hook. J. Bot. 6: 166, 1854
Polyporus tostus Berk., Lond. Jour. Bot. 3: 189, 1844
Trametes hookerii Berk., Hook. J. Bot. 6: 164, 1854
Polyporus indecorus Jungh., Verh. Batav. Gnootsch 17: 51, 1838
Polyporus persooni Mont. in Belag & St. Vicent, Voy. Ind. Orient. Crypt. Bot. 2: 147, 1846
Hexagonia cruenta Mont. in Hombron & Jacquinot, Voy. Pole Sud Bot. 1: 208, 1845
Polyporus tegularis Lév., Ann. Sci. Nat. Bot. ser. 3, 5: 131, 1846
Polyporus aruensis Berk., Linn. Soc. Bot. 16: 83, 1877
Hexagonia picta Berk., Linn. Soc. Bot. 16: 50, 1877
Trametes cornea Pat., Jour. Bot. 4: 16, 1898
Trametes nitida Pat., Jour. Bot. 4: 17, 1898
Polystictus rufocinereus P. Henn., Bot. Jahrb. 25: 501, 1898
Earliella cubensis Murr., Bull. Torrey Bot. Club 32: 479, 1905
Favolus subrigidus Murr., Bull. Torey Bot. Club 35: 398, 1908
Polystictus formosae Lloyd, Mycol. Writ. 5: 632, 1917

Basidioma anual, séssil, efuso-reflexo a ressupinado. Píleo semicircular, rígido, 3,6-4,4 x 2,5-3,5 x 0,3-1,0cm. Superfície abhimenial glabra, MP56C5. Margem inteira, aguda, MP9B2 (Polar Bear). Contexto homogêneo, 0,3-0,5cm, MP9B2 (Polar Bear). Superfície himenial poróide, MP11B2 (Putty), poros irregulares, angulares a sinuosos, 2-3/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-3,5 μ m; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 2,5-5,7 μ m; hifas conectivas hialinas, com parede espessa, 1,5-2,5 μ m. Basídios clavados, 14,0-18,0 x 3,5-5,5 μ m. Medas cônicas a cilíndricas, 26,0-34,0 x 14,0-26,0. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 9,0-10,0 x 2,7 μ m, gutulados.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78096), VII/2001 (URM78097), XI/2001 (URM78098); **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM78086); RPPN Engenho Gargáú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Cecropia* sp. (embaúba) em decomposição: XI/2001 (URM78085); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78087), XI/2001 (URM78088), V/2002 (URM78089), VI/2002 (URM78090); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Cecropia* sp. (embaúba) em decomposição: IX/2001 (URM78091), em angiosperma (praíba) em decomposição: III/2002 (URM78094), em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78092), I/2002 (URM78093),

V/2002 (URM78095); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2003 (URM78084).

Distribuição: Em áreas tropicais e subtropicais (Núñez & Ryvardeen 2001).

Discussão: A superfície abhimental avermelhada e a superfície himenial clara, com poros sinuosos diferenciam *E. scabrosa* das demais espécies encontradas. Foi relatada para o Acre (Bononi 1992), Bahia (Góes-Neto 1999), Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rondônia (Capelari & Maziero 1988), Roraima (Jesus 1996) e São Paulo (Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), tratando-se da primeira ocorrência em Alagoas.

Echinochaete brachyporus (Mont.) Ryvardeen,

Bull. Jard. Bot. Nat. Belg. 48: 101, 1978

Basiônimo: *Polyporus brachyporus* Mont. Ann. Sci. Nar. Ser. 4, 1: 131, 1854

(Fig 14, 67)

Sinônimos:

Polyporus megaloporus Mont. Ann. Sci. Nar. Ser. 4, 1: 124, 1854

Hexagonia patouillardii Beeli, Bull. Soc. Bot. Belg. 59: 160, 1927

Basidioma anual, séssil, com base atenuada a lateralmente estipitado. Píleo flabeliforme a dimidiado, 2,5-5,5 x 2,0-4,0 x 0,3-0,5cm, estipe 0,6-1,5 x 1,2-1,5cm. Superfície abhimental glabra, azonada, MP15A8 (Winterleaf), MPE11 (Cowboy, Newbronze+, Brussels Brown). Margem inteira, aguda. Contexto homogêneo, reduzido, 0,1-0,2cm, MP12F7. Superfície himenial poróide, poros angulares, 1/mm, MP15E8 (Sphinx, Mustang+), MP16A12 (Biskra, Date-). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-3,6µm; hifas conectivas hialinas, com parede espessa, 2,0-2,5µm. Elementos setóides clavados, equinados, marrons, 12,5-20,0 x 10,0µm, espinhos 2,5-3,5µm. Basídios clavados, 10,0-15,0 x 7,0-9,0µm. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 10,0-12,0 x 2,7-3,6µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78083); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78082).

Distribuição: Pantropical (Núñez & Ryvardeen 2001).

Discussão: Os elementos setóides equinados e abundantes no himênio caracterizam *E. brachyporus*. Anteriormente registrada na Bahia (Góes-Neto 1999) e Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), trata-se de novo registro para Alagoas e Paraíba.

Flabellophora obovata (Jungh.) Núñez & Ryvardeen,
East Asian Polyp.: 294, 2001

Basiônimo: *Polyporus obovatus* Jungh., Verh. Batav. Genootach. 17: 65, 1838

(Fig. 15, 68)

Sinônimos:

Microporellus obovatus (Jungh.) Ryvardeen, Norw. J. Bot., 19(3-4): 232, 1972.

Polyporus laceratus Jungh., Verh. Batav. Genootach. 17: 65, 1838

Polyporus tigrinus E. Rostr., Bot. Tidsskr. 24: 359, 1902

Polyporus mutabilis Berk. & Curt., Ann. Mag. Nat. Hist. ser. 2, 12: 433, 1853

Polyporus rasipes Berk., J. Linn. Soc. 16: 49, 1877

Polyporus ravenalii Berk. & M. A. Curtis, Grevillea 1; 38, 1872

Polyporus gallinaceus Berk. & M. A. Curtis, J. Linn. Soc. 15: 379, 1877

Polyporus caryophyllaceus Berk. & M. A. Curtis, Grevillea 15: 22, 1887

Basidioma anual, séssil a estipitado. Píleo flabeliforme, espatulado ou dimidiado, lateralmente conato, 1,2-5,5 x 1,5-3,5cm, estipe 0,2-3,5 x 0,1-0,3cm. Superfície abhimenial glabra, zonada ou não, MP9E5 (Capucine Buff), MP11F7, MP10C5, MP11B6 (Sundown/Yosemite+). Margem, quando diferenciada, inteira, aguda, MP9B3, MP14B11 (Cookie), base 0,2-0,4cm, MP10B2 (Ivory). Contexto homogêneo, 0,1-0,2cm, MP9B2 (Polar Bear). Superfície himenial poróide, MP9B2 (Polar Bear), MP10C3 (Vanilla), poros circulares, 6-8/mm, dissepimentos finos. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, 2,5µm; hifas esqueléteas hialinas, 2,5-3,7µm. Basídios subglobosos, 7,5-10,5 x 6,5-7,0µm. Medas cônicas, 15,0-22,5 x 7,5-12,5µm. Basidiosporos elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 3,6 x 2,7µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78145), III/2002 (URM78146); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78130); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78134), XI/2001 (URM78135); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2001 (URM78137), XI/2001 (URM78138), III/2002 (URM78141), em *Anacardium occidentale* (cajuero) em decomposição: V/2001 (URM78136), I/2002 (URM78139), em *Didymopanax* sp. (sambacum) em decomposição: III/2002 (URM78140), em *Eschweilera* sp. (embiriba) em decomposição: V/2002 (URM78142); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78147), VII/2001 (URM78148), IX/2001 (URM78150), XI/2001 (URM78151), I/2002 (URM78152), III/2002 (URM78153), V/2002 (URM78154), em

Didymopanax sp. (sambacuí) em decomposição: VII/2001 (URM78149); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78155), V/2001 (URM78123), VII/2001 (URM78124), XI/2001 (URM78125), I/2001 (URM78126), III/2002 (URM78127), V/2002 (URM78128); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78108), IX/2001 (URM78111), XI/2001 (URM78112), I/2002 (URM78113), III/2002 (URM78116), V/2002 (URM78117), em *Didymopanax* sp. (sambacuí) em decomposição: VII/2001 (URM78109), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: IX/2001 (URM78110), em *Henrietta* sp. (manipueira) em decomposição: III/2002 (URM78114), em angiosperma (pau falha) em decomposição: III/2002 (URM78115), em angiosperma (brasa apagada) em decomposição: V/2002 (URM78118); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78099), V/2001 (URM78100), VII/2001 (URM78101), IX/2001 (URM78102), XI/2001 (URM78103), I/2002 (URM78104), III/2002 (URM78105), V/2002 (URM78106), VII/2002 (URM78107); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM78119), em *Licania* sp. (cega machado) em decomposição: I/2002 (URM78120), em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78121), V/2002 (URM78122); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78143), em angiosperma (curtis) em decomposição: V/2002 (URM78144); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78131), III/2002 (URM78132), V/2002 (URM78133).

Distribuição: Pantropical (Núñez & Ryvardeen 2001).

Discussão: O basidioma com zonas cinéreas e amarronzadas e os poros diminutos caracterizam *F. obovata*. Encontrada anteriormente no Amazonas (Silva & Minter 1995), Bahia (Góes-Neto 1999), Paraná (Loguercio-Leit 1990; Ryvardeen & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rio Grande do Sul (Torrend 1924), Rondônia (Capelari & Maziero 1988) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Jesus 1993; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), trata-se de nova ocorrência para Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Fomes fasciatus (Sw.: Fr.) Cooke,
Grevillea 14 (69): 21, 1885.

Basiônimo: *Polyporus fasciatus* Sw.: Fr., Syst. Mycol. 1: 373, 1821

(Fig. 16, 69)

Sinônimos:

Boletus fasciatus Sw., Nov. Gen. Sp. Pl. Prodr. Descr. Veg. 149, 1788

Scindalma fasciatum (Sw.: Fr.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3(3): 518, 1898

Elfvingia fasciata (Sw.: Fr.) Murr., Bull. Torrey Bot. Club. 30(5): 298, 1903

Ungulina fasciata (Sw.: Fr.) Pat. & Heim, Ann. Crypt. Exot. 1(3): 270, 1928

Fomes marmoratus (Berk. & Curt.) Cooke, Grevillea 14: 18, 1885

Basidioma perene, séssil. Píleo semicircular, unglado, lenhoso, 2,0-12,0 x 2,0-9,5 x 0,4-7,0cm. Superfície abhimental crustosa, glabra, concentricamente zonada e sulcada, MP8A12 (Autum), MP15H7 (Olive Brown), MP16A7 (Eagle), MP16E7. Margem inteira, obtusa, MP5A9 (Longchamps), MP7A12 (Cochin/Moccassin+/Argus Brown), MP14G11 (Tortoise Shelt). Contexto homogêneo, 0,3-6,5cm, MP7H10 (Piccadilly), MP8H12 (Cattail), MP14I11. Superfície himental poróide, MP5F7, MP6F8, MP7E9 (Kaffa), MP15C5 (Goat), MP16A6 (Taupe), poros circulares, 4-6/mm, tubos indistintamente estratificados, MP8H9, MP15C4 (Pelt+/Pampas). Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 4,5-7,0 μ m; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 4,5-5,0 μ m; hifas conectivas levemente amareladas, com parede espessa, 1,8-2,5 μ m. Basídios colapsados. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, lisos, parede fina, 6,0-9,0 x 2,7 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78168); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78188); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2001 (URM78174), III/2002 (URM78177), em Annonaceae (ariticum apé) em decomposição: III/2001 (URM78175), caído no chão: V/2001 (URM78176), em *Eschweilera* sp. (embiriba) em decomposição: I/2002 (URM78178); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78186); **Pernambuco:** Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma (praíba) em decomposição: VII/2001 (URM78169), XI/2001 (URM78171), III/2001 (URM78172), V/2002 (URM78173), em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78170); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78156), V/2001 (URM78157), IX/2001 (URM78158), XI/2001 (URM78159), I/2002 (URM78160), III/2002 (URM78161), V/2002 (URM78162), Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78163), XI/2001 (URM78164), I/2002 (URM78165), V/2002 (URM78166); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78187); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM78179), III/2001 (URM78180), V/2001 (URM78182), XI/2001 (URM78184), em *Protium heptaphyllum* (amescla) em decomposição: V/2001 (URM78181), em *Hymenaea* sp. (jatobá) em decomposição: V/2001 (URM78183); **Sergipe:** Estação

Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78189).

Distribuição: Neotropical (Gugliotta, 1997).

Discussão: O basidioma espesso e lenhoso, com superfície abhimenial zonada caracterizam *F. fasciatus*. Relatada anteriormente para a Bahia (Góes-Neto 1999), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Roraima (Jesus 1996), Santa Catarina (Gerber & Loguercio-Leite 2000) e São Paulo (Teixeira 1962; Bononi *et al.* 1981; Gugliotta 1997), representa novo registro para Paraíba e Rio Grande do Norte.

Fomitella supina (Sw.: Fr.) Murr.,

Bull. Torrey Bot. Club 32: 365, 1905.

Basiônimo: *Boletus supinus* Sw., Flora Ind. Occi. 3(2): 1926, 1806

(Fig. 17, 70)

Sinônimos:

Polyporus supinus (Sw.: Fr.) Cooke, Grevillea 14(69): 21, 1885

Fomes supinus (Sw.: Fr.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3(3): 519, 1898

Ungulina supina (Sw.: Fr.) Pat. & Heim, Ann. Crypt. Exot. 1(3): 270, 1928

Basidioma anual, séssil. Pileo dimidiado, rígido, 1,2-4,5 x 1,5-4,5 x 0,1-2,5cm. Superfície abhimenial tomentosa a glabra, MP9B2 (Polar Bear), MP16A1, base preta. Margem inteira, obtusa, MP12C4 (Mallaca), MP13J8 (Clay), MP16A1. Contexto homogêneo, 0,3-6,5cm, MP11D5, MP15C6 (Grey 31). Superfície himenial poróide, MP11B2 (Putty), MP16E8, poros circulares, 4-6/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-4,5µm; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 3,5-7,5µm; hifas conectivas levemente amareladas, com parede espessa, 2,5-3,5µm. Basídios clavados, 8,0-10,0 x 4,5µm. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 7,0-8,0 x 2,7µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78203); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78202); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78194), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2001 (URM78193), VII/2001 (URM78195); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78196); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78197), IX/2001 (URM78198), I/2002 (URM78199), III/2002 (URM78200); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col.

Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78190), III/2001 (URM78191), V/2002 (URM78192); **Sergipe**: Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78201).

Distribuição: Regiões tropicais do continente americano (Cavalcanti 1976).

Discussão: A cutícula escura na base do basidioma distingue *F. supina* das demais espécies encontradas. Relatada anteriormente na Bahia (Torrend 1938; Góes-Neto 1999), Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rio Grande do Sul (Rajchenberg 1987), , Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Gerber 1996) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), representa nova ocorrência para Alagoas, Paraíba e Sergipe.

Chave para identificação das espécies de *Fomitopsis*

1. Poros angulares a labirintiformes, 1/mm *F. cupreorosea*
1'. Poros circulares, 3/mm *F. feei*

Fomitopsis cupreorosea (Berk.) Carr. & Gilbn.,

Mycotaxon 25: 476, 1986

Basônimo: *Polyporus cupreo-roseus* Berk., Hook. J. Bot. 8, 1856

(Fig. 18, 71)

Sinônimos:

Microporus cupreo-roseus (Berk.) Kuntze, Rev. Gen. Plant. 3(3): 495, 1898

Polystictus cupreo-roseus (Berk.) Cooke, Grevillea 14(71): 85, 1886

Trametes cupreo-rosea (Berk.) Lloyd, Mycol. Writ. 4 (Synop. *Fomes*) 226, 1915

Basidioma anual, séssil a efuso-reflexo. Píleo amplamente aderido, aplanado, corticoso a rígido, até 35,0 x 17,0 x 10,0cm. Superfície abhimenial velutina a glabra, zonada, sulcada, MP6A10 (Army Br, Rosario), MP8A12 (Autumn), MP16A7 (Eagle, Clove Brown), MP16A12 (Biskra, Date-). Margem aguda, MP5A9 (Long Champs). Contexto homogêneo, até 2,0m, MP3A9 (Sandust, Vanity+). Superfície himenial poróide, MP6C9 (Rosestone), poros angulares a labirintiformes, 1/mm, tubos concoloreses ao contexto. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-3,5µm; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 2,5-3,5µm; hifas conectivas levemente amareladas, com parede espessa, 1,8-2,7µm. Basídios clavados, 12,5 x 5,0µm. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 5,0-6,0 x 2,7µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78205), III/2001 (URM78206), V/2001 (URM78207), VII/2001 (URM78208), XI/2001 (URM78209), I/2002 (URM78210), III/2002 (URM78211), V/2002 (URM78212); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78215), em angiosperma viva: VII/2001 (URM78213), I/2002 (URM78214), V/2002 (URM78216).

Distribuição: Neotropical (Carranza-Morse & Gilbertson 1986).

Discussão: A superfície abhimental rosácea com poros labirintiformes caracterizam *F. cupreorosea*. Encontrada anteriormente na Bahia (Torrend 1938; Góes-Neto 1999), Mato Grosso (K. Fidalgo 1968a; Carranza-Morse & Gilbertson 1986), Paraná (Gerber & Loguercio-Leite 2000; Ryvardeen & Meijer 2002) e Pernambuco (Cavalcanti 1976), trata-se de nova ocorrência para Alagoas e Sergipe.

Fomitopsis feei (Fr.) Kreisel

Univ. Habana ser 4, Cienc. Biol. 16: 83, 1971

Basiônimo: *Polyporus feei* Fr., Linnaea 5: 518, 1830

(Fig. 19, 72)

Sinônimo:

Fomes feei (Fr.) Lowe, Mycologia 47: 217, 1955

Basidioma anual, séssil. Píleo flabeliforme a reniforme, aplanado, coriáceo, 1,5-5,0 x 0,4-3,0 x 0,1-0,3cm. Superfície abhimental tomentosa, zonada, MP11F6. Margem inteira, aguda. Contexto homogêneo, 0,1cm, MP4A9 (Flesh Blond), MP12A6 (Alesan French, Café-au-lait). Superfície himenial poróide, MP14A7 (Fawn Sandalwood, Autumn Blonde), MP15C8 (Chukker Brown, Tamarack+), poros circulares, 3/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,0µm; hifas esqueléteas hialinas a marrom claro, 1,8-5,4µm; hifas conectivas hialinas, com parede espessa a sólida, 1,0-1,8µm. Basídios clavados, 13,5 x 5,4µm. Basidiosporos elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 5,4-6,3 x 2,7µm.

Material examinado: **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Pterodon* sp. (sucupira) em decomposição: VII/2001 (URM78204).

Distribuição: América tropical e subtropical (Gilbertson & Ryvardeen, 1987).

Discussão: O basidioma aplanado e os poros circulares diferenciam *F. feei* de *F. cupreorosea*. Registrada anteriormente na Bahia (Góes-Neto 1999), Paraná (Gerber & Loguercio-Leite 2000; Ryvardeen & Meijer 2002) e Santa Catarina (Gerber & Loguercio-Leite 2000), representa novo registro para a Paraíba.

Gloeophyllum striatum (Swartz: Fr.) Murril,

Torr. Bot. Cl. 32: 370, 1905

Basiônimo: *Daedalea striata* Fr., Syst. Mycol. 1: 334, 1821

(Fig 20, 73)

Sinônimos:

Lenzites rhabarbarinum Berk. & M. A. Curtis

Lenzites brunneola Berk.

Lenzites protracta Fr., Nov. Symb.: 45, 1851

Basidioma anual, séssil. Píleo solitário a lateralmente conato, às vezes imbricado, flabeliforme a semicircular, com base atenuada ou amplamente aderido, 1,5-3,0 x 1,5-2,5 x 0,2-0,3cm. Superfície abhimenial vilosa, zonada, MP15E8 (Sphinx, Mustang+), MP15J9. Margem inteira a levemente lobada, concolor à superfície abhimenial. Contexto reduzido, MP16A12 (Elk Lama-). Superfície himenial lamelada, MP15C5 (Goat, Rabbit-, Loan+, Plover+), 1 lamela/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina a levemente espessa, 2,7µm; hifas esqueléteas amareladas, parede espessa, 2,5-3,6µm. Cistídios numerosos, lanceolados, levemente incrustados ou não no ápice, 3,6µm de largura. Basídios clavados, 20,0-25,0 x 5,0-7,0µm. Basidiosporos hialinos, parede fina e lisa, elípticos, 8,0-10,0 x 3,6µm.

Material observado: **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Caesalpinia echinata* (pau brasil) em decomposição: XI/2001 (URM78217).

Distribuição: Pantropical e também em áreas mais quentes das regiões subtropicais e temperadas (Núñez & Ryvardeen 2001).

Discussão: Dentre as espécies lameladas encontradas neste trabalho, *G. striatum* pode ser diferenciada pela presença de cistídios no himênio. Encontrada anteriormente na Bahia (Góes-Neto 1999), Mato Grosso (K. Fidalgo 1968a), Pará (Campos 2000), Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), trata-se de nova ocorrência para o Rio Grande do Norte.

Chave de identificação para espécies de *Hexagonia*

- 1. Superfície abhimenial estrigosa, 3-4 poros/mm *H. hydnooides*
- 1'. Superfície himenial glabra a velutina, 1 poro/mm *H. papyracea*

Hexagonia hydroides (Sw.: Fr.) K. Fidalgo,

Mem. N. Y. Bot. Gard. 17(2): 35-108, 1968.

Basiônimo: *Polyporus hydroides* Sw.: Fr., Syst. Mycol. 1: 362, 1821

(Fig 21, 74)

Sinônimos:

Boletus hydroides Sw., Nov. Gen. Sp. Pl. Prod. p. 149, 1788

Trametes hydroides (Sw.: Fr.) Fr., Epicr. Syst. Mycol. 490, 1838

Polystictus hydroides (Sw.: Fr.) P. Henn., Hedwigia 43: 178, 1904

Pogonomyces hydroides (Sw.: Fr.) Murr., Bull. Torrey. Bot. Club 31(100): 609-610

Boletus fibrosus Hook. in Kunth., Syn. Pl. 1: 10, 1822

Basidioma anual, séssil. Píleo dimidiado, flabeliforme, rígido, 1,5-5,0 x 1,0-3,0 x 0,1-1,5cm. Superfície abhimenial estrigosa, zonada, MP16A12 (Biskra Date+). Margem inteira, às vezes recortada, aguda, MP16A12 (Biskra Date+). Contexto homogêneo, 0,3-6,5cm, MP13C12. Superfície himenial poróide, MP14D7 (Adobe), poros circulares, 3-4/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,0-5,0 μ m; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 2,5-7,0 μ m; hifas conectivas levemente amareladas, com parede espessa, 1,5-2,5 μ m. Medas amareladas, cônicas, 45-55 x 35-45 μ m. Basídios clavados, 10,0-12,0 x 7,5 μ m. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 10,0-14,0 x 2,7-3,6 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78295), III/2001 (URM78296), V/2001 (URM78297), I/2002 (URM78298), III/2002 (URM78299); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78288), III/2001 (URM78289), V/2001 (URM78290); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78311); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78318), I/2002 (URM78319), III/2002 (URM78320); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78285), V/2001 (URM78286), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2001 (URM78313), Annonaceae (ariticum apé) em decomposição: III/2002 (URM78287); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM78312); **Pernambuco:** Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM78307); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78308), XI/2001 (URM78309), I/2002 (URM78310); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78291), IX/2001 (URM78292), XI/2001 (URM78293),

I/2002 (URM78294); **Rio Grande do Norte**: Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Caesalpinia echinata* (pau brasil) em decomposição: XI/2001 (URM78300), em *Piptadenia moniliformis* (catanduva) em decomposição: XI/2001 (URM78301), I/2002 (URM78303), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM78302), em *Apuleia leiocarpa* var. *molaris* (pau mulato) em decomposição: I/2002 (URM78304), em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78305), V/2002 (URM78306); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78282), XI/2001 (URM78283), III/2002 (URM78185), em *Cecropia* sp. (capera) em decomposição: I/2001 (URM78284); **Sergipe**: Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78315), I/2002 (URM78316), III/2002 (URM78317).

Distribuição: Pantropical (Gilbertson & Ryvardeen, 1986).

Discussão: A superfície abhimenial escura e estrigosa é características da espécie. Registrada anteriormente no Amazonas (Silva & Minter 1995), Bahia (Góes-Neto 1999), Espírito Santo (Vinha 1988), Mato Grosso (K. Fidalgo 1968a), Pará (Campos 2000), Paraíba (Silva 1987), Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Loguercio-Leite 1994) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Bononi 1984; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta 1997; Gugliotta & Bononi 1999), trata-se do novo registro para Alagoas, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Hexagonia papyracea Berk.,

Ann. Mag. Nat. Hist. 10: 379, 1843

(Fig. 75)

Sinônimo:

Hexagonia variegata Berk., Ann. Mag. Nat. Hist. ser. 2, 9: 196, 1852

Basidioma anual, séssil, às vezes com base efuso-reflexa. Píleo semicircular a reniforme, aplanado, coriáceo, até 12,0 x 6,5 x 0,3cm. Superfície abhimenial glabra a velutina, zonada, MP6A10 (Army Br, Rosario+), MP7A10 (New Cocoa, Natal Brown, Mahal+), MP15C7 (Racquet, Gazelle-, Crouse+), MP16A7 (Eagle, Clove Brown), MP16A10 (Bison-), MP16L6. Margem inteira, às vezes lobada, aguda. Contexto homogêneo, 0,1cm, MP11B5 (Paté, Shell), MP12E6 (Walnut, Taffy). Superfície himenial poróide, MP11D3, MP16A7 (Eagle, Clove Brown), MP16A8, poros circulares, 1/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5µm; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 2,5-5,0µm; hifas conectivas levemente amareladas, com parede espessa,

1,5-2,5µm. Basídios clavados, 20,0 x 7,5µm. Basidiosporos não observados, mas “cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 9,0-14,0 x 4,5-5,5µm” (Gilbertson & Ryvardeen, 1986).

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78324); **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2001 (URM78333), XI/2001 (URM78334), em *Cecropia* sp. (embaúba) em decomposição: XI/2001 (URM78314); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM78328), I/2002 (URM78329), em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78330), III/2002 (URM78331), V/2002 (URM78332); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78321), III/2002 (URM78323), em *Byrsonima* sp. (murici) em decomposição: I/2002 (URM78322); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78325), I/2002 (URM78326), III/2002 (URM78327).

Distribuição: Neotropical (Gilbertson & Ryvardeen, 1986).

Discussão: A superfície abhimenial velutina e zonada e os poros grandes são características de *H. papyracea*. Relatada anteriormente para a Bahia (Góes-Neto 1999), Pará (Campos 2000), Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976), Roraima (Jesus 1996), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Loguercio-Leite 1994) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Bononi 1984; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta 1997; Gugliotta & Bononi 1999), trata-se de novo registro para Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Irpex lacteus (Fr.: Fr.) Fr.,

Elench. Fung p. 145, 1828.

Basiônimo: *Hydnum lacteum* Fr.: Fr., Syst. Mycol. 1: 412, 1821

(Fig 22, 76)

Sinônimos:

Sistotrema lacteum Fr., Obs. Mycol. 2: 226, 1818

Polyporus tulipiferae (Schw.) Overh., Wash. Univ. Studies 3, 1: 29, 1915

Basidioma ressupinado. Margem inteira, concolor à superfície himenial. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide a irpicóide, MP13F8 (Toast), 2-3 poros /mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com septos simples e parede fina a espessa, 2,0-4,0µm; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa, às vezes ramificadas, 2,5-6,0µm. Cistídios incrustados apicalmente, 50,0-110,0 x 5,0-

10,0µm. Basídios clavados, 20,0-25,0 x 4,0-6,0µm. Basidiosporos hialinos, oblongos a cilíndricos, parede fina e lisa, 5,0-7,0 x 2,0-3,0µm.

Material examinado: Pernambuco: Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, em angiosperma em decomposição, col. Gibertoni: V/2001 (URM77378).

Distribuição: Cosmopolita (Gilbertson & Ryvarden 1986).

Discussão: *I. lacteus* pode ser caracterizado pela superfície himenial geralmente irpicóide, pelos cystídios incrustados e pelos basidiosporos oblongos a cilíndricos. No Brasil, foi encontrada nos estados do Rio Grande do Sul (Silveira & Guerrero 1991), São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Bononi 1984; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999) e Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), tratando-se da primeira referência para a região Nordeste.

Junghuhnia nitida (Fr.) Ryvarden,

Persoonia 7: 18, 1972

(Fig. 23, 77)

Basiônimo: *Polyporus nitidus* Fr., Syst. Mycol. 1: 379, 1821

Basidioma ressupinado. Margem inteira, MP3A8. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP5A9 (Longchamps), 7-8 poros/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com septos simples e parede fina a espessa, 2,7µm; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa, às vezes ramificadas, 2,7-4,5µm. Cistídios incrustados apicalmente, 6,0-9,0µm de largura. Basídios clavados, 7,0-10,0 x 2,7-3,6µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, parede fina e lisa, 3,6 x 2,7µm.

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78218), XI/2001 (URM78219).

Distribuição: Cosmopolita (Núñez & Ryvarden 2001).

Discussão: *J. nitida* pode ser caracterizada pelos cystídios incrustados e pelos basidiosporos elípticos. Encontrada anteriormente no Rio Grande do Sul (Silveira & Guerrero 1991) e São Paulo (Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), trata-se de nova ocorrência para o Nordeste.

Chave para identificação das espécies de *Lentinus*

- 1. Superfície abhimenial estrigosa, 3-4 lamelas/mm *L. crinitus*
- 1'. Superfície abhimenial velutina, 1-2 lamelas/mm *L. velutinus*

Lentinus crinitus (L.: Fr.) Fr.,

Syst. Orb. Veg. 77, 1825.

Basiônimo: *Agaricus crinitus* L.: Fr., Syst. Mycol. 1: 175, 1821

(Fig 24, 78)

Sinônimos:

Agaricus crinitus L., Sp. Pl. 2: 1644, 1763

Basidioma anual, centralmente estipitado. Pêlo circular, infundibuliforme, coriáceo, 0,8-3,0 x 1,9-3,8cm, estipe cilíndrico, 2,5-3,5 x 0,2-0,3cm. Superfície abhimenial estrigosa, MP12C7 (Papyrus). Margem inteira, involuta quando seca. Contexto homogêneo, 0,1 cm, MP10C5. Superfície himenial lamelada, MP11C7 (Auteuil), 3-4 lamelas/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,8-3,5 μ m; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 1,8-5,5 μ m. Medas amareladas, cônicas a cilíndricas, 25,0-75,0 x 15,0-23,0 μ m. Basídios clavados, 12,0-15,0 x 4,5-6,5 μ m. Basidiosporos hialinos, cilíndricos, parede fina e lisa, 6,0-7,5 x 2,5 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78250), III/2001 (URM78251), V/2001 (URM78252), VII/2001 (URM78253), XI/2001 (URM78254), I/2002 (URM78255), III/2002 (URM78256), V/2002 (URM78257); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78247), I/2002 (URM78248), III/2003 (URM78249); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78227), I/2002 (URM78228); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77225); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78220), I/2002 (URM78223), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2001 (URM78221), XI/2001 (URM78222), III/2002 (URM78224), em *Protium heptaphyllum* (amescla) em decomposição: III/2002 (URM78225); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78226); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78229), III/2001 (URM78230), VII/2001 (URM78231), IX/2001 (URM78232), XI/2001 (URM78233), I/2002 (URM78234); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78235), XI/2001 (URM78236), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: I/2002 (URM78237); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78244), IX/2001 (URM78245), XI/2001 (URM78246); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM78239), I/2002 (URM78241), em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78240), III/2002 (URM78243), V/2002 (URM78259), em *Coccoloba* sp. (coaçu) em decomposição: I/2002 (URM78242); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em

decomposição: III/2002 (URM78258); **Sergipe**: Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78238).

Distribuição: Neotropical (Pegler 1983).

Discussão: *L. crinitus* pode ser diferenciada de *L. velutinus* por apresentar basidioma pequeno e pela superfície abhimenial estrigosa. Relatada anteriormente no Amapá (Sotão *et al.* 1991), Espírito Santo (Vinha 1988), Mato Grosso (K. Fidalgo 1968), Pará (Campos 2000), Rondônia (Capelari & Maziero 1988), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rio Grande do Sul (Loguercio-Leite 1985) e São Paulo (Bononi 1984), representa nova ocorrência para Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Lentinus velutinus Fr.,

Linnaea 5: 510, 1830

(Fig. 25, 79)

Sinônimos:

Lentinus fulvus Berk., Ann. Mag. Nat. Hist. ser. 1, 10: 396, 1842

Lentinus coelopus Lév., Ann. Sci. Nat., Bot. Ser. 3, 5: 116, 1846

Basidioma anual, centralmente estipitado. Pêlo circular, infundibuliforme, coriáceo, 2,0-4,5 x 1,5-2,5 x 0,1-0,2cm, estipe cilíndrico, velutino, 8,0-12,0 x 0,3-0,5cm, MP15L12 (Raw Umber, Partridge). Superfície abhimenial velutina, MP8A12 (Autumn). Margem inteira, involuta quando seca. Contexto reduzido. Superfície himenial lamelada, MP12E6 (Cinnamon), 1-2 lamelas/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5µm; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 2,5µm. Basídios clavados, 15,0-20,0 x 3,6-4,5µm. Basidiosporos hialinos, cilíndricos, parede fina e lisa, 6,0-7,0 x 2,7-3,6µm.

Material examinado: **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em solo: XI/2000 (URM78261), VII/2001 (URM78260).

Distribuição: Neotropical (Pegler 1983).

Discussão: *L. velutinus* pode ser diferenciada de *L. crinitus* pelo tamanho maior do basidioma e pela superfície abhimenial velutina. Encontrada anteriormente no Amazonas (Silva & Minter (1995), Mato Grosso (K. Fidalgo 1968), Rio Grande do Sul (Loguercio-Leite 1985), Rondônia (Capelari & Maziero 1988) e Pernambuco (Cavalcanti 1976), representa nova ocorrência para o Rio Grande do Norte.

Lenzites stereoides (Fr.) Ryvardeen,

Norw. J. Bot. 19 (3-4): 232, 1972

Basiônimo: *Daedalea stereoides* Fr., Nova Acta Reg. Soc. Sci. Upps. Ser. III, 1: 99, 1851

(Fig 26, 80)

Sinônimos:

Daedalea sistotremoides Baeli, Bull. Jard. Bot. Etat Brux. 8: 257, 1930

Irpex durescens Cooke, Grevillea 9: 98, 1881

Daedalea gilvidula Bres., Hedwigia 51: 320, 1912

Basidioma anual, efuso-reflexo a sésil, imbricado a lateralmente conato, coriáceo. Píleo dimidiado, freqüentemente fusionado lateralmente, 1,5-7,0 x 1,1-2,4cm. Superfície abhimenial glabra a velutina, MP9B2 (Polar Bear). Margem, quando diferenciada, inteira, aguda, MP9B2 (Polar Bear). Contexto homogêneo, 0,1-0,2cm, MP9B2 (Polar Bear). Superfície himenial poróide, MP10B2 (Ivory), MP11D7 (Golden Wheat), poros labirintiformes, 1-2/mm. Sistema hifálico trmítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,8-2,7 μ m; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 4,5-6,5 μ m; hifas conectivas amareladas, com parede espessa, 4,5-5,0 μ m. Basídios clavados, 12,5-17,5 x 4,5-5,5 μ m. Basidiosporos hialinos, cilíndricos a elípticos, parede fina e lisa, 4,5-5,5 x 2,7 μ m.

Material observado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78277), III/2001 (URM78278), VII/2001 (URM78279), XI/2001 (URM78280), I/2002 (URM78281); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78276); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78270), XI/2001 (URM78271), III/2002 (URM78272); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Byrsonima* sp. (murici) em decomposição: VII/2001 (URM78262), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM78263), V/2002 (URM78265), em angiosperma (quiri) em decomposição: XI/2001 (URM78264); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78273), IX/2001 (URM78274), XI/2001 (URM78275); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM78266), XI/2001 (URM78267); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78268), em angiosperma (ingapó) em decomposição: I/2002 (URM78269).

Distribuição: Pantropical (Ryvarden & Johansen 1980).

Discussão: As hifas esqueléteas proeminentes no himênio e os poros sinuosos caracterizam *L. stereoides*. Encontrada anteriormente na Bahia (Góes-Neto 1999) e Pernambuco (Cavalcanti 1976; Silva & Minter 1995; Gibertoni & Cavalcanti 2003), trata-se de novo registro para Alagoas, Paraíba e Sergipe.

Nigrofores melanoporus (Mont.) Murr.,

Bull. Torr. Bot. Cl. 31: 425, 1904

Basiônimo: *Polyporus melanoporus* Mont., Ann. Sci. Nat. Ser. 2, 17: 127, 1842

(Fig 27, 81)

Sinônimos:

Polyporus endophaeus Berk., Hook. J. Bot. 6: 142, 1854

Polyporus cornubovis Cooke, Grevillea 13: 2, 1884

Basidioma perene, efuso-reflexo a séssil. Píleo aplanado, amplamente aderido, rígido, até 50,0 x 22,0 x 1,3cm. Superfície abhimental glabra e concentricamente sulcada, MP16A7 (Eagle), MP16A12 (Biskra Date+), MP16C11. Margem inteira, obtusa, MP5A9 (Longchamps). Contexto até 1,0cm, MP8C10 (Moose), MP16A6 (Taupe). Superfície himenial poróide, MP16A5 (Bear), MP16A8 (Castor), 5-7 poros/mm, circulares, tubos distintamente estratificados, concolores ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas a levemente douradas, com septos simples, parede fina, 2,7-4,5µm; hifas esqueléteas amareladas a marrons, parede espessa, 2,7-7,0µm. Basídios clavados, 7,5-10,0 x 3,5-4,5µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, parede fina e lisa, 3,6-4,5 x 2,7-3,6µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78354), XI/2001 (URM78355), I/2002 (URM78356), III/2002 (URM78357), V/2002 (URM78358); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78359); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78362); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2002 (URM78360); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78340), V/2001 (URM78341), VII/2001 (URM78342), I/2002 (URM78344), III/2002 (URM78345), V/2002 (URM78346), VI/2002 (URM78347), em angiosperma (pau pombo) viva: XI/2001 (URM78343); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78348), IX/2000 (URM78349); XI/2001 (URM78350), I/2002 (URM78351), III/2002 (URM78352), V/2002 (URM78353); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78361); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VIII/2000 (URM78336), III/2001 (URM78337), V/2001 (URM78338), VII/2001 (URM78335), em angiosperma viva: XI/2001 (URM78339).

Distribuição: Pantropical (Núñez & Ryvarden 2001).

Discussão: O basidioma extremamente rígido e de coloração vinácea caracteriza esta espécie. Anteriormente encontrada no Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima (Sousa 1980), Bahia (Torrend 1924; 1938; Góes-Neto 1999), Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), Pernambuco (Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (Torrend 1924), representa nova referência para Alagoas e Paraíba.

Nigroporus vinosus (Berk.) Murr.,

Bull. Torrey. Bot. Cl. 32: 361, 1905

Basíônimo: *Polyporus vinosus* Berk., Ann. Mag. Nat. Hist. ser. 2, 11: 195, 1852

(Fig. 28, 82)

Sinônimos:

Polyporus tristis Lév., Ann. Sci. Nat. Bot. Ser. 3, 5: 126, 1846

Polyporus mollerianus Sacc., Berl. & Roumeg., Rev. Mycol. 11: 202, 1889

Basidioma anual, ressupinado a sésil. Píleo dimidiado, lateralmente conato, até 14,5 x 5,0 x 0,5cm. Superfície abhimenial zonada, sulcada, velutina a glabra, MP15C9 (Teakwood, Pinecone+), MP16A7 (Eagle, Clove Brown). Margem inteira, MP6A9 (Manon), MP6C7. Contexto homogêneo, 0,1-0,5cm, MP8C9 (London Smoke+), MP16A12 (Biskra, Date-). Superfície himenial poróide, MP16A7 (Eagle/Clove Brown), poros regulares, circulares, 6-8/mm, tubos MP8A9. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,0-2,8 μ m; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 3,0-4,5 μ m. Medas cilíndricas, 30,0-37,5 x 12,5-25,0 μ m. Basídios clavados, 7,5-9,0 x 3,6-5,4 μ m. Basidiosporos alantóides, hialinos, parede fina e lisa, 3,6-4,5 x 1,0 μ m.

Material examinado: **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78373); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78371), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2001 (URM78372); **Pernambuco:** Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78369), em *Hymenaea* sp. (jatobá) em decomposição: III/2002 (URM78370); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78363), IX/2001 (URM78364), XI/2001 (URM78365), I/2002 (URM78366), III/2002 (URM78367), V/2002 (URM78368); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, , em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM78374).

Distribuição: Pantropical (Núñez & Ryvarden 2001).

Discussão: Macroscopicamente, *Nigroporus vinosus* pode ser diferenciada de *Nigrofomes melanoporus*, espécie de mesma coloração, pela consistência mais flexível do basidioma e, microscopicamente, pela

presença de grampo de conexão e pelos basidiosporos alantóides. Relatada anteriormente para o Acre (Bononi 1992), Amapá (Sotão *et al.* 1991), Bahia (Góes-Neto 1999), Maranhão (Torrend 1938), Pernambuco (Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rondônia (Capelari & Maziero 1988), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991) e São Paulo (Jesus 1993), foi encontrada pela primeira vez na Paraíba.

Chave para identificação das espécies de *Perenniporia*

- 1. Basidioma séssil a efuso-reflexo..... 2
- 1'. Basidioma ressupinado 3
- 2. Basidiosporos subglobosos a elípticos, 3,6 x 2,7µm *P. contraria*
- 2'. Basidiosporos lacrimóides, 5,0-8,0 x 3,6µm *P. martiusii*
- 3. Basidioma alaranjado, basidiosporos 4,5-5,4 x 3,6µm, não dextrinóides *P. aurantiaca*
- 3'. Basidioma lilacino, basidiosporos 3,6 x 2,7µm, dextrinóides *P. medulla-panis*

Perenniporia aurantiaca (A. David & Rajchenberg) Decock & Ryvardeen,
Mycol. Res. 103: 1140, 1999

Basiônimo: *Pyropolyporus aurantiacus* A. David & Rajchenberg, Mycotaxon 22: 312-313, 1985.

(Fig. 29, 83)

Basidioma anual a perene, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP13F10, MP15A10 (English Oak, Circassian+), poros circulares, 6-8/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,8-2,7µm; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa, 1,8-2,7µm; hifas conectivas hialinas, com parede espessa, 1,8-2,5µm. Basídios clavados, 13,0-15,0 x 8,0-9,0. Basidiosporos elípticos, hialinos, parede espessa e lisa, 4,5-5,4 x 3,6µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78381); **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em Apocynaceae (pau pereira) em decomposição: V/2002 (URM78376); **Pernambuco:** Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Bambusa* sp. (bambu) em decomposição: XI/2001 (URM78379), I/2002 (URM78380); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78375); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78377), III/2002 (URM78378).

Distribuição: Brasil, Guiana Francesa, Venezuela (Decock & Ryvardeen 1999).

Discussão: O basidioma alaranjado distingue *P. aurantiaca* das demais espécies ressupinadas de *Perenniporia*. Relatada anteriormente no Pará (Decock & Ryvardeen 1999), representa nova ocorrência para o Nordeste e segundo registro para o Brasil.

Perenniporia contraria (Berk. & M. A. Curtis) Ryvardeen,

Norw. J. Bot. 19 (3-4): 233, 1972

Basiônimo: *Fomes contrarius* Berk. & M. A. Curtis, Grevillea 15: 21, 1886

(Fig. 30, 84)

Basidioma perene, sésbil a efuso-reflexo. Píleo sésbil, semicircular, rígido, 1,0-4,0 x 1,0-2,5 x 0,5-2,0cm. Superfície abhimenial glabra, zonada, sulcada, MP8E9 (Negro). Margem inteira, obtusa, MP12E7 (Cinnamon), MP15C9 (Teakwood, Pinecone+). Contexto 0,1-0,5cm, MP11F6. Superfície himenial poróide, MP9D3, poros circulares, 10/mm, tubos concolores ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,0-1,8 μ m; hifas esqueléteas hialinas a amareladas, às vezes ramificadas, com parede espessa, 1,0-1,8 μ m, dextrinóides. Basídios não observados. Basidiosporos subglobosos a elípticos, hialinos, parede espessa e lisa, 3,6 x 2,7 μ m, variavelmente dextrinóides.

Material examinado: Pernambuco: Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM78382), XI/2001 (URM78383); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78384).

Distribuição: Neotropical (Ryvardeen & Meijer 2002).

Discussão: O basidioma pequeno e em tons de rosa distingue *P. contraria* das demais espécies pileadas de *Perenniporia*. Relatada anteriormente no Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002) e Santa Catarina (Gerber *et al.* 1999), representa novo registro para o Nordeste.

Perenniporia martiusii (Berk.) Ryvardeen,

Norw. J. Bot. 19 (3-4): 143, 1972

Basiônimo: *Polyporus martius* Berk., Hook. J. Bot. 8: 198, 1856

(Fig. 31, 85)

Sinônimos:

Polyporus hornodermus Mont., Ann. Sci. Nat., ser. 4, 5: 368, 1857

Fomes sulcatus Cooke, Grevillea 14: 17, 1885

Fomes letissima Bres. Ann. Mycol. 8: 588, 1910

Basidioma perene, sésil a efuso-reflexo. Píleo sésil, semicircular, aplanado a unglado, rígido, até 20,0 x 15,0 x 19,0cm. Superfície abhimental glabra, MP16A2 (Biskra, Date-). Margem inteira, obtusa, MP9D2 (Cream). Contexto até 9cm, MP9D2, MP13C4 (Hamadan, Arrwood+). Superfície himenial poróide, MP9D2 (Cream), poros circulares, 6/mm, tubos concolores ao contexto. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,0-1,8 μ m; hifas esqueléteas hialinas a amareladas, com parede espessa, 1,0-2,7 μ m, dextrinóides; hifas conectivas hialinas a amareladas, com parede espessa, 1,0-2,7 μ m, dextrinóides. Basídios não observados. Basidiosporos lacrimóides, hialinos, parede espessa e lisa, 5,0-8,0 x 3,6 μ m, variavelmente dextrinóides.

Material examinado: **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78393), III/2002 (URM78394); **Pernambuco:** Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78386), XI/2001 (URM78387), I/2002 (URM78388), V/2002 (URM78389); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78391), I/2002 (URM78391), V/2002 (URM78392), em angiosperma viva: V/2001 (URM78390).

Distribuição: Pantropical (Núñez & Ryvardeen 2001).

Discussão: O basidioma espesso e lenhoso distingue *P. martusii* das demais espécies pileadas de *Perenniporia*. Relatada anteriormente para a Bahia (Torrend 1938; Góes-Neto 1999), Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), Rio Grande do Sul (Groposo & Loguercio-Leite 2002), São Paulo (Teixeira 1948) e Santa Catarina (Gerber *et al.* 1999), representa nova ocorrência para a Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Perenniporia medulla-panis (Jacq.: Fr.) Donk,

Persoonia 5: 76, 1967

Basiônimo: *Boletus medulla-panis* Jacq., Misc. Austriaca Bot. 1: 141, 1778

(Fig. 32, 86)

Sinônimos:

Polyporus medulla-panis Fr., Syst. Mycol. 1: 280, 1821

Poria medullaris S. F. Gray, Natural Arrangement of British Plants 1: 639, 1821

Polyporus unitus Pers., Mycol. Eur. 2: 93, 1825

Poria medulla-panis (Jacq.) Pers., Grevillea 14: 109, 1886

Trametes medulla-panis (Jacq.) Pat., Essai Hymen.: 93, 1900

Basidioma anual a perene, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP15C6 (Grey 31, Sparrow, Sakkara+, Boulevard-, Mouse+), poros circulares, 5/mm. Sistema hifálico trimítico;

hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,8-2,7 μ m; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa, 1,8 μ m, variavelmente dextrinóides; hifas conectivas hialinas, com parede espessa, 1,0 μ m, dextrinóides. Basídios não observados, mas “clavados, 19,0-27,0 x 7,0-11,0” (Núñez & Ryvardeen 2001). Basidiosporos elípticos, hialinos, parede espessa e lisa, 3,6 x 2,7 μ m, dextrinóides.

Material examinado: **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78385).

Distribuição: Cosmopolita (Núñez & Ryvardeen 2001).

Discussão: O basidioma lilacino distingue *P. medulla-panis* das demais espécies ressupinadas de *Perenniporia*. Relatada anteriormente para o Brasil por Torrend (1938) e Lowe (1963), sem, no entanto, especificação quanto à localização, embora registros do herbário URM indiquem exemplares provenientes da Bahia e Pará. Também relacionada para Santa Catarina (Gerber *et al.* 1999), São Paulo e Rio Grande do Sul (Teixeira 1948). Representa novo registro para Sergipe.

Chave para identificação das espécies de *Polyporus*

- | | |
|--|--------------------------|
| 1. Estipe marrom escuro a negro | 2 |
| 1'. Estipe em tons de bege | 4 |
| 2. Basidioma lateralmente estipitado, basidiosporos 3,6-4,5 x 2,7 μ m | <i>P. leprieurii</i> |
| 2'. Basidioma central a excentricamente estipitado, basidiosporos 7,0-11,0 x 2,7-3,6 μ m | 3 |
| 3. Superfície abhiminal púrpurea, basidiosporos elípticos 7,0-8,0 x 2,7-3,6 μ m | <i>P. dictyopus</i> |
| 3'. Superfície abhiminal parda, basidiosporos cilíndricos, 10,0-11,0 x 3,6 μ m | <i>P. guianensis</i> |
| 4. Basidioma centralmente estipitado, margem ciliada | <i>P. tricholoma</i> |
| 4'. Basidioma central a lateralmente estipitado, margem não ciliada | 5 |
| 5. Poros 1-3/mm, basidiosporos 7,0-10,0 μ m | 6 |
| 5'. Poros 5-6 /mm, basidiosporos 4,5-7,0 μ m | <i>P. grammocephalus</i> |
| 6. Basidioma lateralmente estipitado, basidiosporos 7,0-8,0 x 2,7-3,6 μ m | <i>P. tenuiculus</i> |
| 6'. Basidioma central a lateralmente estipitado, basidiosporos 9,0-10,0 x 2,7 μ m | <i>P. virgatus</i> |

Polyporus dictyopus Mont.,

Ann. Sci. Nat., ser. 2, 3: 349, 1835

(Fig. 33, 87)

Sinônimos:

Polyporus rhizomorphus Mont., Ann. Sci. Nat. Ser. II, 13: 202, 1840

Polyporus columbiensis Berk., Hook. Lond. J. Bot. 1: 454, 1842
Polyporus infernalis Berk., Hook. J. Bot. 2: 637, 1843
Polyporus blanchettianus Berk. & Mont., Ann. Sci. Nat. ser. 3, 11: 238, 1849
Polyporus versiformis Berk., Hook. Lond. J. Bot. 6: 137, 1854
Polyporus xerophyllus Berk., Flora New Zeal. 2: 178, 1855
Polyporus atro-umbrinus Berk., Hook. Lond. J. Bot. 8: 154, 1856
Polyporus diabolicus Berk., Hook. Lond. J. Bot. 8: 174, 1856
Polyporus rufo-atratus Berk., Hook. Lond. J. Bot. 8: 174, 1856
Polyporus vernicosus Berk., Hook. Lond. J. Bot. 8: 175, 1856
Polyporus decolor Berk., Hook. Lond. J. Bot. 8: 195, 1856
Polyporus nephridius Berk., Hook. Lond. J. Bot. 8: 195, 1856
Polyporus hydneiceps Berk. & M. A. Curtis, J. Linn. Soc. Bot. 10: 305, 1868
Polyporus parvimarginatus Speg., Ann. Sci. Cien. Agr. 16: 280, 1883
Polyporus holomelanus Berk.: Cooke, Grevillea 15: 51, 1886
Melanopus pancheri Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 3: 170, 1887
Polyporus puiggarii Speg., Boletin Acad. Nac. Cien. Cordoba 11: 441, 1889
Microporus mollis Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 16: 171, 1901
Melanopus scabellus Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 16: 178, 1901
Leucoporus turbinatus Pat. & Har., Bull. Soc. Mycol. Fr. 22: 117, 1906
Leucoporus velutipes Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 25: 5, 1909
Polyporus malnominus Lloyd, Mycol. Writ. 3: 187, 1912
Polyporus obniger Lloyd, Mycol. Writ. 5: 632, 1917
Melanopus nephridius (Fr.) Pat., *Essai Hymen.* (Lons-le-Saunier): 80, 1900

Basidioma anual, central a lateralmente estipitado. Píleo 2,0-4,0 x 0,05cm, estipe 3,0-4,0 x 0,2-0,4cm, MP16A9 (Owl). Superfície abhimenial glabra, azonada, MP8A9 (Hudson Seal), MP8H11 (Congo+), MP16A5 (Bear, Chaetura Drab). Margem inteira e aguda. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP13F6 (Prairie), MP13G7, poros circulares, 8-11/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,7µm; hifas conectivas levemente amareladas, com parede espessa, 1,0-2,7µm. Basídios clavados, 12,0-15,0 x 6,0-7,0µm. Basidiosporos elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 7,0-8,0 x 2,7-3,6µm, com ou sem gútula.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78445); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78437), XI/2001 (URM78435), I/2002 (URM78436),

III/2002 (URM78438); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78439); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78444); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78443), I/2002 (URM78433), V/2002 (URM78434); **Rio Grande do Norte**: Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78442); **Sergipe**: Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78440), III/2002 (URM78441).

Distribuição: Pantropical (Núñez & Ryvar den 1995).

Discussão: O basidioma centralmente estipitado de coloração púrpura escuro caracteriza *P. dictyopus*. Encontrada anteriormente no Amazonas (Torrend 1924), Bahia (Torrend 1938; Góes-Neto 1999), Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Gerber & Loguercio-Leite 1997), Paraná (Ryvar den & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rio Grande do Sul (Silveira & Guerrero 1991), Rondônia (Capelari & Maziero 1988; Gerber & Loguercio-Leite 1997), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Gerber 1996) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), representa nova ocorrência para Alagoas, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Polyporus grammacephalus Berk.,

Hook. Lond. J. Bot. 1: 148, 1842

(Fig. 34, 88)

Sinônimos:

Laschia spathulata Jung, Praem. Fl. Crypt. Java Insulae 1: 75, 1838

Favolus moluccensis Mont., Ann. Sci. Nat. Ser. 2, 20: 365, 1843

Favolus junghunii Lév., Ann. Sci. Nat. III, 2: 202, 1844

Favolus tener Lév., Ann. Sci. Nat. III, 2: 202, 1844

Favolus multiplex Lév., Ann. Sci. Nat. III, 2: 203, 1844

Polyporus vibecinus Fr., Fungi Natalensis: 6, 1848

Polyporus libum Berk., Grevillea 1: 163, 1872

Polyporus fuscolineatus Berk. Br., Trans. Linn. Soc. Bot. II, 1: 401, 1879

Polyporus platotis Berk. & Br., Trans. Linn. Soc. Bot. II, 1: 401, 1879

Polyporus emericii Cooke, Grevillea 10: 96, 1882

Favolus minutus Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 43: 32, 1891

Favolus novoguianensis Henn., Engler Bot. Jahrb. 15, Beiblatt 33: 7, 1893

Polyporus vibecinioides Henn., Engler Bot. Jahrb. 23: 546, 1896
Hexagonia pertenuis Murr., Bull. Torrey Bot. Cl. 35: 401, 1908
Polyporus perversus Lloyd, Mycol. Writ. 3: 136, 1912
Polyporus acervatus Lloyd, Mycol. Writ. 6: 100, 1920
Polyporus magnoporus Lloyd, Mycol. Writ. 7: 1155, 1922
Polyporus arenosus Lloyd, Mycol. Writ. 7: 11155, 1922
Trametes varia Lloyd, Mycol. Writ. 7: 1114, 1922
Polyporus rufo-rigidus Lloyd, Mycol. Writ. 7: 1330, 1924
Favolus congolensis Beeli, Bull. Soc. Bot. Belg. 62: 57, 1929

Basidioma anual, séssil a estipitado. Píleo com base atenuada a lateralmente estipitado, flabeliforme a reniforme, 4,0-10,0 x 3,0-6,0 x 0,2-0,5cm, estipe até 2,5 x 1,0cm, concolor à superfície himenial. Superfície abhimenial glabra, radialmente estriada, MP11D6, MP11E5 (Raffia). Margem inteira a levemente lobada, aguda. Contexto 0,1cm, MP10E10. Superfície himenial poróide, MP12E5 (India Buff), MP13I8 (Aztec, Indian Tan), poros circulares, 5-6/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,7-5,0 μ m; hifas conectivas hialinas a levemente amareladas, com parede espessa, 1,0-5,0 μ m. Medas globosas a cônicas, 20,0-37,5 x 20,0-37,5 μ m. Basídios clavados, 12,0 x 5,0 μ m. Basidiosporos elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 4,5-7,0 x 2,0-2,7 μ m, gutulados.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78459), I/2002 (URM78460); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78457), III/2002 (URM78458); **Paraíba:** RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em Apocynaceae (pereiro) em decomposição: V/2001 (URM78447), em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78448); **Pernambuco:** Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78449); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78446); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em *Ficus* sp. (gameleira) em decomposição: V/2001 (URM78453), III/2002 (URM78456), em *Protium heptaphyllum* (amescla) em decomposição: VII/2001 (URM78455), em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78454); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78450), III/2002 (URM78451), V/2002 (URM78452).

Distribuição: Áreas tropicais e subtropicais (Núñez & Ryvardeen 1995).

Discussão: O basidioma lateralmente estipitado com estrias radiais e de coloração amarelada caracterizam *P. grammocephalus*. Encontrada anteriormente no Amazonas (Silva & Minter 1995), Bahia (Torrend 1924; 1938; Góes-Neto 1999) e Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), trata-se de nova ocorrência para Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Polyporus guianensis Mont.,

Ann. Sci. Nat. Bot. II, 13: 201, 1840

(Fig. 35, 89)

Sinônimos:

Favolus melanopus Mont., Ann. Sci. Nat. Bot. VI, 1: 136, 1854

Polyporus aemulans Berk. & M. A. Curtis, J. Linn. Soc. Bot. 10: 304, 1868

Polyporus seminigrita Cooke, J. Linn. Soc. Bot. 15: 377, 1876

Xanthocrous melanocephalus Har. & Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 18: 131, 1902

Melanopus marasmiioides Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 18: 173, 1902

Polyporus wrightii Murr., North Am. Fl. 9: 61, 1907

Basidioma anual, estipitado. Pileo centralmente estipitado, 2,0-4,0 x 0,1cm, estipe 2,0-3,5 x 0,2cm, MP16A12 (Biskra, Date-). Superfície abhimenial glabra, azonada, MP12H7 (Macaroon), MP13J8 (Clay). Margem inteira, ondulada, aguda. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP14H9, MP14J9, poros circulares, 3/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,7-3,6 μ m; hifas conectivas levemente amareladas, com parede espessa, 1,8-4,5 μ m. Medas cônicas a cilíndricas, 30,0-32,0 x 12,5 μ m. Basídios clavados, 12,0 x 5,0 μ m. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 10,0-11,0 x 3,6 μ m, gutulado.

Material examinado: **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78464); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78461); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78462), I/2002 (URM78463); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78465).

Distribuição: Ásia tropical e América do Sul (Núñez & Ryvarden 1995).

Discussão: O basidioma centralmente estipitado de coloração parda e os basidiosporos cilíndricos caracterizam *P. guianensis*. Encontrada anteriormente no Acre (Torrend 1920), Rio Grande do Sul (Silveira & Guerrero 1991) e Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Gerber 1996), representa nova ocorrência para o Nordeste.

Polyporus leprieurii Mont.,

Ann. Sci. Nat., ser. 2, 13: 203, 1840.

(Fig. 36, 90)

Sinônimos:

Polystictus leprieurii (Mont.) Fr., Nova Acta Soc. Sci. Upsal. 3, 1: 71, 1851

Polyporus tephromelas Mont. Ann. Sci. Nat., ser. 2, 13: 203, 1840

Polyporus hemicapnodes Berk. & Br., Jour. Linn. Soc. 14: 47, 1873

Polyporus caliculus Pat. & Gail., Bull. Soc. Mycol. Fr. 4: 32, 1888

Polyporus savoyanus Pat., Rev. Mycol. 13: 136, 1891

Polyporus atripes Rostr., Bot. Tidskr. 24: 359, 1902

Polyporus pusillus Rostr., Bot. Tidskr. 24: 359, 1902

Polyporus subelegana Murr., North. Amer. Flora 9: 62, 1907

Basidioma anual, séssil, lateralmente estipitado, cartilaginoso quando fresco, rígido quando seco. Pileo flabeliforme a espatulado, 1,5-8,0 x 1,5-4,5 x 0,2cm, estipe 1,0-2,5 x 0,3cm, MP16A1, MP16H12 (Bronzesheen). Superfície abhimenial glabra, MP15E9, MP15H9. Margem inteira, ondulada a lobada, aguda. Contexto 0,1-0,2cm, MP13F7. Superfície himenial poróide, MP14E5, MPJ8, poros circulares, 9-10/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,8-2,7 μ m; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa, 2,7 μ m. Basídios subclavados, 7,0-10,5 x 3,6-4,5 μ m. Basidiosporos elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 3,6-4,5 x 2,7 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78632), XI/2001 (URM78633), I/2002 (URM78634), III/2002 (URM78635), V/2002 (URM78636); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78624), III/2002 (URM78625); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78605); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78602), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: VII/2001 (URM78603), em *Ptereodon* sp. (sucupira) em decomposição: XI/2001 (URM78604); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78606), III/2001 (URM78607), VII/2001 (URM78608), IX/2001 (URM78609), I/2002 (URM786610), V/2002 (URM78611); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM78612), IX/2001 (URM78613), V/2001 (URM786114), VII/2001 (URM78615), XI/2001 (URM78616, 78617), I/2002 (URM78618), III/2002 (URM78619), V/2002 (URM78620); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Henrietta* sp. (manipueira) em decomposição:

VII/2001 (URM78626), em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78627), III/2002 (URM78629), em *Tapirira guianensis* (copiúba): I/2002 (URM78628), V/2002 (URM78631), em angiosperma (praíba) em decomposição: III/2002 (URM78630); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78598), I/2002 (URM78599), III/2002 (URM78600), V/2002 (URM78601); **Sergipe**: Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78621), III/2002 (URM78622), V/2002 (URM78623).

Distribuição: Áreas tropicais e subtropicais da América e Ásia oriental (Núñez & Ryvarden 1995).

Discussão: O basidioma de coloração parda e com estipe lateral negro distinguem *P. leprieurii* das demais espécies de *Polyporus*. Encontrada anteriormente no Acre (Bononi 1992), Bahia (Góes-Neto 1999), Mato Grosso (K. Fidalgo 1968a), Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rio Grande do Sul (Silveira & Guerrero 1991), Rondônia (Capelari & Maziero 1988), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991) e São Paulo (Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), trata-se de novo registro para Alagoas, Paraíba e Sergipe.

Polyporus tenuiculus (Beauv.) Fr.,

Syst. Mycol. 1: 344, 1821.

Basiônimo: *Favolus tenuiculus* Beauv., Fl. Oware Benin Afriq. 1: 74, 1806

(Fig. 37, 91)

Sinônimos:

Daedalea brasiliensis Fr., Syst. Mycol. 1: 332, 1821

Favolus brasiliensis (Fr.) Fr., Elench. Fung. 1: 44, 1828

Favolus daedaleus Fr., Syst. Orb. Vegeta. 1: 76, 1825

Poyporus dermoporus Pers. in Gaudichaud, G. Voyage aut. Monde: 170, 1827

Favolus flaccidus Fr., Linnea 5: 511, 1830

Favolus guadalupensis Lév., Ann. Sci. Nat. 3, 5: 511, 1830

Favolus hepaticus Kl., Linnea 7: 197, 1832

Favolus fissus Lév., Ann. Sci. Nat. III, 2: 201, 1844

Favolus tessulatus Mont., Ann. Sci. Nat. III, 2: 203, 1844

Favolus alutaceus Berk. & Mont., Ann. Sci. Nat. ser. 2, 11: 240, 1849

Favolus lacerus Fr., Nova Acta Soc. Sci. Upsal. Ser. 3, 12: 103, 1851

Favolus sundaicus Fr., Nova Acta Soc. Sci. Upsal. Ser. 3, 12: 104, 1851

Favolus giganteus Mont., Ann. Sci. Nat. IV, 1: 135, 1854

Hexagonia rhombipora Mont., Ann. Sci. Nat. IV, 1: 370, 1857

Favolus friesii Berk. & M. A. Curtis, Jour. Linn. Soc. 10: 321, 1868
Favolus hispidulus Berk. & M. A. Curtis, Jour. Linn. Soc. 10: 321, 1868
Favolus scaber Berk. & Br., J. Linn. Soc. Bot. 14: 29, 1873
Polyporus lenzitoides, Berk., Vid, Selsk. København Medd. 1879: 34, 1879
Favolus paraguayensis Speg., Ann. Soc. Cient. Argent. 17: 71, 1884
Favolus speciosus Speg., Ann. Soc. Cient. Argent. 17: 71, 1884
Favolus fimbriatus Speg., Ann. Soc. Cient. Argent. 17: 72, 1884
Favolus saltensis Speg., Ann. Mus. Nac. Buenos Aires, 6: 176, 1898
Favolus bifindensis P. Henn., Engl. Bot. Jahrb. 30: 43, 1902
Hexagonia fragilis Murr., Bull. Torrey Bot. Cl. 31: 330, 1904
Hexagonia wilsonii Murr., Bull. Torrey Bot. Cl. 31: 329, 1904
Hexagonia floridana Murr., Bull. Torrey Bot. Club. 31: 330, 1904
Hexagonia tessulata Murr., Bull. Torrey Bot. Club. 31: 330, 1904
Hexagonia maxonii Murr., North Am. Fl. 9: 49, 1907
Hexagonia reniforme Murr., North. Am. Fl. 9: 50, 1907
Hexagonia subcaperata Murr., North. Am. Fl. 9: 50, 1907
Hexagonia subpurpurascens Murr., North. Am. Fl. 9: 51, 1907
Polyporus palensis Murr., North. Am. Fl. 9: 67, 1907
Hexagonia daedaleiformis Murr., Bull. N. Y. Bot. Gard. 8: 145, 1912
Hexagonia motzorogensis Murr., Bull. N. Y. Bot. Gard. 8: 145, 1912
Hexagonia sulphurea Murr., Bull. N. Y. Bot. Gard. 8: 145, 1912
Favolus caespitosus Lloyd, Mycol. Writ. 5: 821, 1919
Polyporus spegazzinianus Bres., Ann. Mycol. 18: 32, 1920
Favolus roseus Lloyd, Mycol. Writ. 7: 1122, 1922
Favolus lutescens Lloyd, Mycol. Writ. 7: 1272, 1922
Favolus mollis Lloyd, Mycol. Writ. 7: 1330, 1924
Favolus bresadolianus Speg., Bol. Acad. Nac. Cienc. Cordoba 28: 353, 1926
Polyporus arcularioides David & Rajch., Mycotaxon 22: 285, 1985

Basidioma anual, estipitado. Píleo flabeliforme a dimidiado, lateral a centralmente estipitado, 1,0-8,5 x 1,0-8,5 x 0,1-0,2cm, estipe 0,6-1,5 x 0,2-0,3cm, concolor à superfície abhimental. Superfície abhimental glabra, radialmente zonada, MPA9 (Pecan Br, Golden Chestnut+), MP12G7. Margem inteira, aguda, com pelos nos bordos. Contexto 0,1cm, MP10C5, MP11E6. Superfície himental poróide, poros hexagonais, MP14D7 (Adobe), 1-3/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo

de conexão, parede fina, 2,5-3,0 μ m; hifas conectivas hialinas, com parede espessa, 2,0-4,5 μ m. Basídios clavados, 22,0-30,0 x 4,6-7,0 μ m. Basidiosporos cilíndricos, parede fina e lisa, hialinos, 7,0-8,0 x 2,7-3,6 μ m, com ou sem gútula.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78481); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78479); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78469), I/2002 (URM78470), VI/2002 (URM78471); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78472), IX/2001 (URM78474), I/2002 (URM78475), V/2002 (URM78476), caído no chão: VII/2001 (URM78473), Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78480); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78466), III/2002 (URM78467); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM78478); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78477).

Distribuição: Pantropical (Núñez & Ryvardeen 1995).

Discussão: A superfície himenial com poros hexagonais e o basidioma carnoso e esbranquiçado quando seco distinguem *P. tenuiculus* das demais espécies de *Polyporus*. Citada anteriormente para o Acre (Bononi 1992), Bahia (Torrend 1938; Góes-Neto 1999), Pará, Paraíba e Rio Grande do Sul (Silva & Minter 1995), Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1983; Kimbrough *et al.* 1994/1995; Silva & Minter 1995; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rondônia (Capelari & Maziero 1988), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Gerber 1996) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta 1997; Gugliotta & Bononi 1999), representa nova ocorrência para Alagoas, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Polyporus tricholoma Mont.,

Ann. Sci. Ser. II, 8: 365, 1837

(Fig. 38, 92)

Sinônimos:

Polyporus flexipes Fr., Linnea 5: 515, 1838

Polyporus gracilis Kl., Ann. Mag. Nat. Hist. 3: 384, 1839

Polyporus apalus Berk., Hook. London J. Bot. 2: 635, 1843

Polyporus similis Berk., Hook. London J. Bot. 2: 635, 1843

Polyporus acicula Berk. & M. A. Curtis, J. Linn. Soc. Bot. 10: 304, 1868

Polyporus stipitarius Berk. & M. A. Curtis, J. Linn. Soc. Bot. 10: 305, 1868
Polyporus obolus Ell. & Macbr., Bull. Iowa Univ. Lab. Nat. Hist. 4: 68, 1896
Polyporus humphreyii Henn., Hedwigia 37: 280, 1898
Polyporus variiporus Murr., Bull. Torrey Bot. Cl. 31: 37, 1904
Polyporus cowellii Murr., Bull. Torrey Bot. Cl. 31: 39, 1904
Polyporus raphanipes Wakef., Kew Bull. 1914: 157, 1914
Leuciporus chaetoloma Pat., Bull. Soc. Mycol. fr. 38: 86, 1922

Basidioma anual, estipitado. Píleo centralmente estipitado, 1,0 x 0,1cm, estipe 2,0-2,5 x 0,1cm, MP12H7 (Macaroon). Superfície abhimental glabra, azonada, MP10G5 (Maise), MP15E10 (Olive Wood, Collie). Margem inteira, ondulada, aguda, ciliada. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP10D3, poros circulares, 7-8/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,7-3,6µm; hifas conectivas levemente amareladas, com parede espessa, 1,0-5,4µm. Medas globosas, 60,0 x 25,0µm. Basídios clavados, 12,0-15,0 x 5,4µm. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 6,0-7,0 x 2,7µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78497).

Distribuição: Neotropical, raro nos paleotrópicos (Núñez & Ryvardeen 1995).

Discussão: O basidioma centralmente estipitado de coloração parda com margem ciliada distingue *P. tricholoma* das demais espécies de *Polyporus*. Encontrada anteriormente no Acre (Bononi 1992), Amazonas (Teixeira & Fidalgo 1983; Silva & Minter 1995), Maranhão, Rio de Janeiro (Teixeira & Fidalgo 1983), Paraná (Teixeira & Fidalgo 1983; Ryvardeen & Meijer 2002), Rio Grande do Sul (Teixeira & Fidalgo 1983; Silveira & Guerrero 1991), Rondônia (Capelari & Maziero 1988), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991) e São Paulo (Teixeira & Fidalgo 1983; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), representa nova ocorrência para o Nordeste.

Polyporus virgatus Berk. & M. A. Curtis,
Journ. Linn. Soc. Bot. 10: 304, 1868

(Fig 39, 93)

Sinônimos:

Polyporus guaraniticus Speg., Ann. Soc. Cien. Argent. 26: 6, 1883
Hexagonia pseudoprincipes Murr., North Am. Fl. 9: 49, 1907
Polyporus rubrocastaneus Lloyd, Mycol. Writ. 3: 183, 1912
Melanopus poilanei Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 43: 28, 1927

Basidioma anual, lateral a centralmente estipitado, ocasionalmente sub-estipitado. Píleo circular a espatulado, 2,5-5,5 x 5,0-9,0 x 0,2-0,3cm, estipe 1,0-2,0 x 0,5-0,8cm, concolor à superfície abhimenial. Superfície abhimenial glabra, radialmente estriada, MP8E10 (Seal), MP15A9 (Santos, Praline-, Nutmeg Dark Beaver+). Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MPA12 (Autumn), poros circulares, 1-3/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,0-2,7 μ m; hifas conectivas levemente amareladas, com parede espessa, 1,0-4,5 μ m. Basídios colapsados, mas “clavados, 20,0-25,0 x 6,0-10,0 μ m” (Núñez & Ryvarden 1995). Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 9,0-10,0 x 2,7 μ m.

Material examinado: Rio Grande do Norte: Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: I/2002 (URM78498).

Distribuição: Pantropical a subtropical (Núñez & Ryvarden 1995).

Discussão: Dentre as espécies de *Polyporus* com basidiosporo cilíndrico, *P. virgatus* pode ser diferenciada pelo estipe concolor à superfície abhimenial. Encontrada anteriormente na Bahia (Torrend 1938; Góes-Neto 1999) e Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991), representa nova ocorrência para o Rio Grande do Norte.

Pycnoporus sanguineus (L.: Fr.) Murr.,

Bull. Torrey Bot. Cl. 31: 421, 1904.

Basiônimo: *Polyporus sanguineus* L.: Fr., Syst. Mycol. 1: 371, 1821

(Fig. 40, 94)

Sinônimos:

Boletus sanguineus L., Sp. Pl. ed. 2, 1646, 1762

Polystictus sanguineus (L.: Fr.) Fr., Nov. Symb. 75, 1851

Trametes sanguinea (L.: Fr.) Lloyd, Mycol. Writ. 7: 1291, 1924

Coriolus sanguineus (L.: Fr.) Cunn., Bull. N. Z. Dept. Sci. Ind. Res. 81: 17, 1949

Basidioma anual, séssil, estipitado a subestipitado. Píleo flabeliforme, espatulado ou dimidiado, coriáceo, 1,0-6,0 x 0,7-5,5 x 0,1-0,7cm, estipe 0,3-1,0 x 0,2-0,5cm. Superfície abhimenial glabra, radialmente zonada ou não, MP3A11, MP3C12, MP3I12 (Tomato R Khiva). Margem, inteira, aguda, MP1B12 (Toboggan), MP2A11, MP9B2 (Polar Bear). Contexto 0,1cm, MP1A10, MP2A10. Superfície himenial poróide, MP4G12, MP5J12 (Monterrey), poros circulares a angulares, 5-6/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-3,6 μ m; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 5,5-7,0 μ m; hifas conectivas hialinas, com parede espessa, 1,8-2,5 μ m.

Basídios clavados, 9,0-10,5 x 3,6-5,5µm. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 4,5-5,4 x 2,7µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78427), VII/2001 (URM78428), XI/2001 (URM78429), I/2002 (URM78430), III/2002 (URM78431), V/2002 (URM78432); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78421), III/2001 (URM78422), em *Cocos nucifera* (coqueiro) em decomposição: VII/2001 (URM78423), XI/2001 (URM78424), I/2002 (URM78425), III/2002 (URM78426); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78417); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78418); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78411), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2001 (URM78412), VII/2001 (URM78413), em Apocynaceae (pau pereira) em decomposição: V/2002 (URM78414); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM78419), III/2001 (URM78420); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78402), V/2001 (URM78403), VII/2001 (URM78404), IX/2001 (URM78405), XI/2001 (URM78406), I/2002 (URM78407); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba): IX/2001 (URM78415); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78395), IX/2001 (URM78396), XI/2001 (URM78397), I/2002 (URM78398), III/2002 (URM78399), V/2002 (URM78400), VII/2002 (URM78401); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba): XI/2001 (URM78408), em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78409), III/2002 (URM78410).

Distribuição: Pantropical (Ryvarden & Johansen, 1980).

Discussão: O basidioma de coloração avermelhada distingue *P. sanguineus* das demais espécies encontradas. Relatada anteriormente para o Amapá (Sotão *et al.* 1991), Bahia (Góes-Neto 1999), Espírito Santo (Vinha 1988), Pará (Campos 2000), Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Silva & Minter 1995; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rio Grande do Sul (Silveira & Guerrero 1991; Groposo & Loguercio-Leite 2002), Rondônia (Capelari & Maziero 1988), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Gerber 1996) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Almeida-Filho *et al.* 1993; Jesus 1993; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), representa nova ocorrência para Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Chave para identificação das espécies de *Rigidoporus*

1. Cistídios ausentes *R. microporus*
 1'. Cistídios presentes 2
 2. Basidioma lateralmente estipitado, cistídios presentes *R. biokoensis*
 2'. Basidioma ressupinado a sésil 3
 3. Basidioma ressupinado a estreitamente efuso-reflexo, basidiosporos 3,6µm *R. vinctus*
 3'. Basidioma sésil, basidiosporos 4,5-5,4µm *R. lineatus*

Rigidoporus biokoensis (Lloyd) Ryvar den,

Norw. J. Bot. 19: 236, 1972

Basiônimo: *Polyporus biokoensis* Lloyd, Mycol. Writ. 3: 131, 1912

(Fig. 41, 95)

Basidioma anual, lateralmente estipitado, rígido. Píleo flabeliforme a espatulado, 0,6-1,5 x 0,5-1,5 x 0,1cm. Superfície abhimental glabra, zonada, MP12E6 (Walnut, Taffy), MP12E9 (Negro). Margem inteira, involuta quando seca. Contexto MP10B3 (Caen Stone, Freestone+, Bath Stone). Superfície himenial poróide MP11E6, MP16C5 (Goat, Rabbit-, Coam+, Plover+), poros circulares, 10/mm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas, com septo simples, parede fina a sólidas, 2,7-8,2µm. Basídios colapsados. Cistídios clavados e lanceolados, incrustados ou não apicalmente, 25,0-40,0 x 8,0-10,0µm. Basidiosporos globosos, hialinos, parede fina e lisa, 4,5-5,4µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78504), I/2002 (URM78504); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78501), V/2002 (URM78502); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78499), V/2002 (URM78500); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM78503).

Distribuição: Pantropical (Ryvarden & Johansen 1980).

Discussão: O basidioma lateralmente estipitado diferencia *R. biokoensis* das demais espécies de *Rigidoporus*. Representa nova ocorrência para o Brasil.

Rigidoporus lineatus (Pers.) Ryvar den,

Norw. J. Bot. 19: 236, 1972

Basiônimo: *Polyporus lineatus* Pers., Gaudichaud Bot. Frey. Voy. Monde: 174, 1827

(Fig. 42, 96)

Sinônimo:

Leptoporus moeszii Pilát, Sborn. Nat. Mus. Praha 9B: 101, 1953

Basidioma anual, séssil a efuso-reflexo, rígido. Píleo dimidiado, 2,0-7,0 x 1,0-4,0 x 0,2-0,4cm. Superfície abhimenial glabra, zonada, às vezes sulcada, Mp13D8, MP15C8 (Chukker Brown, Tamara Ck+) MP15E11 (Cowboy, New Bronze, Brussels Brwon), MP16A6 (Taupe), MP16C8. Margem inteira, obtusa, involuta quando seca. Contexto 0,1-0,2cm, MP10D5. Superfície himenial poróide, MP15C6 (Grey 31), poros circulares, 8-10/mm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas, com septo simples, parede fina a sólida, 2,5-7,5µm. Basídios clavados 12,0-15,0 x 5,4-7,0µm. Cistídios clavados apicalmente incrustados, geralmente embebidos no trama, 10,0-11,0µm de largura. Basidiosporos globosos, hialinos, parede fina e lisa, 4,5-5,4µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78524), III/2002 (URM78525), V/2002 (URM78526); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2002 (URM78519), I/2002 (URM78520); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Eschweilera* sp. (embiriba) viva: V/2002 (URM78513); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78521), V/2002 (URM78522); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78514), VII/2001 (URM78515), V/2002 (URM78516); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78517), III/2002 (URM78518); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Cecropia* sp. (embaúba) em decomposição: III/2002 (URM78523); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78506), V/2001 (URM78507), VII/2001 (URM78508), IX/2001 (URM78509), I/2002 (URM78510), III/2002 (URM78511), V/2002 (URM78512).

Distribuição: Tropical e subtropical (Núñez & Ryvarden 2001).

Discussão: *R. lineatus* difere de *R. microporus* pela presença de cistídios incrustados. Encontrada anteriormente no Amapá (Sotão *et al.* 1991), Bahia (Góes-Neto 1999), Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), Rio Grande do Sul (Silveira & Guerrero 1991; Groposo & Loguercio-Leite 2002), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Gerber 1996) e São Paulo (Jesus 1993; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), representa nova ocorrência para Alagoas, Paraíba e Pernambuco.

Rigidoporus microporus (Fr.) Overheem,

Icon. Fungorum Malayenesium 5: 1, 1924

Basiônimo: *Polyporus microporus* Fr., Syst. Mycol. 1: 376, 1821

(Fig. 43, 97)

Sinônimos:

Polyporus lignosus Klotzsch, Linnaea 8: 485, 1833

Rigidoporus lignosus (Klotzsch) Imazeki, Bull. Govt Forest Exp. Stn Meguro 57: 118, 1952

Oxyporus lignosus (Klotzsch) A. Roy & A. B. De, Mycotaxon 67: 406, 1998

Ungulina auberiana (Mont.) Pat., Essai Hymen.: 103, 1900

Basidioma anual, efuso-reflexo a séssil, rígido. Píleo dimidiado, 0,7-8,0 x 0,5-7,5 x 0,2-1,0cm. Superfície abhimenial glabra, zonada, às vezes sulcada, MP9B2 (Polar Bear), MP10C4 (Sunset), MP11B12 (Mandarino), MP12B6 (Tansan+), MP14D7 (Adobe). Margem inteira, aguda a obtusa, involuta quando seca. Contexto 0,1-0,2cm, MP1A1, MP8A11 (Wren), MP9B2 (Polar Bear), MP10C3 (Vanilla). Superfície himenial poróide, MP9B2 (Polar Bear), MP10E6 (Cornhusk), MP11B6 (Sundown), MP11B7 (Toltec), MP12A7 (Blush), MP14B6 (Deer+), poros circulares, 7-8/mm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas, com septo simples, parede fina a espessa, 3,5-7,0µm. Basídios clavados, 12,0-15,0 x 7,0-10,0µm. Basidiosporos globosos, hialinos, parede fina e lisa, 4,5-5,4µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78541), V/2001 (URM78542), VII/2001 (URM78543), III/2002 (URM78544), V/2002 (URM78545); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78539); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Anacardium occidentale* (cajueiro) em decomposição: III/2002 (URM78530); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78531), I/2002 (URM78532), III/2002 (URM78533), V/2002 (URM78534); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78535), VII/2001 (URM78536), I/2002 (URM78537), V/2002 (URM78538); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: I/2002 (URM78540); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78527), XI/2001 (URM78528), V/2002 (URM78529).

Distribuição: Áreas tropicais e subtropicais da Ásia, África e América (Ryvarden & Johansen 1980).

Discussão: *R. microporus* difere de *R. lineatus* pela ausência de cistídios. Encontrada anteriormente no Acre e Pará (Silva & Minter 1995), Amazonas (Torrend 1924; 1938) Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rio Grande do Sul (Groposo & Loguercio-Leite 2002), Rondônia (Capelari & Maziero 1988), Roraima (Jesus 1996), e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Jesus 1993; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta 1997; Gugliotta & Bononi 1999), trata-se do novo registro para Alagoas e Paraíba.

Rigidoporus vinctus (Berk.) Ryvarden,

Norw. J. Bot. 19: 139-144, 1972

Basiônimo: *Poria vincta* Berk., Ann. Mag. Nat. Hist. 2, 9: 196, 1852

(Fig. 44, 98)

Sinônimos:

Polyporus carneopallens Berk. & M. A. Curtis, Hook. J. Bot. 8: 235, 1856

Leptoporus carneopallens (Berk. & M. A. Curtis) Pat. in Duss, Enum. Methodique des champignons recueillies a la Guadeloupe a la Martinique: 28, 1903

Polyporus porphyrophaea Bres., Hedwigia 56: 296, 1915

Basidioma anual, ressupinado a levemente efuso-reflexo. Píleo dimidiado, 0,5 x 1,0 x 0,2cm. Superfície abhimental glabra, MP13D6 (Cracker). Margem inteira, obtusa, involuta quando seca. Contexto 0,1, MP13D6 (Cracker). Superfície himenial poróide, MP6A9 (Manon), poros circulares, 8-10/mm, tubos MP11C6 (Peachbeige-). Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas, com septo simples, parede fina a espessa, 1,8-7,0 μ m. Cistídios clavados e lanceolados, incrustados ou não, 30,0-63,0 x 10,0-15,0 μ m. Basídios clavados, 12,0-15,0 x 7,0-10,0 μ m. Basidiosporos globosos, hialinos, parede fina e lisa, 3,6 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78547), VII/2002 (URM78548); **Pernambuco:** Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma (praíba) em decomposição: III/2002 (URM78546).

Distribuição: Áreas tropicais e subtropicais (Ryvarden & Johansen 1980).

Discussão: O basidioma ressupinado, às vezes estreitamente efuso-reflexo, e os basidiosporos pequenos diferenciam *R. vinctus* das demais espécies de *Rigidoporus* encontradas. Encontrada anteriormente no Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Loguercio-Leite & Gerber 1997) e São Paulo (Bononi 1984; Jesus 1993; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), trata-se do novo registro para o Nordeste.

Chave para identificação das espécies de *Schizopora*

1. Basidiosporos globosos a subglobosos, 3,6 μ m, sistema hifálico monomítico..... *S. flavipora*
- 1'. Basidiosporos elípticos, 4,5 x 3,6 μ m, sistema hifálico dimítico *S. paradoxa*

Schizopora flavipora (Berk. & M. A. Curtis: Cooke) Ryvarden,
Mycotaxon 23: 186, 1985

Basiônimo: *Poria flavipora* Berk. & M. A. Curtis: Cooke, Grevillea 15: 25, 1886

Basidioma anual, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP10C3 (Vanilla), MP11E5 (Raffia), poros circulares, 3-4/mm. Sistema hifálico monomítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 3,6-4,5 μ m. Cistídios capitados e ventricosos, 13,0-18,0 x 2,7-2,7 μ m. Basídios clavados, 10,0 x 2,7-3,6 μ m. Basidiosporos globosos a subglobosos, hialinos, parede fina e lisa, 3,6 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78487); **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78484); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: V/2001 (URM78482), I/2002 (URM78483); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: XI/2001 (URM78485), em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78486).

Distribuição: Cosmopolita (Núñez & Ryvardeen 2001).

Discussão: O sistema hifálico monomítico e os basidiosporos globosos a subglobosos diferenciam *S. flavipora* de *S. paradoxa*. Relatada para o Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Gerber 1996; Loguercio-Leite & Gerber 1997) e São Paulo (Jesus 1993), representa nova ocorrência para o Nordeste.

Schizopora paradoxa (Schrad.) Donk,

Persoonia 5(1): 76, 1967

Basiônimo: *Hydnum paradoxum* Schrad., Spicil. Fl. Germ. 1: 179, 1794

(Fig. 46, 100)

Sinônimos:

Hyphodontia paradoxa (Schrad.) Langer & Vesterh., in Knudsen & Hansen, Nordic JI Bot. 16(2): 211, 1996

Irpex paradoxus (Schrad.) Fr., Epicrisis systematis mycologici: 522, 1838

Sistotrema paradoxum (Schrad.) Pers., Syn. meth. fung. 2: 225, 1801

Hydnum paradoxum Fr., Syst. Mycol. 1: 424, 1821

Basidioma anual, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP11D5 (Sweetmeat), MP12E7 (Cinnamon), poros circulares, 3/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,7-3,6 μ m; hifas esqueléteas raras, hialinas, parede

espessa, 3,6-4,5µm. Cistídios capitados e ventricosos, 13,0-18,0 x 2,7-2,7µm. Basídios clavados, 10,0 x 2,7-3,6µm. Basidiosporos elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 4,5 x 3,6µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78492), XI/2001 (URM78493); **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78488); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM78489), VII/2001 (URM78490), XI/2001 (URM78491).

Distribuição: Cosmopolita (Núñez & Ryvarde 2001).

Discussão: O sistema hifálico dimítico e os basidiosporos elípticos diferenciam *S. paradoxa* de *S. flavipora*. Encontrada anteriormente no Paraná (Ryvarde & Meijer 2002), Rio Grande do Sul (Rajchenberg 1987), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Loguercio-Leite & Gerber 1997), São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Hjoststam & Bononi 1986; Jesus 1993), trata-se de nova ocorrência para o Nordeste.

Skeletocutis lenis (P. Karst.) Niemelä,

Karstenia 31: 23, 1991

Basiônimo: *Physisporinus lenis* P. Karst. in Rabenh., Wint. Fungi. Eur. et Exeur., excs. 3527, 1886

(Fig. 47, 101)

Sinônimos:

Poria lenis (P. Karst.) Sacc., Meddn Soc. Fauna Flora fenn. 14: 82, 1887

Antrodia lenis (P. Karst.) Ryvarde, Norw. J. Bot. 20: 8, 1973

Diplomitoporus lenis (P. Karst.) Gilbn. & Ryvarde, Mycotaxon 22: 364, 1985

Basidioma anual, ressupinado. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, MP11C5 (Sweetmeat), poros circulares, 7/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,0-2,7µm; hifas esqueléteas raras, hialinas, parede espessa, 2,7-3,6µm. Cristais estelados abundantes, 4,5-10,0µm. Terminais de hifas incrustados projetando-se no himênio, 4,5-5,4µm de largura. Basídios clavados, 10,0 x 2,7-3,6µm. Basidiosporos não observados, mas “alantóides, hialinos, parede fina e lisa, 3,5-4,5 x 1,0-1,5µm” (Gilbertson & Ryvarde 1986).

Material examinado: **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78494).

Distribuição: Cosmopolita (Ryvarde & Gilbertson 1994).

Discussão: Os cristais e os terminais de hifas incrustados caracterizam *S. lenis*. Núñez & Ryvarde (2001) informam que citações prévias da espécie, principalmente nos trópicos, devem ser relevadas, pois a

maioria delas pode se referir à *S. vulgaris* (Fr.) Niemelä & Dai, que diferencia-se de *S. lenis* pelos basídios e basidiosporos menores e pela quase total ausência de cristais estrelados. Os autores ainda informam que espécimes tropicais podem ser um outro taxon. Encontrada anteriormente no Rio Grande do Sul (Rajchenberg 1987), representa novo registro para o Nordeste.

Stiptophyllum erubescens (Berk.) Ryvardeen,

Norw. J. Bot. 20: 4, 1973

Basiônimo: *Daedalea erubescens* Berk., Ann. Nat. hist. 4: 292, 1840

(Fig. 48, 102)

Sinônimos:

Cellularia erubescens (Berk.) Kuntze, Rev. Gen. Plant. 3(3): 452, 1898

Lenzites erubescens (Berk.) Cooke, Grevillea 13: 4, 1884

Xerotus erubescens (Berk.) Singer, Los Angeles County Mus. Contr. Sci. 24: 6, 1958

Basidioma anual, séssil. Píleo lateralmente estipitado, flabeliforme a semicircular, 3,0-10,0 x 3,0-6,5 x 0,5cm, estipe 0,5-3,0 x 0,5-1,0, MP11C4. Superfície abhimenial glabra, MP14G8, MP15C8 (Chukker Brown, Tamarack). Margem inteira, concolor à superfície abhimenial. Contexto 0,1cm, MP16A12 (Biskra Date-). Superfície himenial lamelada, MP15C6 (Grey 31), MP15E7 (Acorn, Meadowlark+), 1 lamela/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede fina, 1,8-2,7µm; hifas esqueléteas amareladas, parede espessa, 2,7-5,4µm. Basídios clavados, 25,0-30,0 x 3,6-7,2µm. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 10,0-13,0 x 3,6-4,0µm.

Material observado: **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em *Protium heptaphyllum* (amescla) em decomposição: XI/2001 (URM78495), em *Caesalpinia* sp. (pau ferro) em decomposição: V/2002 (URM78496).

Distribuição: América do Sul (Ryvardeen 1973).

Discussão: O basidioma lateralmente estipitado, a superfície abhimenial glabra e a superfície himenial lamelada distinguem *S. erubescens* das demais espécies encontradas. Encontrada anteriormente no Acre (Bononi 1992) e no Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), representa nova ocorrência para o Nordeste.

Chave para identificação das espécies de *Trametes*

1. Basidioma rígido, com superfície abhimenial castanho-avermelhada junto à base *T. cubensis*
- 1'. Basidioma flexível, sem coloração castanho-avermelhada junto à base 2
2. Superfície abhimenial glabra, radialmente zonada, basidiosporos 5,5-5,4 x 1,8µm *T. membranacea*

2°. Superfície abhiminal tomentosa, concentricamente zonada, basidiosporos 5,0-6,0 x 3,0-4,0µm

..... *T. pavonia*

Trametes cubensis (Mont.) Sacc.,

Syll. Fung. 9: 198, 1891.

Basiônimo: *Polyporus cubensis* Mont., Ann. Sci. Nat. ser. 2, 8: 364, 1837

(Fig. 49, 103)

Sinônimos:

Ungulina cubensis (Mont.) Pat., Essai Hymen.: 102, 1900

Cubamyces cubensis (Mont.) Murr., Bull. Torrey Bot. Club. 32(9): 480, 1905

Daedalea cubensis (Mont.) A. Roy, Can. J. Bot. 60(6): 1015, 1982

Lenzites cubamyces Teixeira, Revista Brasileira de Botânica 15(2): 126, 1992

Basidioma anual, séssil ou com base atenuada. Píleo dimidiado, rígido, 7,5-16,0 x 5,0-14,0 x 0,1-3,5cm. Superfície abhiminal glabra, zonada, MP13J9 (Hazel Noiset Muffin) junto à base, MP16A12. Margem inteira, aguda, MP9A1, MP10A1, MP14I9. Contexto homogêneo, 0,1-0,5cm, MP9B2 (Polar Bear), MP13C7. Superfície himenial poróide, MP10D2 (Polar Bear), MP12B4, poros circulares, 4-6/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,0-3,6µm; hifas esqueléteas amareladas, com parede espessa, 4,5-6,3µm; hifas conectivas hialinas, com parede fina, 1,8-2,7µm. Basídios clavados, 7,5-12,0 x 4,5-7,0µm. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 5,4-6,3 x 1,0-2,7µm.

Material examinado: Pernambuco: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78555), I/2002 (URM78556); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM78549), XI/2001 (URM78550), I/2002 (URM78551), III/2002 (URM78552, 78553), V/2002 (URM78554).

Distribuição: América tropical (Gilbertson & Ryvardeen, 1987).

Discussão: A superfície abhiminal castanho-avermelhada junto à base distinguem *T. cubensis* das demais espécies de *Trametes*. Encontrada anteriormente na Bahia (Góes-Neto 1999), Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Loguercio-Leite 1993) e São Paulo (Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999).

Trametes membranacea (Sw.: Fr.) Kreisel,

Ciências Biol. ser. 4, nº 16: 83, 1971.

Basiônimo: *Boletus membranaceus* Sw., Nov. Gen. Sp. Pl. Prodr. Descr. Veg. 148, 1788

Sinônimos:

Polyporus membranaceus (Sw.) Fr., Syst. Mycol. 1: 370, 1821

Polystictus membranaceus (Sw.) Berk., Ann. Mag. nat. Hist. 10: 378, 1843

Polystictus membranaceus (Sw.) Fr., Nova Acta Soc. Sci. Upsal. 3, 1: 93, 1851

Microporus membranaceus (Sw.) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 3(3): 496, 1898

Coriolus membranaceus (Sw.) Pat., Essai Taxon. Hyménom. 94, 1900

Polystictus tenuis (Link) Cooke, Grevillea 14(71): 87, 1886

Basidioma anual, séssil, imbricado. Píleo flabeliforme, membranáceo a papiráceo, 1,5-5,0 x 0,4-3,0 x 0,1-0,3cm. Superfície abhimental glabra, zonada, radialmente estriada, MP1A7, MP10A1, MP25A1. Margem inteira, lobada a fimbriada, aguda, MP10E2. Contexto homogêneo, 0,05cm, MP1A1, MP1A7, MP25A1. Superfície himenial poróide, MP10E2, poros circulares a angulares, 4-5/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5-5,0 μ m; hifas esqueléteas amareladas, 3,5-10,0 μ m; hifas conectivas hialinas, com parede fina, 1,8-3,6 μ m. Basídios clavados, 7,5-10,0 x 5,0 μ m. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, parede fina e lisa, 4,5-5,4 x 1,8 μ m.

Material examinado: **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78564); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: VII/2001 (URM78559), XI/2001 (URM78560), em *Protium heptaphyllum* (amescla) em decomposição: XI/2001 (URM78561), em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78562), em angiosperma (marfim) em decomposição: V/2002 (URM78563); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78565), VII/2001 (URM78566); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78567); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78557), V/2002 (URM78558).

Distribuição: América tropical até o norte da Argentina (Gilbertson & Ryvardeen, 1987).

Discussão: O basidioma papiráceo e flabelado e os basidiosporos cilíndricos diferenciam *T. membranacea* de *T. pavonia*. Anteriormente registrada no Amapá (Sotão *et al.* 1991), Bahia (Góes-Neto 1999) Paraná (Ryvardeen & Meijer 2002), Pernambuco (Cavalcanti 1976; Gibertoni & Cavalcanti 2003) e Rio Grande do Sul (Silveira & Guerrero 1991; Groposo & Loguercio-Leite 2002), representa nova ocorrência para a Paraíba.

Trametes pavonia (Hooker) Ryvardeen,

Norw. J. Bot. 19: 237, 1972

Basiônimo: *Boletus pavonius* Hooker in Kunth., Syn. Pl. 1: 10, 1822

(Fig. 105)

Sinônimo:

Polyporus pavonius (Hooker) Fr., Epicr. Syst. Mycol.: 477, 1838

Basidioma anual, séssil. Píleo flabeliforme a reniforme, coriáceo, 1,5-5,0 x 0,4-3,0 x 0,1-0,3cm. Superfície abhimenial tomentosa, zonada, MP11F6. Margem inteira, aguda. Contexto homogêneo, 0,1cm, MP11B3 (Champagne+, Belleek), MP13E8. Superfície himenial poróide, MP11C5 (Sweetmeat), MP14G9, poros circulares, 5/mm. Sistema hifálico trimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 3,6 μ m; hifas esqueléteas amareladas, 4,5-7,2 μ m; hifas conectivas hialinas, com parede espessa, 1,8-2,7 μ m. Basídios clavados, 7,5-10,0 x 3,6-4,5 μ m. Basidiosporos não observados, mas “elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 5,0-6,0 x 3,0-4,0 μ m” (Gilbertson & Ryvardeen 1987).

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78574), III/2002 (URM78575), V/2002 (URM78576); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM78572), V/2002 (URM78573); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM78568), V/2002 (URM78569), VI/2002 (URM78570); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM78571).

Distribuição: América tropical até o norte da Argentina (Gilbertson & Ryvardeen, 1987).

Discussão: O basidioma flexível e concentricamente zonado e os basidiosporos elípticos diferenciam *T. pavonia* de *T. membranacea*. Relatada anteriormente para o Brasil por Torrend (1938) que, no entanto, não especificou a localidade, e Santa Catarina Neves & Loguercio-Leite 1999).

Chave para identificação das espécies de *Trichaptum*

- 1. Basidioma dimidiado, marrom escuro, superfície himenial estrigosa *T. perrottetii*
- 1'. Basidioma flabeliforme, esbranquiçado a cinéreo, superfície himenial velutina *T. sector*

Trichaptum perrottetii (Lév.) Ryvardeen,

Norw. J. Bot. 19: 237, 1972

Basiônimo: *Polyporus perrottetii* Lév., Ann. Sci. Nat. Ser. 3, 2: 195, 1844

(Fig. 51, 106)

Sinônimos:

Polyporus trichomallus Berk. & Mont., Ann. Sci. Nat. Bot. Ser 3, 11: 238, 1849

Trichaptum trichomallum (Berk. & Mont.) Murrill, 1904

Basidioma anual, séssil a efuso-reflexo, usualmente imbricado. Píleo dimidiado, coriáceo, 0,4-2,5 x 0,6-1,5cm. Superfície abhimenial estrigosa, MP16A12 (Biskra Date-). Margem inteira. Contexto reduzido. Superfície himenial poróide, poros circulares, 2-3/mm, MP11C9 (Bronze Brown). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,5µm; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa, 2,5-5,0µm. Cistídios clavados a fusiformes, lisos ou apicalmente incrustados, 10,0-15,0 x 2,7µm. Basídios clavados, 12,5-15,0 x 3,6-5,4µm. Basidiosporos não observados, mas “cilíndricos a oblongo-elípticos, hialinos, com parede fina e lisa, 5,0-7,0 x 2,0-3,5µm” (Gilbertson & Ryvardeen, 1987).

Material examinado: **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78577), I/2002 (URM78578), III/2002 (URM78579), V/2002 (URM78580); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em Arecaceae (palmeira) em decomposição: V/2002 (URM78581).

Distribuição: América tropical até a Argentina (Gilbertson & Ryvardeen, 1987).

Dicussão: A superfície abhimenial estrigosa caracteriza *T. perrottetti*. Anteriormente encontrada no Amapá (Sotão *et al.* 1991), Bahia (Torrend 1938; Góes-Neto 1999), Pará (Silva & Minter 1995), Pernambuco (Cavalcanti 1976) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Bononi 1984), representa nova ocorrência para a Paraíba.

Trichaptum sector (Ehrenb.: Fr.) Kreisel,

Ciências Ser. 4 Ciênc. Biol. 16: 84, 1971

Basiônimo: *Boletus sector* Ehrenb., Horae Phys. Berol.: 86, 1820

(Fig. 52, 107)

Sinônimos:

Polyporus sector (Ehrenb.) Fr., Syst. Mycol. 1: 505, 1821

Polystictus sector (Ehrenb.) Fr., Syll. fung. 6: 285, 1888

Coriolus sector (Ehrenb.) Pat., Essai Hymen.: 94, 1900

Polystictus nebularis Cooke, Grevillea 15: 23, 1886

Basidioma anual, pileado, usualmente imbricado. Píleo flabeliforme, coriáceo, 0,4-2,5 x 0,6-1,5cm. Superfície abhimenial velutina, zonada, MP12B4 (Long Beach+). Margem sinuosa, MP25A1. Contexto homogêneo a dúplex, reduzido, até 0,1cm, MP15A5 (Log Cabin+). Superfície himenial poróide, poros circulares a angulares, 5/mm, MP16A7 (Eagle, Clove Brown). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas

hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,0-5,0 μ m; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa, 2,5-5,0 μ m. Cistídios clavados a fusiformes, lisos ou apicalmente incrustados, 11,0-14,0 x 3,6-4,5 μ m. Basídios clavados, 10,0 x 4,5 μ m. Basidiosporos cilíndricos, hialinos, com parede fina e lisa, 5,4-6,3 x 1,8-2,7 μ m.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2002 (URM78597); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM78593); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78589), I/2002 (URM78590), III/2002 (URM78591); Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM78584), I/2002 (URM78585); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: I/2002 (URM78583), V/2002 (URM78582); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78592); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM78586), V/2001 (URM78587), VII/2001 (URM78588); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM78594), III/2002 (URM78596), em *Byrsonima* sp. (murici) em decomposição: III/2002 (URM78595).

Distribuição: América tropical até o norte da Argentina (Gilbertson & Ryvarden, 1987).

Dicussão: O basidioma flabeliforme esbranquiçado a acinzentado e a superfície himenial cinérea caracterizam *T. sector*. Relatada anteriormente para o Amazonas e Pará (Silva & Minter 1995), Bahia (Torrend 1938; Góes-Neto 1999), Paraná (Ryvarden & Meijer 2002), Pernambuco (Gibertoni & Cavalcanti 2003, redeterminada como *T. sector*), Rio Grande do Sul (Silveira & Guerrero 1991), Rondônia (Capelari & Maziero 1988), Santa Catarina (Loguercio-Leite & Wright 1991; Gerber 1996) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Bononi 1984; Almeida-Filho *et al.* 1993; Gugliotta & Capelari 1995; Gugliotta & Bononi 1999), representa nova ocorrência para Alagoas e Paraíba.

4.2.7.1. Referências Bibliográficas

- Ainsworth, G. C. 1976. **Introduction to the History of Mycology**. Cambridge University Press, Londres, 359p.
- Almeida-Filho, O. M.; Bueno, R. & Bononi, V. L. R. 1993. Alguns espécies de fungos basidiomicetos dos manguezais do estado de São Paulo. **Hoehnea** 20(1/2): 87-92.
- Bononi, V. L. R. 1984. Basidiomicetos do cerrado da Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP. **Rickia** 11: 1-25.
- Bononi, V. L. R. 1992. Fungos macroscópicos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Hoehnea** 19(1/2): 31-37.

- Bononi, V. L. R.; Trufem, S. F. B & Grandi, R. A. P. 1981. Fungos macroscópicos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil, depositados no herbário do Instituto de Botânica. **Rickia** **9**: 37-53.
- Capelari, M. & Maziero, R. 1988. Fungos macroscópicos do estado de Rondônia, região dos rios Jaru e Ji-Paraná. **Hoehnea** **15**: 28-36.
- Carranza-Morse, J. & Gilbertson, R. L. 1986. Taxonomy of the *Fomitopsis rosea* complex (Aphyllphorales, Polyporaceae). **Mycotaxon** **25**: 469-486.
- Cavalcanti, M. A. Q. 1976. **Introdução ao conhecimento dos basidiomicetos poliporóides da Zona da Mata de Pernambuco**. Tese de Livre-Docência, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 200p.
- Cavalcanti, M. A. Q. 1983. Basidiomicetos poliporóides destruidores de madeiras em serrarias do Recife. **Revista Pernambucana de Tecnologia** **3**(3): 83-87.
- Cavalcanti, M. A. Q. 1987. Ocorrência de *Albatrellus ovinus* no Brasil. **Boletín Micológico** **3**(2): 139-143.
- Decock, C. & Ryvarden, L. 1999. Studies in neotropical polypores 1. Some coloured resupinate *Perenniporia* species. **Mycological Research** **103**(9): 1138-1144.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllphorales. **Persoonia** **3**: 199-324.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1958. Notes on *Lenzites cinnamomea* Fr. **Mycologia** **50**(5): 753-756.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1959. Notes on *Xerotus* afer. Fr. **Mycologia** **51**(1): 51-55.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1962. The genus *Osmoporus* Sing. **Rickia** **1**: 95-139.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1965. Two brazilian polypores described by Hennings. **Rickia** **2**: 107-119.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1968a. Contribution to the fungi of Mato Grosso, Brazil. **Rickia** **3**: 171-219.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1968b. Typification of genus *Hexagona* Fr. **Taxon** **17**(1): 37-43.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1968c. The genus *Hexagona*. **Memoirs of the New York Botanical Garden** **17**(2): 35-108.
- Fidalgo, O. & Capelari, M. 1983. *Favolus* P. Beauv. ex Fr. emend. Fr. and its binomial combinations. **Revista de Biologia** **12**: 139-170.
- Fidalgo, O. 1958a. The nomenclatural status of *Daedalea* Pers. ex Fr. and related genera. **Taxon** **7**(5): 133-140.
- Fidalgo, O. 1958b. Studies on *Spongipellis borealis* (Fr.) Pat. **Mycopathologia et Mycologia Applicata** **10**(1): 1-18.
- Fidalgo, O. 1959a. Binomial combinations related to *Polyporus acanthoides* Fr. **Bulletin of the Torrey Botanical Club** **86**(2): 130-136.
- Fidalgo, O. 1959b. Studies on *Ptychogaster rubescens* Boud. the chlamydosporiferous form of *Polyporus guttulatus* Pk. **Mycologia** **50**(6): 831-836.
- Fidalgo, O. 1962a. Anatomical observations on the genus *Bornetina* Mangin & Viala. **Rickia** **1**: 139-143.

- Fidalgo, O. 1962b. Types studies and revision of the genus *Diacanthodes* Sing. **Rickia** **1**: 145-180.
- Fidalgo, O. 1963. Studies on the type species of the genus *Hydnopolyporus* Reid. **Mycologia** **55**(6): 713-727.
- Fidalgo, O. 1965. Conhecimento micológico dos índios brasileiros. **Rickia** **2**: 1-10.
- Fidalgo, O. 1968a. Introdução à história da micologia brasileira. **Rickia** **3**: 1-44.
- Fidalgo, O. 1968b. *Phellinus pachyphloeus* and its allies. **Memoirs of the New York Botanical Garden** **17**(2): 109-147.
- Fidalgo, O. 1969. Revision of the genus *Heteroporus* Láz. emend. Donk. **Rickia** **4**: 1-52.
- Fries, E. M. 1874. **Hymenomyces Europaei sive Epiriseos Systematis Mycologici**. Uppsala, 755p.
- Gerber, A. L. & Loguercio-Leite, C. 1997. New records of polypores (Aphylllophorales) from southern Brazil. **Mycotaxon** **62**: 305-318.
- Gerber, A. L. & Loguercio-Leite, C. 2000. Polyporoid wood-rotting fungi (Basidiomycetes) II - New records from Southern Brazil. **Mycotaxon** **76**: 175-185.
- Gerber, A. L. 1996. Fungos xilófilos poróides (Aphylllophorales) no Morro da Lagoa da Conceição, Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. **Insula** **25**: 3-68.
- Gerber, A. L.; Neves, M. A. & Loguercio-Leite, C. 1999. Some species of *Perenniporia* Murril (Poriales, Basidiomycotina) from Southern Brazil. **Revista Brasileira de Botânica** **22**(2): 185-193.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2000. Novos registros de Aphylllophorales para o Brasil. **Acta Botanica Brasilica** **14**(3): 267-271.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. A mycological survey of the Aphylllophorales (Basidiomycotina) of the Atlantic Rain Forest in the state of Pernambuco, Brazil. **Mycotaxon** **89**: 203-211.
- Gibertoni, T. B.; Ryvarde, L & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. New polypores (Basidiomycota) from Brazil. **Synopsis Fungorum** **16**:
- Gilbertson, R. L. & Ryvarde, L. 1986. **North American Polypores**. Vol. 1. Fungiflora, Oslo, 433p.
- Gilbertson, R. L. & Ryvarde, L. 1987. **North American Polypores**. Vol. 2. Fungiflora, Oslo, 446p.
- Góes-Neto, A. 1999. Polypore diversity in the state of Bahia, Brazil: a historical review. **Mycotaxon** **72**: 43-56.
- Góes-Neto, A.; Marques, M. F. O.; Andrade, J. D. & Santos, D. S. 2003. Lignicolous aphylllophoroid Basidiomycota in an Atlantic Forest fragment in the semi-arid caatinga region of Brazil. **Mycotaxon** **88**: 359-364.
- Groposo, C. & Loguercio-Leite, C. 2002. Fungos poliporóides xilófilos (Basidiomycetes) da Reserva Biológica Tancredo Neves, Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia, sér. bot.**, **57**(1): 39-59.

- Gugliotta, A. M. & Bononi, V. L. R. 1999. Polyporaceae do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, São Paulo, Brasil. **Boletim do Instituto de Botânica** 12: 1-112.
- Gugliotta, A. M. & Capelari, M. 1995. Polyporaceae from Ilha do Cardoso, SP, Brazil. **Mycotaxon** 56: 107-113.
- Gugliotta, A. M. 1997. Polyporaceae da mata ciliar da Estação Experimental e Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP, Brasil. **Hoehnea** 24(2): 89-106.
- Gugliotta, A. M.; Capelari, M. & Bononi, V. L. R. 1996. Estudo taxonômico das espécies do grupo *Polyporus dictyopus* Mont. (Polyporaceae, Aphyllophorales). **Revista Brasileira de Botânica** 19(2): 185-192.
- Hawksworth, D. L.; Kirk, D. M.; Sutton, B. C. & Pegler, D. N. 1995. **Ainsworth & Bisby's dictionary of the fungi**. CAB International, Cambridge, 616p.
- Hibbet, D. S. & Donoghue, M. J. 1995. Progress toward a phylogenetic classification of the Polyporaceae through parsimony analysis of mitochondrial ribosomal DNA sequences. **Canadian Journal of Botany** 73(supl. 1): 853-861.
- Hjortstam, K. & Bononi, V. L. R. 1986a. Fungos corticióides do Brasil (Aphyllophorales). **Rickia** 13: 113-125.
- Jesus, M. A. 1993. Basidiomicetos lignocelulolíticos de floresta nativa e de *Pinus eliottii* Engelm. do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. **Hoehnea** 20(1/2): 119-126.
- Jesus, M. A. 1996. Contribution to the knowledge of wood-rotting fungi in Brazil. II. Check-list of fungi from Maracá Island, Roraima State. **Mycotaxon** 57: 323-328.
- Kirk, P. M.; Cannon, P. F.; David, J. C. & Stalpers, J. A. 2001. **Dictionary of Fungi**. 9ed. CABI Publishing, Surrey, 655p.
- Loguercio-Leite, C. 1985. Estudos biológicos em culturas de *Panus* Fr. (Basidiomycetes) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Insula** 15:117-140.
- Loguercio-Leite, C. & Gerber, A. L. 1997. Non-pileate polypores on Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** 64: 285-301.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1991a. Contribution to a biogeographical study of the Austro-American xylophilous polypores (Aphyllophorales) from Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** 41: 161-166.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1991b. New South American polypores (Polyporaceae) from Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** 41: 161-166.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1998. *Diplomitoporus dilutabilis*, a new species of Polyporaceae (Aphyllophorales) from Santa Catarina Island, Brazil. **Mycotaxon** 68: 47-51.

- Loguercio-Leite, C. 1993. Polyporaceae II. *Trametes* na Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. **Insula** **22**: 3-20.
- Loguercio-Leite, C. 1994. Polyporaceae na Ilha de Santa Catarina III. O gênero *Hexagonia* Fr. **Insula** **23**: 3-14.
- Loguercio-Leite, C.; Gerber, A. L. & Ryvardeen, L. 1998. *Wrightoporia porilacerata*, a new species of pore fungi from southern Brazil. **Mycotaxon** **67**: 251-255.
- Loguercio-Leite, C.; Gonçalves, G. V. C. & Ryvardeen, L. 2001. Studies in Neotropical polypores 13. *Ceriporiopsis cystidiata* sp. nov. **Mycotaxon** **79**: 285 - 288.
- Loguercio-Leite, C.; Ryvardeen, L. & Groposo, C. 2002. Studies in neotropical polypores 16. *Rubroporus carneoporis* genus & species nova. **Mycotaxon** **83**: 223 - 227.
- Melo, P. P. P. 1939. O “Saporema” em Pernambuco. **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio** **4**(2): 127-129.
- Neves, M. A. & Loguercio-Leite, C. 1999. Cultural characteristics and taxonomy of some polypores (Aphyllphorales) from Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** **70**: 193-202.
- Núñez, M. & Ryvardeen, L. 1995. ***Polyporus (Basidiomycotina) and related genera***. Synopsis Fungorum 10, Fungiflora, Oslo, 85p.
- Núñez, M. & Ryvardeen, L. 2001. **East Asian Polypores**. Vol. 2. Synopsis Fungorum 14, Fungiflora, Oslo, 352p.
- Patouillard, N. 1900. **Essai taxonomique sur les familles et genres des Hyménomycètes**. Tese, Lons-le-Saumiers, 184p.
- Pegler, D. N. 1983. The genus *Lentinus* – A world monograph. **Kew Bulletin Additional Series X**: 1-281.
- Rajchenberg, M. 1986. On *Trametes aethalodes* and other species of *Daedalea* (Polyporaceae). **Canadian Journal of Botany** **64**: 2130-2135.
- Rajchenberg, M. 1987. Type studies of Polyporaceae (Aphyllphorales) described by J. Rick. **Nordic Journal of Botany** **7**: 553-568.
- Rick, J. 1904. Fungos do Rio Grande do Sul. **Brotéria, ser. bot.** **3**: 276-293.
- Rick, J. 1906. Pilze aus Rio Grande do Sul. **Brotéria, ser. bot.** **5**: 5-53.
- Rick, J. 1924. Contributio ad monographian polyporacearum Riograndensium II. **Brotéria, ser. bot.** **21**: 5-11.
- Rick, J. 1925. O gênero *Fomes* no Rio Grande do Sul. **Egatea** **10**: 253-260.
- Rick, J. 1934. Polypori Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **3**: 180-189.
- Rick, J. 1935. Polysticti Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **4**: 121-138.
- Rick, J. 1936a. Polypori Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **5**: 17-27; 84-94.
- Rick, J. 1936b. Polysticti Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat.** **5**: 171-178.

- Rick, J. 1937a. Polysticti Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat. 6**: 81-87.
- Rick, J. 1937b. Poriae Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat. 6**: 128-152.
- Rick, J. 1937c. Polyporaceae Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat. 6**: 153-168.
- Rick, J. 1938. Monografia das poliporíneas Riograndenses. **Brotéria, ser. cienc. nat. 7**: 5-21.
- Rick, J. 1940a. O gênero *Polystictus* no Rio Grande do Sul. II. **Anais da Reunião Sul-Americana de Botânica 2**: 251-270.
- Rick, J. 1940b. *Polyporus* Riograndenses. II. **Anais da Reunião Sul-Americana de Botânica 2**: 271-307.
- Rick, J. 1959. Basidiomycetes Eubasidii in Rio Grande do Sul. **Iheringia, ser. bot. 5**: 142-192.
- Ryvarden, L & Gilbertson, R. L. 1993. **European Polypores**. Vol. 1. Fungiflora, Oslo, 387p.
- Ryvarden, L & Johansen, I. 1980. **A preliminary polypore flora of East Africa**. Fungiflora, Oslo, 636p.
- Ryvarden, L. & Guzmán, G. 1993. New and interesting polypores from Mexico. **Mycotaxon 47**: 1-23.
- Ryvarden, L. & Meijer, A. A. R. 2002. Studies in neotropical polypores 14. New species from the state of Paraná, Brazil. **Synopsis Fungorum 15**: 34-69.
- Ryvarden, L. 1973. New genera in the Polyporaceae. **Norwegian Journal of Botany 20**: 1-5.
- Ryvarden, L. 1984. Type studies in the Polyporaceae 16. Species described by J. M. Berkeley, either alone or with other mycologists from 1856 to 1886. **Mycotaxon 20**: 329-363.
- Ryvarden, L. 1985. Type studies in the Polyporaceae 17. Species described by W. A. Murril. **Mycotaxon 23**: 169-198.
- Ryvarden, L. 1991. **Genera of Polypores - Nomenclature and Taxonomy**. Synopsis Fungorum 5, Fungiflora, Oslo, 363 p.
- Silva, J. V. B. 1987. **Contribuição ao conhecimento dos fungos poliporáceos na arborização da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 106p.
- Silva, M. & Minter, D. W. 1995. Fungi from Brasil - Recorded by Batista and co-workers. **Mycological Papers 169**: 1-585.
- Silveira, R. M. B. & Guerrero, R. T. 1991. Aphylophorales poliporóides (Basidiomycetes) do Parque Nacional de Aparados da Serra, Rio Grande do Sul. **Boletim do Instituto de Biociências 48**: 1-127.
- Sótão, H. M. P.; Bononi, V. L. R. & Figueiredo, T. S. 1991. Basidiomycetes de manguezais da Ilha de Maracá, Amapá, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, sér. bot. 7(1)**: 109-114.
- Sousa, M. A. 1980. **O gênero *Phellinus* Quélet (Hymenochaetaceae) na Amazônia brasileira**. Tesede Doutorado, Instituto de Pesquisas Amazônicas/Fundação Universidade do Amazonas, Manaus, 190p.
- Teixeira, A. R. & Fidalgo, O. 1983. *Polyporus tricholoma* Mont. (Polyporaceae). **Revista Brasileira de Botânica 6(2)**: 129-132.

- Teixeira, A. R. 1945. Himenomicetos Brasileiros - Hymeniales - Thelephoraceae. **Bragantia** 5(7): 397-434.
- Teixeira, A. R. 1946. Ensaio para a taxonomia das poliporáceas. **Bragantia** 6: 299-352.
- Teixeira, A. R. 1948. Himenomicetos brasileiros IV. Polyporaceae. **Bragantia** 8: 75-80.
- Teixeira, A. R. 1950. Himenomicetos brasileiros V. Polyporaceae. **Bragantia** 10: 113-122.
- Teixeira, A. R. 1958. Tipificação do gênero *Fomes* (Fr.) Kickx. **Arquivos de Botânica** 3(4): 165-174.
- Teixeira, A. R. 1962. Microestruturas do basidiocarpo e sistemática do gênero *Fomes* (Fr.) Kickx. **Rickia** 1: 13-93.
- Teixeira, A. R. 1983. “Dura lex sed lex” - correta determinação de lectótipos de trinta gêneros de Polyporaceae. **Rickia** 10: 105-122.
- Teixeira, A. R. 1992. New combinations and new names in the Polyporaceae. **Revista Brasileira de Botânica** 15(2): 125-127.
- Teixeira, A. R. 1993. Chave para identificação dos gêneros de Polyporaceae com base na morfologia do basidiocarpo. **Boletim do Instituto de Botânica** 8: 1-55.
- Teixeira, A. R. 1994. Genera of Polyporaceae: an objective approach. **Boletim da Chácara Botânica de Itu** 1: 1-91.
- Teixeira, A. R. 1995. **Método para estudo das hifas do basidiocarpo de fungos poliporáceos**. Manual nº 6, Instituto de Botânica, São Paulo, 20p.
- Torrend, C. 1920a. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, ser. bot.** 18: 23-43.
- Torrend, C. 1920b. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, ser. bot.** 18: 121-142.
- Torrend, C. 1924. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, ser. bot.** 21(1): 12-42.
- Torrend, C. 1926. Les polyporacées stipitées du Brésil. **Brotéria, ser. bot.** 22: 5-19.
- Torrend, C. 1935. Les polyporacées du Brésil. **Brotéria, ser. cien. nat.** 31: 108-120.
- Torrend, C. 1940. As poliporáceas da Bahia e estados limítrofes. **Anais da Reunião Sul-Americana de Botânica – 1938, 2**: 325-341.
- Vinha, P. C. 1988. Fungos macroscópicos do estado do Espírito Santo depositados no Herbário Central da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. **Hoehnea** 15: 57-64.

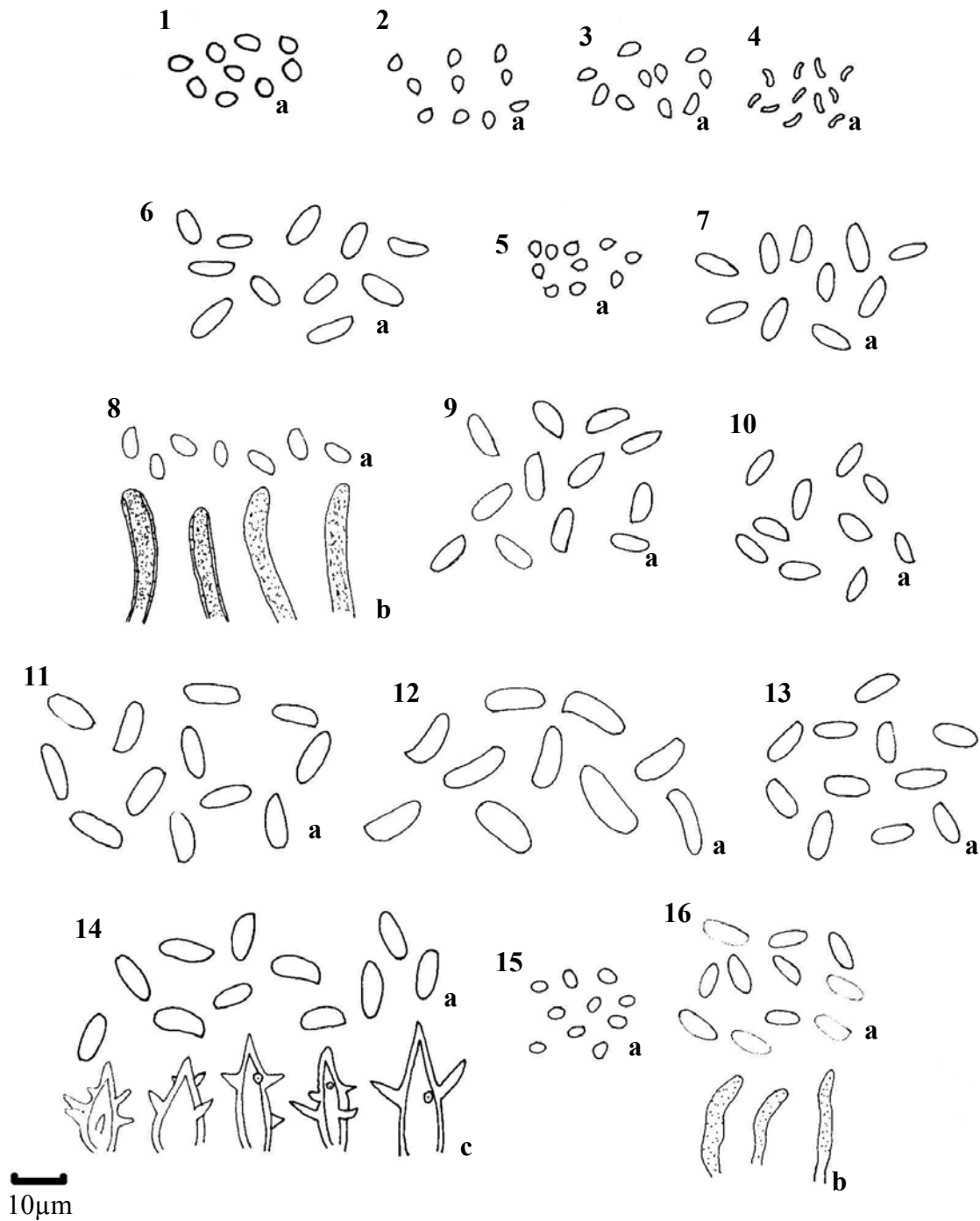


Figura 1. *Antrodiella angulatopora*; 2. *A. hydrophila*; 3. *A. semisupina*; 4. *A. versicutis*; 5. *Ceriporiopsis flavilutea*; 6. *Cerreña sclerodepsis*; 7. *Corioliopsis rigida*; 8. *Daedalea aethalodes*; 9. *Datronia caperata*; 10. *D. scutellata*; 11. *D. stereoides*; 12. *Dichomitus cavenulosus*; 13. *Earliella scabrosa*; 14. *Echinochaete brachyporus*; 15. *Flabellophora obovata*; 16. *Fomes fasciatus*. Basidiosporos (a), terminais de hifas incrustados (b), cistídios equinulados (c).

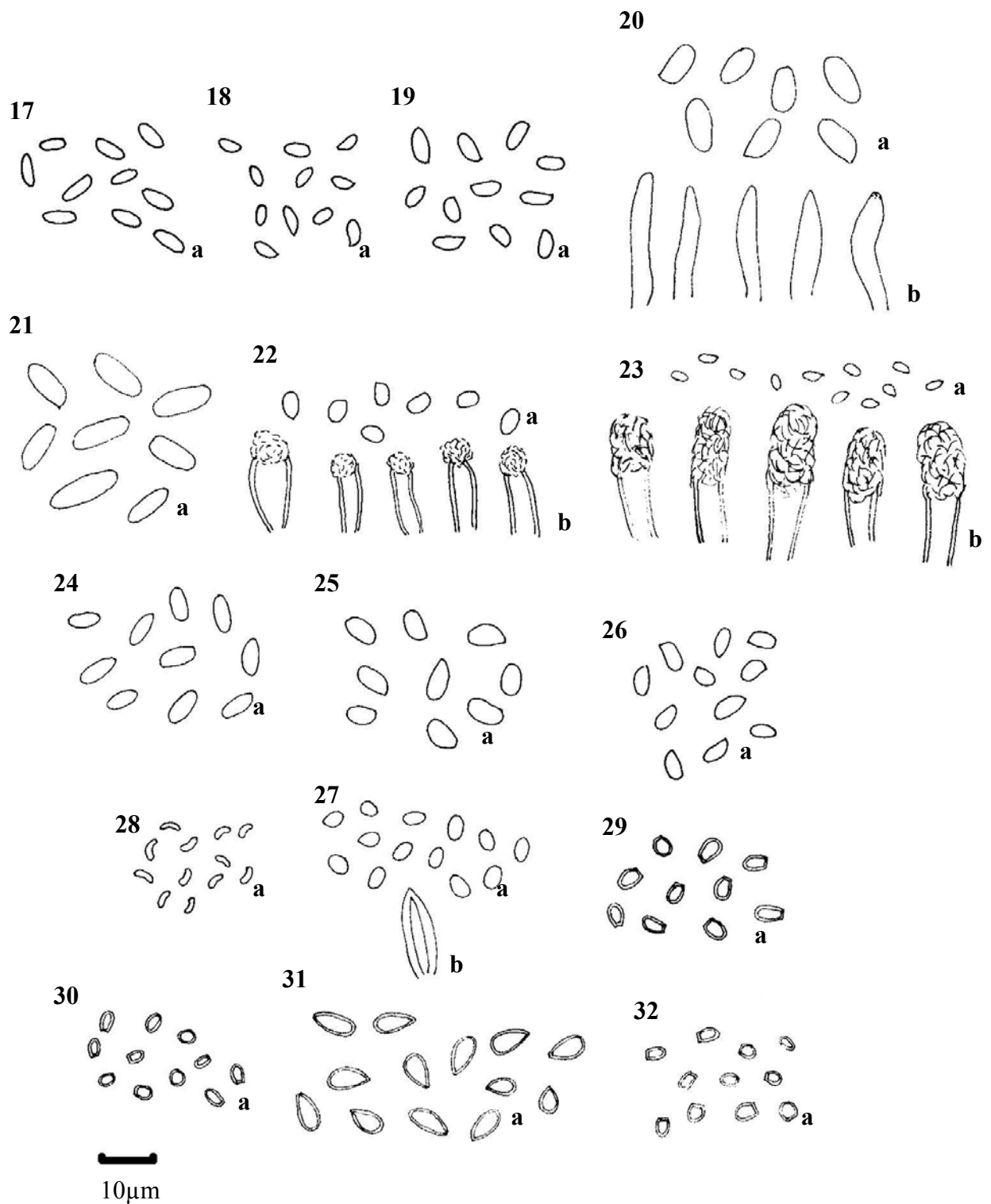


Figura 17. *Fomitella supina*; 18. *Fomitopsis cupreorosea*; 19. *F. feei*; 20. *Gloeophyllum striatum*; 21. *Haxagonia hydroides*; 22. *Irpex lacteus*; 23. *Junghuhnia nitida*; 24. *Lentinus crinitus*; 25. *L. velutinus*; 26. *Lenzites stereoides*; 27. *Nigrofomes melanoporus*; 28. *Nigroporus vinosus*; 29. *Perenniporia aurantiaca*; 30. *P. contraria*; 31. *P. martiusii*; 32. *P. medulla-panis*. Basidiosporos (a), cistídios (b).

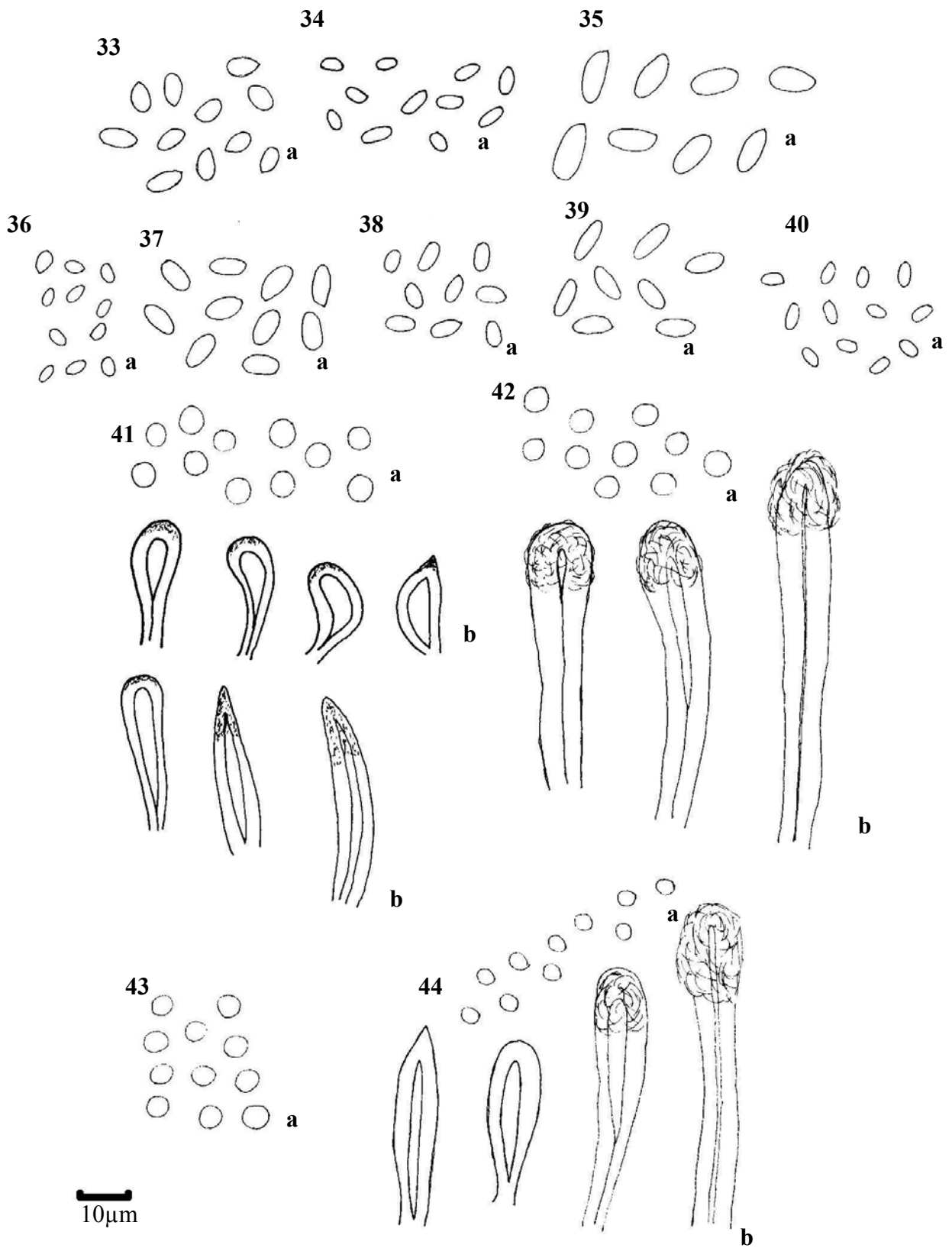


Figura 33. *Polyporus dictyopus*; 34. *P. grammocephalus*; 35. *P. guianensis*; 36. *P. leprieurii*; 37. *P. tenuiculus*; 38. *P. tricholoma*; 39. *P. virgatus*; 40. *Pycnoporus sanguineus*; 41. *Rigidoporus biokoensis*; 42. *R. lineatus*; 43. *R. microporus*; 44. *R. vinctus*. Basidiosporos (a), cistidios (b).

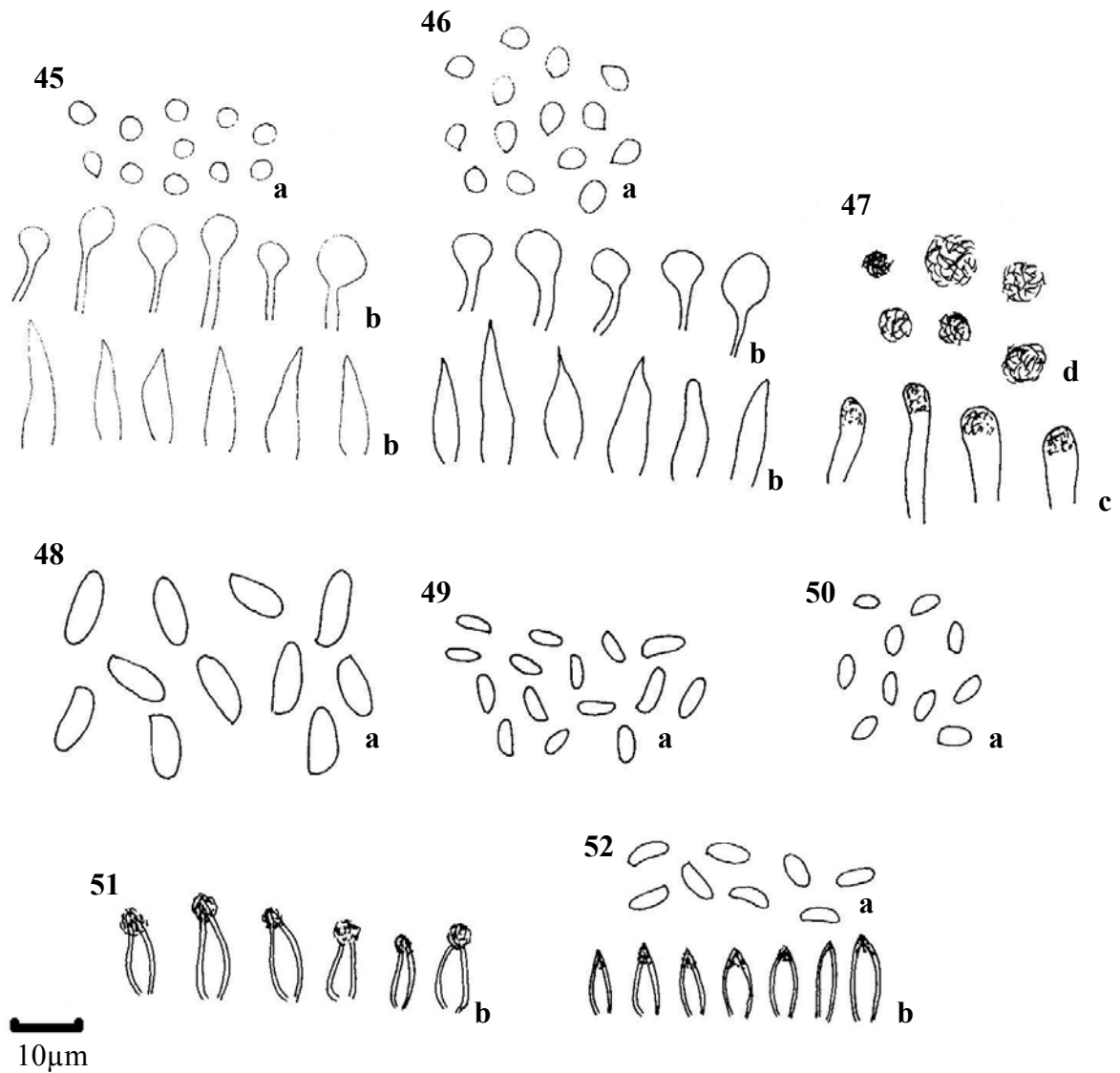


Figura 45. *Schizopora flavipora*; **46.** *S. paradoxa*; **47.** *Skeletocutis lenis*; **48.** *Styptophyllum erubescens*; **49.** *Tametes cubensis*; **50.** *T. membranacea*; **51.** *Trichaptum perrottetii*; **52.** *T. sector*. Basidiosporos (a), cistídios (b), terminais de hifas incrustados (c), cristais estrelados (d).

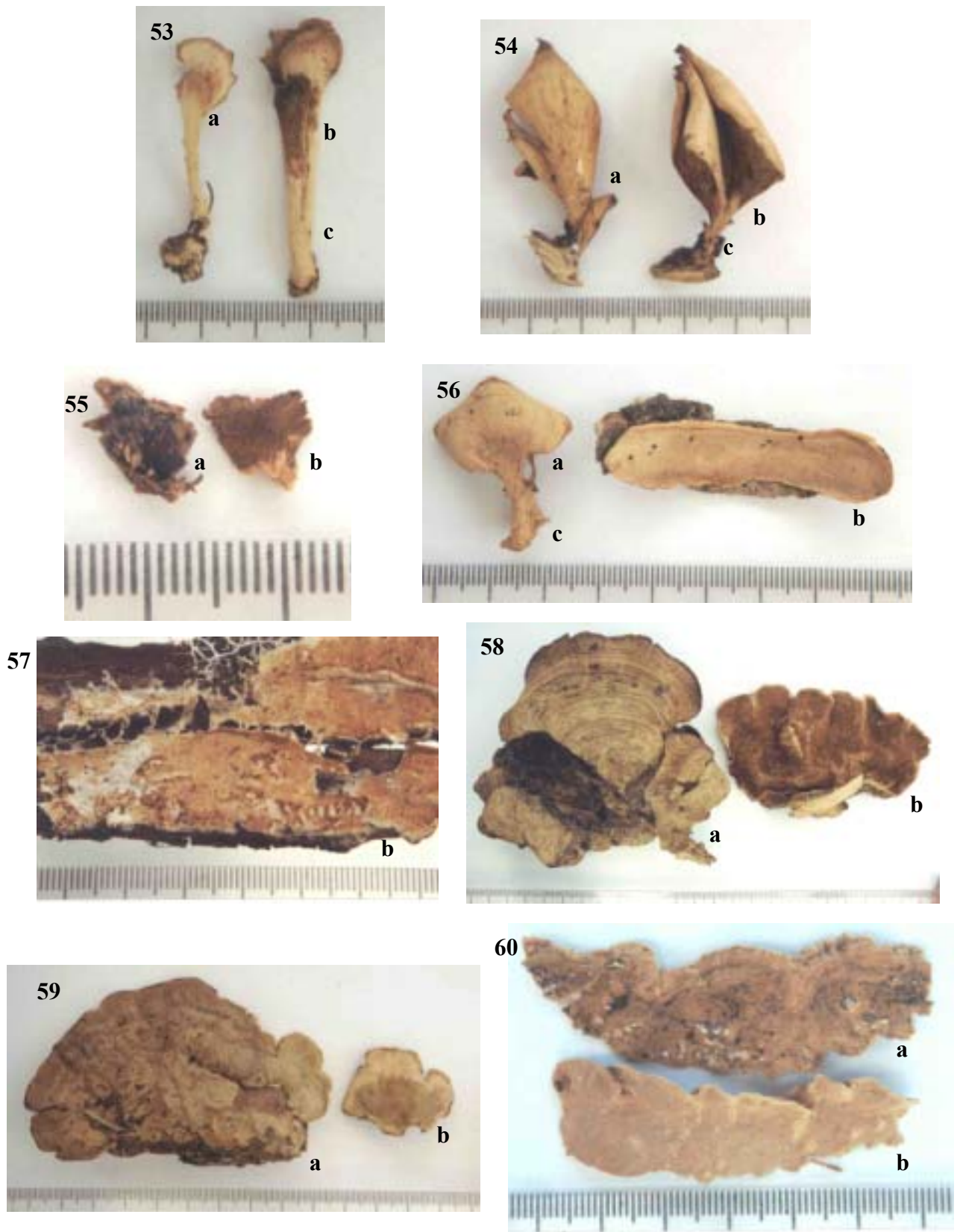


Figura 53. *Antrodiella angulatopora*; **54.** *A. hydrophila*; **55.** *A. semisupina*; **56.** *A. versicutis*; **57.** *Ceriporiopsis flavilutea*; **58.** *Cerrena sclerodepsis*; **59.** *Corioloopsis badia*; **60.** *C. rigida*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c).

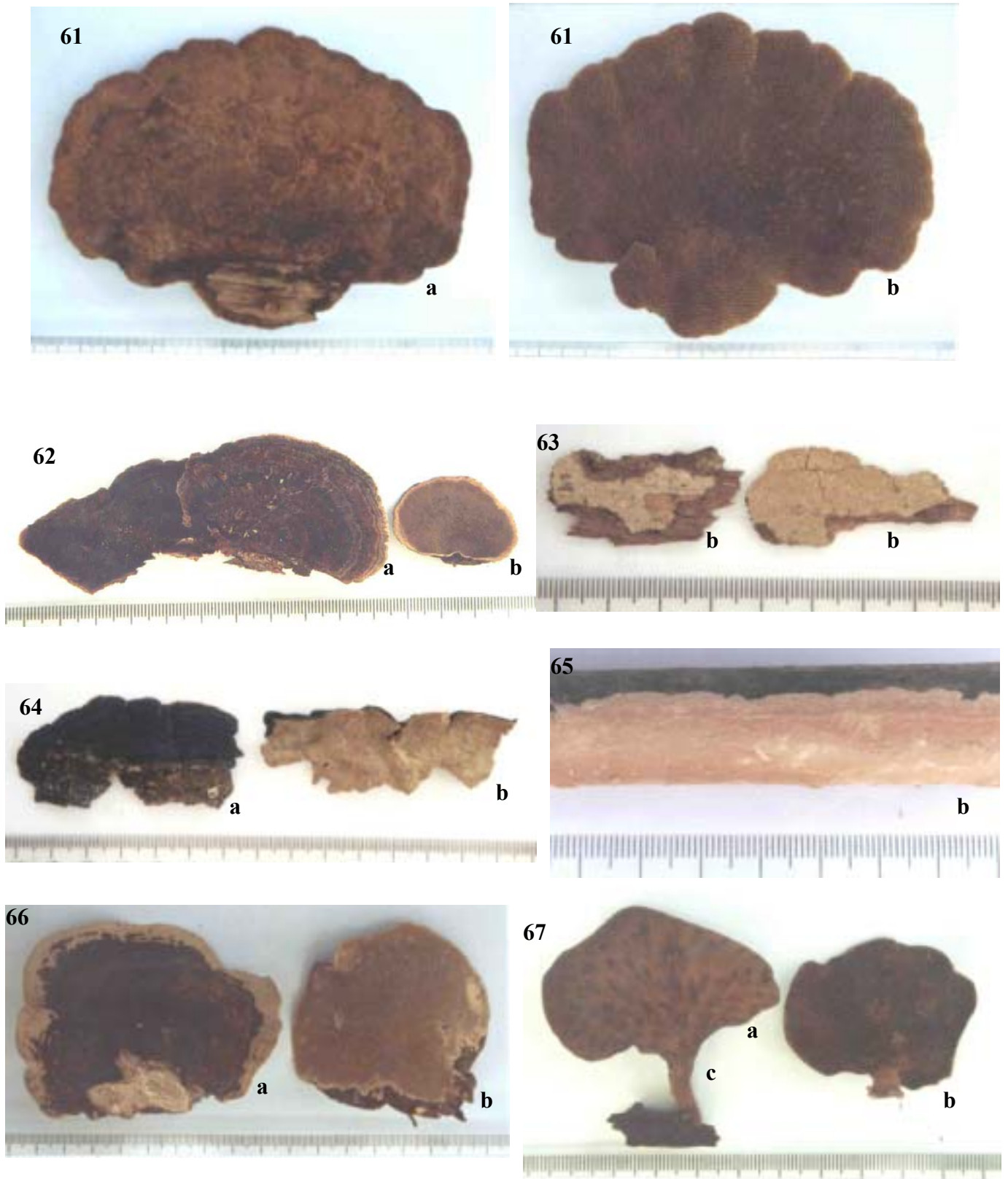


Figura 61. *Daedalea aethalodes*; **62.** *Datronia caperata*; **63.** *D. scutellata*; **64.** *D. stereoides*; **65.** *Dichomitus cavernulosus*; **66.** *Earliella scabrosa*; **67.** *Echinochaete brachyporus*. Superfície abhymenial (a), superfície hymenial (b), estipe (c).

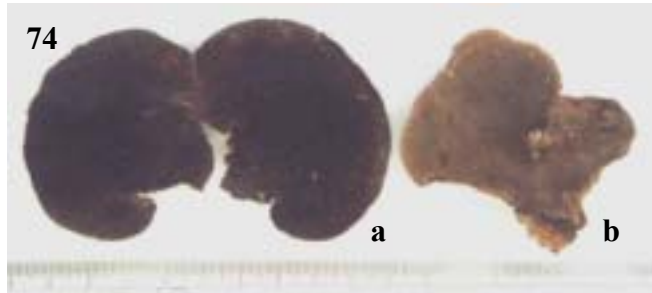


Figura 68. *Flabellophora obovata*; **69.** *Fomes fasciatus*; **70.** *Fomitella supina*; **71.** *Fomitopsis cupreorosea*; **72.** *F. feei*; **73.** *Gloeophyllum striatum*; **74.** *Hexagonia hydroides*; **75.** *H. papyracea*. Superfície abhymenial (a), superfície himenial (b), estipe (c).

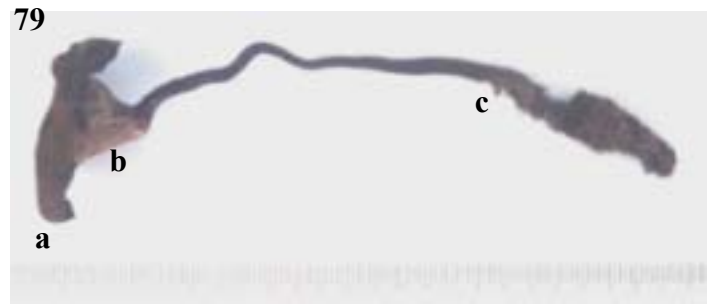


Figura 76. *Irpex lacteus*; **77.** *Junghuhnia nitida*; **78.** *Lentinus crinitus*; **79.** *L. velutinus*; **80.** *Lenzites stereoides*; **81.** *Nigrofomes melanoporus*; **82.** *Nigroporus vinosus*. Superfície abhimental (a), superfície himental (b), estipe (c).

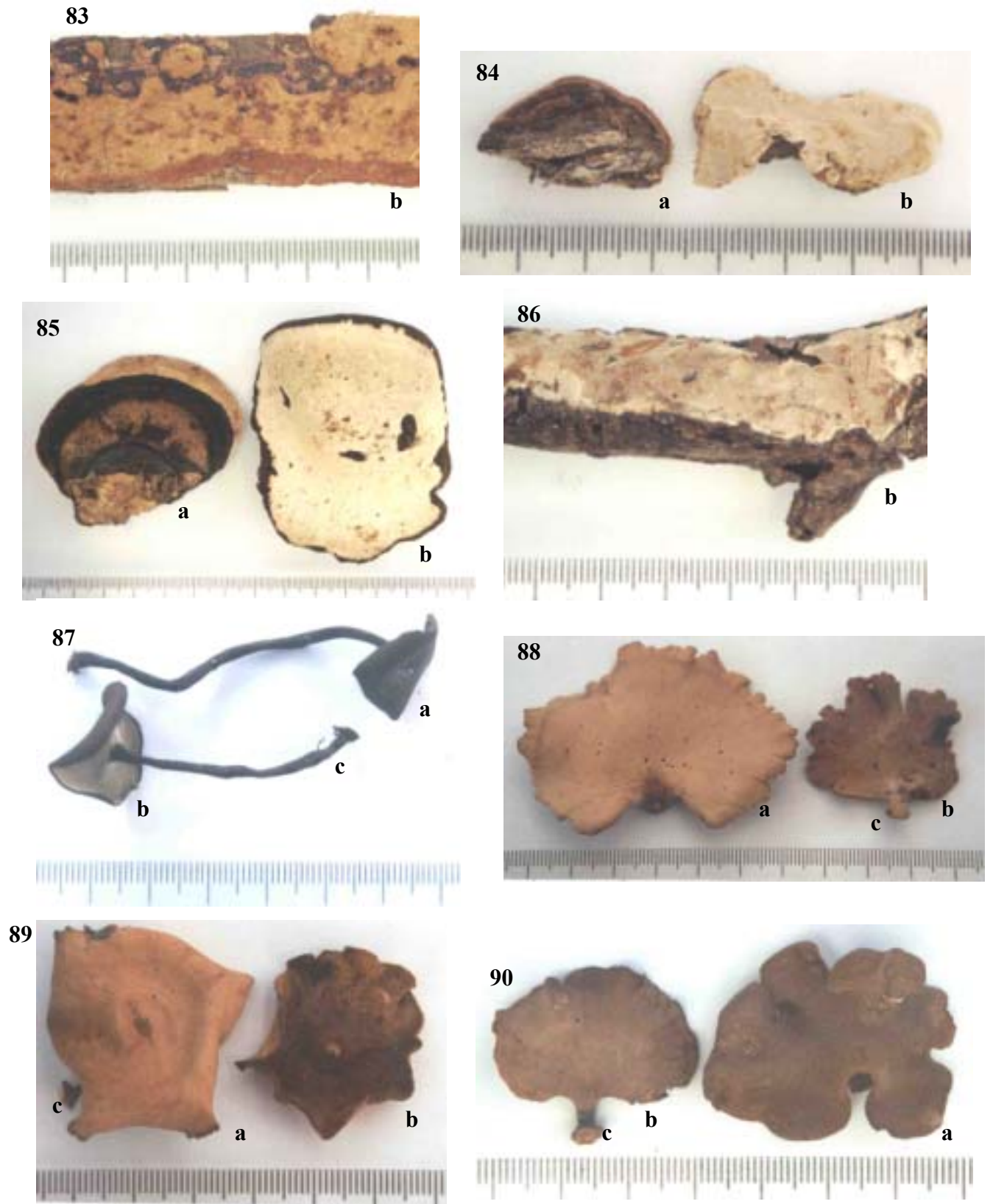


Figura 83. *Perenniporia aurantiaca*; **84.** *P. contraria*; **85.** *P. martusii*; **86.** *P. medulla-panis*; **87.** *Polyporus dictyopus*; **88.** *P. grammocephalus*; **89.** *P. guianensis*; **90.** *P. leprieurii*. Superfície abhymenial (a), superfície hymenial (b), estipe (c).

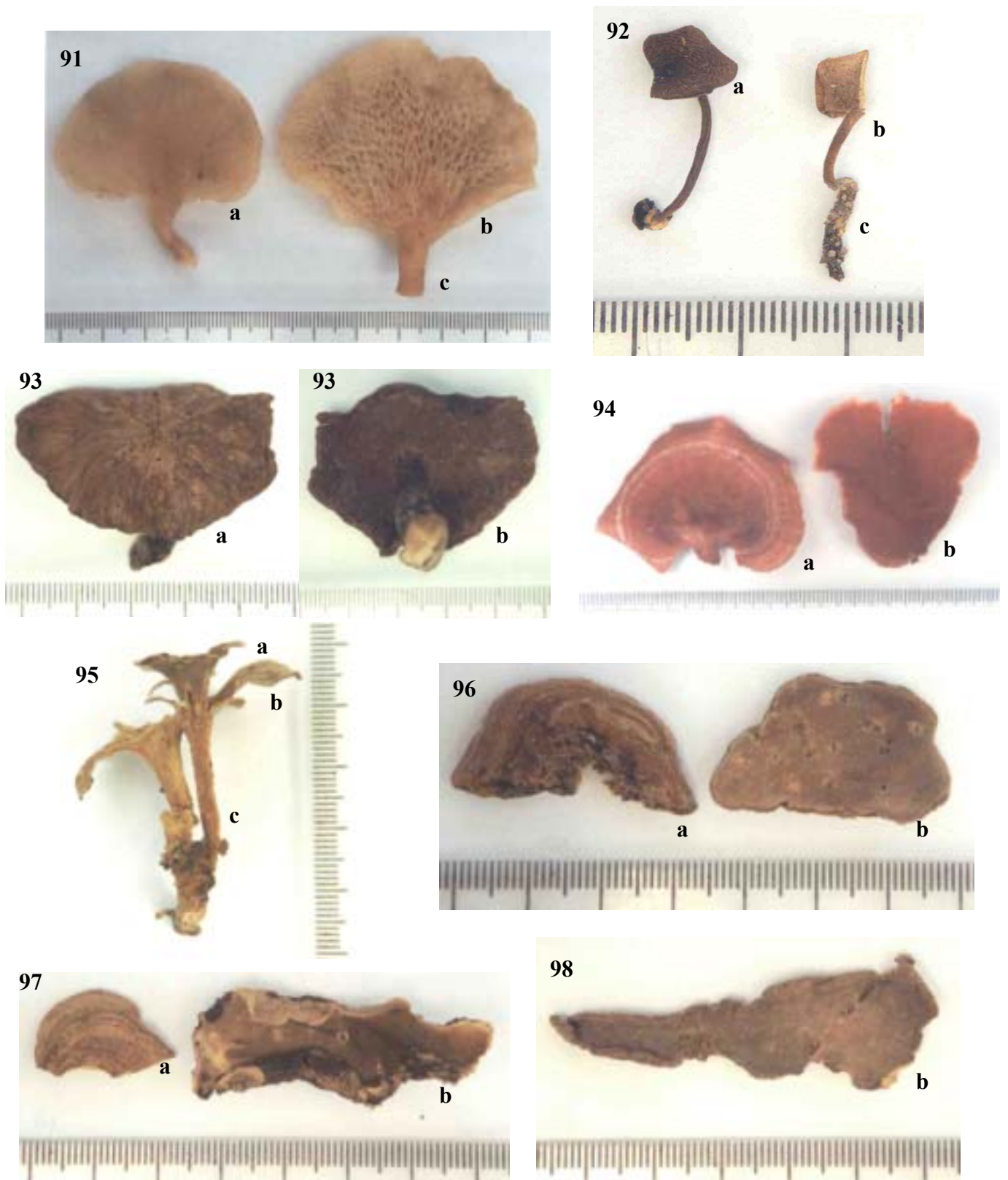


Figura 91. *Polyporus tenuiculus*; **92.** *P. tricholoma*; **93.** *P. virgatus*; **94.** *Pycnoporus sanguineus*; **95.** *Rigidoporus biokoensis*; **96.** *R. lineatus*; **97.** *R. microporus*; **98.** *R. vinctus*. Superfície abhymenial (a), superfície hymenial (b), estipe (c).

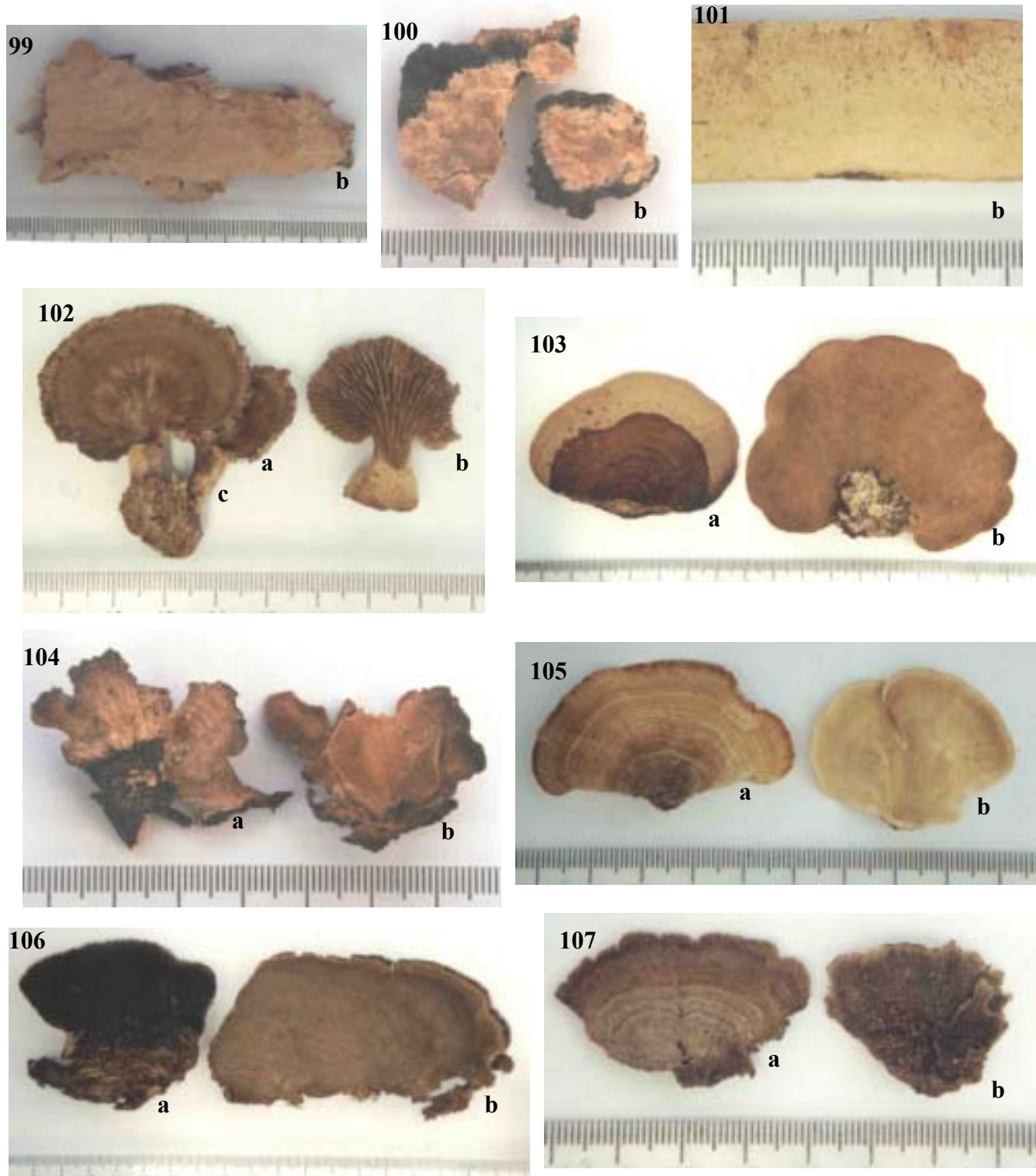


Figura 99. *Schizopora flavipora*; **100.** *S. paradoxa*; **101.** *Stiptophyllum erubescens*; **102.** *Skeletocutis lenis*; **103.** *Trametes cubensis*; **104.** *T. membranacea*. **105.** *T. pavonia*; **106.** *Trichaptum perrottetii*; **107.** *T. sector*. Superfície abhimenial (a), superfície himenial (b), estipe (c).

4.2.8. Schizophyllaceae Quélet

A família Schizophyllaceae abrange basidiomicetos sapróbios ou, mais raramente, parasitas em animais, inclusive o homem (Hoog & Guarro 1995), que apresentam basidioma originalmente cupulóide, com himênio liso, plicado ou lamelado e aderido ao substrato por uma base estreita. Em seu trabalho de reorganização de Aphyllophorales, Donk (1964) considera *Henningsomyces*, *Plicaturopsis*, *Stromatoscypha* e *Schizophyllum* representantes de Schizophyllaceae. Entretanto, Hawksworth *et al.* (1995) consideram Schizophyllaceae uma ordem, Schizophyllales, com duas famílias, Schizophyllaceae (*Henningsomyces*, *Plicaturopsis*, *Rectipilus*, *Schizophyllum*) e Stromatoscyphaceae (*Porothelium*, *Stromatoscypha*). Apesar de *Schizophyllum* (gênero tipo) ser caracterizado por lamelas cuja ontogênese é completamente análoga ao desenvolvimento das lamelas em Agaricales, a família é atualmente classificada como representante desta ordem (Kirk *et al.* 2001).

Aparentemente, Schizophyllaceae não tem sido alvo de trabalhos direcionados ao seu estudo no Brasil, embora algumas espécies tenham sido relatadas para diferentes regiões do país (Bononi *et al.* 1981; Bononi 1984; Capelari & Maziero 1988; Sotão *et al.* 1991; Silva & Minter 1995; Gugliotta 1997; Gibertoni & Cavalcanti 2003).

Neste trabalho, *Schizophyllum commune* foi registrado em Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Schizophyllum commune (Fr.) Fr.,
Syst. Mycol. 1: 330, 1921.

(Fig 1)

Sinônimos:

Schizophyllum commune Fr., Obs. Mycol. 1: 103, 1815

Schizophyllum flabellare Fr., Afz. Guin. t. XI, 1837

Schizophyllum radiatum (Sw.) Fr., Nova Symb. Mycol. 41, 1855

Schizophyllum commune var. *maxima* Rab. in Rabenhorst's Fungi Europaei 705, 1864

Schizophyllum commune var. *incisum* de Thümen in de Thümen Fungi austriaci 1109, 1874

Schizophyllum multifidum (Batsch.) Fr. in Berk., F. Ceylon n. 430, 1875

Schizophyllum commune f. *lobatum* Sacc. in D. Sacc., Mycotheca veneta 795, 1878

Schizophyllum commune var. *palmatum* Debeaux, Rev. Mycol, 1879: 152, 1879

Schizophyllum alneum (L.) Schroet., Pilzfl. Schles. 1: 553, 1889

Schizophyllum murray Massee, J. Bot. 30: 164, 1892

Schizophyllum egelinianum Ell. & Ev., Bull. Torrey Bot. Club 22: 439, 1895

Schizophyllum lobatum Went, Ber. Deutsch. Bot. Ges. 1896: 158, 1896

Hyponeuris alneus (L.) Earle, Bull. N. Y. Bot. Gard. 5: 412, 1909

Schizophyllum album Rick, Broteria, ser. Bot. 17: 111, 1919

Schizophyllum brevilamellatum Linder, Am. Jour. Bot. 20: 559, 1933

Basidioma solitário a cespitoso, flabeliforme, séssil, aderido por uma extensão lateral da margem, píleo 0,8-2,0 x 1,1-1,7cm. Superfície abhimental vilosa, zonada ou não, MP1A7, MP2B2, MP43A1 (Agate Gy+). Margem, quando distinta, inteira, concolor com a superfície abhimental. Contexto reduzido, MP2C1. Superfície himental lamelada, MP12A2 (Flax), MP 26A1, MP42A1 (Agate Gy+). Sistema hifálico monomítico; hifas generativas com grampo de conexão, hialinas, parede espessa, 2,7-6,3 μ m. Basídios clavados, 9,0-13,6 x 2,7 μ m. Basidiosporos hialinos, lisos, estreitamente oblongos a cilíndricos, 3,6-7,5 x 1,8-2,7 μ m.

Material observado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77329), III/2001 (URM77330), V/2001 (URM77331), VII/2001 (URM77332), XI/2001 (URM77333), I/2002 (URM77334), V/2002 (URM77335); RPPN Rosa do Sol, Barra de São Miguel, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77327), V/2002 (URM77328), em *Arecaceae* (palemeira) em decomposição: V/2001 (URM77325), em *Bambusa* sp. (bambu) em decomposição: I/2002 (URM77326); **Paraíba:** Mata do Buraquinho, João Pessoa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77316), III/2002 (URM77317); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77307), I/2001 (URM77309), em *Arecaceae* (palmeira) em decomposição: I/2002 (URM77308), em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2002 (URM77310); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM77324); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77315), V/2001 (URM77311), V/2002 (URM77314), em *Manihot utilissima* (mandioca) em decomposição: VII/2001 (URM77312), em angiosperma viva: I/2002 (URM77313); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2001 (URM77336), XI/2001 (URM77337); **Rio Grande do Norte:** Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em *Mangifera indica* (mangueira) em decomposição: I/2002 (URM77322), em *Parkia* sp. (visgueiro) em decomposição: I/2002 (URM77321), em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77323); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: V/2001 (URM77319), em *Caesalpinia echinata* (pau-brasil) em decomposição: V/2001 (URM77318), em *Pterodon* sp. (sucupira) em decomposição: VII/2001 (URM77320).

Distribuição: Cosmopolita (Cooke 1961).

Discussão: *S. commune* difere das espécies lameladas de Aphyllophorales encontradas nesta pesquisa pelo basidioma pequeno, cinza-esbranquiçado e flabeliforme. No Brasil, foi estudada em meio de cultura por Cavalcanti (1972). Registrada para os estados do Amapá (Sotão *et al.* 1991), Pará e Pernambuco (Silva & Minter 1995; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rondônia (Capelari & Maziero 1988) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981; Bononi 1984; Gugliotta 1997), trata-se da primeira referência para Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte.

4.2.8.1. Referências Bibliográficas

- Bononi, V. L. R.; Trufem, S. F. B. & Grandi, R. A. P. 1981. Fungos macroscópicos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil, depositados no Herbário do Instituto de Botânica. **Rickia** **9**: 37-53.
- Bononi, V. L. R. 1984. Basidiomicetos do cerrado da Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP. **Rickia** **11**: 1-25.
- Capelari, M. & Maziero, R. 1988. Fungos macroscópicos do estado de Rondônia, região dos rios Jaru e Ji-Paraná. **Hoehnea** **15**: 28-36.
- Cavalcanti, M. A. Q. 1972. Caracteres culturais de alguns Basidiomycetes isolados em Recife. **Publicações do Instituto de Micologia da Universidade do Recife** **694**: 1-15.
- Cooke, W. B. 1961. The genus *Schizophyllum*. **Mycologia** **53**: 575-599.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllophorales. **Persoonia** **3**: 199-324.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. A mycological survey of the Aphyllophorales (Basidiomycotina) of the Atlantic Rain Forest in the state of Pernambuco, Brazil. **Mycotaxon** **89**: 203-211.
- Gugliotta, A. M. 1997. Polyporaceae da mata ciliar da Estação Experimental e Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP, Brasil. **Hoehnea** **24**(2): 89-106.
- Hawksworth, D. L., Kirk, D. M., Sutton, B. C. & Pegler, D. N. 1995. **Ainsworth & Bisby's dictionary of the fungi**. Cambridge University Press, 616p.
- Hoog, G. S. & Guarro. 1995. **Atlas of Clinical Fungi**. CBS, Baarn & Delft, 720p.
- Kirk, P. M.; Cannon, P. F.; David, J. C. & Stalpers, J. A. 2001. **Dictionary of Fungi**. 9ed. CABI Publishing, Surrey, 655p.
- Silva, M. & Minter, D. W. 1995. Fungi from Brasil - Recorded by Batista and co-workers. **Mycological Papers** **169**: 1-585.
- Sotão, H. M. P.; Bononi, V. L. R. & Figueiredo, T. S. 1991. Basidiomycetes de manguezais da Ilha de Maracá, Amapá, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, sér. bot.** **7**(1): 109-114.

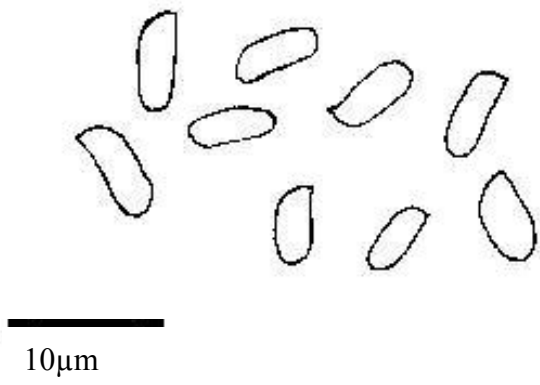


Figura 1. *Schizophyllum commune*. Basidiosporos (a), superficie abhymenial (b), superficie himenial (c).

4.2.9. Stereaceae

A família Stereaceae foi criada em 1930 por Pilát e, de acordo com Donk (1964), inclui os basidiomicetos que possuem os basidiomas ressupinados a estipitados, achatados e muitas vezes zonados. A superfície himenial é usualmente lisa, mas pode se apresentar de forma ondulada a plicada. O sistema hifálico é monomítico ou dimítico, raramente trimítico. No himênio podem ser encontradas estruturas estéreis como cystídios, incrustados ou não, sulfocistídios, gleocistídios, pseudocistídios, vesículas, hifídios, dendrohifídios, acantohifídios, pseudoacantohifídios. Os basidiosporos podem ser globosos, subglobosos, ovóides, elípticos, cilíndricos ou alantóides, amilóides ou inamilóides (Chamuris 1988). Hawksworth *et al.* (1995) consideram Stereaceae representante da ordem Stereales (inclusive o gênero *Lopharia*), embora *Mycobonia* seja apontada como representante de Polyporaceae. Entretanto, Kirk *et al.* (2001) consideram Stereaceae representante de Russulales, enquanto *Lopharia* seria segregado de Stereaceae e faria parte de Phanerochaetaceae (Poriales).

No Brasil, os fungos estereóides foram estudados por Bononi (1979; 1984), mas citações sobre Stereaceae podem ser encontradas em alguns trabalhos que abrangem diversos grupos taxonômicos (Burt 1920; Teixeira 1945; Fidalgo 1968; Bononi *et al.* 1981; Hjortstam & Bononi 1986; Bononi 1992; Jesus 1993; 1996; Silva & Minter 1995; Gibertoni & Cavalcanti 2003).

No presente trabalho, quatro gêneros e quatro espécies de Stereaceae *sensu* Talbot (1973) foram identificados.

Chave de identificação para espécies

1. Himênio com medas emergentes, basidiosporos 10,0-20,0 x 6,5-10,0µm *Mycobonia flava*
- 1'. Himênio sem medas emergentes, basidiosporos até 6,0 x 4,5µm 2
2. Cistídios presentes, basidiosporos não amilóides *Lopharia cinerascens*
- 2'. Cistídios ausentes, basidiosporos amilóides 3
3. Basidioma ressupinado, acantohifídios presentes *Xylobolus frustulatus*
- 3' Basidioma flabeliforme, com zonas coloridas, acanthohifídios ausentes *Stereum ostrea*

Lopharia cinerascens (Schw.) Cunn.,

Trans. Royal Soc. New Zealand 83: 622, 1956.

Basiônimo: *Thelephora cinerascens* Schwein., Amer. Phil. Soc. Bot. 27: 179, 1832

(Fig 1, 4)

Sinônimos:

Hymenochaete cinerascens (Schw.) Lév., Ann. Sci. Nat. ser. 3, 5: 152, 1846
Peniophora cinerascens (Schw.) Sacc., Syllo. Fung. 6: 646, 1888
Stereum cinerascens (Schw.) Mass., Jour. Linn. Soc. 27: 179, 1890
Lloydiella cinerascens (Schw.) Bres., Mycol. Notes 6: 51, 1901
Corticium aschitum Berk. & Curt., Proc. Am. Acad. Arts & Sci. 4: 123, 1858
Stereum moricola Berk., Grevillea 1: 164, 1873
Peniophora moricola (Berk.) Mass., Jour. Linn. Soc. 25: 151, 1889
Stereum dissitum Berk., Grevillea 1: 164, 1873
Peniophora dissita (Berk.) Cooke, Grevillea 8: 150, 1880
Radulum mirabile Berk. & Curt., Grevillea 1: 178, 1873
Thwaitesiella mirabilis (Berk. & Curt.) Mass., Grevillea 21: 3, 1892
Lopharia mirabilis (Berk. & Curt.) Pat., Bull. Soc. Mycol. Fr. 11: 14, 1895
Corticium ephibrium Berk. & Curt., Grevillea 1: 178, 1873
Peniophora ephibria (Berk. & Curt.) Mass., Jour. Linn. Soc. 25: 151, 1889
Peniophora berkeleyi (Cooke), Grevillea 8: 150, 1880
Stereum neglectum Peck., N. Y. State Mus. Rept. 33: 22, 1880
Peniophora neglecta (Peck.) Peck, N. Y. State Mus. Rept. 40: 76, 1887
Lopharia lirellosa Kalch. & McOwan, Grevillea 10: 58, 1881
Peniophora occidentalis Ell. & Ev., Bull. Torrey Bot. Club., 24: 277, 1897
Lloydiella occidentalis (Ell. & Ev.) H. & L., Sitz. K. Akad. Wiss. 116: 791, 1907
Stereum purpurascens Lloyd, Mycol. Notes L. 53: 15, 1914
Stereum turgidum Lloyd, Mycol. Notes L. 63: 15, 1914
Stereum caperatum Lloyd, Mycol. Notes 40: 459, 1916

Basidioma ressupinado a efuso-reflexo, flabeliforme, dimidiado, coriáceo, 0,6-2,2 x 0,6-1,5cm, 500-625µm em secção. Superfície abhimental velutina a tomentosa, zonada, MP5D7, MP12B5 (Fallow). Margem inteira, concolor à superfície abhimental. Contexto reduzido, 500-600µm. Superfície himenial lisa, MP5A8, MPB8. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com septos simples, com parede fina a levemente espessa, 3,0-5,5µm; hifas esqueléteas hialinas a marrons, com parede espessa a sólidas, às vezes ramificadas, 4,5-5,5µm. Basídios subclavados, 25 x 4,5-5,5µm, tetraesporados. Cistídios hialinos, com parede espessa e base marrom, incrustados, 55,0- 70,0 x 15,0-20,0µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, lisos, não amilóides, 6,0 x 4,5µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77173), XI/2001 (URM77174), I/2002 (URM77175); **Paraíba:** RPPN

Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Protium heptaphyllum* (amescla) decomposição: III/2002 (URM77171); **Pernambuco**: Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77156), I/2002 (URM77157), IX/2001 (URM77159), em angiosperma (praíba) em decomposição: VII/2001 (URM77158); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77161), V/2001 (URM77162), IX/2001 (URM77163), XI/2001 (URM77160), I/2002 (URM77164); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77172); **Rio Grande do Norte**: Floresta Nacional de Nísia Floresta, Nísia Floresta, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: III/2002 (URM77170); RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77166), III/2002 (URM77169), em *Cecropia* sp. (capera) em decomposição: XI/2001 (URM77167), em *Pouteria* sp. (maçaranduba) em decomposição: I/2002 (URM77168); **Sergipe**: Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77165).

Distribuição: América do Norte e do Sul, África e Europa (Portugal) (Hjortstam & Ryvar den 1989).

Discussão: Chamuris (1988) considera *L. mirabilis* (Berk. & Br.) Pat. sinônimo de *L. cinerascens*, mas a primeira apresenta basidiomas mais finos, com superfície himenial hidnóide, irpicóide e, às vezes, semiporóide, além de estar restrita ao paleotrópico (Hjortstam & Ryvar den 1989). Anteriormente relatada para os estados do Pará (Campos 2000), Pernambuco (Gibertoni & Cavalcanti 2003), Rio de Janeiro e São Paulo (Bononi 1984; Hjortstam & Bononi 1986), representa novo registro da espécie para os estados de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Mycobonia flava (Sw.: Berk.) Pat.,

Bull. Soc. Myc. Fr. 10: 77, 1894.

Basiônimo: *Hydnum flavum* Sw.: Berk., Ann. Mag. Nat. Hist. I 10: 380, 1842.

(Fig. 5)

Sinônimo:

Grandinioides flavum (Sw.: Berk.) Banker, Mem. Torr. Bot. Club 12: 179, 1906

Basidioma séssil a sub-estipitado, dimidiado, coriáceo, 4,0 x 3,0cm. Superfície abhimenial glabra, MP12G8. Margem inteira, concolor à superfície abhimenial. Contexto reduzido. Superfície himenial lisa, MP11G6, com medas aparentes lembrando os espinhos em Hydnaceae, 5-6/mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septos simples, com parede levemente espessa, 2,5-5,5µm; hifas esqueléteas com parede espessa, 5,5µm. Basídios não observados. Basidisporos não observados, mas

“hialinos, elípticos a cilíndricos, lisos, com parede espessa, não amilóides, 10,0-22,0 x 6,5-10,0µm” (Burt 1919, Martin 1939).

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77479).

Distribuição: Sudeste dos EUA até a Argentina (Martin 1939).

Discussão: As medas aparentes até a olho desarmado são características da espécie. Relatada anteriormente para o Amazonas, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo (Theissen 1912; Bononi *et al.* 1981; Hjoststam & Bononi 1986), trata-se da primeira ocorrência para a região Nordeste.

Stereum ostrea (Blume & Nees: Fr.) Fr.,

Epicr. Syst. Mycol., p. 547, 1838.

Basiônimo: *Thelephora ostrea* Blume & Nees: Fr., Elench. Fung. 1: 175, 1828.

(Fig. 2, 6)

Sinônimos:

Thelephora fasciata Schwein., Schriften Naturf. Ges. Leipzig 1: 106, 1822.

Stereum fasciatum (Schw.) Fr., Epicr. Syst. Mycol., p. 546, 1838

Thelephora lobata Kuntze, Weigelt, Exsicc, 1827

Thelephora lobata Kuntze: Fr., Linnaea 5: 527, 1830

Stereum lobatum (Kuntze: Fr.) Fr., Epicr. 546, 1838.

Stereum boryanum Fr., Epicr. 547, 1838

Stereum luteobadium Fr., Epicr. 547, 1838

Thelephora concolor Jungh., Fl. Crypt. Javae 1: 38, 1838

Stereum concolor Berk., Fl. Tas. 2: 259, 1860

Stereum perlatum Berk., Hook. J. Bot. 1: 153, 1842

Thelephora (Stereum) leichkardtianum Lév., Ann. Sci. Nat. ser. 3, 5: 148, 1846

Stereum leichkardtianum (Lév.) Mass., Jour. Linn. Soc. 27: 175, 1890

Stereum sprucei Berk. & Curt., Jour. Linn. Soc. 10: 331, 1868

Stereum pictum Berk.: Mass., Jour. Linn. Soc. 27: 185, 1890

Stereum australe Lloyd, Myc. Notes 4, L. 48, 10, note 115, 1913.

Basidioma séssil, flabeliforme, dimidiado, algumas vezes com base ressupinada, coriáceo, 1,0-4,0 x 0,7-4,0cm, 500-800µm de espessura. Superfície abhimental tomentosa, zonada, MP11F6, MP15C9 (Teakwood), MP16C6 (Kangaroo). Margem inteira, concolor com a superfície abhimental ou MP9B2

(Polar Bear). Contexto reduzido, 300-375µm, MP9B2 (Polar Bear), MP10D4. Superfície himenial lisa, MP13A2 (Diping Rock), MP14A3 (Beige). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septos simples, com parede levemente espessa, 2,5-5,5µm, moderadamente ramificada; hifas condutoras com parede espessa e conteúdo amarronzado, 5,5µm. Pseudocistídios com parede espessa, 5,0-10,0µm de diâmetro. Pseudoacantohifídios 13-20,0 x 2,5-4,5µm. Basídios subclavados, 30,0 x 3,0µm. Basidisporos hialinos, elípticos, amilóides, 2,7-5,0 x 1,8-2,7µm.

Material examinado: **Alagoas:** RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77221), III/2002 (URM77222), V/2002 (URM77223); **Paraíba:** Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77187), I/2002 (URM77188), III/2002 (URM77189); RPPN Engenho Gargaú, Santa Rita, col. Gibertoni, em *Tapirira guianensis* (copiúba) em decomposição: III/2001 (URM77178, 77179), V/2001 (URM77181), VII/2001 (URM77182), XI/2001 (URM77183), I/2002 (URM77185), em angiosperma em decomposição: III/2001 (URM77180), em *Didymopanax* sp. (sambacuí) em decomposição: XI/2001 (URM77184), em Apocynaceae (pau pereira) em decomposição: XI/2001 (URM77186); RPPN Fazenda Pacatuba, Sapé, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2000 (URM77212), III/2001 (URM77213); **Pernambuco:** Mata de Gurjaú, Cabo, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: X/2000 (URM77190), III/2001 (URM77191), V/2001 (URM77192), VII/2001 (URM77193), IX/2001 (URM77194), XI/2001 (URM77195), I/2002 (URM77199), III/2002 (URM77197), V/2002 (URM77198); Refúgio Ecológico Charles Darwin, Igarassu, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: IX/2000 (URM77200), III/2001 (URM77201), V/2001 (URM77202), VII/2001 (URM77203), IX/2001 (URM77204), XI/2001 (URM77205), I/2002 (URM77206), III/2002 (URM77207), V/2002 (URM77208); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, col. Gibertoni, em *Hymenaea* sp. (jatobá) em decomposição: VII/2001 (URM77214), em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77215), IX/2001 (URM77216), XI/2001 (URM217), V/2002 (URM77220), em *Henrietta* sp. (manipueira) em decomposição: III/2002 (URM77218), em *Tapirira guianensis* (cupiúba) em decomposição: V/2002 (URM77219); Reserva Ecológica Dois Irmãos, Recife, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: VII/2001 (URM77176), IX/2001 (URM77177); **Rio Grande do Norte:** RPPN Senador Antônio Farias – Mata Estrela, Baía Formosa, col. Gibertoni, em *Caesalpinia echinata* (pau brasil) em decomposição: VII/2001 (URM77211); **Sergipe:** Estação Ecológica Serra de Itabaiana, Itabaiana, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: I/2002 (URM77210), III/2002 (URM77209).

Distribuição: África, Ásia, Austrália e regiões tropicais da América (Chamuris 1988).

Discussão: A espécie europeia *S. insignitum* é extremamente semelhante a *S. ostrea* e pode ser considerada sua co-específica. Neste caso, *S. ostrea* pode ser descrita como uma espécie variável macromorfológicamente e de distribuição cosmopolita (Chamuris 1988). Relatada anteriormente para os

estados do Pará (Silva & Minter 1995), Pernambuco (Batista & Bezerra 1960; Gibertoni & Cavalcanti 2003), Roraima (Jesus 1993; 1996) e São Paulo (Bononi *et al.* 1981). Representa novo registro para os estados de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Xylobolus frustulatus (Pers.: Fr.) Boidin,

Revue Mycolog. 23: 341, 1958.

Basiônimo: *Thelephora frustulata* Pers., Syn. Meth. Fung., p. 577, 1801.

(Fig. 3, 7)

Sinônimo:

Stereum frustulatus (Pers.: Fr.) Fr., Epicr. Syst. Mycol., p. 552, 1838

Basidioma ressupinado, 500-800µm de espessura. Contexto 300-375µm, MP12B2 (Flax Pebble-, Peanut+), MP9B2 (Polar Bear), MP10D4. Superfície himenial lisa, MP13A2 (Diping Rock), MP14A3 (Beige). Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septos simples, com parede levemente espessa, 2,5-5,5µm; moderadamente ramificadas; hifas condutoras com parede espessa e conteúdo amarronzado, 5,5µm. Pseudocistídios com parede espessa, 5,0-10,0µm de diâmetro. Acantohifídios 2,7-4,5µm de diâmetro. Basídios subclavados, 30,0 x 3,0µm. Basidiosporos hialinos, elípticos, amilóides, 3,6-4,5 x 1,8µm.

Material examinado: Alagoas: RPPN Fazenda São Pedro, Pilar, col. Gibertoni, em angiosperma em decomposição: XI/2001 (URM77155).

Distribuição: Europa, Ásia, América e Australásia (Burt 1920; Boidin 1959; Chamuris 1988).

Discussão: Os basidiomas ressupinados e a presença de acantohifídios no himênio são característicos desta espécie. O gênero *Xylobolus* apresenta duas espécies, *X. princeps*, com píleo flabeliforme, e *X. frustulatus*, ressupinada e restrita a troncos secos de *Quercus* spp. (Chamuris 1988). Ryvardeen e Hjortstam (com. pessoal) admitem a possibilidade de haver uma nova espécie no gênero. Relatada anteriormente para São Paulo (Teixeira 1945) e Rio e Janeiro (Hjortstam & Bononi 1986) em diferentes substratos, *X. frustulatus* representa nova ocorrência para o Nordeste do Brasil.

4.2.9.1. Referências Bibliográficas

Batista, A. C. & Bezerra, J. C. 1960. Basidiomycetes vulgares em o Nordeste brasileiro. **Publicações do Instituto de Micologia da Universidade de Recife** 294: 1-30.

Boidin, J. 1959. Hétérobasidiomycetes saprophytes et Homobasidiomycetes résupinés VI. Essai sur le genre *Stereum* sensu lato. **Revue de Mycologie** 24: 197-225.

- Bononi, V. L. R. 1979. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: III. Espécies clavarióides, teleforóides e estereóides. **Rickia** **8**: 105-121.
- Bononi, V. L. R. 1984. Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: IV. Adições às famílias Hymenochaetaceae, Stereaceae e Thelephoraceae. **Rickia** **11**: 43-52.
- Bononi, V. L. R. 1992. Fungos macroscópicos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Hoehnea** **19**(1/2): 31-37.
- Bononi, V. L. R.; Trufem, S. F. B & Grandi, R. A. P. 1981. Fungos macroscópicos do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil, depositados no herbário do Instituto de Botânica. **Rickia** **9**: 37-53.
- Burt, E. A. 1919. The Thelephoraceae of North America XIII. *Tulasnella*, *Veluticeps*, *Mycobonia*, *Epithele* and *Lachnocladium*. **Annals of the Missouri Botanical Garden** **6**(4): 253-281.
- Burt, E. A. 1920. The Thelephoraceae of North America XII. *Stereum*. **Annals of the Missouri Botanical Garden** **7**(2/3): 81-248.
- Campos, E. L. **Basidiomycotina em manguezais da Ilha de Algodual-Maiandeuá, Pará, Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 86p.
- Chamuris, G. P. 1988. The non-stipitate stereoid fungi in the northeastern United States and adjacent Canada. **Mycological Memoir** **14**: 1-247.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphyllophorales. **Persoonia** **3**: 199-324.
- Fidalgo, M. E. P. K. 1968. Contribution to the fungi of Mato Grosso, Brazil. **Rickia** **3**: 171-219
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. A mycological survey of the Aphyllophorales (Basidiomycotina) of the Atlantic Rain Forest in the state of Pernambuco, Brazil. **Mycotaxon** **89**: 203-211.
- Hawksworth, D. L., Kirk, D. M., Sutton, B. C. & Pegler, D. N. 1995. **Ainsworth & Bisby's dictionary of the fungi**. Cambridge University Press, 616p.
- Hjortstam, K. & Bononi, V. L. R. 1986. Fungos corticióides do Brasil (Aphyllophorales). **Rickia** **13**: 113-125.
- Hjortstam, K. & Ryvarden, L. 1989. **Lopharia and Porostereum (Basidiomycotina)**. Synopsis Fungorum 4, Fungiflora, Oslo, 68p.
- Jesus, M. A. 1993. Basidiomicetos lignocelulolíticos de floresta nativa e de *Pinus eliottii* Engelm. do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, SP. **Hoehnea** **20**(1/2): 119-126.
- Jesus, M. A. 1996. Contribution to the knowledge of wood-rotting fungi in Brazil. II. Checklist of fungi from Maraca Island, Roraima State. **Mycotaxon** **57**: 323-328.
- Kirk, P. M.; Cannon, P. F.; David, J. C. & Stalpers, J. A. 2001. **Dictionary of Fungi**. 9ed. CABI Publishing, Surrey, 655p.
- Martin, G. W. 1939. New or noteworthy fungi from Panama and Colombia III. **Mycologia** **31**: 239-249.

Pilát, A. 1930. Monographie der europäische Stereaceen. **Hedwigia** **70**: 10-32.

Silva, M. & Minter, D. W. 1995. Fungi from Brasil - Recorded by Batista and co-workers. **Mycological Papers** **169**: 1-585.

Teixeira, A. R. 1945. Himenomicetos Brasileiros - Hymeniales - Thelephoraceae. **Bragantia** **5(7)**: 397-434.

Theissen, F. 1912. Hymenomyces Riograndenses. **Brotéria, ser. bot.** **10**: 5-28.

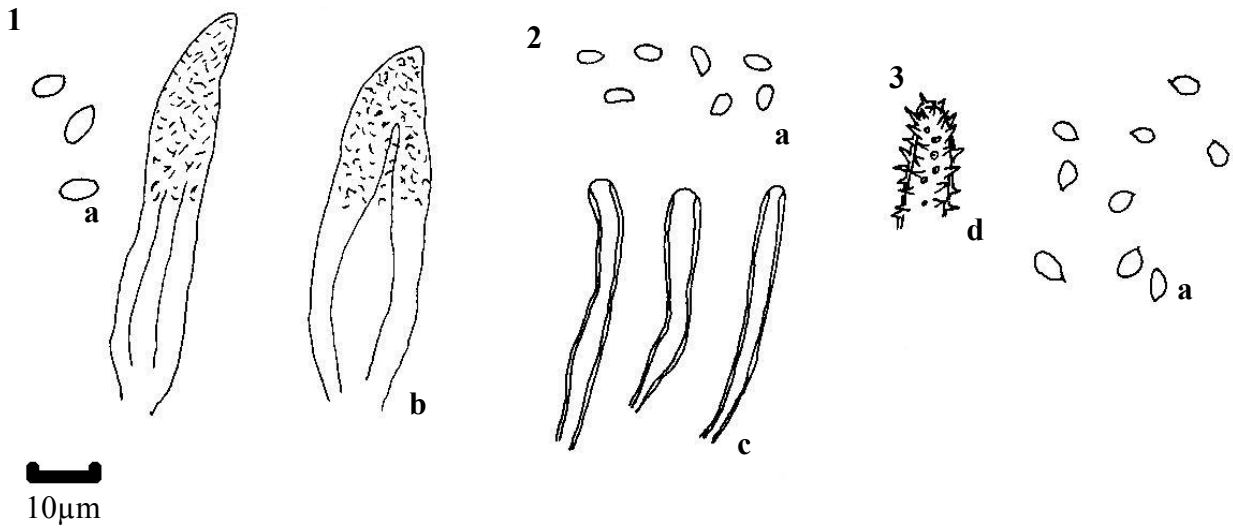


Figura. 1. *Lopharia cinerascens*; **2.** *Stereum ostrea*; **3.** *Xylobolus frustulatus*. Basidiosporos (a), cistídios (b), pseudocistídios (c), acantohifidio (d).

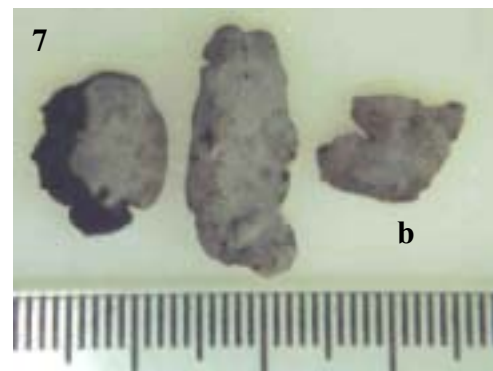
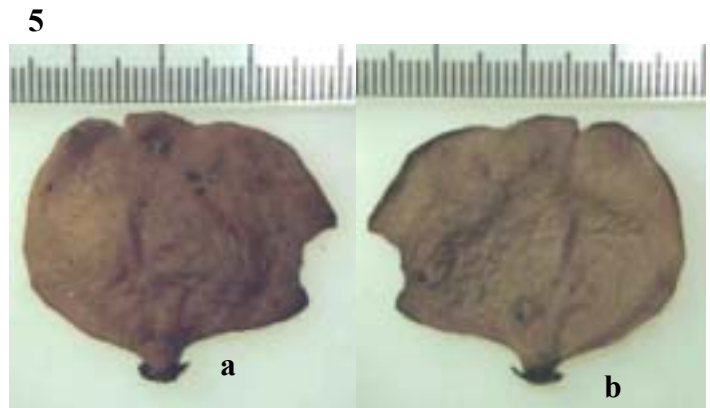
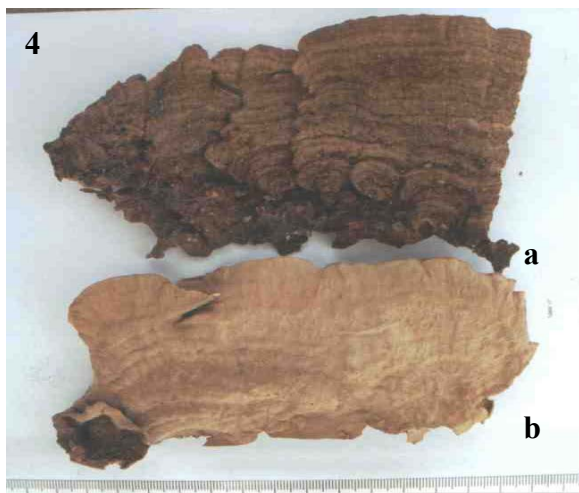


Figura 4. *Lopharia cinerascens*; **5.** *Mycobonia flava*; **6.** *Stereum ostrea*; **7.** *Xylobolus frustulatus*. Superfície abhymenial (a), superfície himenial (b).

4.2.10. Novos Aphylophorales poróides

Poucos estudos sobre Aphylophorales foram realizados em áreas de Mata Atlântica no Brasil nos últimos anos (Góes-Neto 1999; Góes-Neto *et al.* 2000; Gibertoni & Cavalcanti 2000, 2003). Novas espécies foram descritas da região Sul do Brasil recentemente (Loguercio-Leite & Wright 1998; Loguercio-Leite *et al.* 1998, 2001, 2002; Ryvar den & Meijer 2002). Entretanto, não existem trabalhos constando espécies novas de Aphylophorales no Nordeste desde os estudos de Torrend na primeira metade do século passado (Góes-Neto 1999).

Durante os trabalhos de identificação do material coletado, vários espécimes de Aphylophorales não puderam ser identificados, mesmo após comparação com vários trabalhos disponíveis (Ryvar den & Johansen 1980; Gilbertson & Ryvar den 1986, 1987; Ryvar den & Gilbertson 1993, 1994; Núñez & Ryvar den 2002, 2001), sugerindo que esse material corresponda a espécies desconhecidas para a ciência até o momento.

Descrição das espécies

Antrodiella mollis Gibertoni & Ryvar den,
Synopsis Fung. 18: 46, 2004.

(Fig. 1, 7)

Basidioma anual, pileado, dimidiado, solitário, 5,0 x 4,0 x 2,5cm, carnoso quando fresco, corticoso quando seco. Superfície abhimenial ocre, (MP1C5 - Sweetmeat), velutina, azonada. Superfície himenial poróide ocre escuro (MP14G10 - Wigwam+), poros circulares a angulares, 1-4/mm, dissepimentos finos. Tubos concolores a superfície abhimenial, até 0,5cm de profundidade. Contexto marrom claro (MP14E8 – Dogwood, Pigskin+), homogêneo, até 2,0cm de espessura. Sistema hifálico dimítico, hifas generativas hialinas, com parede fina, 1,0-2,7 μ m; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa, 1,8-4,5 μ m. Basídios não observados. Basidiosporos elípticos, hialinos, com parede fina e lisa, 3,6-5,4 x 1,8-2,7 μ m, IKI-.

Holotipo: Brasil, Pernambuco, Recife, Reserva Ecológica de Dois Irmãos, V/2001, em angiosperma em decomposição (URM77579), isotipo (O).

Substrato: Angiosperma em decomposição.

Distribuição: Conhecido apenas do tipo.

Discussão: Microscopicamente, esta espécie é semelhante à *A. multipileata* (Loguercio-Leite & Wright 1991; Ryvar den & Meijer 2002), que, no entanto, apresenta píleo esbranquiçado e glabro, superfície himenial irpicóide e marrom escura quando seca.

Diplomitoporus navisporus Gibertoni & Ryvardeen,

Synopsis Fung. 18: 49, 2004.

(Fig. 2, 8)

Basidioma perene, ressupinado, até 0,5cm de espessura, rígido quando seco. Margem estreita, até 0,1cm, creme (MP9C3). Superfície himenial poróide, ocre a marrom claro (MP11C5 – Sweetmeat), poros circulares, 4-5/mm, dissepimentos levemente espessos, tubos concolores ao subículo, até 0,5cm de espessura. Subículo muito fino, até 0,05cm. Sistema hifálico trimítico, hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,7-4,5 μ m; hifas esqueléteas hialinas, com parede espessa, 1,8-4,5 μ m; hifas conectivas, sólidas, 1,8-2,7 μ m. Cistidiolos fusóides, hialinos, 10,0-12,0 x 2,7-3,6 μ m. Basídios clavados, 10,0-11,0 x 3,6-4,5 μ m. Basidiosporos naviculares, hialinos, parede fina e lisa, 4,5-5,4 x 2,0-2,7 μ m, IKI-.

Holotipo: Brasil, Pernambuco, Recife, Reserva Ecológica de Dois Irmãos, V/2001, em angiosperma em decomposição (URM77581), isotipo (O).

Substrato: Angiosperma em decomposição.

Distribuição: Conhecido apenas do tipo.

Discussão: *Diplomitoporus navisporus* difere de *D. dilutabilis* Loguercio-Leite & Wright, uma espécie trimítica recentemente descrita do Brasil (Loguercio-Leite & Wright, 1998), pelos basidiosporos naviculares e pelos poros regulares.

Navisporus terrestris Gibertoni & Ryvardeen,

Synopsis Fung. 18: 50, 2004.

(Fig. 3, 9)

Basidioma perene, pileado, centralmente estipitado, levente infundibuliforme, cartilagosos a rígido quando seco. Píleo circular, 3,5-5,5cm. Superfície abhimenial glabra, levemente sulcada radialmente, concentricamente zonada, marrom avermelhado claro a escuro (MP15C9 - Teakwood, Pinecone+; MP16A2 - Smoke Brown, Asphalt). Margem involuta quando seca. Estipe 0,6-1,5 x 0,5-1,0cm. Superfície himenial poróide, ocre escuro a marrom (MP15E8 - Sphinx, Mustang+), poros circulares a angulares, 2-3/mm, dissepimentos levente espessos, tubos concolores ao contexto, até 0,3cm de espessura. Contexto homogêneo, ocre (MP13H8 - Bure), até 0,2cm de espessura. Sistema hifálico dimítico, hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 2,7 μ m; hifas esqueléteas marrom claro, parede espessa, 3,6-13,5 μ m, dextrinóide. Basídios colapsados. Basidiosporos naviculares a cilíndricos, hialinos, com parede levemente espessa e lisa, 9,0-11,0 x 3,6-4,5 μ m, IKI-.

Holotipo: Brasil, Rio Grande do Norte, Baía Formosa, Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Senador Antônio Farias – Mata Estrela, VII/2001, em solo (URM77580), isotipo em O.

Substrato: Em solo, ao lado de *Caesalpinia echinata* (pau brasil).

Distribuição: Conhecido apenas do tipo.

Discussão: *Navisporus terrestris* difere das demais espécies de *Navisporus* pelo basidioma centralmente estipitado e encontrado em solo (Ryvarden & Johansen, 1980; Gilbertson & Ryvarden 1987).

Phellinus macrosporus Gibertoni & Ryvarden,

Synopsis Fung. 18: 51, 2004.

(Fig. 4, 10)

Basidioma perene, ressupinado, lenhoso quando seco. Margem muito estreita. Superfície himenial marrom ferrugíneo escuro (MP14F6 - Airedale), poros circulares, 7-8/mm, dissepimentos finos, tubos concolores à superfície himenial, até 1,0cm de espessura. Contexto muito reduzido a ausente. Sistema hifálico dimítico, hifas generativas hialinas, com septo simples, parede fina, 2,7-4,5µm; hifas esqueléteas amareladas a marrom, com parede espessa, 2,7-4,5µm. Setas tramais lanceoladas, 50,0-80,0 x 9,0-12,0µm. Setas himeniais subuladas a ventricosas, 25,0-35,0 x 8,0-10,0µm. Basídios clavados, 10,0-13,0 x 5,4-6,3µm. Basidiosporos globosos, hialinos, com parede fina e lisa, 6,3-7,2µm, IKI-.

Holotipo: Brasil, Pernambuco, Recife, Reserva Ecológica de Dois Irmãos, XI/2001, em angiosperma em decomposição (URM77582), isotipo em O.

Substrato: Angiosperma em decomposição.

Distribuição: Conhecido apenas do tipo.

Discussão: Embora as setas tramais e himeniais sejam idênticas àquelas descritas para *Phellinus rufitinctus* (Ryvarden & Johansen, 1980; Larsen & Cobb-Poule, 1990), o tamanho dos basidiosporos globosos é único entre as espécies de *Phellinus*.

Material adicional examinado: Da localidade-tipo, III/2002 (URM77583).

Phellinus neocallimorphus Gibertoni & Ryvarden,

Synopsis Fung. 18: 53, 2004.

(Fig. 5, 11)

Basidioma perene, aplanado, dimidiado, 8,0 x 4,0 x 2,0cm. Superfície abhimenial glabra a velutina, marrom (MP15H9). Margem aguda, concolor à superfície abhimenial. Contexto 1,2cm, marrom ferrugíneo (MP8A12 - Autumn). Superfície himenial poróide, marrom ferrugínea (MP16A12), poros

circulares, 6-7/mm, dissepimentos levemente espessos, tubos estratificados, concolores ao contexto. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas com septo simples, hialinas, parede fina, 2,5-3,5 μ m; hifas esqueléteas amareladas a marrons, com parede espessa, 2,5-3,5 μ m. Setas himeniais abundantes, agudas, 20,0-30,0 x 5,0-8,0 μ m. Basídios clavados, 10,5-14,0 x 4,5-6,0 μ m. Basidiosporos hialinos, marrons em massa, elípticos a cilíndricos, parede fina e lisa, 3,6-4,5 x 1,8-2,0 μ m.

Holotipo: Brasil, Alagoas, Pilar, RPPN Fazenda São Pedro, III/2001, em angiosperma em decomposição (URM77584), isotipo em (O).

Substrato: Angiosperma em decomposição.

Distribuição: Conhecido apenas do tipo.

Discussão: A presença de setas e os basidiosporos hialinos, elípticos a cilíndricos são característicos desta espécie e nenhuma espécie de *Phellinus* com essas características é conhecida da América do Sul. Os basidiosporos assemelham-se a *P. callimorphus*, que, no entanto, não apresenta setas e foi descrito originalmente da África (Ryvarden & Johansen 1980; Larsen & Cobb-Poule, 1990).

Polyporus ianthinus Gibertoni & Ryvarden,
Synopsis Fung. 18: 53, 2004.

(Fig. 6, 12)

Basidioma anual, sésil a estipitado. Píleo com base atenuada a lateralmente estipitado, flabeliforme a espatulado, 2,5-11,0 x 2,0-13,0 x 0,2-0,6cm, flexível quando fresco, rígido quando seco, estipe cilíndrico a achatado, glabro, até 3,0 x 0,5-0,7cm, concolor à superfície himenial. Superfície abhimenial glabra, radialmente estriada, vinácea a marrom, MP12D5, MP12H8 (Rubber+), MP14A4 (Ormond+), MP14E6. Margem inteira, levemente lobada ou ondulada, aguda. Contexto até 0,5cm, creme a ocre, MP12F7, MP13I8 (Aztec, Indian Tan). Superfície himenial poróide, ocre, MP13B3 (Biarritz, Miami Sand+, Elmwood-), MPE7 (Acorn, Meadowlark+), poros circulares, 5-6/mm, dissepimentos espessos, tubos até 0,2mm. Sistema hifálico dimítico; hifas generativas hialinas, com grampo de conexão, parede fina, 1,0-4,0 μ m; hifas conectivas hialinas a levemente amareladas, com parede espessa, 1,0-7,0 μ m. Basídios clavados, 10,0-17,0 x 4,0-5,0 μ m. Basidiosporos elípticos, hialinos, parede fina e lisa, 5,5-7,0 x 2,7-3,5 μ m, com ou sem gútulas.

Holotipo: Brasil, Pernambuco, Igarassu, Refúgio Ecológico Charles Darwin, I/2002, em angiosperma em decomposição (URM77620), isotipo em O.

Substrato: Angiosperma em decomposição.

Distribuição: Conhecido apenas do Brasil e da Guiana.

Discussão: O basidioma radialmente glabro e de coloração lilacina caracterizam *P. ianthinus*. O estipe lateral indica esta espécie como pertencente ao subgênero *Favolus*.

Material adicional examinado: **Guiana:** Upper Demerara-Berbice Region, Mabura Hill, Yaya Creek, 31, III/1987, G. J. Samuels 5329 (O, NY, BRG); **Brasil:** da localidade-tipo, III/2001 (URM77615), V/2001 (URM77616), XI/2001 (URM77617), I/2002 (URM77618), V/2002 (URM77619); Reserva Biológica Saltinho, Tamandaré, em *Henrietta* sp. (manipueira) em decomposição: V/2002 (URM77621).

4.2.10.1. Referências Bibliográficas

- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2000. Novos registros de Aphyllophorales para o Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 14(3): 267-271.
- Gibertoni, T. B. & Cavalcanti, M. A. Q. 2003. A mycological survey of the Aphyllophorales (Basidiomycotina) of the Atlantic Rain Forest in the state of Pernambuco, Brazil. **Mycotaxon** 89: 203-211.
- Gilbertson, R. L. & Ryvarde, L. 1986. **North American Polypores**. Vol. 1. Fungiflora, Oslo, 433p.
- Gilbertson, R. L. & Ryvarde, L. 1987. **North American Polypores**. Vol. 2. Fungiflora, Oslo, 446p.
- Góes-Neto, A. 1999. Polypore diversity in the state of Bahia, Brazil: a historical review. **Mycotaxon** 72: 43-56.
- Góes-Neto, A.; Loguercio-Leite, C. & Guerrero, R. T. 2000. Poroid Hymenochaetales in a seasonal tropical forest fragment in the State of Bahia, Brazil: taxonomy and qualitative ecological aspects. **Mycotaxon** 76: 197-211.
- Larsen, M. & Cobb-Poulsen, L. A. 1990. **Phellinus (Hymenochaetaceae) - A survey of the world taxa**. Synopsis Fungorum 3, Fungiflora, Oslo, 206 p.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1991b. New South American polypores (Polyporaceae) from Santa Catarina Island, SC, Brazil. **Mycotaxon** 41: 161-166.
- Loguercio-Leite, C. & Wright, J. E. 1998. *Diplomitoporus dilutabilis*, a new species of Polyporaceae (Aphyllophorales) from Santa Catarina Island, Brazil. **Mycotaxon** 68: 47-51.
- Loguercio-Leite, C.; Gerber, A. L. & Ryvarde, L. 1998. *Wrightoporia porilacerata*, a new species of pore fungi from southern Brazil. **Mycotaxon** 67: 251-255.
- Loguercio-Leite, C.; Gonçalves, G. V. C. & Ryvarde, L. 2001. Studies in Neotropical polypores 13. *Ceriporiopsis cystidiata* sp. nov. **Mycotaxon** 79: 285 - 288.
- Loguercio-Leite, C.; Ryvarde, L. & Groppo, C. 2002. Studies in neotropical polypores 16. *Rubroporus carneoporis* genus & species nova. **Mycotaxon** 83: 223 - 227.

- Núñez, M. & Ryvarden, L. 2000. **East Asian Polypores**. Vol. 1. Synopsis Fungorum 13, Fungiflora, Oslo, 168p.
- Núñez, M. & Ryvarden, L. 2001. **East Asian Polypores**. Vol. 2. Synopsis Fungorum 14, Fungiflora, Oslo, 352p.
- Ryvarden, L & Johansen, I. 1980. **A preliminary polypore flora of East Africa**. Fungiflora, Oslo, 636p.
- Ryvarden, L. & Gilbertson, R. L. 1993. **European Polypores**. Vol. 1. Synopsis Fungorum 6, Fungiflora, Oslo, 387p.
- Ryvarden, L. & Gilbertson, R. L. 1994. **European Polypores**. Vol. 2. Synopsis Fungorum 6, Fungiflora, Oslo, 355p.
- Ryvarden, L. & Meijer, A. A. R. 2002. Studies in neotropical polypores 14. New species from the state of Paraná, Brazil. **Synopsis Fungorum 15**: 34-69.

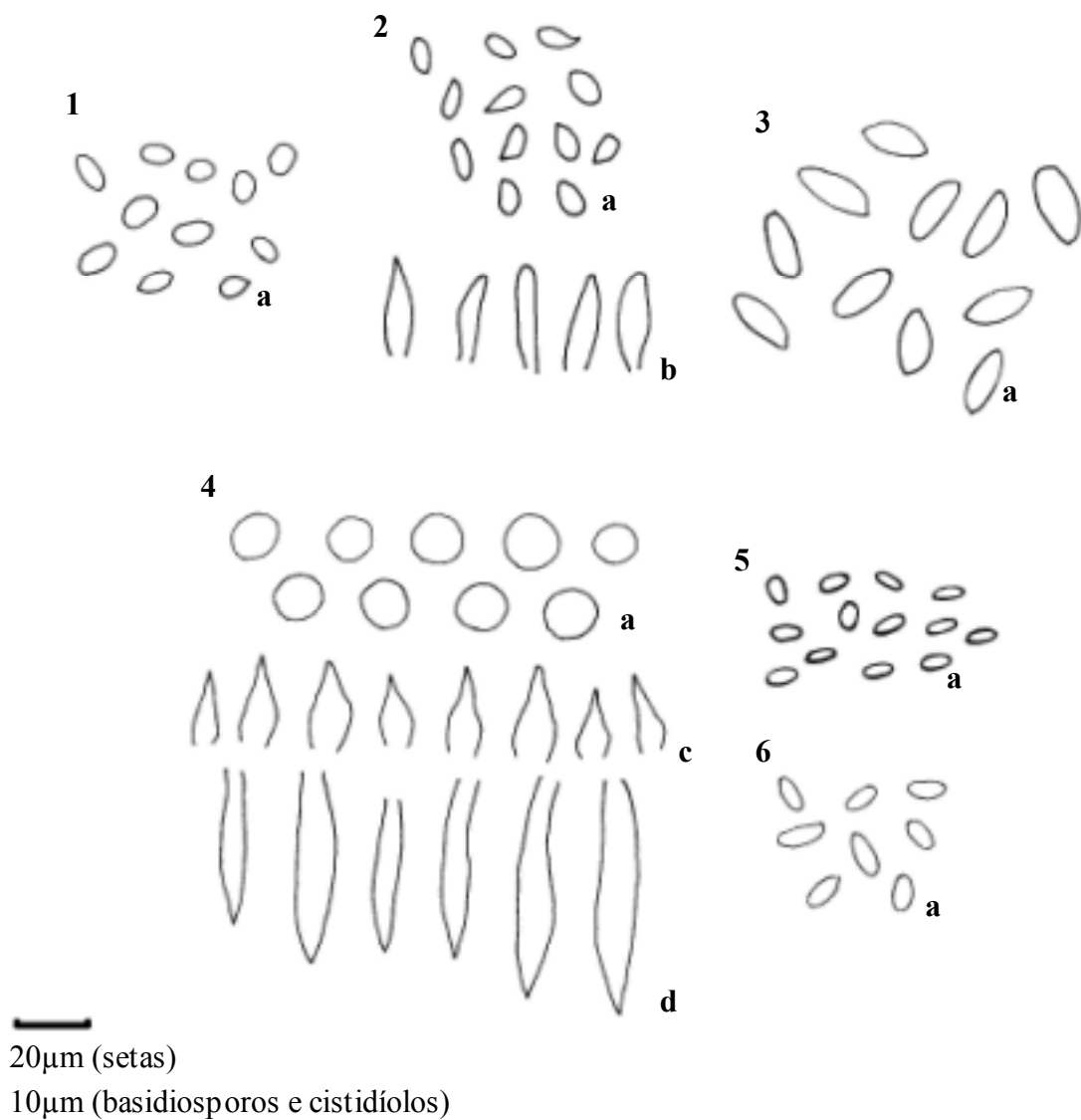


Figura 1. *Antrodiella mollis*; **2.** *Diplomitoporus navisporus*; **3.** *Navisporus terrestris*; **4.** *Phellinus macrosporus*; **5.** *P. neocallimorphus*; **6.** *Polyporus ianthinus*. Basidiosporos (a), cistíolos (b), setas himeniais (c), setas tramais (d).

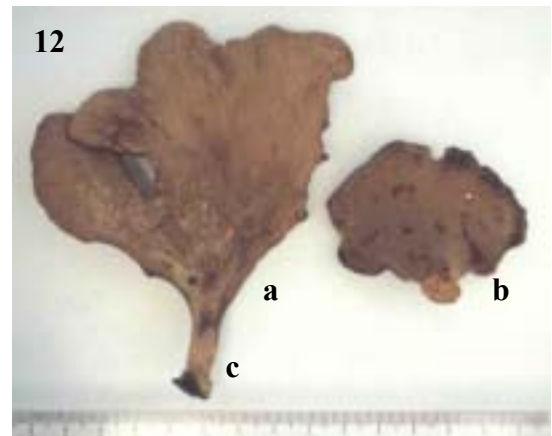
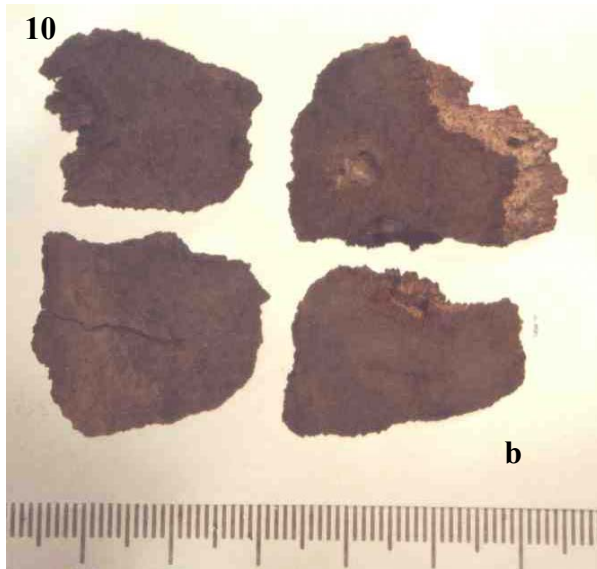
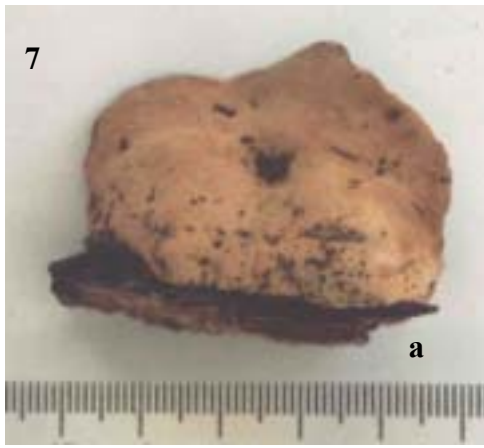


Figura 7. *Antrodiella mollis*; **8.** *Diplomitoporus navisporus*; **9.** *Navisporus terrestris*; **10.** *Phellinus macrosporus*; **11.** *P. neocallimorphus*; **12.** *Polyporus ianthinus*. Superficie abhymenial (a), superficie himenial (b), estipe (c).

Tabela 4. Similaridade entre as comunidades de Aphylophorales nos estados de acordo com o índice de Bray-Curtis. Legenda igual à Tab. 3.

	AL	PE	PB	RN
SE	0,50	0,43	0,48	0,44
AL		0,60	0,63	0,45
PE			0,68	0,50
PB				0,57

O índice de Bray-Curtis foi utilizado para análise de similaridades (ANOSIM), que permite testar diferenças entre grupos de amostras (Clarke & Warwick 1994). No presente trabalho, as diferenças foram avaliadas em relação ao grau de conservação das áreas, à extensão das trilhas percorridas e ao número de coletas por área. O grau de conservação das áreas ($R=0,497$, número de permutações=10.000, $p=0,003$) e a extensão das trilhas ($R=0,314$, número de permutações=6930, $p=0,039$) influenciaram a similaridade entre as áreas, ao contrário do número de coletas ($R=-0,122$, número de permutações=10000, $p=0,793$). A similaridade também pode estar relacionada à distância entre as áreas. Embora a correlação de Spearman entre o índice de Bray-Curtis e a distância tenha mostrado correlação negativa, mas não significativa ($r_s=-0,1604$, $n=78$, $p=0,1593$), o mesmo teste para o índice de Sørensen mostrou correlação negativa e significativa ($r_s=-0,2349$, $n=78$, $p=0,0393$), ou seja, a similaridade entre as áreas tende a diminuir com o aumento da distância entre elas.

A correlação de Spearman revelou que o nível de conservação das áreas também afetou positivamente o número de espécies coletadas em cada área ($r_s=0,7045$, $n=13$, $p=0,0147$), isto é, em áreas mais conservadas há maior número de espécies. O efeito do tamanho das trilhas e do número de coletas não foi significativo ($r_s=0,5487$, $n=13$, $p=0,0573$; $r_s=0,3719$, $n=13$, $p=0,1977$, respectivamente) em relação ao número de espécies registradas.

O teste de χ^2 (qui-quadrado) para avaliação da ocorrência de Aphylophorales de acordo com a época de coleta, a luminosidade e a degradação do substrato e para avaliação dos padrões de distribuição dos basidiomas demonstrou que as observações não foram aleatórias (Tab. 5).

Aphylophorales foram coletados com maior frequência em novembro/2001, janeiro e março/2002, meses da estação seca no Nordeste (Tab. 5). Durante este trabalho, picos de precipitação durante a estação seca foram observados em outubro/2001, janeiro e março/2002 (Material e Métodos, Fig. 1a-c). Lindblad (2001) encontrou, no total, maior número de espécies durante os meses de chuva em três tipos florestais na Costa Rica (floresta seca, semi-úmida e úmida). No entanto, a floresta seca apresentou maior número de frutificações no pico da estação chuvosa, enquanto os demais tipos florestais, após um período de seca,

sendo sugerido que os basidiomas possam surgir em um mesmo nível de umidade, que é atingido após as chuvas na mata seca e após um período de seca nas florestas semi-úmida e úmida.

Tabela 5. Valores de χ^2 , graus de liberdade (gl) e significância (p) para o número de espécimes de Aphyllophorales em relação à época de coleta, distribuição dos basidiomas no substrato, exposição à luminosidade e degradação do substrato.

Época de coleta e número de espécimes	Distribuição dos basidiomas e número de espécimes	Luminosidade e número de espécimes	Substrato e número de espécimes
out/2000 – 60	Solitário – 141	Pouco exposto – 214	Árvore viva – 55
mar/2001 – 129	Pouco agregado – 316	Exposto – 679	Pouco degradado – 58
mai/2001 – 101	Agregado – 177	Muito exposto – 285	Degradado – 500
jul/2001 – 141	Muito agregado – 336		Muito degradado – 489
set/2001 – 71			Solo - 19
nov/2001 – 211			
jan/2002 – 230			
mar/2001 – 201			
mai/2002 – 168			
$\chi^2 = 206,8296$	$\chi^2 = 118,5031$	$\chi^2 = 524,3149$	$\chi^2 = 928,6380$
gl = 8	gl = 3	gl = 2	gl = 4
p=0,01	p=0,01	p=0,01	p=0,01

Em relação à distribuição nos substratos, os basidiomas de Aphyllophorales mostraram tendência a se encontrarem muito agregados (Tab. 5). Isto pode ser em parte devido à extensão que o micélio vegetativo pode alcançar, fator influenciado pelo tamanho dos troncos ou por competição com outras espécies no mesmo tronco.

Os Aphyllophorales mostraram preferência por ambientes com exposição intermediária à luz (nem sob sombra nem em clareiras) (Tab. 5). Algumas espécies de Aphyllophorales são adaptadas a condições de pouca umidade ou temperaturas elevadas, fatores relacionados à luminosidade, e estariam associadas a clareiras em florestas, mas, de modo geral, comunidades de fungos decompositores são perturbadas por aberturas no dossel (Lodge & Cantrell 1995).

Em relação ao substrato, Aphyllophorales mostraram preferência por substratos degradados a muito degradados (Tab. 5). Em florestas boreais na Suécia (Bader *et al.* 1995) e na Noruega (Lindblad 1998), a

maioria das espécies de Aphyllophorales foi encontrada em substratos em estágio intermediário de degradação, diferindo do encontrado por Lindblad (2001) em florestas tropicais na Costa Rica, onde Aphyllophorales ou mostraram leve tendência a utilizar substrato em estágio inicial de degradação ou não mostraram preferência por grau de degradação. A preferência por estágio de degradação do substrato pode ser influenciada pela habilidade de degradação ou pela disponibilidade de substrato nas áreas. As espécies encontradas apresentam habilidade de colonizar troncos em estágio intermediário ou tardio de decomposição, e provavelmente dependem de outros organismos que degradam troncos recém-caídos para então colonizarem esses substratos já com certo grau de decaimento. Em áreas exploradas comercialmente, a falta de troncos em estágios tardios de degradação limita o surgimento de espécies que utilizam preferencialmente madeira muito degradada; ao contrário, em áreas naturais ou pouco perturbadas, a disponibilidade de troncos com elevado grau de decaimento permite o surgimento das espécies que têm preferência por esse tipo de substrato (Bader *et al.* 1995; Boddy & Watkinson 1995; Lodge & Cantrell 1995; Lindblad 1998, 2001).

A correlação de Spearman para avaliação do grau de interação entre as variáveis (distribuição, exposição, substrato) para Aphyllophorales demonstrou que não há correlação entre distribuição e exposição e entre distribuição e tipo de substrato. Entretanto, correlação negativa fraca, porém altamente significativa, foi encontrada para exposição e tipo de substrato ($r_s = -0,148$, $n=1063$, $p=0,0001$), o que indica que as espécies tendem a ocupar substratos mais degradados em ambiente menos expostos à luz, diferentemente de espécies pioneiras que estão adaptadas a situações de clareiras, onde há troncos recém-caídos, umidade baixa e temperatura elevada (Lodge & Cantrell 1995). Ganodermataceae ($r_s = -0,3425$, $n=34$, $p=0,0491$), Polyporaceae ($r_s = -0,1257$, $n=628$, $p=0,0016$) e Stereaceae ($r_s = -0,2349$, $n=81$, $p=0,0356$) mostraram o mesmo padrão observado para Aphyllophorales em geral, bem como *Hymenochaete luteobadia* ($r_s = -0,6538$, $n=20$, $p=0,0044$), *Lopharia cinerascens* ($r_s = -0,5401$, $n=20$, $p=0,0186$), *Podoscypha ovalispora* ($r_s = -0,5402$, $n=35$, $p=0,0016$) e *Polyporus lepreurii* ($r_s = -0,3236$, $n=61$, $p=0,0122$). Os táxons encontrados parecem estar associados a formações vegetais naturais ou em estágio tardio de recuperação, mais sombreados e com maior disponibilidade de substratos mais degradados.

Correlação positiva entre o nível de distribuição dos basidiomas e o grau de decaimento do substrato foi encontrada em Hymenochaetaceae ($r_s = 0,2452$, $n=150$, $p=0,028$) e *Hexagonia papyracea* ($r_s = 1,000$, $n=14$, $p=0,0001$), indicando que os táxons se encontram mais agregados em substratos mais degradados, provavelmente devido ao menor espaço disponível para colonização (Bader *et al.* 1995; Lindblad 1998, 2001). Correlação negativa foi encontrada em *Podoscypha ovalispora* ($r_s = -0,4338$, $n=36$, $p=0,0103$), indicando que representantes desta espécie tendem a se encontrar menos agregados em substratos mais decaídos. *Podoscypha ovalispora* é encontrada preferencialmente (não comprovado estatisticamente) em

solo (16 das 24 ocorrências da espécie), que oferece pouca limitação espacial ao desenvolvimento do micélio.

Todos os exemplares de *Amauroderma gusmanianum*, *A. macrosporum*, *A. omphlodes*, *Coltricia cinnamomea*, *Hymenochaete damicornis*, *Lentinus velutinus*, *Navisporus* sp., a maioria dos espécimes de *A. praetervisum*, *A. sprucei*, *Lachnocladium schweinfurthianum*, *Podoscypha ovalispora* e *Trechispora thelephora*, alguns exemplares de *Polyporus dictyopus* e um espécime de *Phylloporia pectinata* foram encontrados em solo. Todos os exemplares de *H. aff. pratensis*, *Phellinus melleoporus*, *P. rhytiphloeus* e *P. shaferi*, a metade dos espécimes de *Phylloporia pectinata*, alguns espécimes de *Coltriciella navispora*, *Fomitopsis cupreo-rosea*, *Ganoderma resinaceum*, *G. stipitatum*, *Nigrofomes melanoporus*, *Perenniporia martiusii*, *P. fastuosus*, *P. rimosus*, *P. umbrinellus* e *Scytinostroma duriusculum* e um exemplar de *Cerrena sclerodepsis*, *Flablophora obovata*, *Phellinus gilvus*, *Rigidoporus lineatus* e *Schizophyllum commune* foram encontrados em associação com árvores vivas, sugerindo possível relação parasita (Gilbertson 1980; Ryvardeen & Johansen 1980; Gilbertson & Ryvardeen 1986, 1987). Os exemplares das demais espécies foram encontradas em angiospermas em decomposição, o que confirma a importância dos Aphyllophorales na degradação de madeira (Donk 1964; Talbot 1973; Gilbertson 1980; Kendrick 1992; Alexopoulos *et al.* 1996). Dentre os Aphyllophorales lignícolas, *Pycnoporus sanguineus*, *Schizophyllum commune* e espécies de *Lentinus* são associadas a clareiras em florestas, sugerindo uma provável adaptação a ambientes pouco úmidos ou com temperaturas elevadas (Lodge & Cantrell 1995), enquanto *Phenerochaete velutina* é relatada como eficiente decompositor de troncos em florestas (Boddy & Watkinson 1995).

A escassez de trabalhos sobre os aspectos ecológicos de Aphyllophorales dificulta a comparação dos resultados obtidos. De modo geral, pode-se afirmar que maior número de espécies de Aphyllophorales ocorreu em áreas mais conservadas, onde ambientes com exposição intermediária à luz e substratos degradados a muito degradados são mais frequentes.

4.3.1. Referências Bibliográficas

- Alexopoulos, C. J.; Mims, C. W. & Blackwell, M. 1996. **Introductory Mycology**. 4th ed., John Wiley and Sons, Inc., Nova York , 868p.
- Bader, P., Jansson, S & Jonsson, B. G. 1995. Wood-inhabiting and substratum decline in selective logged boreal spruce forests. **Biological Conservation** 72:355-362.
- Boddy, L. & Watkinson, S. C. 1995. Wood decomposition, higher fungi, and their role in nutrient redistribution. **Canadian Journal of Botany** 73(Suppl. 1): S1377-S1383.

- Cáceres, M. E. S. 1999. **Líquens foliícolas da Mata Atlântica de Pernambuco (Brasil): diversidade, ecogeografia e conservação**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 267p.
- Clarke, K. R. & Warwick, R. M. 1994. **Cahnge in marine communities – an approach to statistical analysis and interpretation**. Plymouth Marine Laboratory, Plymouth, UK, 130p.
- Donk, M. A. 1964. A conspectus of the families of Aphylophorales. **Persoonia** **3**: 199-324.
- Gibertoni, T. B. 1999. **Basidiomycotina (Aphylophorales) em áreas de Mata Atlântica de Pernambuco**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 130p.
- Gilbertson, R. L. 1980. Wood-rotting fungi of North America. **Mycologia** **72**(1): 1-49.
- Gilbertson, R. L. & Ryvardeen, L. 1986. **North American Polypores**. Vol. 1. Fungiflora, Oslo, 433p.
- Gilbertson, R. L. & Ryvardeen, L. 1987. **North American Polypores**. Vol. 2. Fungiflora, Oslo, 446p.
- Kendrick, B. 1992. **The Fifth Kingdom**. 2^a ed., Focus Information Group, Inc., Newburyport, 406p.
- Krebs, C. J. 1989. **Ecological Methodology**. Harper Collins Publishers, NY, 654p.
- Lindblad, I. 1998. Wood-inhabiting fungi on fallen logs of Norway spruce: relations to forest management and substrate quality. **Nordic Journal of Botany** **18**: 243-255.
- Lindblad, I. 2001. **Diversity and distribution of wood-inhabiting Basidiomycetes on decomposing logs-examples from tropical and boreal forests**, Tese de Doutorado, Universidade de Oslo, 126p.
- Lodge, D. J. & Cantrell, S. 1995. Fungal communities in wet tropical forests: variation in time and space. **Canadian Journal of Botany** **73**(Suppl. 1): S1391-S1398.
- Sørensen, T. 1948. A method of stablishing groups of equal amplitude in plant sociology based on similarity of species content. **Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskab, Biologiske Skrifter**, **5**: 1-34.
- Talbot, P. H. B. 1973. Aphylophorales I: General characteristics. Thelephoroid and cupuloid families. Pp. 327-349. In: Ainsworth, G.C, Sparrow, F.K. & Sussman, A. **The fungi. An advanced treatise**. Vol. IVB, Academic Press, Nova York.

5. CONCLUSÕES

Com base em 88 coletas realizadas em 13 áreas de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil, conclui-se que:

1. Aphylophorales está representada nos locais de coleta por nove famílias, 65 gêneros e 134 espécies, que constituem aproximadamente 11% das descritas nesta ordem.
2. Seis espécies são novas referências para a ciência, 17 para o Brasil e 43 para o Nordeste.
3. Cinco espécies são consideradas comuns por apresentarem mais de 40 registros, enquanto 42 são raras por terem sido encontradas apenas uma vez.
4. Maior diversidade específica ocorre em Pernambuco e na RPPN Fazenda São Pedro (AL).
5. *Phellinus* (Hymenochaetaceae) apresenta maior número de espécies, enquanto 40 gêneros são representados por uma única espécie.
6. Polyporaceae é a família melhor representada em número de gêneros e espécies.
7. As áreas investigadas são de extrema importância para a conservação da diversidade de Aphylophorales.
8. A ocorrência de Aphylophorales está provavelmente associada a florestas primárias ou secundárias tardias.
9. Áreas mais conservadas comportam maior número de espécies.

ANEXO

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Objetivo

A **Acta Botânica Brasílica**, publica em Português, Espanhol e Inglês, artigos originais, comunicações curtas e resumos de dissertações e teses em Botânica.

Preparação de manuscritos

Os artigos devem ser concisos, em **4 vias, com até 30 laudas**, seqüencialmente numeradas, incluindo ilustrações e tabelas (usar letra Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas 1,5; imprimir em papel tamanho carta, com todas as margens ajustadas em 1,5cm). A critério da Comissão Editorial, mediante entendimentos prévios, artigos mais longos poderão ser aceitos, sendo que o excedente será custeado pelo(s) autor(es).

Palavras em latim no título ou no texto, como por exemplo: *in vivo*, *in vitro*, *in loco*, *et al.*, devem estar em *itálico*. O título deve ser escrito em caixa alta e centralizado.

Os nomes dos autores devem ser escritos em caixa alta e baixa, alinhados à direita, com números sobrescritos que indicarão, em rodapé, a filiação Institucional e/ou fonte financiadora do trabalho (bolsas, auxílios, etc.).

A estrutura do trabalho deve, sempre que possível, obedecer à seguinte seqüência:

- **RESUMO** e **ABSTRACT** (em caixa alta e negrito) - texto corrido, sem referências bibliográficas, em um único parágrafo e com ca. de 200 palavras. Deve ser precedido pelo título do artigo em Português, entre parênteses. Ao final do resumo, citar até cinco palavras-chave. A mesma regra se aplica ao Abstract em Inglês ou Espanhol.

- **Introdução** (em caixa alta e baixa, negrito, deslocado para a esquerda): deve conter uma visão clara e concisa de: a) conhecimentos atuais no campo específico do assunto tratado; b) problemas científicos que levaram o(s) autor(es) a desenvolver o trabalho; c) objetivos.

- **Material e métodos** (em caixa alta e baixa, negrito, deslocado para a esquerda): deve conter descrições breves, suficientes à repetição do trabalho; técnicas já publicadas devem ser apenas citadas e não descritas.

- **Resultados e discussão** (em caixa alta e baixa, negrito, deslocado para a esquerda): podem ser acompanhados de tabelas e de figuras (gráficos, fotografias, desenhos, mapas e pranchas), estritamente necessárias à compreensão do texto. Dependendo da estrutura do trabalho, resultados e discussão poderão ser apresentados em um mesmo item ou em itens separados.

As figuras devem ser todas numeradas seqüencialmente, com algarismos arábicos, colocados no lado inferior direito; as escalas, sempre que possível, devem se situar à esquerda da figura. As tabelas devem ser seqüencialmente numeradas, em arábico com numeração independente das figuras.

Tanto as figuras como as tabelas devem ser apresentadas em folhas separadas ao final do texto (originais e 3 cópias). Para garantir a boa qualidade de impressão, as figuras não devem ultrapassar duas vezes a área útil da revista que é de 15 x 21cm.

As ilustrações devem ser apresentadas em tinta nanquim, sobre papel vegetal ou cartolina.

As fotografias devem estar em papel brilhante e em branco e preto. **Fotografias coloridas poderão ser aceitas a critério da Comissão Editorial e se o(s) autor(es) arcarem com os custos de impressão.**

As figuras e as tabelas devem ser referidas no texto em caixa alta e baixa, de forma abreviada e sem plural (Fig. e Tab.). Todas as figuras e tabelas apresentadas devem, obrigatoriamente, ter chamada no texto.

As siglas e abreviaturas, quando utilizadas pela primeira vez, devem ser precedidas do seu significado por extenso. Ex.: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV).

Usar unidades de medida apenas de modo abreviado. Ex.: 11cm; 2,4mm.

Escrever por extenso os números de um a dez (não os maiores), a menos que seja medida ou venha em combinação com outros números. Ex.: quatro árvores; 6,0mm; 1,0-4,0mm; 125 exsicatas.

Em trabalhos taxonômicos o material botânico examinado deve ser selecionado de maneira a citarem-se apenas aqueles representativos do táxon em questão e na seguinte ordem: **PAÍS. Estado:** Município, data, fenologia, *coletor(es) n. do(s) coletor(es)* (sigla do herbário).

Ex.: **BRASIL. São Paulo:** Santo André, 03/XI/1997, fl. fr., *Milanez 435* (SP).

No caso de mais de três coletores, citar o primeiro seguido de *et al.* Ex.: Silva *et al.*

(atentar para o que deve ser grafado em CAIXA ALTA, Caixa Alta e Baixa, caixa baixa, **negrito**, *itálico*).

Chaves de identificação devem ser, preferencialmente, indentadas. Nomes de autores de táxons não devem aparecer. Os táxons da chave, se tratados no texto, devem ser numerados seguindo a ordem alfabética. Ex.:

1. Plantas terrestres
2. Folhas orbiculares, mais de 10cm diâm **4. *S. orbicularis***
2. Folhas sagitadas, menos de 8cm compr. **6. *S. sagittalis***
1. Plantas aquáticas
3. Nervuras paralelas
4. Flores brancas **1. *S. albicans***
4. Flores roxas **5. *S. purpurea***

3. Nervuras furcadas
5. Frutos oblongos **2. *S. furcata***
5. Frutos esféricos **3. *S. nanuzae***

O tratamento taxonômico no texto deve reservar o itálico e negrito simultâneos apenas para os nomes de táxons válidos. Basiônimo e sinonímia aparecem apenas em itálico. Autores de nomes científicos devem ser citados de forma abreviada, de acordo com índice taxonômico do grupo em pauta (Brummit & Powell 1992 para Fanerógamas). Ex.:

1. *Sepulveda albicans* L., Sp. pl. 2: 25. 1753.

Pertencia albicans Sw., Fl. bras. 4: 37, t. 23, f. 5. 1870.

Cabralia zeleyensis Anisio, Hoehnea 33(2): 65. 1995.

Fig. 1-12.

Subdivisões dentro de Material e métodos ou de Resultados devem ser escritas em caixa alta e baixa, seguida de um traço e o texto segue a mesma linha. Ex.: Área de estudo - localiza-se ...

- Resultados e discussão deve incluir as conclusões.

- **Agradecimentos** (em caixa alta e baixa, negrito, deslocado para a esquerda): devem ser sucintos.

- **Referências bibliográficas**

- ao longo do texto: seguir esquema autor, data. Ex.:

Silva (1997), Silva & Santos (1997), Silva *et al.* (1997) ou Silva (1993; 1995), Santos (1995; 1997) ou (Silva 1975; Santos 1996; Oliveira 1997).

- ao final do artigo: em caixa alta e baixa, deslocado para a esquerda; seguir ordem alfabética e cronológica de autor(es); nomes dos periódicos e títulos de livros devem ser grafados por extenso e em negrito. Exemplos:

Santos, J. 1995. Estudos anatômicos em Juncaceae. Pp. 5-22. In: **Anais do XXVIII Congresso Nacional de Botânica**. Aracaju 1992. HUCITEC Ed. V. I. São Paulo.

Santos, J.; Silva, A. & Oliveira, B. 1995. Notas palinológicas. Amaranthaceae. **Hoehnea 33(2)**: 38-45.

Silva, A. 1996. **A família Urticaceae no Estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Londrina.

Silva, A. 1997. O gênero *Pipoca* L. no Brasil. **Acta Botanica Brasilica 2(1)**: 25-43.

Silva, A. & Santos, J. 1997. Rubiaceae. Pp. 27-55. In: F. C. Hoehne (Ed.). **Flora Brasilica**. Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, São Paulo.

Não serão aceitas como referências bibliográficas Resumos de Congressos. Citações de Dissertações e Teses devem ser evitadas.

Para maiores detalhes consulte os últimos fascículos da revista ou "link" na internet <http://www.botanica.org.br/>.
[\[Home\]](#) [\[Sobre a revista\]](#) [\[Corpo editorial\]](#) [\[Assinaturas\]](#)

© 2002-2004 Sociedade Botânica do Brasil
Caixa Postal 4005
01061-970 São Paulo SP Brasil
Tel.: +55 61 347-5349 Fax: +55 61 307-2786

sbb@botanica.org.br